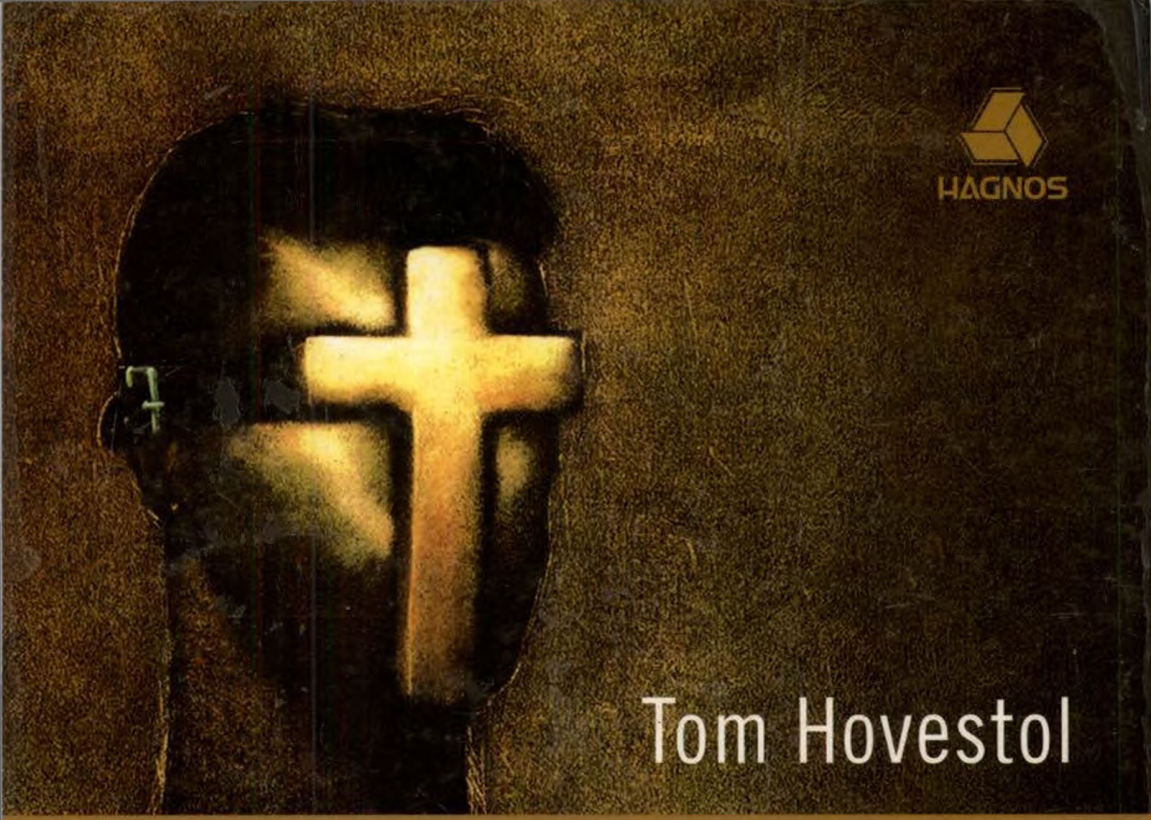


HAGNOS

Tom Hovestol

A NEUROSE DA RELIGIÃO

O desastre do extremismo religioso!

This book was first published in the United States by Northfield Publishing, 820 N. LaSalle Blvd., Chicado, IL 60610 with the title Extreme Righteousness, copyright © 1997 by the Moody Bible Institute of Chicago. Translated by Permission, © 2009 Editora Hagnos Ltda.

Tradução
Lena Aranha

Revisão
João Guimarães

Capa
Douglas Lucas

Diagramação
Sandra Oliveira

Gerente editorial
Juan Carlos Martinez

1ª edição - Fevereiro - 2009

Coordenador de produção
Mauro W. Terrengui

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Digitalização Geral: jogois2006
Edição Geral: Escriba Digital

Todos os direitos desta edição reservados para:
Editora Hagnos
Av. Jacinto Júlio, 27
04815-160 - São Paulo - SP - Tel/Fax: (11) 5668-5668
hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hovestol, Tom
A neurose da religião: o desastre do extremismo religioso! / Tom Hovestol [tradução Lena Aranha]. — São Paulo: Hagnos, 2009.

Título original: Extreme righteousness.
ISBN 978-85-7742-049-0

1. Bíblia - História 2. Fariseus 3. Justiça 4. Vida cristã I. Título.

09-00488 CDD-243

Índices para catálogo sistemático:
1. Fariseus: Bíblia: História e crítica:
Escritos evangelizadores: Cristianismo 243

Aos meus pais,
Harold e Virginia Hovestol

Vocês, humildemente, espelharam-se só na misericórdia e na graça de Deus; não tiveram medo de admitir seus erros na busca pela fidelidade; viveram pela Palavra e amaram ao Senhor; e amaram incondicionalmente todos os oito filhos, orando constantemente por nosso bem-estar espiritual. Graças a vocês, cresci em um ambiente em que pude entender os fariseus, tendo graça para olhar de forma humilde para a minha alma e coragem para desafiar o estado atual do cristianismo em nome de Cristo.

Sumário

Agradecimentos 7

1. Guias cegos 9
2. Uma caricatura comum 23
3. Nossos amigos, os fariseus 39
4. Quando a correção leva ao erro 53
5. Quando o conhecimento bíblico cega e aprisiona 73
6. Quando o relacionamento particular se torna um espetáculo público 95
7. Quando a tradição distorce a verdade 121
8. Quando a cerca se torna o foco 145
9. Quando o separatismo nos faz desviar 167
10. Quando o doente parece estar em boa forma 187
11. O caminho para a boa forma espiritual 203
12. O relacionamento correto 221

Apêndices

Apêndice 1: Como os fariseus surgiram 243

Apêndice 2: Fontes para o estudo dos fariseus 249

Apêndice 3: O fruto espiritual deteriorado 251

Artigos sobre "O caminho correto"

1. A doutrina correta e equilibrada
2. Oração repetitiva
3. Boas tradições
4. Manter as cercas em pé
5. Roupas suazilandesas e a fé cristã
6. Aprendendo com os líderes da igreja
7. Fuga do calabouço

Agradecimentos

Muitas pessoas gentis e generosas me ajudaram a colocar em suas mãos este livro, cuja mensagem é de esperança e liberdade. Agradeço a cada uma delas, meus amigos e cooperadores, por este projeto.

Meus agradecimentos especiais para Gwynne Johnson por ser minha principal caixa de ressonância. Você e Don são meus mentores e queridos amigos.

Quanto à organização do material, devo agradecer a várias pessoas. A Pat Brunner, por corrigir o texto e encorajar meu coração. Ao pessoal e amigos da Calvary Church (Jeff, Scott, Steve, Margie, Joyce, Patty, Deb, Dan, Jay, Walt e Anahid); agradeço pelas pesquisas, comentários construtivos, dedos habilidosos e inestimável auxílio nos bastidores. Aos membros e amigos da Calvary Church, obrigado pela liberdade para falar de forma ousada e a liberdade em Cristo que pude observar em vocês. O amor e suas orações foram inestimáveis e jamais serei capaz de retribuir tanto assim a vocês. À minha classe da Escola Dominical, obrigado pelas percepções e encorajamento enquanto, por um ano, discutíamos o farisaísmo juntos.

Também sou grato a Craig Blomberg, do Denver Seminary, por sua sabedoria e sua paixão pela verdade, algo que honra a Deus, e pelo equilíbrio em seu estudo da Palavra de Deus, e a John Knight, MD., por sugerir o título deste livro.

Meu apreço também a Greg Thornton, Bill Thrasher e Jim Vincent, da editora Moody Press. Obrigado por seu entusiasmo por este projeto; por acreditarem em mim e pela paciência em esperar até eu acabar este livro.

Por fim, obrigado a minha família e a meu Senhor. Aos meus sete irmãos que sempre me apoiaram. À minha esposa, Carey, e aos nossos cinco filhos – Nathan, Christian, Susanna, Priscilla e Seth – um muito obrigado por me

liberarem para escrever e por serem os seres humanos mais importantes da minha vida. E ao meu Senhor Jesus Cristo, obrigado por amar os fariseus, semelhantes a mim.

Capítulo Um

Guias cegos

Naquela noite de junho de 1975, quando abri minha Bíblia em busca de algo que pudesse compartilhar com uma audiência cativa de alunos, não procurava nenhuma revelação possível de abalar a alma nem nada de vital importância. Como professor em uma escola missionária, agendado para falar em uma reunião na capela, folheei freneticamente as páginas das Escrituras, pedindo a Deus que me desse um vislumbre do que eu poderia dizer. Por não receber iluminação imediata alguma, decidi usar o método de "abrir a Bíblia ao acaso e ler o versículo que o meu dedo apontava". Permiti que a Bíblia caísse pesadamente diante de mim e, na página aberta, apontei meu dedo, e, a seguir, comecei a ler esperando que algo "me tocasse". Dentro de aproximadamente um dia, teria de ficar diante de centenas de alunos de uma escola suazilandesa de ensino médio em um culto na capela e ensiná-los algo sobre Deus. Mas o quê?

Abri minha Bíblia nos primeiros capítulos de Mateus. Comecei a ler e logo me envolvi com a narrativa. Só parei a leitura depois de ler quase todo o evangelho. Nada em particular sobre a vida de Jesus nem dos discípulos me impactou naquele dia. Nenhum dos grandes eventos ou dos milagres do ministério de Jesus despertou a minha curiosidade. Tampouco foquei minha atenção nas parábolas ou nos ensinos de Jesus. Surpreendentemente, um grupo de pessoas mencionado na narrativa com tanta frequência quanto os discípulos me motivou: os fariseus. Sabia que jamais foram mencionados no Antigo Testamento. Porém, no evangelho de Mateus, eles estavam em toda parte. Quem foram os fariseus? Qual a origem deles? Como eram eles? Em que eles acreditavam? Como se comportavam? De forma instintiva, sabia que

não gostava deles; independentemente de quem fossem eles, sabia que, com certeza, não gostava deles!

E assim, aos 23 anos de idade, em minha tentativa para preparar uma mensagem para meus alunos suazilandeses, escrevi o seguinte em meu diário:

> O propósito da Bíblia não é só transmitir a mensagem, mas também refletir uma imagem. As imagens da Bíblia são apresentadas primeiramente por intermédio da vida de seus personagens. Essas imagens não só ficam penduradas na parede como um retrato mostrando com quem devo me parecer, mas também servem como um espelho para me mostrar com quem realmente me pareço. Se não me vejo retratado na Bíblia, então, para mim, seu valor diminui tremendamente ou se perde totalmente.
>
> Enquanto leio a Bíblia, devo comparar e contrastar a mim mesmo com os vários personagens ali apresentados. Em algumas ocasiões, posso me ver em um discípulo, em um seguidor de Jesus obediente ou desobediente, em um cristão comum, em um defensor da fé ou em um pecador arrependido, como Davi.
>
> Mas será que alguma vez eu me comparo aos fariseus? Não, isso seria impensável. Jesus não expôs de forma tão severa personagem algum da Bíblia quanto expôs os fariseus, e isso por causa da crueldade desse grupo. Ninguém me deixa com mais raiva que esses fariseus hipócritas, invejosos, orgulhosos, cheios de maquinações, cheios de ódio e, de acordo com a opinião deles mesmos, virtuosíssimos. Jesus reservou os comentários mais ácidos e condenatórios para eles. Eles agiam de forma religiosa e afirmavam conhecer a Deus, embora não o conhecessem. Eles pregavam e praticavam sua religião e catequizavam os outros com suas verdades, embora não conhecessem a si mesmos nem a Deus. Será que eu poderia ser um fariseu? Nunca!!! Jesus os chama de tolos, assassinos, hipócritas, serpentes e pessoas semelhantes a um sepulcro. É impensável imaginar que eu poderia me assemelhar a um deles!!!
>
> Talvez eu não consiga perceber que os fariseus são os personagens da Bíblia cujo histórico é mais semelhante ao meu. Temo que os fariseus se assemelhem

mais a mim do que eu gostaria de admitir. Será que os fariseus deixaram de existir dois mil anos atrás? Temo que estejam vivos e ainda prosperem hoje em dia!

O SUPRASSUMO DOS CAMARADAS MAUS

Concluí, a partir de meu extenso histórico de igreja, que os fariseus eram o suprassumo dos camaradas maus. Eles foram os principais responsáveis pela crucificação de Cristo. Receberam as mais duras palavras e as mais ácidas condenações de Jesus. Minha igreja os desprezava como o epítome de *outras* pessoas religiosas com quem não concordávamos. Que eu saiba, eles eram a personificação de Satanás.

Mas minhas conclusões sobre os fariseus estavam corretas? Não fazia a menor ideia. Nunca ninguém me disse a origem dos fariseus e como eles eram. Apenas pressupus que eles representavam a essência da maldade teológica. Lembro-me de muitas pessoas e grupos que se assemelhavam aos fariseus. E tenho uma sensação fortíssima de que eram condenados de forma veemente sempre que, na Bíblia, apareciam ensinando e pregando. No entanto, o que me assombrava naquela noite em minha casa de um cômodo, com telhado de lata, em Mhlosheni, Suazilândia, era esta questão: "Por que Deus dedicou tanto espaço em sua Palavra para pessoas tão sem valor?" Deus não desperdiça palavras, e eu estava convencido que todas as palavras das Escrituras são proveitosas (2Tm 3.16,17). Certamente, os fariseus tinham pouco, se é que tinham algo, a nos ensinar sobre piedade. Muitas questões assolavam minha mente. Por que Deus não fez apenas uma breve menção a eles, a fim de preservar a precisão histórica, para, a seguir, focar a interação de Jesus com seus discípulos? Por que não contar mais sobre o que Jesus fez e disse? Por que não dedicar mais espaço para descrever as complexidades do discipulado e do fazer discípulos? Por que não revelar mais verdades que fossem diretamente relevantes a minha vida? Por que conceder tanto espaço aos fariseus?

Por alguma razão, Deus colocou esses vilões bem próximos do centro da mensagem do evangelho. Naquela noite, concluí o que escrevera em meu diário com estas palavras:

Preciso examinar mais os fariseus e a mim mesmo, mas não para ridicularizá-los e passar a mão sobre minha cabeça. Acho que Jesus não queria que restasse a menor dúvida quanto a sua atitude em relação à religiosidade externa. Infelizmente, os fariseus, com frequência, são caricaturados de forma tão mordaz que não consigo me ver como um deles. Se me vejo apenas nos personagens nobres ou seminobres da Bíblia, então talvez não seja capaz de realmente me ver. O Espírito de Deus me impede de ser muito duro com os fariseus, pois sou potencialmente mais parecido com eles do que com qualquer personagem da Bíblia.

UMA QUESTÃO ASSOMBROSA

Naquela noite formulei a pergunta que me assombra há mais de vinte anos: *Por que, meu Deus, o Senhor permitiu que esses patifes estivessem tão próximos do centro da mensagem dos evangelhos?* Certamente, Deus não tinha a intenção que pessoas como eu rissem deles, os acusassem ou os ignorassem. A seguir, comecei a fazer a pergunta que seguia a lógica desse pensamento: *Quem eram os fariseus? O que o Senhor quer que eu aprenda com eles?*

Comecei a pesquisar o histórico dos fariseus com os poucos recursos que tinha à mão em Suazilândia. À medida que comecei a juntar os fatos da vida deles, fiquei perplexo e profundamente tocado. Munido com uma nova perspectiva, reli o texto de Mateus. Agora, conseguia me ver nas interações entre Jesus e os fariseus, observando os paralelos. Essas observações eram amedrontadoras, mas estranhamente libertadoras!

Desde aquele tempo, o assunto dos fariseus continua a me atrair mais que outro da Bíblia. Mas ainda mais importante, eles fizeram mais para transformar minha vida e ministério que qualquer tema. E, à medida que compartilhei esses pensamentos com pessoas provenientes de um histórico não tão rebelde quanto o meu, elas me disseram que, assim que aceitaram a Cristo, rapidamente se tornaram vítimas das mesmas características dos fariseus que me contaminavam.

Deixe-me conduzi-lo ao período anterior àquele culto na capela, em 1975, na África, para mostrar-lhe por que me identifico de forma tão marcante com

os fariseus. Agora chamo esses fariseus de amigos. Pois eles, mais que qualquer discípulo ou qualquer preguiçoso, são os "guias cegos" que me ajudaram a achar o caminho. Em retrospectiva, poderia intitular os primeiros anos de minha vida da seguinte forma: "Os perigos sutis e invisíveis de ser bom".

MINHAS RAÍZES ESPIRITUAIS

Meus pais eram cristãos profundamente comprometidos que me nutriram na fé cristã desde o primeiro dia de minha vida. Quando me perguntavam como me converti, algumas vezes respondi de forma bem-humorada: "Nasci cristão". Essa resposta fazia a sobrancelha dos ortodoxos arquear, pois esperavam ouvir: "Fui à frente e pedi para Jesus entrar em meu coração". Embora não tenha lembrança de um momento, data ou lugar específico, "tornei-me cristão" bem no começo de minha vida. Ao conversar com muitas pessoas que foram educadas como eu, descobri que minha experiência não é única.

Minhas raízes espirituais têm algumas vantagens inerentes. A verdade cristã sobre Deus, eu mesmo, o mundo e a eternidade foram gravadas de forma profunda em meu ser na mais tenra idade. Esse treinamento cristão forneceu uma visão de mundo que faz sentido e que se ajusta à realidade. Entretanto, existem alguns perigos em potencial que, em geral, são ignorados. Embora digamos: "Deus não tem netos", ou seja, cada pessoa precisa tomar sua decisão pessoal, muitos de nós, se formos sinceros, teríamos de admitir que viemos para o cristianismo presos à aba do casaco de nossos pais. E, embora isso seja extremamente sutil, é fácil assimilar uma atitude farisaica dissimulada.

Meus antecedentes são tão profunda e predominantemente religiosos quanto os de qualquer pessoa que conheci. Meus pais levavam a sério a ordem de Deuteronômio 6 de ensinar a fé cristã de todas as formas possíveis. Eles esperavam que eu frequentasse a igreja todas as vezes que esta abrisse as portas. Lembro-me de ser retirado de jogos em andamento da liga menor para participar, com o uniforme de meu time, da reunião de oração às quartas-feiras à noite. Todos os dias, depois do café da manhã e do jantar, havia devocionais familiares. Meus pais também encorajavam as devoções pessoais diárias.

Nossa casa era verdadeiramente uma celebração da verdade cristã. Como muitas casas hoje são banhadas pelos sons e imagens da televisão, nossa casa estava imersa no som da estação de rádio cristã. As séries Ranger Bill e Aunt Bee (Tia Abelha) e o programa "Unshackled" ("Os libertados") eram os favoritos de minha família. Fui exposto a um enorme volume de literatura cristã, inclusive as biografias de missionários, romances cristãos, *O peregrino*, e o meu favorito, *Livro dos mártires*, de John Foxe. O hinário evangélico impregnava nossa casa, e eu absorvia tudo isso de forma natural. Até hoje, consigo, de modo geral, relembrar as palavras dos hinos enquanto os ouço – até mesmo aqueles que só as pessoas que viveram em tempos idos conhecem.

Essa cultura cristã envolvia minha vida. Além de meus pais, numerosos adultos influenciaram meu crescimento cristão. Ainda cito bocados de sua sabedoria. Os missionários eram as pessoas mais especiais em minha vida, particularmente aqueles que serviam na "misteriosa África". As histórias deles sempre me fascinaram.

O QUE FAZER E O QUE EVITAR

Para me ajudar a andar "reto no caminho estreito" tinha uma lista de coisas que deveria fazer e as que deveria evitar (principalmente estas) que foram impostas de modo estrito. Poderia chamar essa lista de "Os doze sujos". A lista de tabus incluía dançar, fumar, beber, jogar cartas, nadar aos domingos e ouvir *rock*. A separação "do mundo" era um conceito muitas vezes ensinado e se esperava que o obedecêssemos.

Nem tudo era negativo; havia algumas coisas que podíamos fazer. Amar a Deus e odiar o pecado. Ir à igreja (até mesmo nas férias). Ter um "período de quietude todos os dias". Memorizar a Bíblia (na versão com a linguagem mais antiquada, é claro). Separar-nos das influências malignas. Lembrar o sábado e guardá-lo como dia santo. Manter-se quieto na igreja. E agir de forma correta.

A propósito, não acho que deva descartar essa lista com as coisas que devo fazer e as que devo evitar. Muitas delas têm um sólido fundamento bíblico, são sensatas e espiritualmente úteis. Todas essas regras e regulamentos eram

impostos por meus pais, pois eles procuravam ensinar o que seria melhor para mim. Passei a apreciar algumas das proteções que forneciam.

VANTAGENS – E OS PERIGOS OCULTOS

Meu ambiente familiar tinha realmente algumas vantagens. Minha mente foi alimentada com a verdade de Deus, e valorizo isso até hoje. Isso me manteve afastado dos perigos a que outros sucumbiram e por intermédio dos quais foram destruídos. Pessoas amorosas cuja vida tocou profundamente a minha se tornaram bons modelos. Aprendi desde cedo que os cristãos são chamados para ser diferentes e que é preciso ter convicção e coragem para seguir a Cristo. Desfrutava de uma excelente reputação, e meu comportamento externo era louvável. Adquiri uma compreensão profunda da religião, inclusive o que era bom, mau e feio, e sem esse conhecimento não seria capaz de escrever este livro.

Entretanto, minhas raízes religiosas também tinham alguns perigos ocultos. Seria fácil meu cristianismo se tornar a roupa favorita que vestia, em vez de representar um relacionamento íntimo e bem cultivado com o Deus vivo. Muitas vezes igualei "igrejanismo" com cristianismo; e religiosidade com realidade espiritual. As atividades religiosas se tornaram o foco de minha vida, e não minha devoção pessoal a Deus. Embora meu comportamento externo fosse excelente, estava preso aos pecados ocultos de meu coração.

Memorizava a Escritura de forma voraz. Ganhei prêmios e descobri que esse sucesso era recompensado de forma doce e bela na instituição igreja. Era elogiado e até ganhava prêmios valiosos. Entretanto, era fácil e natural minha fé ser cerebral, intelectual e acadêmica, em vez de experimental. Até mesmo naquela época, já percebia o paradoxo de que os vencedores de competições bíblicas raramente eram aqueles que aplicavam a Palavra de Deus em sua vida. Ao contrário, esses vencedores admirados tinham memória ágil e espírito competitivo e recebiam o encorajamento (e muitas vezes a ajuda) dos pais; eles experimentaram (e eu também) o doce sabor do sucesso eclesiástico. Infelizmente, a distância entre a cabeça e o coração não é muitas vezes percorrida, e a diferença entre profissão e posse não é muitas vezes reconhecida.

OBEDIÊNCIA DISSIMULADA

Algumas pessoas com história de vida similar à minha tendem a se opor ao sistema em todas as oportunidades possíveis. Eu não era uma dessas pessoas. Ajustava-me maravilhosamente ao mundo eclesiástico em que cresci. Embora fosse muito ativo, era uma criança obediente por natureza. Em geral, não questionava as regras. Embora fosse competitivo, era sensível e tinha prazer em agradar. Logo no começo de minha vida, descobri que aceitar as regras era algo que funcionava! E fazia isso muito bem! Além disso, meu temperamento era bastante disciplinado e tinha facilidade de memorizar, excelentes atributos para homem de igreja em desenvolvimento que quer parecer religioso para os outros membros.

Uma das mais notáveis características de um "bom garoto cristão" era a boa reputação. Também gostava disso. Quando terminei a escola de ensino médio, já conseguira subjugar um temperamento exaltado e ganhara a fama de ser paciente e abnegado. Aprendera a gerenciar de forma eficaz minha vida exterior e a esconder os aspectos sórdidos. Quando me formei, a maioria dos pecados que me afligiam já havia sido soterrada.

Obediência, autodisciplina, bom comportamento e anseio de agradar são características com vantagens inerentes. Quase todos elogiam regularmente. Entretanto, há também um perigo inerente nessas características. De forma sutil, sem que tomemos conhecimento disso, sentir-se extremamente justo é algo que se instala em nossa vida. Por fim, as "boas novas" são reconhecidas e aceitas, mas não parecem mais necessárias para a vida diária.

Minha imagem pública era impecável, mas essa imagem nem sempre reflete o verdadeiro "eu". Para mim, minha reputação era sólida, mas roubava sorrateiramente. Tratava o sexo oposto com respeito, mas ainda assim lutava contra o forte desejo sexual. Aparentava uma pessoa paciente, mas meu temperamento exaltado que vivia na obscuridade estava à espera de ser inflamado por uma centelha. O resultado: era exteriormente justo, mas rebelde em meu íntimo. Era genuinamente compassivo, mas também sabia ser cruel. Os pecados ocultos do coração me dominavam. Embora parecesse estar separado do mundo, desejava desesperadamente ser parte dele.

GRAÇA SALVADORA

No entanto, apesar das inconsistências, preservei meu carinho por Jesus. Também amava a Palavra de Deus, e as pessoas piedosas que me conheciam me amavam. Meu interesse pela pessoa de Jesus aumentou à medida que absorvia mais verdades bíblicas. Ele, de forma consistente, desafiava os estereótipos, vivia de forma autêntica, compassiva e corajosa, enraivecia algumas pessoas e deleitava outras. Ele era diferente de muitos líderes espirituais que conhecia. Ele manifestava qualidades que achava as mais prazerosas nas pessoas que gostava. Portanto, embora sempre me sentisse destroçado, lutando contra dois "eus", um que buscava a Cristo, e o outro que reagia contra a sua igreja; jamais rejeitei Jesus enquanto questionava alguns de sua igreja. Além disso, por sempre me sentir atraído pela concebível verdade da Bíblia, esta se tornou uma constante fonte de respostas, força e encorajamento. Jamais questionei seriamente sua autoridade. Portanto, embora lutasse muitas vezes com a decepção e com as dúvidas, em meio a essa confusão, a Escritura fornecia um sólido fundamento sobre o qual podia me firmar.

E jamais deixei de amar as pessoas queridas de meu passado, muitas das quais tinham coração grato e enternecido por Jesus e amor pelas pessoas. Desse modo, embora sempre me sentisse sozinho, como se ninguém pudesse entender minhas lutas, pessoas que demonstravam amor similar ao de Cristo me apoiavam. E mais importante de tudo, meus pais modelaram uma fé cristã sincera, humilde e indiscutivelmente real, além de serem pessoas de oração.

DIPLOMA UNIVERSITÁRIO E DESILUSÃO

Como calouro na Wheaton College, assinei com alegria "o compromisso", pois era muito mais liberal que o ambiente em que fora criado. Dediquei-me aos estudos acadêmicos e também participei de várias atividades cristãs, pois estava determinado a acrescentar serviço sacrificial a minha prática cristã. Dentre meus ministérios cristãos, era tutor de alunos de um projeto habitacional em Chicago e, nas áreas mais pobres de Chicago, falava com homens sobre Cristo e oferecia-lhes refeições. Por dois anos e meio, ministrei todos os domingos no centro de Chicago, em pensões e nas esquinas. Embora meu

serviço ali não tenha sido eficaz no sentido de vidas transformadas, ele me ajudou muito. Ganhei um coração voltado para os necessitados e a gratidão pela proteção que tive em meu passado. A experiência me empurrou para fora de minha concha de vida segregada. É óbvio que sempre voltava a tempo para participar do culto de domingo à noite! Contudo, até mesmo o serviço sacrificial não foi capaz de me dar as respostas que buscava.

Amo os anos que passei na Wheaton College, e um diploma com honras dessa faculdade foi a coroação no currículo desse bom menino. No entanto, em meu íntimo, sentia-me cada vez mais desiludido, como muitas outras pessoas que conhecia. Já não podia negar a realidade do abismo entre o cristianismo pregado e o cristianismo praticado. Reconheci que alguns itens da lista do que se pode fazer e do que se deve evitar em minha juventude não se sustentavam diante do escrutínio bíblico. Ademais, estava cada vez mais perturbado com a natureza de grande parte do ensinamento cristão – algo do tipo: seja exigente na escolha. Alguns temas foram enfatizados interminavelmente, enquanto outros foram negligenciados, como se não aparecessem nas Escrituras. A política conservadora, de forma típica, era igualada ao cristianismo; entretanto, em minhas leituras da Bíblia, era impossível enquadrar Jesus nessas linhas ideológicas simplistas. Embora tenha continuado a praticar a devoção diária, fazer longas caminhadas de oração pelas ruas de Wheaton e ainda ter carinho pelas coisas espirituais, comecei a ficar cada vez mais cínico em relação às numerosas falhas que observava no cristianismo, tanto no meu quanto no dos outros.

EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA

O passo seguinte em minha vida foi uma surpresa. Em 1974, pediram que eu servisse como voluntário, por um breve período, em Suazilândia. *O que poderia ser mais glorioso que uma permanência na misteriosa África?*, pensei. O Ministério de Educação de Suazilândia me empregou, e ensinei em uma muito conceituada escola missionária para africanos sob a direção da Missão Aliança Evangélica. Por três anos, ensinei história e biologia na escola de ensino médio Franson Christian High School, em Mhlosheni, Suazilândia.

Estava rodeado por pessoas gentis a quem idolatrara por anos a fio, aqueles que ocupavam um dos mais altos postos em nossa hierarquia eclesiástica.

Sair de minha cultura forçou-me a ver a vida de forma distinta. Tinha de viver cada dia com meus olhos (físicos, emocionais, intelectuais e espirituais) bem abertos. Embora, de início, tenha ficado eufórico, descobri que meus questionamentos não retrocederam; ao contrário, aumentaram. Tentei glorificar a pobreza como um ingrediente essencial para a maturidade espiritual. Todavia, ao examinar mais a fundo, descobri que as pessoas pobres também eram materialistas, exatamente como eu. A igreja africana, embora distinta na forma, não era muito diferente em substância da igreja dos Estados Unidos. Achei que seria melhor. Da perspectiva de duas culturas distintas, percebi que muitas coisas estavam erradas com a igreja. Mas não sabia o que era isso. Sentia cada vez mais que não me ajustava na igreja conforme a conhecia.

Poderia quase dar voz às palavras do apóstolo Paulo (Fp 3.4,5):

> Se bem que eu poderia até confiar na carne [...] ainda mais eu: circuncidado ao oitavo dia [na igreja desde meu nascimento], da linhagem de Israel [nascido em uma família cristã em um país cristão, os Estados Unidos], da tribo de Benjamim [conservador, evangélico e fundamentalista], hebreu de hebreus [cristão de cristãos].

Assim como Paulo era fariseu, eu também era culto, disciplinado e devoto. Como Paulo, eu era zeloso, apresentando-me como voluntário para o serviço cristão tanto em meu país quanto em países estrangeiros. Paulo escreveu: "[...] quanto à justiça que há na lei, [eu mesmo] fui irrepreensível" (v. 6); minha vida também era exemplar, de acordo com o que as pessoas podiam observar.

QUESTÕES E PREOCUPAÇÕES

Meu currículo evangélico era impressionante, mas continuava assombrado por perguntas ainda não respondidas em relação a mim mesmo e a outros

seguidores de Cristo. Talvez você tenha feito perguntas similares. Questões como as seguintes:

- Por que as boas raízes espirituais algumas vezes produzem frutos imperfeitos? Tinha de admitir que um bom histórico familiar não era garantia de santidade.
- Por que as pessoas que lutam tanto para ser perfeitas às vezes agem de forma tão equivocada? Percebi que havia algo errado com a perfeição! A busca por perfeição muitas vezes degenera em um comportamento em que se é condescendente com as atitudes farisaicas, nosso senso de sermos perfeitos.
- Por que as pessoas que conhecem a verdade algumas vezes erram o caminho? Por que a doutrina ortodoxa não produz de forma consistente um relacionamento de amor com Cristo e compaixão pelos outros? Algumas vezes, observei exatamente o oposto: apatia em relação a Deus e crueldade em relação às outras pessoas.
- Por que existe diferença entre a imagem pública e a particular de alguns cristãos que conhecia, inclusive eu mesmo? Comecei a imaginar se a piedade não passava de uma exibição pública.
- Por que a tradição parece dominar o ministério da igreja? Observei que quando a tradição da igreja entra em conflito com o que parece um ensinamento da Bíblia, a tradição, em geral, ganha. A tradição governa a pousada eclesiástica, embora poucas pessoas, se é que apenas uma, percebam isso!
- Por que as regras e regulamentos proliferam na fé que promete liberdade? A liberdade é realmente perigosa? Também percebia que o evangelho, ele que, supostamente, deveria ser a maior força libertadora do mundo, era muitas vezes apreciado por algumas das pessoas mais tensas e reprimidas que conhecia, e eu, às vezes, era uma delas.
- Por que aqueles que insistem com firmeza em uma vida separada muitas vezes falham em se assemelhar ao comportamento de Cristo e ao fardo que ele carregava? Que eu saiba, o separatismo não resulta em maior santidade nem nos ajuda a alcançar o mundo para Cristo.

- Por que algumas pessoas que parecem estar espiritualmente bem não passam de pessoas doentes? A que se assemelha a genuína saúde espiritual? Comecei a concluir que meu critério para avaliar a saúde espiritual estava terrivelmente equivocado.

Trataremos de algumas dessas questões neste livro (especialmente nos capítulos 4 a 11). Essas questões, em um dado momento, tornaram-se quase insuperáveis em minha mente. Imaginava: *Existe alguma esperança para a autenticidade cristã e a verdadeira perfeição?* Descobri, com alegria, que a resposta é afirmativa, e os fariseus são exatamente os que nos mostram o caminho!

Capítulo dois

Uma caricatura comum

Um chargista político tem de dominar a arte da caricatura, um desenho que exagera uma característica nada lisonjeira. Em 1996, nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, por exemplo, fizeram o retrato do republicano Bob Dole com olhos profundos, escuros e inchados, mostrando sua idade. Na caricatura de Ross Perot, realçaram o estrabismo e as orelhas grandes, o que lhe deu um ar inquisitivo e meio cômico. O presidente Bill Clinton tinha nariz bulboso, algo que sugeria um beberrão amigo das festas. Como todas as caricaturas, essas também não passavam de generalizações, imprecisas e injustas com os indivíduos.

A caricatura é uma forma conveniente de marginalizar e desmoralizar aqueles que queremos ignorar. Desde o momento que as criaturas começaram a fazer desenhos com palitos e a escrever palavras, as caricaturas passaram a se tornar habituais. Nós, os cristãos, estamos familiarizados com caricaturas, ou pelo menos deveríamos estar, pois somos tanto o objeto das caricaturas quanto os colaboradores regulares para essa arte. A caracterização distorcida de cristãos que dominam a cultura popular é um ponto em questão. Somos muitas vezes retratados como um grupo monolítico de fanáticos de direita que buscam, até mesmo por imposição, fazer prevalecer, na cultura, nossa vontade e nossos valores. Somos popularmente classificados como intolerantes e mercadores do ódio, tacanhos e ignorantes, a direita radical e o tipo errado de próximo. Algumas vezes somos colocados com os *skinheads*, os trabalhadores braçais broncos, os separatistas brancos, os fundamentalistas muçulmanos radicais e os que soltam bombas em clínicas de aborto. O resultado dessa percepção é que,

com frequência, somos desprezados, estereotipados e convenientemente descartados.

Fazer caricaturas de cristãos foi algo que começou nos primórdios da igreja. Os primeiros seguidores de Cristo foram retratados como indivíduos sem valor (porque não adoravam o imperador), ateus (porque alguns deles desprezavam os deuses que engrandeceram Roma), desajustados que odiavam a humanidade (porque escolheram não aceitar a assistência do governo e evitavam alguns eventos sociais e diversões), imorais e incestuosos (porque chamavam um ao outro de irmão e irmã e tinham as "festas da fraternidade" (NVI), as festas "ágapes", saudando uns aos outros com "ósculo santo"). Alguns críticos chegaram até mesmo a chamá-los de canibais, dizendo que, na ceia do Senhor, "comiam a carne de Jesus" e "bebiam seu sangue".

UMA CARICATURA CUSTOSA

A caricatura do cristianismo que surgiu na cultura popular secular é uma grande distorção da realidade, e ficamos furiosos com isso. Entretanto, esquecemos, de forma conveniente, que nós também perpetuamos essas caricaturas. Nosso conhecimento parcial e distorcido dos fariseus nos engana em pensar que os entendemos. Afirmo, entretanto, que não reconheceríamos um verdadeiro fariseu se um deles trombasse conosco na rua, ou sentasse perto de nós na igreja, ou nos encarasse firmemente!

Além disso, quando retratamos os fariseus, as consequências são espirituais e eternas. Nosso conhecimento parcial e distorcido dos fariseus pode nos levar a aplicar as Escrituras de forma equivocada e, o que é ainda pior, a aprofundar o dano espiritual para a igreja e para cada um de nós. Se criamos uma falsa imagem dos fariseus e falhamos em ver o quanto nos assemelhamos a eles, podemos nos furtar de alguns dos ensinamentos mais pertinentes das Escrituras.

Graças aos anos de experiência pessoal e de conversas com pessoas religiosas, tenho certeza de que a maioria dos cristãos tem uma visão distorcida dos fariseus. O que nós presumimos, com muita ignorância, ser preciso é, na realidade, uma caricatura. W. E. Phipps observa astutamente: "A caricatura

dos fariseus pelos cristãos é tão absurda quanto a de Jesus no Talmude, em que se alude a ele como [filho ilegítimo] e feiticeiro".[1]

UMA CARICATURA COMUM

Peça a qualquer cristão devoto para jogar o jogo de associação de ideias com "fariseu", e as respostas serão esmagadoramente negativas. As seguintes palavras foram mencionadas quando pedi às pessoas para que sugerissem sinônimos para farisaísmo: *hipócritas; contra Jesus; consideram-se extremamente justos; orgulhosos; legalistas; viviam procurando defeitos e fazendo críticas.* Outros responderam: "O tipo de pessoa que sempre acha que está certa; e o outro totalmente errado"; "Conheciam a Lei, mas não a praticavam"; "Rejeitavam a todos"; "Exigentes"; e: "Os que mataram Cristo". Não me recordo de nenhuma associação positiva. (É irônico saber que se jogássemos esse mesmo jogo com uma audiência judia, provavelmente, todas as associações seriam positivas.)

A maioria dos cristãos, indubitavelmente, tem consciência dos nomes que Jesus e João Batista usavam para os fariseus, inclusive: "cego" (Mt 23.16,17,19,24,26); "serpentes" (Mt 23.33); "filho do inferno" (Mt 23.15); e, isso mesmo, "hipócritas" (Mt 6.2,5,16; 15.7; 22.18; 23.13-15,23,25,27-29; Lc 13.15). Embora os insultos sejam descaradamente bíblicos, muitos deles ocorrem em um capítulo (Mt 23), em que Jesus também repreende os líderes religiosos, chamando-os de "insensatos" (v. 17) e "sepulcros caiados" (v. 27). Na verdade, os insultos proferidos por Jesus aconteceram em apenas algumas ocasiões (quando Jesus se deparou com as tradições que distorciam a verdade e os testes cuidadosamente planejados para pegá-lo em uma armadilha), e provavelmente esses insultos foram dirigidos a alguns dos fariseus, não todos eles. Talvez por causa da agudeza da crítica de Jesus em Mateus 23, muitos se esquecem de outras afirmações, implicações e exemplos positivos do Novo Testamento.

---

[1] PHIPPS, William E. "Jesus, the prophetic pharisee", *Journal of Ecumenical Studies,* 14 (inverno de 1977): 29.

Os professores de Bíblia e os pregadores ignoram os escritos judeus e se envolvem com leituras seletivas das Escrituras por meio de uma grade de preconceitos, muitos cristãos desenvolvem uma caricatura, e não um retrato preciso dos fariseus. Uma caricatura, por definição, é uma imagem distorcida que foca algumas características e as exageram tanto que a imagem fica quase irreconhecível. O resultado é uma falsa monstruosidade. Quando vemos as pessoas como falsas monstruosidades, raramente as usamos como espelhos, se é que isso aconteça alguma vez, para nos ensinar a respeito de nós mesmos.

Estudos recentes sobre a Bíblia reconheceram que essa caricatura está equivocada e buscou remediar isso.[2] A vida boa, bem como as características e as contribuições positivas dos fariseus, são devidamente observadas. Elas negam, da forma mais contundente possível, essa caricatura estritamente negativa retratada pela maioria dos cristãos. Além disso, elas apelam para o pensamento saudável e a compreensão mútua. Entretanto, essa ação corretiva, por parte dos estudiosos, ainda não chegou aos cristãos que se encontram nos bancos da igreja nem aos púlpitos ou às páginas mais populares da terra. Pastores, até mesmo aqueles que são sensíveis ao legalismo, tendem a não perceber as características mais ubíquas do farisaísmo em meio aos fiéis. Em vez de nos aproximar para fazer descobertas sobre nós mesmos, recorremos à hipérbole e criamos distância.

Se desejarmos ter um retrato o mais preciso possível dos fariseus, não poderemos deixar de omitir algumas fontes nem exagerar outras. Tampouco, devemos ignorar as nuanças e as implicações que contam uma história sobre os fariseus a qual possa estar em desacordo com nossos pressupostos. Acredito que, em relação aos fariseus, tanto as caricaturas judias quanto as cristãs são extremamente falhas. O retrato judeu é muito puritano; e o cristão, muito diabólico. Um vê a bondade sem as falhas; e o outro, as falhas sem a bondade. O resultado final é o mesmo para essas duas caricaturas – ambas não passam

---

[2] Veja, DAVIES, William. *Introduction to pharisaism*. Philadelphia: Fortress, 1967; HERFORD, Robert. *The pharisees*. Boston: Beacon, 1962; WRIGHT, N. T. *The New Testament and the people of God*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1992; e SANDERS, E. P. *Judaism: Practice and belief*. London: SCM, 1992.

de ilusão! As duas impedem que sirvam de espelho para a sua alma. As duas nos distanciam de Deus, em vez de nos aproximar dele.

A ASCENSÃO DOS FARISEUS

Quem são os fariseus? Eles surgiram em Israel, em resposta aos acontecimentos religiosos, culturais e políticos que afetaram a nação desde o império grego e, talvez, antes desse período. O apêndice 1, "Como os fariseus surgiram", examina a aparição histórica dos fariseus. Eles se tornaram proeminentes durante o período dos macabeus (c. 160-60 a.C.), e os dois principais rabinos deles, Hillel e Shammai, apareceram durante as décadas finais antes do nascimento de Cristo. Suas respectivas escolas dominaram a cena religiosa em Israel pelos dois séculos seguintes. Shammai era conservador; e Hillel, moderado (veja o capítulo 3 para conhecer os ensinamentos específicos de cada um deles).

Na época de Jesus, os fariseus já haviam se tornado os líderes religiosos de Israel. Eles controlavam a sinagoga e tinham representantes no sinédrio. Tinham como aliados um grupo cada vez maior de estudiosos da Bíblia, homens zelosos pela Lei de Deus. Depois de algumas péssimas experiências com a política, eles se especializaram pela busca espiritual. Embora os fariseus "radicais" fossem aparentemente menores em número,[3] a influência deles era considerável. Até mesmo Herodes, homem que desprezava a perspectiva deles, foi forçado a respeitar a influência que exerciam sobre o povo e ele, com frequência, era cuidadoso para não ofendê-los.

SEMELHANÇAS SURPREENDENTES

Ao examinar as raízes históricas dos fariseus, é possível perceber semelhanças surpreendentes com a Reforma Protestante e também algumas similaridades com os movimentos evangélicos fundamentalistas de hoje. À medida que a cultura clerical e religiosa do judaísmo se aproximou cada vez mais do secularismo, um grupo de leigos piedosos (pietistas) levantou-se para reclamar

---

[3] HAGNER, D. A. "The pharisees", vol. 4 in *Zondervan Pictorial Encyclopedia*. Grand Rapids: Zondervan, 1975, p. 746.

a identidade dos judeus como o povo da Palavra de Deus. Eles estavam determinados a se "voltar para a Bíblia". Esses puristas em relação às Escrituras foram os maiores responsáveis pelo estabelecimento de um novo centro de reunião para a sua religião, as "casas de estudo", e nós as conhecemos pelo nome de sinagogas. Ali, os judeus podiam, de forma meticulosa, estudar a Bíblia e aplicá-la em todos os aspectos da vida. Eles eram os principais proponentes de uma sólida educação fundamentada na Bíblia (pioneiros de nossa ênfase na educação cristã). Os fariseus afirmaram a responsabilidade de todo judeu, não apenas dos sacerdotes e dos escribas, de conhecer e praticar a Lei. Eles foram, por assim dizer, os primeiros a afirmar a doutrina do "sacerdócio para todos os crentes".

Eles também protestaram ("protestantes") contra a corrupção da religião e resistiram ao "humanismo" de sua época, o helenismo. (Veja o apêndice 1.) Na "guerra cultural", decorrente dessa helenização, eles se apegaram com tenacidade à "[...] fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos" (Jd 1.3). Eles buscavam purificar a religião, que se tornara ritualística e sem sentido, e viver em santidade (Movimento de Santidade). Eles praticaram a fé com piedade e, algumas vezes, foram perseguidos por causa disso. Hoje, conservadores de qualquer fé ficariam devidamente impressionados com raízes como essas.

AS CARACTERÍSTICAS LOUVÁVEIS DOS FARISEUS

As raízes de perfeição dos fariseus, entretanto, não são a única razão pela qual se tornaram religiosos famosos. Eles estruturavam sua vida no sólido fundamento da Palavra de Deus. Os fariseus, como veremos, acreditavam na doutrina correta, buscavam manejar "[...] bem a palavra da verdade" (2Tm 2.15) e, fundamentados na Bíblia, estavam determinados a viver de forma perfeita. Aplaudiríamos com entusiasmo essas características.

A doutrina correta

Se mudássemos apenas algumas afirmações, a maioria de nós assinaria prontamente a declaração doutrinária dos fariseus! Embora tenhamos a tendência de pular essa parte, Jesus afirmou a ortodoxia teológica básica dos fariseus quando

disse: "Na cadeira de Moisés se assentam os escribas e fariseus. Portanto, tudo o que vos disserem, isso *fazei e observai*" (Mt 23.2,3a; grifos do autor).

Nós, de forma característica, movemo-nos imediatamente para a linha seguinte em que Jesus nos alerta contra a disjunção entre a pregação e a prática dos fariseus. No entanto, os fariseus, embora a maioria deles não fosse sacerdote, ensinavam com tenacidade a ortodoxia, os dogmas do judaísmo. Além disso, Jesus concordou com a compreensão dos fariseus em relação à importância central do *Shema* e o mandamento para amar ao próximo (Mt 22.34-40; Lc 10.25-28). Conforme observa Merrill C. Tenney: "Ele [Jesus], em relação à teologia, estava mais de acordo com eles que com qualquer facção do judaísmo".[4]

Em relação à teologia, o apóstolo Paulo, da mesma forma, toma partido dos fariseus em Atos dos Apóstolos 23.6-10, quando faz sua defesa diante do sinédrio. Ainda assim, temos a tendência de não reconhecer a ortodoxia básica dos fariseus. Por quê?

Talvez estejamos cegos para as suas crenças porque já somos tendenciosos em nossa posição contra eles. Talvez façamos isso porque estamos familiarizados apenas com os aspectos negativos que Jesus nos alertou para que evitássemos (Mt 16.6,11,12).[5] Munidos com essa evidência, chegamos a conclusões erradas. Agrupamos os fariseus com os saduceus quando esses dois grupos não gostavam de estar na companhia teológica um do outro. Embora os fariseus tivessem um bom número de falhas fatais, a doutrina deles não era o principal para eles.

A interpretação correta da Bíblia

Os fariseus, desde o surgimento de seu movimento, eram pessoas do Livro. Josefo escreve que "eles, conforme se supõe, devem exceder os outros no

---

[4] TENNEY, Merrill C. *New Testament Times*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978, p. 93.

[5] Jesus chegou até mesmo a afirmar o aspecto relacional da soteriologia dos fariseus quando ele aprovou um doutor da lei (que pode muito bem ser um fariseu) que lhe perguntou sobre a vida eterna (Lc 10.25-28).

conhecimento preciso das leis de seu país".[6] (Para saber mais sobre Josefo e outras fontes básicas para o estudo dos fariseus, veja o apêndice 2.) Eles reverenciaram, estudaram, memorizaram e buscaram interpretar as Escrituras de forma acurada. A busca da vida deles era a busca para aplicação dos ensinamentos das Escrituras a todas as áreas da vida. Os fariseus tinham a Palavra de Deus em alta estima e buscavam obedecer a todos os mandamentos e ordenanças ali presentes. Tinham uma liturgia bem desenvolvida, fundamentada na leitura e na aplicação da Bíblia. A mente e a vida dos fariseus estavam imersas nas Sagradas Escrituras.

Os fariseus, além disso, não passavam ao largo da aplicação da Bíblia. Eles, embora reconhecessem a natureza imutável da Palavra de Deus, consideravam a Torá como um corpo de verdade, dinâmico e em desenvolvimento. Buscavam, com zelo exemplar, fazer as Escrituras mudar a situação cultural. Os fariseus desejavam sinceramente inculcar a Palavra de Deus na vida das pessoas. Eles, com as melhores das intenções, esforçavam-se para fazer todas as esferas da vida ficar sob a autoridade da Palavra de Deus, respeitando sua vontade moral. Assim, estabeleceram tradições para codificar seu entendimento de como a Lei deve ser aplicada aos ambientes e às circunstâncias da vida. Eles construíram cercas em volta da Lei para ajudar as pessoas a não quebrá-la. Eles queriam que seus companheiros judeus caminhassem com Deus, não só falassem sobre ele. O objetivo deles era fazer todas as facetas da vida se sujeitar à verdade de Deus. E eles desejavam que esse zelo pela obediência fosse abraçado pelas massas, não apenas por uma pequena elite.

É interessante observar que a atitude dos fariseus em relação às Escrituras se equipara às dos conservadores de hoje. Nós, como eles, temos as Escrituras em alta consideração e nos orgulhamos de nossa fidelidade à Palavra. Em todas as esferas da igreja, das crianças até os cidadãos seniores, encorajamos e honramos o estudo da Bíblia. E eles também faziam isso. Favorecemos a ampla disseminação das Escrituras para que a pessoa comum também possa

---

[6] JOSEFO, Flávio. *The life of Flavius Josephus*, sec. 38, in *The works of Josephus*, trad. William Whitson. Lynn, Mass.: Hendrickson, 1982, p. 100.

entendê-las. E eles também faziam isso. Nós, como os fariseus, buscamos aplicar a Bíblia a toda faceta da vida. Nós, como os fariseus de antigamente, acreditamos na Bíblia e ensinamos que devemos confiar nela e obedecer a ela. E nós, os protestantes, como os fariseus, orgulhamo-nos de nossa habilidade para aplicar a verdade de Deus para promover a mudança do ambiente social. As aspirações e as ações dos fariseus da Bíblia se parecem com as nossas!

Estilo de vida justo

Os fariseus não só eram doutrinariamente ortodoxos e biblicamente cultos, mas também se esforçavam para viver sua fé. Eles buscavam isso com zelo, e todos reconheciam que eram mais religiosos que os demais.[7] Jesus fornece uma perspectiva sobre os fariseus quando afirma: "Pois eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus" (Mt 5.20). Qualquer pessoa de uma audiência judia do primeiro século que ouvisse Jesus proferir essas palavras se sentiria incapaz de alcançar tal padrão, pois os fariseus eram ícones culturais da justiça. Por qualquer critério que empreguemos hoje, os fariseus eram extremamente justos.

Os fariseus buscavam ter uma *vida pura.* De acordo com Josefo, eles procuravam "fazer todas as coisas que pudessem agradar a Deus".[8] A principal prioridade dos fariseus era promover a pureza bíblica em Israel. Acreditavam que os mandamentos de Deus em relação à pureza sacerdotal deveriam ser praticados por todos os judeus.

Os fariseus se dedicaram à *adoração pura.* Consideravam os rituais do judaísmo no templo, presididos pelos sacerdotes, os levitas, e pela classe governante, adulterados e, portanto, planejaram um culto de adoração na sinagoga que orbitava em torno da oração, da leitura pública e da exposição das Escrituras (Lc 4.16s.) e a "educação judaica" das crianças.[9] Por intermédio da sinagoga, os fariseus eram capazes de influenciar uma grande porção da vida de adoração

---

[7] JOSEFO, Flávio, *Wars of the jews*, in *The works of Josephus*, p. 434.

[8] JOSEFO, Flávio, *The antiquities of the jews*, in *The works of Josephus*, p. 281.

[9] TENNEY, Merrill C. *New Testament Times*, p. 192.

de Israel. Embora a sinagoga não tenha suplantado o templo até ele ser destruído, em 70 d.C., ela era basicamente o local de encontro daqueles que se interessavam mais pela fé bíblica que pela ritualística.

Os fariseus modelavam esse estilo de vida justo em cinco outras áreas. Primeiro, a *vida de oração* dos fariseus era exemplar. Eles oravam em público (Mt 6.5,6), com regularidade, de forma ritualística e respeitosa. Eles não só oravam, mas jejuavam enquanto oravam (Mt 6.16; Lc 18.12). Segundo, viviam de forma consagrada, levavam uma *vida separada.* O próprio nome *fariseu*, de acordo com as derivações mais comuns, quer dizer "aquele que foi separado".[10] Eles odiavam o pecado e buscavam ativamente a santidade. Terceiro, eles valorizavam a *comunhão.* Os registros de Josefo afirmam que os "fariseus eram amorosos uns com os outros e cultivavam relacionamentos harmoniosos na comunidade".[11] Eles se organizavam em pequenos grupos para o propósito da edificação mútua e da prestação de contas, conceitos populares hoje. Eles comiam à mesa uns dos outros e estudavam as Escrituras. Quarto, eles eram *bons doadores.* Os fariseus tinham a determinação de dar o que era devido a Deus de todas suas fontes de renda (Lc 18.12). Finalmente, eles eram *evangelistas ativos.* Jesus disse que eles percorriam terra e mar para fazer um prosélito (Mt 23.15).

UMA NOBRE AGENDA SOCIAL

A religião sincera tem ramificações sociais. Portanto, não devíamos nos surpreender que a vida social dos fariseus refletisse sua profunda preocupação pela piedade.

Os fariseus representavam um estável grupo de classe média. Eles representavam não só a religião de Israel, mas também o coração e a alma social da nação. Eles eram honestos e trabalhadores. Muitos eram pequenos comerciantes que levavam uma vida simples e confortável. Eles eram defensores da

---

[10] "Pharisee", Brown, Colin, ed. geral, *The New International Dictionary of New Testament Theology*, vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, 1986, 810.

[11] MASON, Steve. *Flavius Josephus on the pharisees.* Nova York: E. J. Brill, 1991, p. 170.

igualdade humana. Tinham menos interesse em política e em economia, que na religião (embora isso não queira dizer que não fossem ativos na política ou motivados em relação aos aspectos econômicos). Em toda a literatura sobre os fariseus, observa-se que as massas ficavam do lado deles.

Os fariseus eram politicamente conservadores, mantendo presença política e voz profética, embora não resistissem de forma ativa ao governo romano. Eram sabiamente tolerantes e capazes de fazer concessões ao governo gentio desde que a missão religiosa deles não fosse infringida.

Os fariseus, além disso, defendiam os *valores tradicionais.* Viam a si mesmos como defensores das formas antigas contra a invasão do estilo de vida mais novo e mais secular. Os padrões éticos e morais eram lendários e, conforme poderia ser pressuposto, eles retiravam seus exemplos da Palavra de Deus, o fio de prumo no mundo pagão. Os fariseus não sucumbiram à superstição dos cananeus, à depravação moral dos egípcios ou à violência dos romanos. Eram respeitosos em relação às pessoas idosas[12] e insistiam na integridade da família.

Além disso, os fariseus tinham preocupações sociais. Não tinham coração duro, conforme muitos supõem. Na verdade, os saduceus eram conhecidos por ser mais severos que os fariseus. Hillel, um dos grandes líderes dos fariseus, era exaltado por sua compaixão. Gamaliel, outro fariseu importante, defendia a tolerância e a moderação (At 5.34-39). "Os fariseus realmente tinham admirável reverência pela humanidade, muita consideração pela tolerância e grande amor pela paz", escreve D. A. Hagner.

> A famosa fala de Hillel registrada na Mishnah, é a seguinte: 'Seja como os discípulos de Arão que amam a paz e buscam a paz, amam a humanidade e a trazem para a Lei.[13]

Com a opinião favorável do ser humano e a forte crença na igualdade, os fariseus, provavelmente, eram bons para o seu próximo.

---

[12] MASON, Steve. *Flavius Josephus on the pharisees*, p. 376.

[13] HAGNER, D. A. "The pharisees", p. 749.

FARISEUS LOUVÁVEIS

Devido ao preconceito religioso, temos a tendência de ignorar os admiráveis fariseus, os mencionados no Novo Testamento ou os que estão ali implícitos. Deixe-me salientar dez indivíduos ou grupos de fariseus que todo cristão equilibrado deveria conhecer.

Escondidos nos textos dos evangelhos há, pelo menos, três fariseus que tiveram a gentileza e coragem de convidar Jesus para jantar (Lc 7.36-50; 11.37-54; 14.1-24). A *hospitalidade* naquela cultura era um passo relevante. Ela implicava o oferecimento de aceitação e a extensão de amizade. Um bom fariseu era muito cuidadoso para não se misturar socialmente com aqueles que tivessem escrúpulos distintos em relação à dieta. O diálogo registrado nas Escrituras indica que havia respeito mútuo. Além disso, esses fariseus que convidaram Jesus e seus seguidores para uma refeição, provavelmente, conheciam as atitudes de Jesus quanto às questões cerimoniais. Assim, eles assumiam riscos. Embora em cada uma dessas ocasiões tenha havido um confronto desagradável (em relação à mulher pecadora, ao cerimonial de lavar-se e à cura no sábado), o leitor do evangelho não deve deixar de perceber que alguns fariseus tentaram alcançar Jesus para melhor compreendê-lo.

Em Lucas 5.17-26 (cf. Mc 2.1-12; Mt 9.1-8), lemos que alguns fariseus que, por curiosidade, vieram ouvir Jesus e questionaram as afirmações sobre o perdão por causa daquilo em que sinceramente acreditavam. Entretanto, as Escrituras registram que eles saíram dali glorificando a Deus e dizendo: "Hoje vimos coisas extraordinárias!" (v. 26). Alguns fariseus foram *genuinamente tocados* pela vida e pelo ministério de Jesus. Eles tinham sensibilidade espiritual e desejo de aprender.

Além disso, um único versículo, Lucas 13.31, menciona alguns fariseus que *salvam vidas*, os que vieram até Jesus quando ele estava correndo cada vez mais perigo e o avisaram: "Sai, e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te". A partir do relato do evangelho, é fácil pensar que todos os fariseus tinham a intenção de assassinar Jesus. No entanto, uma leitura justa dos evangelhos revela que isso, obviamente, não é verdade.

Dois nomes muito conhecidos nos evangelhos são de fariseus: Nicodemos e José de Arimatéia. O evangelho de João identifica Nicodemos como um fariseu que ocupava algum cargo muito alto, talvez de liderança (Jo 3.1,10). Indubitavelmente, ele era um homem de poder e influência. Nicodemos parecia alguém que genuinamente buscava a verdade (Jo 3.1-4). Por fim, ele falou a favor de Jesus e foi criticado por isso (Jo 7.45-52). Depois da crucificação, Nicodemos pediu o corpo do Senhor e gastou uma quantia considerável de dinheiro para comprar especiarias para o sepultamento de Jesus (Jo 19.39). Temos a tendência de ignorar que Nicodemos era um fariseu que tinha um alto cargo.

A pessoa que ajudou Nicodemos a cuidar do corpo de Jesus depois da crucificação foi José de Arimatéia (Lc 23.50-55; Jo 19.38-42), provavelmente um fariseu. Ele era um homem de posses que também era membro do sinédrio. José de Arimatéia era um homem devoto que pôs sua fé em ação, um homem que tinha poder religioso, político e econômico. Todavia, ele estava disposto, por seu amor por Jesus, a sacrificar tudo – outro fariseu que seguia a Jesus.

Entremeado no texto do Evangelho de João, há outra referência a *fariseus que ficaram do lado de Jesus.* Lemos no capítulo 9 que a cura no sábado de um homem que nasceu cego não só separou o homem de seus pais e da sinagoga, mas também dividiu os fariseus. O versículo 16 registra:

> Alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus; pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles.

Os fariseus, obviamente, não eram um grupo monolítico que se opunha a Jesus como comumente presumimos.

Alguns fariseus também se expuseram para proteger os apóstolos. O livro de Atos dos Apóstolos (5.33-42) menciona Gamaliel, um fariseu que ocupava um alto cargo e que argumentou, de forma eficiente, para tolerância em face de um grupo hostil de seus iguais. Suas palavras apaziguadoras foram úteis para desviar as intenções homicidas do sinédrio contra Pedro e os apóstolos.

Alguns anos mais tarde, outro grupo de fariseus (At 23.1-10) ajudou a salvar a vida do apóstolo Paulo.

Atos dos Apóstolos também registra alguns *fariseus que abraçaram a fé* em Jesus Cristo (15.5). Realmente, eles acharam difícil não onerar sua nova fé com resquícios do judaísmo. No entanto, eles são mencionados com os que criam – os primeiros membros da igreja.

Finalmente, e ainda mais relevante, o apóstolo Paulo era fariseu da mais alta ordem (At 22.3-5; 26.4-8; Fp 3.4-6). Foi educado pelo rabino Gamaliel, neto de Hillel. E, antes de ter seu encontro com Cristo, o histórico farisaico de Paulo era considerado de grande valor. Paulo realmente afirma que seu farisaísmo anterior era inadequado, mas não inerentemente ruim. Ao contrário, ele o considera como um código de honra religiosa e uma grande conquista humana.

UM BOM MOVIMENTO COM MUITAS PESSOAS BOAS

Quem eram os fariseus? Isso agora deveria ficar claro: os fariseus eram pessoas boas, como nós. Eles surgiram em reação ao helenismo, o humanismo secular daquela época. Em resposta às pressões da assimilação cultural, eles se tornaram "os separados". Resistindo à corrente liberal dos sacerdotes e levitas, eles insistiram na teologia ortodoxa. Em vez de entrar de cabeça na concessão cultural e na religião profissional, eles organizaram um movimento de base, liderado por leigos, para o retorno do judaísmo aos "valores tradicionais". Em resposta ao foco nos rituais do templo realizados pelos líderes religiosos oficiais, eles enfatizaram o estudo e a aplicação das Escrituras. Em resposta ao paganismo que se introduzia sutilmente no meio deles, eles aumentaram a vigilância para ser puros.

Os fariseus de antigamente podem ter mais em comum com a igreja e com os ativistas paraigreja de hoje do que se pode perceber. Eles buscavam ser puros, como os puritanos, e piedosos, como os pietistas. Eles estudavam a Bíblia da mesma forma que fazemos nos pequenos grupos de estudo bíblico. Reuniam-se nesses grupos para conversar sobre a Palavra, "experimentar Deus" e "prestar contas" de suas atitudes uns para os outros, exatamente como fazemos

no movimento de pequenos grupos da atualidade. Eles eram membros dos bons crentes que acreditavam nas Escrituras e que pregavam nas sinagogas. A vida disciplinada dos fariseus poderia muito bem ser atraente para os navegadores. Seu zelo evangelístico os tornaria os principais recrutas para o *Campus* Cruzada para Cristo. A missão deles os posicionaria como os primeiros candidatos para vários conselhos missionários. Sua presteza em servir nos traria à lembrança os batistas do sul. E a escrupulosa separação do mundo e das coisas mundanas os tornaria semelhantes aos batistas independentes. O anseio deles por experiências com Deus e com seu poder ecoaria o de um bom carismático. E a orientação deles em relação à santidade seria atraente para os nazarenos.

Isso mesmo, os fariseus eram pessoas boas; eles eram "extremamente justos". Essa perspectiva é muito marcante nos escritos judeus, conforme o Novo Testamento deixa implícito, e é corroborada pelos estudiosos bíblicos modernos. Pessoas como os fariseus são os nossos próximos e colegas de trabalho bastante amigáveis, nossos cidadãos honrados e líderes civis e os membros e pastores do conselho de nossa igreja. Na verdade, os fariseus somos nós!

Os fariseus eram indivíduos religiosos bem-intencionados. Entretanto, exatamente essa bondade e essa piedade eram parte do problema que tinham com Jesus, e este com eles. Jesus tratou os fariseus de forma muito "rude" não porque eles estavam longe da verdade, mas porque eles estavam próximo demais. E sendo realistas, sabemos que, geralmente, falamos de forma mais direta com as pessoas que mais amamos, isso mesmo, até de forma "rude". No entanto, como muitas vezes acontece, aqueles que estão mais distantes do reino de Deus são os que estão mais próximos dele, os que não conseguem ver o quadro geral, pois se atêm aos detalhes.

Nós, os cristãos que somos cada vez mais o objeto de caricaturas prejudiciais (ousaria dizer odiosas), deveríamos ser particularmente sensíveis às interpretações equivocadas. Portanto, precisamos manter nossa caricatura dos fariseus. Os paralelos entre os fariseus da época de Jesus e os cristãos evangélicos de hoje são surpreendentes. Precisamos examinar de forma totalmente nova esse grupo de pessoas religiosas e aprender as verdades que Deus intentou para o nosso bem.

Capítulo três

Nossos amigos, os fariseus

Todas as noites, o comediante David Letterman revela sua lista dos "Dez Mais", uma lista inteligente que faz piada com um tópico da atualidade. A lista dos "Dez Mais" se tornou um dos quadros favoritos dos que assistem tarde da noite a seu programa de televisão, um verdadeiro sucesso. A lista é bem-humorada, embora muitos itens tenham um fundo de verdade.

À medida que consideramos o papel dos fariseus, naquela época e hoje, devemos também seguir a abordagem dos "Dez Mais". Creio que a lista dos "Dez Mais" que apresento a seguir terá um fundo de verdade, como a lista de Letterman – e causará um profundo impacto em nosso coração religioso. Devemos examinar essa lista sobre a razão por que esses nossos "inimigos" podem realmente se tornar nossos amigos. E compreenderemos melhor por que saber mais sobre os fariseus é algo que pode nos ajudar a crescer em nosso relacionamento com Cristo e com nosso Pai celestial.

Eis aqui os "Dez Mais" motivos por que precisamos de um retrato apurado dos fariseus.

MOTIVO NÚMERO 10: OS FARISEUS ESTÃO VIVOS E PASSAM BEM!

Os fariseus estão vivos e passam bem. Eles vivem nos lugares mais improváveis: nossos seminários, nossas igrejas – até mesmo em nossas casas! Podemos nos esforçar para nos distanciar deles, esses camaradas cruéis, muito conhecidos e muito desprezados, da Bíblia. No entanto, os fariseus são muito mais parecidos conosco do que imaginamos.

Na verdade, os grupos que existiam em Israel por volta da época de Cristo são protótipos do cenário religioso de todas as épocas. Sempre teremos os conservadores, os liberais e os moderados. Atualmente, como na época de Jesus, podemos encontrar supernaturalistas e naturalistas. Hoje, como naquela época, podemos localizar os separatistas e os conformistas. Além disso, o *continuum* religioso agora, como na época de Jesus, inclui os zelotes e os amantes da paz, aqueles que insistem na ortodoxia rigorosa e os que ultrapassam os padrões aceitáveis.

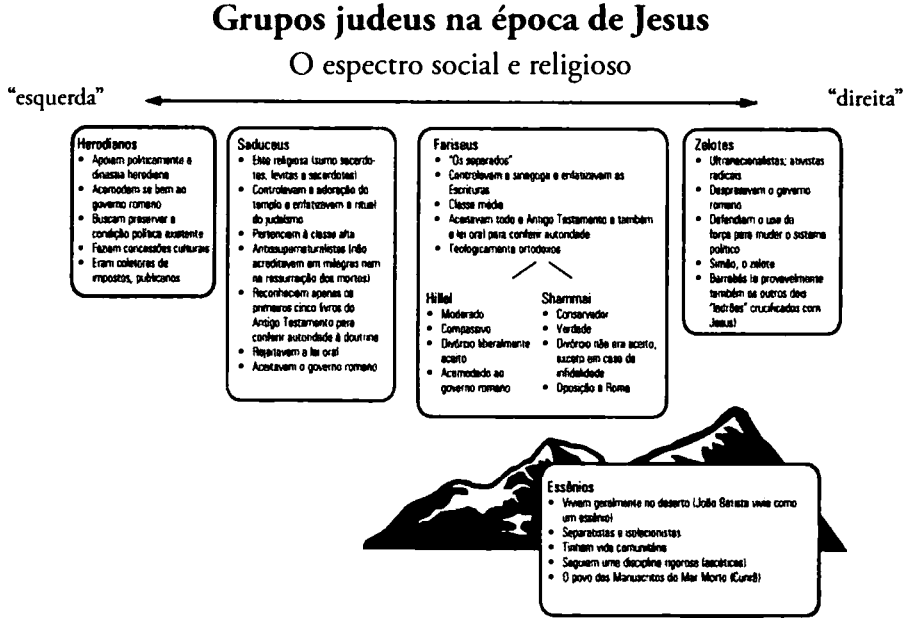
Reconheço os perigos dos estereótipos. Entretanto, os estereótipos tendem a se desenvolver de coisas típicas. É tolo não traçar paralelos históricos legítimos, pois podemos aprender com eles. Salomão nos ensinou que não há nada de "novo debaixo do sol". Nenhum de nós é excepcional; todos nós compartilhamos nossas características com o restante da humanidade. O comportamento humano tende a acontecer em padrões familiares. Os fariseus eram um dos cinco grupos identificados que compunham o cenário social e religioso da época de Jesus. Conforme demonstrado no quadro da página 41, eles se estendiam por todo o espectro político e religioso.

Os que mais se acomodaram ao governo dos romanos foram *os herodianos*; os que menos se acomodaram a esse governo eram *os zelotes*, os radicais de direita daquela época. Os isolacionistas, os que não queriam ter muita interação com a sociedade, eram *os essênios*. Eles optaram por sair da cultura a fim de buscar uma vida santa para a qual, conforme eles acreditavam, Deus os chamara. *Os saduceus* eram muitas vezes os inimigos dos fariseus e também companheiros deles, pois eram membros do sinédrio, a organização judia governante. Eles rejeitavam as tradições orais e não acreditavam na ressurreição do corpo. Isso os levava a divergir dos fariseus que defendiam as tradições dos anciãos e abraçavam a ressurreição do corpo.

Se observarmos o quadro mencionado, veremos que não havia unanimidade nas crenças *dos fariseus*. Eles se dividiam em dois grandes grupos, denominados de acordo com os dois grandes rabinos, Hillel e Shammai. Enquanto Shammai interpretava a lei de forma rigorosa, Hillel rejeitava o que considerava estrito, as aplicações desumanas da lei. Shammai se concentrava na verdade

da Lei de Deus. Hillel levava a lei a sério, mas a compaixão era o viés que ele favorecia.

Todos os cinco grupos encontram paralelos nos grupos religiosos de hoje. Os herodianos podem ser vistos naqueles que buscam abraçar a cultura; os zelotes, em grupos radicais (especialmente as seitas) que ganham notoriedade; os essênios, em grupos separatistas ou monásticos; e os saduceus, em grupos cristãos com tendências liberais.



No grupo dos fariseus, o fariseu do grupo de Hillel, de muitas maneiras, é como o evangélico atual; o fariseu do grupo de Shammai se parece com o fundamentalista. Na verdade, os fariseus, mais que qualquer grupo da época de Jesus, podem ser comparados aos cristãos conservadores. Eles aceitam todo o conselho das Escrituras, não apenas uma versão atenuada e politicamente correta, como faziam os saduceus. Eles caminhavam em um terreno bem central que ficava entre o extremo separatismo dos essênios e a capitulação dos herodianos. Eles eram os protótipos das pessoas sinceras de todas as épocas

que acreditam na Bíblia e que praticam a Palavra. Eles eram os mais sérios em relação a sua fé sem cair no extremo do fanatismo, nem para a esquerda nem para a direita.

MOTIVO NÚMERO 9: OS FARISEUS GANHARAM O PRÊMIO DE "MELHORES ATORES COADJUVANTES" DOS EVANGELHOS

Anúncios de filmes elogiam os astros principais. Mas os atores coadjuvantes são igualmente importantes, conforme demonstrado pela empolgação do Prêmio da Academia, quando os melhores atores e atrizes coadjuvantes recebem o Oscar e aplaudem seus colegas. Se criássemos um anúncio para os evangelhos, quais atores e atrizes receberiam os maiores elogios? Obviamente, Jesus é a atração principal. O segundo lugar, o principal antagonista e candidato para melhor ator coadjuvante? Ninguém mais que os fariseus.

Por que Deus coloca os fariseus em lugar de tamanha proeminência, no centro dos quatro evangelhos, na sua santa Palavra? Obviamente, Deus tinha a intenção de que o leitor examinasse muito os fariseus, caso contrário não teria devotado muita tinta a eles. Porém, a maioria de nós, inclusive eu mesmo, jamais considerou os motivos para a proeminência dos fariseus.

Os fariseus são os atores coadjuvantes mais importantes no grande drama da salvação. Eles são mencionados em mais de cem versículos do Novo Testamento; ainda assim, os cristãos muitas vezes os ignoram, exceto por um ocasional olhar de desprezo. Ignorar os fariseus – ou compreendê-los de forma equivocada – é como assistir a uma peça de teatro sem conflito, um drama desprovido de alguns de seus mais importantes atores.

MOTIVO NÚMERO 8: COMPREENDER OS FARISEUS NOS AJUDA A LIDAR DE FORMA ACURADA COM AS ESCRITURAS

O maior filme sobre a vida de Jesus, em grande parte, corresponde à sua declaração de que apresenta o "evangelho de Lucas com precisão histórica e bíblica". O ator que representa Jesus só fala as palavras das Escrituras.

Entretanto, um erro surpreendente é inserido na narrativa: na parábola do bom samaritano, o contexto bíblico é ignorado, e um cenário do tipo Escola Dominical é inserido no texto. A mensagem básica da parábola, conforme contada primeiramente para um grupo de crianças, é "seja amável com todos porque todos são seus próximos". Essa mensagem contradiz a intenção real desse trecho mordaz das Escrituras. Na realidade, Jesus estava ensinando uma poderosa lição sobre considerar-se justo a adultos religiosos, não a crianças.

A parábola foi apresentada para atingir o coração do doutor da lei que costumava justificar a si mesmo, como também o coração de todas as pessoas religiosas. Mas no filme – e em muitos comentários bíblicos – isso foi alterado. Por quê? Creio que muitos estão cegos para o sentido dessa passagem das Escrituras por causa da dificuldade de admitir que ela é direcionada às pessoas religiosas – os fariseus modernos como nós. Fugimos (e acho que de forma subconsciente) de nos ver retratados nesses ensinamentos tão claros do texto.

Fazemos isso com muitas porções das Escrituras que tratam dos fariseus. Paulo nos instrui a manejar "[...] bem a palavra de verdade" (2Tm 2.15), mas, quando temos uma visão tão distorcida dos fariseus, lemos de forma equivocada os textos da Bíblia e os aplicamos erroneamente.

Com regularidade, interpretamos falsamente esses textos das Escrituras e os destituímos do poder intencionado para os fariseus, do passado e do presente. Por exemplo, a poderosa parábola do filho pródigo foi contada primeiramente para os fariseus. Entretanto, na igreja em que fui criado, os pastores desenvolviam o tema de forma eloquente, concentrando-se na vida desobediente do filho mais jovem (para propósitos evangelísticos), enquanto negligenciavam o tema principal da parábola: as atitudes e as ações do filho mais velho. Essa ênfase equivocada é pregada para aqueles que frequentam a igreja, e poucos deles são verdadeiramente pródigos, e muitos deles são como o filho mais velho que ficou em casa, um homem fiel, mas que não demonstra graça para o desviado.

Essas duas parábolas são as mais conhecidas, os trechos mais amados das Escrituras de toda a Bíblia. E em razão de nossa compreensão equivocada dos fariseus, deixamos de perceber o poder pessoal delas. Precisamos compreender

os fariseus a fim de fazer justiça à santa Palavra de Deus – para dividir a Palavra da Verdade de forma correta, não incorreta.

MOTIVO NÚMERO 7:
PESSOAS MAL ORIENTADAS PODEM SER MORALMENTE BOAS

Meus filhos têm amigos na escola e na vizinhança que são da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ou seja, eles são mórmons. Em várias ocasiões, meus filhos me perguntaram: "Papai, os mórmons são maus?" Sinto-me propenso a responder de imediato: "São sim!", por causa da teologia mal orientada dos mórmons e de meu desejo de proteger meus filhos de cair nessa armadilha. Entretanto, a honestidade exige outra abordagem.

Sei, como meus filhos também o sabem, que os mórmons defendem muitas boas causas e que o estilo de vida deles é exemplar. Em geral, têm elevado padrão moral e são boas pessoas. São voltados para a família e, muitas vezes, são cidadãos modelos. Entretanto, a teologia deles é profundamente distorcida; e a religião, sutilmente sedutora.

Portanto, minha resposta é a seguinte: "Eles não são pessoas más, mas aquilo em que acreditam não é verdade". Se não fizesse isso, sei que não só orientaria meus filhos de forma equivocada, mas também que minha desonestidade seria descoberta por meus filhos, e, desse modo, estaria semeando a desconfiança. Todavia, tenho mais uma razão para a resposta que dou. Não quero de forma alguma passar sutilmente a informação de que os cristãos são as pessoas boas do mundo; e os que não são cristãos, as más. Se fizesse isso, não só mentiria para meus filhos, mas também os prepararia para uma real crise de consciência mais tarde em sua vida. A verdade é que uma boa religião não produz necessariamente pessoas boas; e uma má religião, pessoas más. Aprendi essa lição primeiramente com os fariseus.

A verdade pura e simples é que as pessoas podem ser boas e estar enganadas. No começo de minha vida religiosa, adquiri a noção de que aqueles que creem na verdade de Cristo eram pessoas boas, e os que a ignoravam eram pessoas más. Contudo, a vida não é tão simples assim. Algumas vezes, aqueles que se abraçam à verdade são canalhas, e os que afirmam o erro, corretos. É

possível apegar-se firmemente a um sistema de meias-verdades e distorções sutis e, ainda assim, ter um alto padrão de moral. Não existe uma conexão necessária entre a verdade e a aparente moralidade.

Os fariseus eram os que ilustravam, de forma mais vívida, que a bondade e a verdadeira santidade não estão necessariamente conectadas uma à outra. Os fariseus eram excelentes exemplos de humanidade. Sem o poder do Espírito Santo, como eles conseguiam isso? Com qual poder eles conseguiam ser tão "justos" em sua vida? O poder da religião! A religião tem a habilidade de influenciar de forma poderosa o comportamento humano. Aprendi que a religião pode ser uma força poderosa para o "bem".

MOTIVO NÚMERO 6:
A RELIGIÃO QUE FUNCIONA, REALMENTE FUNCIONA

Moro perto de uma das cidades mais espirituais dos Estados Unidos: Boulder, Colorado. Se você conhece alguma coisa sobre Boulder, certamente protestaria diante dessa afirmação. Boulder é conhecida como uma cidade de festas e um centro da Nova Era. Ela, de forma bem-humorada, é conhecida como "A República Popular de Boulder" por causa de sua filosofia com tendências de esquerda. Ela é muito antagônica ao cristianismo histórico.

No entanto, essa cidade é altamente espiritual. Em Boulder, é fácil encontrar lojas que vendem cristais, livrarias especializadas em metafísica, pessoas que leem as cartas de tarô, médiuns, centros de religião oriental e aulas de ioga. As pessoas dessa cidade são profundamente religiosas e buscam "chegar às alturas".

A religião tornou-se cada vez mais atraente à medida que se buscaram respostas na educação, na legislação, no materialismo e na tecnologia, e todas elas foram insatisfatórias. As pessoas, seres religiosos por natureza, buscam ancoradouros religiosos relevantes. Infelizmente, a procura deles muitas vezes nos leva a direções bizarras. A compreensão do farisaísmo nos revela o domínio que a religião pode exercer sobre a alma humana, sem que se leve em consideração sua verdade. No farisaísmo, vemos a religião em sua melhor atuação, embora esteja muito aquém da marca da verdade de Deus.

Talvez Deus exponha o farisaísmo de forma tão proeminente na Bíblia a ponto de fornecer um retrato claro de uma religião que pode produzir um comportamento justo, mas não um coração justo; pode criar alguém que tem em mãos grandes porções da verdade, mas que a distorce sutilmente.

O legalismo foi um dos inimigos mais prevalentes do cristianismo autêntico nesses últimos 1.900 anos. Os fariseus servem de constante lembrete espiritual de que a religião pode ser uma falsificação e, inevitavelmente, o será. Da época de Jesus em diante, as perversões sutis do farisaísmo invadiram de forma persistente a igreja. Tradições, separatismo, o considerar-se justo e o cerco ao desempenho são algumas de suas manifestações na igreja hoje.

MOTIVO NÚMERO 5: COMPREENDER OS FARISEUS AJUDA OS PASTORES A SOBREVIVER

Você consegue imaginar um batedor assinar um contrato para jogar na liga principal embora ele nunca tenha se deparado com uma bola curva? Um candidato para um cargo público pode ser eleito sem se encontrar com repórteres, especialmente aqueles que o antagonizam? Será que um médico ortopedista faria uma cirurgia de cérebro? É claro que não. Há certos pré-requisitos que sobrevivem em quase todas as ocupações. Qualquer pastor, para liderar de forma eficaz a igreja de Cristo, precisa ter um treinamento de sobrevivência, e este tem de incluir uma compreensão precisa dos fariseus.

Todo pastor se defrontará com o farisaísmo. Um pastor armado com teologia, exegese grega e hebraica, técnicas de exposição da palavra e teologia pastoral, mas ainda sem consciência da infiltração do farisaísmo, corteja o desastre. Assim, compreender os fariseus equipa o pastor a encontrar as distorções sutis e, às vezes, a crueldade inesperada das pessoas que frequentam a igreja. Isso ajuda o ministro a encarar as forças que se espreitam em sua alma – o flagelo do considerar-se justo e seu primo, o desprezo pelos outros. Um pastor ingênuo que ignora a presença, o poder e as práticas dos fariseus está sujeito a ser "pego de surpresa" pelo que descobre na igreja – e, algumas vezes, em sua alma.

Examinando as Escrituras, é possível descobrir que os inimigos mais implacáveis de Deus raramente são as pessoas "mundanas". Os principais

inimigos dos justos são muitas vezes as pessoas religiosas! No Antigo Testamento, os principais inimigos dos profetas eram os falsos profetas. No Novo Testamento, os principais oponentes de Jesus eram os fariseus; os de Paulo, os judaizantes; e a igreja primitiva tinha de contender constantemente com os falsos mestres. Todos pertenciam ao grupo, não eram pessoas de fora. Na igreja moderna, algumas vezes os pastores se encontram com cristãos bem-intencionados que têm muito conhecimento sobre a Bíblia, e esse conhecimento vem acompanhado de muito conhecimento de Deus. O primeiro encontro de um jovem pastor ou líder de igreja com o diabólico poder da religião pode ser devastador.

Compreender os fariseus fornece ajuda substancial para liderar uma congregação em direção à mudança bíblica e ao impacto cultural. Quando um pastor pode identificar o farisaísmo na própria vida e na vida de seu rebanho, e quando ele compreende o farisaísmo das Escrituras, ele consegue amar o fariseu e odiar o farisaísmo.

MOTIVO NÚMERO 4: OS FARISEUS SUGEREM UMA NOVA ESTRATÉGIA EVANGELÍSTICA: ENCONTRAR O PERDIDO E PERDER O ENCONTRADO

Compreender os fariseus pode alterar nossa estratégia evangelística. Temos de achar os espiritualmente perdidos e também ajudar os religiosos a perceber que eles talvez não tenham encontrado Deus. Jesus, durante seu ministério, encontrou muitos que achavam que eram herdeiros espirituais de Abraão que, na realidade, estavam fora do reino. Jesus sabia que tinha de fazer essas pessoas perceber seu estado de perdido antes que pudesse levá-las a reconhecer sua necessidade real por um salvador. Jesus, com aqueles que entendiam sua doença espiritual, era o gracioso médico. No entanto, com aqueles que se orgulhavam de sua bondade, ele era rápido em colocar o dedo sobre seus pecados e não tirá-lo dali até que eles se arrependessem ou o rejeitassem. Jesus trabalhou arduamente para mostrar às pessoas perdidas seu estado eterno de perdição.

Pelo menos três exemplos bíblicos básicos de "perder pessoas" vêm à mente do ministro de Jesus. Quando o religioso Nicodemos, um fariseu importante,

veio a Jesus para ter uma discussão teológica com ele, Jesus colocou o dedo naquilo que faltava, ou seja, o renascimento espiritual (Jo 3.3). Nicodemos pensou que ele estava no reino de Deus, e Jesus teve de acertá-lo com força para convencê-lo de que, na realidade, ele estava fora. Na parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37), Jesus, de forma magistral, procurou convencer um estudioso da Bíblia, que se justificava, de que ele estava infinitamente aquém do padrão do Senhor, ou seja, o de amar a Deus de todo seu coração, de toda sua alma, de toda sua mente e com todas as suas forças e ao próximo como a si mesmo. Em amor, Jesus trabalhou para que ele "se perdesse". O ponto principal da história do jovem governador rico (Mt 19.16-26) não é que alguém precisa vender tudo para se tornar cristão. Ao contrário, a intenção do Senhor era fazer um bom homem se "perder" ao colocar seu divino dedo na área da idolatria egoísta. Mais uma vez, Jesus buscou fazer que ele se perdesse antes que pudesse entregar-lhe o evangelho.

Jesus devotou muitas de suas parábolas e ensinamentos às "pessoas perdidas". Ele sabia que o quebrantamento deve preceder a abertura para o evangelho. Ele também sabia que o farisaísmo, a expressão religiosa dominante de sua época, produzia um falso senso de segurança eterna. Ele não ficava contente em permitir que aqueles que estavam espiritualmente mortos acreditassem que estavam vivos. Nem nós devemos achar isso. Ao contrário, precisamos orar para que o Espírito nos convença "[...] do pecado, da justiça e do juízo" (Jo 16.8). Os pastores não podem fazer um desserviço maior para as pessoas que convencer aqueles que estão a caminho do inferno de que eles estão no caminho para o céu.

MOTIVO NÚMERO 3: OS FARISEUS NOS MOSTRAM COMO RECUPERAR AS PESSOAS DESILUDIDAS QUE ESTÃO FORA DA IGREJA

Um dos segmentos maiores e que mais cresce no cenário religioso estadunidense é o de "pessoas sem igreja". Essas já foram pessoas ativas na igreja, e algumas eram líderes altamente envolvidos com igreja. Entretanto, essas pessoas, agora, se apagaram por falta de combustível, sentem-se desencorajadas e,

em alguns casos, deixaram de ir à igreja. Há muitas pessoas que frequentavam a igreja jogando golfe, pescando e dormindo aos domingos de manhã. Algumas delas escolheram um estilo de vida hostil ao cristianismo e, portanto, abandonaram de vez a igreja. Outras estão desgostosas com a religião. Algumas anseiam por uma experiência religiosa mais relevante. Outras simplesmente já não se importam mais com nada que diga respeito à igreja.

Você e eu, provavelmente, também encontramos coisas na igreja que são erradas: maus-tratos, crueldade e hipocrisia sobejam dentro da igreja. Quando alguém vê coisas erradas e tem de enfrentar seu poder destrutivo, é fácil desistir da instituição. No entanto, duas coisas podem nos ajudar a ficar no prumo. Primeira, perceba que a maioria de nós é como os fariseus. Para mim, o ápice do considerar-me justo é condenar os outros pelos pecados de minha alma. Segunda, reconheça que Deus, por intermédio da Bíblia, salientou que a religião é algo endêmico: a falsa religião e o farisaísmo sempre estarão conosco. Precisamos lidar com eles, sem abandonar o barco, pelo bem de nossa alma.

Meu coração se solidariza com os céticos e os desiludidos porque poderia muito bem me juntar a suas fileiras. Poderia me distanciar de Cristo por causa da frustração com a igreja. No entanto, acredito que a boa compreensão dos fariseus bíblicos ajuda a focar melhor parte dessa decepção. Isso permitiria que amássemos a igreja e, até mesmo, os fariseus, com suas falhas e tudo o mais.

MOTIVO NÚMERO 2: OS FARISEUS PODEM AJUDAR OS PAIS DE "BONS" FILHOS A RECONHECER A REBELIÃO PASSIVA

Hoje, a maioria das orientações é para os pais de crianças abertamente desobedientes, mas elas ignoram o que está escondido na criança obediente. Isso se assemelha ao médico que só vê os sintomas exteriores, a dificuldade de respirar e a congestão, e faz o diagnóstico de resfriado, quando outros testes mostrariam que esses sintomas parecidos com o do resfriado escondem uma pneumonia. Um bom pai quer ir além dos sintomas superficiais da desobediência para detectar o caráter mais íntimo e mais profundo da criança. É

interessante observar que compreender bem os fariseus pode ajudar os pais a ver e a tratar de forma eficaz a pneumonia espiritual de seus filhos.

Para mim, o texto mais magnífico sobre paternidade é a parábola do filho pródigo (Lc 15). Ali temos um pai que, embora os filhos sejam rebeldes, demonstra a forma sábia de ser pai. Temos a tendência de identificar só o mais jovem como "pródigo". Percebemos de imediato a flagrante rebelião e a rotulamos de pecado. No entanto, se nossos filhos não quebram as regras e têm uma participação ativa na igreja, ficamos satisfeitos. Achamos que fizemos nosso trabalho. A parábola nos traz à lembrança que há um pecado mais sinistro do coração que a rebelião ativa, a saber, a rebelião passiva.

Temos a tendência de não ver o pecado da criança que fica perto de casa, trabalha arduamente, respeita as regras, não se envolve em encrencas, não pede dinheiro nem vive em festas etc. Elogiamos essa criança. Todavia, temos consciência dos pecados sutis do coração que muitas vezes permanecem escondidos – e, exatamente por isso são mais perigosos? Classificamos a conduta desprovida de graça de pecado. E o que dizer para a ausência de graça? Ficamos perplexos com o sexo passional. Mas e quanto à doença espiritual ainda maior da amargura acalantada em fogo baixo? O "país distante" é obviamente um lugar de "vinho, mulheres e música". Mas não é possível que o camarada que trabalha arduamente no "campo" da vida possa igualmente se desviar? Quando alguém vê a Deus como um pão doce e leva uma vida libertina, nós nos encolhemos de medo. No entanto, será que ficamos igualmente perplexos quando um de nossos irmãos vê Deus como um tirano e obedece por medo de reprimenda? O legalismo é melhor que a ausência de lei?

Embora famílias cristãs possam se sair melhor que a média no que diz respeito a preservar os filhos de levar uma vida pervertida e imoral, pais e líderes cristãos podem, de forma involuntária, contribuir para que os filhos levem uma vida iludida. Muitas vezes as consequências do pecado aberto são tão dolorosas que a pessoa, por fim, recobra seu senso espiritual, arrepende-se e volta para casa. Entretanto, há uma sinistra segurança nos pecados espirituais. Eles são reforçados pela família e pela igreja. E esse reforço pode fazer a pessoa jamais recobrir seu senso espiritual. Como os pais são forçados a fazer escolhas,

eu provavelmente preferiria uma criança que se desvia e, por fim, recobra seu senso espiritual que aquela que sempre faz as coisas certas, mas jamais teve um relacionamento correto com Deus.

Compreender os fariseus pode ajudar tremendamente a educação cristã, particularmente ao reconhecer a rebelião passiva de nossos filhos.

MOTIVO NÚMERO 1: OS FARISEUS SOMOS NÓS!

O motivo número um para compreender de forma acurada os fariseus é a relevância pessoal deles. Os fariseus fornecem um dos melhores espelhos que a Bíblia nos apresenta para que vejamos ali nosso "eu" religioso exatamente da forma que somos. Isso mesmo, os fariseus somos nós!

Quando os fariseus são os principais antagonistas na cena com Jesus, normalmente assumimos a perspectiva de observadores imparciais. Não sentimos que podemos nos identificar com eles. Entretanto, o poder do texto aumenta dez vezes quando vemos a nós mesmos nos fariseus, os inimigos mais ferozes de Jesus, mas também os que ele amava profundamente. Se entendermos corretamente o ataque que Jesus desferiu à tradição dos fariseus, a forma que esmagou seu sistema, como destruiu as cercas que eles ergueram, como expôs a insinceridade velada deles, é fácil perceber de que maneira esse grupo passou a desprezá-lo. Provavelmente, faríamos o mesmo se Jesus visitasse nossa igreja hoje. Nossas sensibilidades e reações religiosas são mais parecidas com as dos fariseus do que gostaríamos de admitir.

O motivo principal por que precisamos entender corretamente os fariseus diz respeito ao nosso desenvolvimento espiritual. O crescimento espiritual começa com um senso de desesperada necessidade no mais íntimo de nossa alma. Descobrimos, por intermédio do Espírito de Deus, que não somos quem pensávamos que éramos. Estamos falidos espiritualmente e precisamos desesperadamente da ajuda de Deus.

Os fariseus são espelhos espirituais divinos que fazem refletir a condição de nosso coração. Qual seria nossa aparência se não tivéssemos espelhos? Não prestaríamos atenção a nossa aparência desmantelada. Por fim, acabaríamos

por nos convencer, simplesmente por ignorar a realidade, que nossa aparência está boa quando, na realidade, não está. Precisamos olhar no espelho espiritual dos fariseus e nos ver ali.

Quando me vi a primeira vez como fariseu, fiquei perplexo. Comecei a reconhecer que os pecados secretos que conseguira esconder dos outros não eram menos maléficos que os pecados flagrantes de meus iguais. Fazia, quase instintivamente, a coisa certa, mas não me tornava mais justo. Embora meu comportamento fosse excelente, ficaria horrorizado se alguém resolvesse fazer uma gravação de minha mente. Eu conseguira banalizar o cerne da mensagem cristã e me considerava justo, exatamente como os fariseus.

Posteriormente, li G. K. Chesterton e compreendi uma verdade fundamental: "Nenhum homem pode ser realmente bom até que saiba o quanto é mau ou poderia sê-lo; [...] até que tenha espremido de sua alma a última gota do óleo dos fariseus".[14]

Esses Dez Mais Motivos para ter um retrato preciso dos fariseus pode surpreender você, mas eles mostram como Deus pode nos ensinar por intermédio das histórias dos fariseus. Iniciemos agora a pintura de um retrato mais completo dessas pessoas que, aparentemente, eram justas. Durante esse processo, aprenderemos o que quer dizer ser verdadeiramente justo – como viver de forma correta diante de Deus e de todas as pessoas, nossas companheiras de jornada.

---

[14] CHESTERTON, G. K. *The secret father Brown*. Mattituck, N. Y.: Amercon, s.d.

Capítulo quatro

Quando a correção leva ao erro

Vários anos atrás, um líder cristão esteve no escritório do presidente de uma universidade para organizar seus pensamentos antes do discurso na cerimônia de distribuição de diplomas. Um membro do conselho de diretores da universidade também estava naquele escritório e procurava de forma desajeitada estabelecer um diálogo com o convidado. Por fim, deixou escapar uma pergunta:

– Se Satanás quisesse derrotá-lo de forma fulminante, o que ele faria?

O palestrante ficou surpreso com a pergunta e, por fim, começou explicar: – Bem, não sei como ele faria isso, mas sei como ele jamais poderia fazer isso. Satanás jamais me pegaria em nenhuma área que diga respeito à moralidade e relacionamentos pessoais. Ele não poderia fazer isso. Sou muito forte nessas áreas. Cumpri todas minhas devidas obrigações com meu casamento e minha família. Fiz isso se tornar uma ciência. Escrevi sobre o assunto. Tenho um ótimo casamento. Portanto, ele pode me pegar pelo orgulho, talvez pela arrogância, ou por centenas de outras formas, mas ele jamais me pegará nessa área.

Algum tempo depois, esse líder caiu em pecado na área moral.

Esse líder acreditava na depravação do coração humano, pregava e escrevia sobre o assunto. Como poderia achar que era imune a alguns tipos de pecado? *Ele não deveria estar sintonizado consigo mesmo,* pensei. *Como ele pôde ser tão cego em relação ao potencial para a maldade que habitava em seu íntimo?*

Percebi, desde essa época, que a resposta para essa questão era a seguinte: ele ficou cego para o potencial para a maldade da mesma forma que somos cegos para isso em relação a nós! Muitas vezes, até que sejamos forçados por nossas falhas a admitir a maldade que habita em nosso íntimo, somos cegos

para essa realidade e tentamos encobri-la. Isso mesmo, podemos acreditar e defender nosso conceito teológico da depravação. Contudo, nem sempre o levamos a sério em nossa vida. Existe um Hitler em cada um de nós, e realmente não gostamos de admitir essa verdade! A religião, no entanto, tende a obscurecer essa verdade. Em razão disso, considerar-se justo passa a ter um cenário perfeito para florescer.

POR QUE O FATO DE NOS ACHARMOS JUSTOS FICA ENCOBERTO?

Aqueles que seguem a Cristo afirmam comumente a total depravação dos seres humanos e a imputável justiça de Cristo, nosso Salvador. No entanto, na prática, nós, os cristãos, negamos essas verdades; temos a tendência de nos considerar justos. Na igreja primitiva, o apóstolo Paulo trabalhava para prevenir que guardar a lei não destruísse o evangelho. Todavia, quando a salvação pela graça parecia ter sido aceita (At 15), nasceu a santificação pelo guardar a lei (Gl 3.3). E isso vem amadurecendo desde essa época.

A falha fatal dos fariseus é o fato de que se acham extremamente justos. Isso é algo que fica à espreita logo abaixo da superfície de nossa alma evangélica. Todavia, nós não vemos isso! Por quê? Talvez porque levemos uma vida tão boa que busquemos o pecado em todos os lugares errados! Sintonizamos os símbolos externos da bondade, mas deixamos de perceber os sintomas internos da maldade. O Senhor Jesus, no entanto, não quer que vivamos na pseudossegurança da justiça humana. Enquanto esteve na terra, ele amou muito as pessoas para permitir que elas continuassem em seus agradáveis caminhos religiosos, totalmente cegas para a sua verdadeira condição espiritual. Ao contrário, ele se envolveu regularmente no ministério de capacitação das pessoas religiosas para que encontrassem a liberdade e a verdadeira vida.

O Espírito Santo está pronto hoje da mesma maneira que Jesus estava muitos anos atrás para abrir nossos olhos ao fato de nos acharmos extremamente justos. Entretanto, temos pontos cegos. A sociedade, a moralidade, a religião e o conhecimento nos cegam.

Primeiro, a *sociedade nos cega.* Por nos envolvermos em boas causas, mais que a maioria das pessoas de nossa cultura, nós, os cristãos, podemos afirmar

legitimamente que nossa preocupação social é superior à de muitas pessoas. Isso pode nos cegar às sutis sementes do mal de nos acharmos justos, sementes essas que brotam em nossa alma. Os fariseus, em geral, por serem boas pessoas, são muito estimados na sociedade (Lc 16.15). Quando nos comparamos de forma favorável a nossos iguais, achamos que estamos nos saindo bem. É fácil negligenciar uma medida muito mais relevante, a saber, a vida de Jesus.

Segundo, a *moralidade nos cega.* Basicamente, os cristãos são pessoas que guardam zelosamente a lei e que demonstram ter uma moralidade recomendável. Entretanto, aqueles que levam uma vida moralmente boa podem ficar cegos a ponto de acreditar que realmente alcançam as exigências de Deus para uma vida santa. Se a justiça for definida em termos de comportamento observável, é possível, e até mesmo provável, que as pessoas religiosas se convençam que elas realmente guardam a Lei. No entanto, Jesus salienta que os fariseus "guardam" a Lei só porque eles conseguiram, de forma muito eficiente, deixá-la superficial. Não somos diferentes deles no que diz respeito a guardar a Lei.

Terceiro, a *religião nos cega.* Se a religião pode ser definida por aquilo em que acreditamos e como nos comportamos, então é possível convencer-nos a nós mesmos que somos um sucesso em termos religiosos. O fariseu a quem Jesus se dirigiu em Lucas 18.11,12 considerava-se justo porque era religioso; ou seja, ele fazia coisas religiosas e evitava comportamentos irreligiosos. O sistema religioso desse fariseu o convencia de que havia uma solução para todo pecado, e sua atividade religiosa agradava a Deus. Contudo, sua religião, embora fosse possível de produzir bom comportamento externo, não conseguia transformar seu coração. A religião pode nos cegar para a depravação pessoal.

Quarto, o *conhecimento nos cega.* O conhecimento bíblico pode mascarar a consciência de nossa depravação. Conhecer as Escrituras é algo que impressiona as pessoas e as deixa com a noção (muitas vezes falsa) de que devemos estar andando próximo de Deus. Um dos perigos de ter grande habilidade com a Bíblia é achar que, porque conhecemos a Palavra de Deus, conhecemos o Senhor. A conexão não é simplesmente direta. Poucos na história da humanidade compreenderam melhor a Palavra de Deus que os

fariseus. Entretanto, eles não tiveram a percepção de que o Deus encarnado vivia entre eles. O apóstolo Tiago chega até mesmo a alertar-nos que conhecer sem cumprir faz que enganemos a nós mesmos (1.22). Embora possamos entender que conhecer sobre Deus não é a mesma coisa que conhecer a Deus, é muito fácil tornar indistinta essa diferença.

A sociedade, a moralidade, a religião e o conhecimento conspiram para fazer que não vejamos o fato de que nos consideramos justos. Portanto, como podemos ver? Ao procurar alguns sinais reveladores.

SINAL DE ALERTA PARA O FARISAÍSMO

Onde devemos procurar os sinais do farisaísmo? Infelizmente, esse comportamento não vem com um sinal de alerta; e ele não é fácil de detectar. Se perguntarmos a qualquer cristão (aliás, a qualquer pessoa), ele dificilmente admitiria que é extremamente justo. Nossa teologia abomina as pessoas que se consideram extremamente justas. Até mesmo a cultura popular evita esse comportamento. Somos bastante sofisticados e temos razoável autocontrole para encobrir a maioria das manifestações desse comportamento. E poucas vezes nossa mente é tão criativa como quando justificamos a nós mesmos.

Portanto, que indícios expõem a condição secreta de nosso coração? Certas comoções em nosso psiquismo, como os sinais de alerta nos instrumentos do painel do carro, podem nos ajudar a identificar as atitudes farisaicas em nossa vida.

Sinal de alerta número 1: Uma visão desdenhosa dos outros

Comparo-me aos outros e olho de cima os que não vivem como eu vivo? É claro, o tempo todo! Essa tendência de comparar minhas virtudes com a dos outros é endêmica na humanidade. Qualquer tipo de desprezo pelos outros é um sinal revelador de meu farisaísmo secreto.

Jesus contou a parábola do fariseu e do publicano, ou coletor de impostos, para algumas pessoas que se consideravam extremamente justas e olhavam os outros com desdém (Lc 18.9). Esse desdém é um sinal de alerta do considerar-se

extremamente justo. Como vemos os pecadores que não se equiparam a nós e os santos que caíram em pecado? Nós, de forma subconsciente, exultamos com suas más ações e nos gloriamos com sua vergonha? Somos arrogantes em relação ao que conquistamos e ao que conseguimos evitar?

Para mim, a resposta é afirmativa e muito mais. Raramente verbalizo esses pensamentos, ou, até mesmo, chego a reconhecer que os tenho. No entanto, eles estão ali. Eles vêm à tona em minhas reflexões secretas e naquilo que murmuro para mim mesmo. Eles aparecem em conversas descuidadas sobre pessoas que não estão presentes. Eles surgem repentinamente em minhas orações enquanto lamento as perversidades da cultura mais que os pecados pessoais e coletivos. Eles escapam em minhas conversas sobre membros da igreja que têm comportamentos falhos e companheiros pastores que caíram. A luz do desprezo também está piscando em seu painel? Cuidado! Um espírito crítico e insolente emana de um coração que se acha extremamente justo.

Sinal de alerta número 2: Um senso superficial de perdão

Quão profundo e bem desenvolvido é meu senso do perdão de Deus? Esse senso subjetivo é outro sintoma revelador de quanto me considero justo. Nossa consciência pessoal do perdão de Deus impactará de forma profunda nosso senso de justiça. Nossa resposta aos pecadores, particularmente àqueles que nos ofendem, é um excelente critério para medir o senso de justiça em nosso coração.

Certo dia, Jesus aceitou um convite para jantar na casa de um fariseu (Lc 7.36-50). Uma pecadora local, que não fora convidada, compareceu e causou escândalo ao lavar e ungir os pés de Jesus. O anfitrião, perplexo com o desenrolar dos fatos, murmurou entre dentes que Jesus não poderia ser um homem santo ou conheceria a magnitude do pecado daquela mulher. Jesus, por conhecer o pensamento dos fariseus, contou uma história sobre um credor e dois devedores. Como nenhum dos devedores podia pagar a dívida, o credor perdoou a dívida de ambos, uma enorme e a outra pequena. A seguir Jesus perguntou: "Qual deles, pois, o amará mais?"

"Suponho que é aquele a quem mais perdoou", respondeu o fariseu Simão. Jesus elogiou a compreensão de perdão que Simão tinha, mas, logo em seguida, expôs sua cegueira quanto à aplicação pessoal desse ponto. Suas palavras finais para Simão foram estas: "[...] mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama" (v. 47). Há uma conexão íntima entre nosso senso pessoal do perdão de Deus e a profundidade de nosso amor por ele – e, gostaria de acrescentar, e o grau de nosso senso de justiça pessoal.

Não temos a tendência de ver a profundidade de nossa depravação. Nossa bondade, riqueza, habilidade para controlar muitas facetas de nossa vida, propensão para racionalizar, capacidade de transferir a culpa e de nos justificar, foco em alguns pecados em particular, e não no pecado em si – tudo isso contribui para uma consciência superficial de nossa necessidade crítica do perdão de Deus. Simplesmente não acreditamos que exista um Hitler em nós até que sejamos levados para fora de nossa zona de conforto, caiamos de cara no chão, percamos o controle ou cometamos uma transgressão pública maior. Como, na sociedade, as pessoas religiosas, em geral, são melhores que a norma, é menos provável que percebamos a profundeza de nossa depravação. Nosso amor por Cristo pode muito bem ser superficial.

Talvez um critério ainda mais revelador de nosso senso de justiça pessoal seja a forma que oferecemos perdão àqueles que nos causaram danos. Seu perdão é oferecido de um pedestal? Quando pecam contra nós, é fácil ocupar uma posição superior, estender o perdão àqueles que demonstram sincero arrependimento como um ditador benevolente. A maneira de fazer isso é de cima para baixo; nosso comportamento, paternalista; nossa atitude, farisaica. Em Mateus 6.1-18, Jesus contrastou a verdadeira piedade com a religiosidade que agrada as pessoas. Quando falou sobre a oração, Jesus nos forneceu um alerta severo quanto ao perdão. Perdão, disse ele, é um fruto natural e necessário de termos sido perdoados por Deus. Precisamos perdoar aqueles que pecam contra nós, não como ditadores benevolentes que olham de cima para baixo, mas, antes, como colegas pecadores que olham de baixo para cima. A luz do perdão está piscando em seu painel?

Sinal de alerta número 3:
Um senso equivocado de graça e justiça

Como respondo ao trabalhar arduamente e ser ignorado quando pessoas menos merecedoras são recompensadas e promovidas? Discernimento é algo aprendido no início da vida; na verdade, ele é um dos sensos mais bem desenvolvidos de uma criança. Como pai, ouço frequentemente: "Isso não é justo!" Algo no íntimo da criança se revolta quando percebe uma injustiça, particularmente dos pais. Por que isso é assim? Por que as crianças (e adultos) reagem de forma tão veemente quando parece que não ganham o que merecem; ou quando são tratadas de forma menos agradável que outra criança? Todos nós temos um senso inato de interesse próprio e de justiça que buscamos proteger a qualquer preço. Exigimos, pelo menos, tratamento igual.

Mas a graça e a justiça não se misturam. A graça, por definição, é injusta. Ela estende favor para pessoas que não merecem. Observe bem o que aconteceu na alma do filho bonzinho, o que se sentia extremamente justo, quando o filho pródigo, o mais moço, volta para casa, e o pai idoso, graciosamente, dá uma festa (Lc 15.11-32). Ele ficou ressentido. Todo o veneno guardado a sete chaves em sua alma foi lançado sobre o pai. O filho mais velho não conseguiu se alegrar.[15] A graça de seu pai para com seu irmão que se desviara trouxe à tona o veneno do filho mais velho, pois este se sentia extremamente justo.

Ouve-se uma reclamação similar quando aqueles que despenderam pouco tempo e esforço recebem o mesmo salário que aqueles que trabalharam mais e se sacrificaram mais: "Isso não é justo!" Jesus contou a parábola sobre a graça explicando-a por intermédio das atividades do local de trabalho diário em sua cultura (Mt 20.1-16). Alguns fazendeiros que trabalhavam por uma hora receberam o mesmo salário que os que trabalharam o dia todo. Os que trabalharam o dia todo reclamaram: "Injustiça!"

Preste bem atenção quando seu coração gritar: "Injustiça". Deus pode estar dando uma oportunidade para você examinar seu coração, já que ele se acha extremamente justo. Uma razão que você e eu reagimos de forma tão forte

---

[15] Veja Lucas 15.6,9; Romanos 12.15; e 1Coríntios 12.26.

contra a injustiça que percebemos é que prezamos ter uma visão elevada de nós mesmos. Esquecemos, de forma conveniente, o que a Bíblia diz:

> Não há justo, nem sequer um. Não há quem entenda; não há quem busque a Deus. Todos se extraviaram; juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só (Rm 3.10-12).

Esquecemos que somos filhos da ira complacentes conosco mesmos e que nosso Deus gracioso empilhou presentes inestimáveis sobre nós; éramos lixo espiritual que Deus transformou em troféus (Ef 2.1-10). Justiça sem graça teria nos condenado ao inferno. A luz da justiça está piscando em seu painel?

Sinal de alerta número 4: Uma visão doentia de fracasso

Como respondo às minhas falhas e ao fato de ser exposto como pecador? Na parábola dos lavradores maus (Mt 21.33-46), Jesus deixa implícito a intenção dos fariseus de tramar sua execução. Ele descreve os fariseus como aqueles que planejaram matar o filho do dono da vinha e que rejeitaram a pedra angular. A parábola era um severo aviso cuja intenção era produzir arrependimento. Mas os fariseus, em vez de entender a admoestação como um aviso para se voltarem para Deus, se voltaram contra o Senhor e tentaram prendê-lo (v. 45,46). A exposição do coração deles não produziu arrependimento, mas revanche; não clamores de arrependimento, mas clamores para matá-lo.

O que fazemos quando somos expostos, quando falhamos ou somos descobertos? Prostramo-nos diante de Deus ou atacamos o profeta?

Um aviso, no entanto, revela nossa resposta para o pecado e a falha pessoais: é possível haver uma manifestação de quebrantamento doentio e de falsa humildade. Não devemos enfatizar a depravação do homem, como alguns, a ponto de isso negar a dignidade de ser criado à imagem de Deus e negar o valor de ser o objeto do sacrifício de Cristo na cruz. Essa é falsificação religiosa da obra genuína de Deus. A virtude cristã de ser "humildes de espírito" demonstra a *genuína* humildade e dependência de Deus, mesmo na falha e no

pecado. Mas ser humilde de espírito é algo que, às vezes, pode ser corrompido e se transformar em pobreza de espírito: "Sou um fracasso; não há esperança para mim; vou desistir". Essa é uma péssima caricatura do que Deus tinha em mente. Alguns também enfatizam nossa natureza caída, mas não comunicam adequadamente os recursos positivos que Deus nos deu para triunfar; na verdade elevar Romanos 7 à custa de Romanos 8. Expor a depravação sem acessar as fontes divinas é uma falsificação. A introspecção mórbida, da mesma forma, é um substituto barato para o verdadeiro quebrantamento e, muitas vezes, leva à depressão. A luz da falha está piscando em seu painel?

Desprezo, perdão, lealdade, falha. Cada um deles é um sinal revelador de que nos sentimos extremamente justos, um sinal de alerta no painel de nossa vida. Cada um deles nos ajuda a ver o senso de justiça pessoal que existe em nosso íntimo. Entretanto, as pessoas religiosas ignoram de forma rotineira esses avisos sutis. Jesus não os ignorou.

COMO JESUS ATACOU O FATO DE SENTIR-SE JUSTO

O Mestre era magnífico na exposição do sentir-se justo, algo bem escondido em nosso íntimo. Ele, com aqueles que entendiam a seriedade da doença espiritual da qual eram vítimas, estendia rapidamente a graça e o perdão (Mt 9.9-13; Lc 19.1-10; Jo 4.1-42). Todavia, com os que achavam que eram espiritualmente sadios (Mt 9.12,13), Jesus os levava a pegar o caminho do quebrantamento, o primeiro princípio para a verdadeira justiça e o ingrediente indispensável para isso (Mt 5.3). Jesus os amava demasiadamente para permitir que continuassem ignorando a condição doentia em que estavam imersos. Dois relatos do evangelho, muito conhecidos, demonstram como Jesus confronta a justiça pessoal das pessoas religiosas.

A parábola do bom samaritano

Talvez a passagem mais poderosa para fornecer uma percepção da metodologia de Jesus quando realizava uma cirurgia espiritual nas pessoas religiosas seja a parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37). Essa querida história é muitas vezes mal compreendida e aplicada de forma equivocada. Por razões

desconhecidas, muitos expositores e comentaristas ignoram o contexto quando buscam explicar essa parábola imoral. Fica claro que Jesus se dirige a uma pessoa que conhece muito bem as Escrituras: um doutor da lei, o equivalente ao teólogo da atualidade. Ele era tão bem versado na Lei a ponto de ser capaz de dar boas respostas bíblicas às perguntas de Jesus. Além disso, ele, aparentemente, tinha algum interesse, mesmo que só fosse intelectual, no caminho para a salvação, conforme fica evidenciado por sua pergunta: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" (v. 25). No entanto, esse homem achava-se justo e era espiritualmente cego. Ele tinha bastante confiança para travar uma disputa acirrada com o Deus encarnado e buscar justificar a si mesmo (v. 29). Sentir-se justo é a chave para essa parábola, e a raiz do pecado que nosso Salvador amoroso tem de expor para trazer o homem ao arrependimento.

Portanto, qual a maneira que Jesus utilizou para confrontar o senso de justiça pessoal do doutor da lei? Ele contou, conforme comumente se sugere, uma agradável história da Escola Dominical sobre um bom samaritano que fez uma boa ação para uma alma necessitada caída à beira do caminho? Não, porque Jesus contar uma agradável historinha da Escola Dominical para um ser humano astuto teologicamente que buscava justificar a si mesmo seria a essência da falta de amor.

Jesus não é o sr. Rogers, cantando: "Não quer ser meu próximo?" O doutor da lei que escutou essa parábola precisa de uma cirurgia do coração espiritual, e não de bolachinha e leite! O divino Cirurgião manejou seu afiado bisturi com destreza extraordinária.

Jesus tinha de realizar uma cirurgia no coração capaz de salvar a vida desse homem. Ele fez três incisões. Cada uma delas penetrou mais fundo no tecido do sentir-se justo. Jesus cortou primeiro a pele religiosa do doutor da lei ao apresentá-lo na história como o sacerdote ou levita, alguém com quem ele poderia se identificar prontamente. Sem dúvida, o doutor da lei orgulhava-se do fato de que amava seu próximo como a si mesmo. Entretanto, ele, na realidade, definira "próximo" de uma forma muito restrita, e o doutor da lei, até mesmo nessa definição restrita, falhara. Ele, como muitos de nós, elevava sua justiça, conforme a percebia, acima do que os fatos sancionavam.

A primeira incisão, portanto, era para posicionar o doutor da lei na parábola como o sacerdote ou o levita que não se importava com o próximo. Em sua segunda incisão, Jesus cortou através do osso esterno espiritual ao mostrar o real padrão de Deus nas ações do samaritano. Amar o próximo envolve olhos que vejam a necessidade humana, e não a cor da pele, nem a classe social e, tampouco, o país de origem. Tal amor também exige um coração compassivo que lamenta o infortúnio do homem caído à beira da estrada; mãos que se sujam para lavar suas feridas; uma agenda que se torna flexível em resposta à situação do próximo; recursos que são liberados para suprir suas necessidades. Tal amor também estimulou o samaritano a renunciar ao conforto pessoal a fim de providenciar o cuidado apropriado.

Se alguém alcançasse o sucesso perfeito nessa busca, ele poderia ter o direito de ficar diante de Deus e defender sua justiça. Obviamente, não é possível fazer isso o tempo todo. Portanto, para convencer a nós mesmos que alcançamos os padrões de Deus, nós, com frequência, exteriorizamos e racionalizamos seus mandamentos em relação ao serviço e ao sacrifício. Na realidade, baixamos os padrões de Deus. Tornamos as exigências de Deus menos exigentes e ignoramos os imperativos que sabemos que não conseguimos alcançar. Por exemplo, podemos definir o período de tempo de quietude (sete minutos) como algo que nos qualifica a ter passado tempo com Deus. Quantificamos nossa doação (10%) para garantir a nós mesmos que alcançamos os padrões de Deus. E quando somos bem-sucedidos por esses padrões, sentimo-nos profundamente orgulhosos.

Na terceira incisão, o bisturi a laser corta através do tecido do coração. Jesus, após já ter revelado a acolchoada autoavaliação do doutor da lei, corta profundamente o orgulho desse homem, expondo sua insensatez de desprezar e de julgar os outros. E, ao transformar o odiado samaritano no herói da história, Jesus perfura o doutor da lei judeu até o cerne de seu ser. Os samaritanos eram universalmente desprezados pelos judeus por causa de sua ancestralidade mista, da moralidade que não guardava a Lei e da teologia nada ortodoxa. Nada poderia ser mais ofensivo para um judeu do que considerar um samaritano melhor que um teólogo judeu que guarda a Lei e que vive bem, e cuja

ancestralidade é pura. O doutor da lei que ouvia a história deve ter recuado quando percebeu que Jesus o comparara de forma desfavorável com o samaritano desprezado.

Talvez, em nossos dias, Jesus teria composto a história como a parábola do bom homossexual Nova Era. Há pessoas em nosso mundo, como os indivíduos homossexuais e aqueles que abraçam a teologia da Nova Era, que podem ser mais compassivas que a maioria das pessoas que encontramos em uma igreja em um culto de domingo. Alguns homossexuais, por exemplo, doam tudo que têm para ajudar amigos que estão morrendo de Aids. Seria difícil encontrar muitos evangélicos que se equiparassem à compaixão deles! Não podemos justificar o estilo de vida homossexual, mas se tentarmos trabalhar da forma que Deus quer, temos de reconhecer que alguns pagãos superam nossas boas ações.

O ponto da parábola, portanto, é uma resposta para a pergunta original do doutor da lei sobre a vida eterna: não há nenhuma forma de ganhá-la. Precisamos abrir mão de quaisquer tentativas para justificar a nós mesmos aos olhos de Deus. Em vez disso, temos de receber o dom gratuito da graça de Deus que jamais mereceremos.

Para que o sentir-se justo não se insinue em nossa alma, cada um de nós tem de aceitar as seguintes verdades: meu desempenho real de justiça é muito pior do que eu imagino. Os padrões de Deus de justiça são muito mais altos do que consigo até mesmo conceber, quanto mais alcançar. E as pessoas a quem desprezo por sua falta de justiça podem realmente ser mais justas que eu.

A parábola do fariseu e do publicano, ou coletor de impostos

Na prateleira de meu escritório há uma escultura rústica de argila que ilustra a parábola do fariseu e do publicano, ou coletor de impostos. A escultura tem dois bustos olhando para direções opostas; eles estão sobre um rolamento que gira facilmente. O escultor, Tracie Guthrie, inscreveu na base o texto da parábola (Lc 18.9-14).

Um dos bustos retrata o fariseu com ar piedoso, olhos e nariz altivos, mãos cruzadas, proeminentes filactérios e traje com franjas usado por judeus

religiosos, e ele está cantando os próprios louvores a Deus. O texto, de forma astuta, menciona que ele orava consigo mesmo. Ele dizia a Deus o que ele não fizera, os vícios dos quais se abstinha e como ele era diferente dos outros. Depois, ele recitou os atos religiosos nos quais se envolvera. A lista, embora curta, é impressionante. Ele achava que estava um patamar acima dos outros.

O segundo busto na escultura é o do publicano, o coletor de impostos, cuja face está cabisbaixa e olhos fitos no chão. As mãos não estão cruzadas, como as do fariseu; ao contrário, ele bate em seu peito, um gesto de tremenda angústia. E a cabeça não está coberta e é possível ver o cabelo desgrenhado. Toda sua linguagem corporal demonstra humildade e penitência. O texto observa que sua oração é breve: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" Jesus disse que ele voltou para casa justificado – o pecador, não o santo. Aquele que se quebrantou e sabia que necessitava da graça de Deus a encontrou. Aquele que reconheceu o domínio do pecado em sua alma e clamou pela ajuda de Deus saiu dali um homem livre, totalmente justificado.

Jesus, com essa breve e simples parábola, mais uma vez golpeia o pecado sutil do sentir-se justo. Conforme o contexto nos relata de forma explícita (v. 9), o sentir-se justo e o desprezo pelos outros estão sob o escrutínio divino. Jesus desejava virar de cabeça para baixo as noções preconcebidas dos fariseus. Para Deus, atitudes de arrependimento são dignas de apreço, não os atos religiosos. Um registro de comportamentos e realizações não vale nada para Deus, pois o Senhor valoriza o humilde reconhecimento de nossa indignidade, nosso desmerecimento. A consciência de nossa injustiça é o primeiro passo essencial para a justificação. Na verdade, o caminho para cima é para baixo.

Os métodos magistrais de Jesus

As maneiras que Jesus lidava com as pessoas religiosas que se sentiam extremamente justas são instrutivas. Primeira, *Jesus parecia especialista no uso de terapia de choque com as pessoas religiosas.* Ele não temia colocar seu divino dedo nas falhas dos fiéis. Ele não embelezava sua mensagem nem tentava cavar seu caminho para os corações religiosos andando nas pontas dos pés em

volta do pecado e cultivando uma "atitude mental positiva". Ao contrário, ele estarreceu os religiosos ao dizer e fazer coisas que devem ter parecido absurdas, como: "Abençoados são os falidos; felizes os tristes" (Mt 5.3,4; paráfrase do autor). Que forma de iniciar seu sermão mais famoso! Jesus sabia que as pessoas religiosas que se consideram extremamente justas tornam-se, com facilidade, espiritualmente surdas. Ele as amava o bastante para remover a barreira, em geral, de uma forma chocante. (Comparar as pessoas boas e religiosas de modo desfavorável a um samaritano e a um publicano, ou coletor de impostos, era algo chocante.)

Segunda, *o magistral mestre alcançava os fariseus por intermédio de histórias.* Várias das melhores parábolas foram dirigidas aos fariseus (Lc 10.25-37; 15.1-32; 18.9-14), um fato que muitos leitores da Bíblia desconhecem. Por que Jesus fez isso? Histórias têm uma maneira de penetrar a alma de uma forma que a exortação não consegue. Não foi por mero acidente que a história que o profeta Natã contou ao rei Davi removeu a barreira da fraude de Davi (1Sm 11–12). De modo similar, Jesus muitas vezes empregava descrições vívidas para prender a atenção dos ouvintes e dirigir-se a seu coração. As histórias nos instigam a agir, a nos identificar com os personagens e a nos ligar às vítimas. Elas despertam nossas emoções à medida que cativam nossa mente. E podem, de modo eficaz, diminuir o estrondo de maneira que nos impeçam de escapar. Jesus, portanto, lidava com as pessoas que se sentiam extremamente justas de forma indireta, não direta; tocou as emoções, não o intelecto; usou histórias, e não sermões.

Terceira, *Jesus, de forma consistente, elevou os padrões de Deus, em vez de baixá-los.* Nós, as pessoas religiosas, temos a tendência de fazer exatamente o oposto. Jesus, aquele que nos chama para ir a ele para encontrarmos o descanso, assegurou-nos que seu jugo é suave e que seu fardo é leve (Mt 11.28-30); e o modo que nos fortalece é magnífico. Todavia, parece que ele também tornou os mandamentos das Escrituras mais difíceis, mais altos, mais amplos, mais profundos. Superficialmente, eu esperaria que o compassivo Jesus ficasse tão preocupado com minha autoestima que gostaria que eu fosse bem-sucedido em minha busca por justiça, ou, pelo menos, que eu pensasse que estava me

saindo bem nessa empreitada. No entanto, Jesus, com frequência, tornou *mais difícil*, não mais fácil, o caminho de seguir a Cristo (Mc 8.34-38), de fazer o bem (Mt 19.16-26), de investir tempo e dinheiro (Mt 6.19-34), de conter a lascívia e a raiva (Mt 5.21-30), de buscar grandeza (Mc 10.35-45), de oferecer perdão (Mc 11.25,26) e de negar a si mesmo e pegar uma cruz (Mc 8.34); isso apenas para mencionar algumas das falas duras de Jesus. Ele estava mais preocupado com meu quebrantamento do que com minha autoestima, minha humildade do que com minha autoconfiança. Tudo o mais que Jesus prometeu e o jugo que ele chamou de "suave" só estão à disposição por intermédio do depender dele, e não de nosso esforço.

Por fim, *Jesus atacou nossos pecados secretos com tanta frequência quanto os pecados externos (e algumas vezes até mais que eles).* Às vezes, parecia que ele estava mais preocupado com o orgulho do que com o paganismo; com a cobiça do que com a glutonaria; com a arrogância do que com as bebidas alcoólicas; com os pecados encobertos do que com os visíveis; com as atitudes do que com as ações; com a hipocrisia do que com o hedonismo. Jesus sabia que degradação ou contaminação era essencialmente um hábito do coração.

COMO ABANDONAR O SENSO DE JUSTIÇA PESSOAL

Qualquer cura para o farisaísmo deve começar com uma crescente consciência e admissão da depravação e da dependência. Afinal, a falha fundamental do farisaísmo é uma compreensão superficial da depravação pessoal e uma inabilidade correspondente de depender totalmente da graça de Deus.

Um programa que ajudou inúmeras pessoas a se recuperar do alcoolismo é o Alcoólicos Anônimos (AA). Uma das razões que o AA e seus Doze Passos da recuperação funcionam é que eles tocam no poder do quebrantamento. O primeiro e o segundo passos dizem:

1. Admitimos que éramos impotentes perante o álcool – que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.
2. Viemos a acreditar que um poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

Quanto mais espiritualmente vivos e maduros formos, tanto mais reconheceremos o quanto ficamos muitíssimo aquém da glória de Deus. Quanto mais perto do espelho, tanto mais claramente percebemos nossas imperfeições. O espelho para o cristão é Cristo. Portanto, não deveria nos surpreender que aqueles que melhor o conheceram ficaram mais conscientes de suas imperfeições e apreciam mais seu amor e sua graça. O apóstolo Paulo, aquele que se declarou como o "principal" dos pecadores (1Tm 1.15), parece jamais se livrar da perplexidade de tal salvação que o incluía, ele que matara Estêvão, um homem inocente com face de anjo (At 6.15). Mas foi essa perspectiva que qualificou Paulo de forma única para trazer a verdade do evangelho para o mundo (1Tm 1.12-17).[16]

A maioria de nós, entretanto, tem uma compreensão superficial de nossa depravação. Somos sutilmente seduzidos por nossa cultura a abraçar a noção de nossa bondade inata. Um *movimento de autoestima* nacional vê a bondade de forma correta, mas ignora o mal. Quão mais verdadeiro é viver o equilíbrio da dignidade e da depravação que a Bíblia afirma! Um *movimento de vitimização* busca causas fora de nós mesmos pelas falhas em nosso caráter e comportamento. E quão mais saudável é assumir a responsabilidade pelas próprias faltas sem negar a realidade que os outros fazem coisas más para nós também. Um *movimento de amor-próprio* afirma que, se apenas amássemos a nós mesmos, poderíamos vencer a maioria dos demônios internos. A Bíblia, entretanto, assume simplesmente que amamos a nós mesmos (Ef 5.28,29,33) e, por meio da capacitação de Deus, chama-nos a amar a Deus e ao próximo, algo que não é natural em nós. Por fim, o sempre presente *movimento de autoajuda* grita compelindo de forma persuasiva de todas as livrarias e bancas de jornal: "Você consegue fazer isso! Organize a bondade

[16] Agostinho, de modo similar, implorou: "Senhor salve-me daquele homem perverso, eu mesmo". John Knox, talvez o maior pregador na história da Escócia, confessou: "Em minha juventude, meia-idade e agora depois de muitas batalhas, não encontro nada em mim, exceto a corrupção". E observei várias vezes, maravilhado, o evangelista Billy Graham confundir seus entrevistadores da mídia com comentários sobre suas falhas.

em seu íntimo e trabalhe arduamente nela, e nada é impossível". Esse movimento ignora o impulso intoxicante da depravação e a necessidade da ajuda de Deus.

A igreja, da mesma forma, faz entrar em cena a estratégia do Maligno, aquele que ama nos cegar para a nossa depravação e dependência. A religião, a verdadeira e a falsa, externa um impulso inexorável. Embora acreditemos na salvação pela graça, às vezes, tentamos santificar a nós mesmos pelo poder do instinto interno. Nós, os que amamos a graça, escorregamos facilmente para a lei. Multiplicamos atividades e projetos que nos fazem sentir que estamos realmente trabalhando arduamente pelo reino. Lidamos de forma suave com o pecado para podermos nos sentir bem em relação a nós mesmos.[17] Ou talvez, ainda pior, combatemos o pecado de tal forma que os pecadores ficam na clandestinidade e buscam a graça de Deus fora da igreja.

Algumas vezes, a igreja até mesmo promove uma peregrinação espiritual que funciona. Assim, na Inglaterra, é possível ler a lápide reveladora no túmulo de John Berridge. Ele foi um cristão que, por 26 anos, tentou agradar a Deus com suas boas obras. Em parte de sua inscrição, lemos:

> Aqui repousam os restos mortais de John Berridge, ex-vigário de Everton...
>
> Nasci em pecado em fevereiro de 1716.
> Desconheci meu estado de ser caído até 1730.
> Vivi orgulhosamente na fé e em obras para a salvação até 1754.
> Fui aceito no vicariato em 1755.
> Busquei só Jesus como refúgio em 1756.
> Adormeci em Cristo em 22 de janeiro de 1793.[18]

---

[17] Veja "A Time to Seek", *Newsweek*, 17 de dezembro de 1990, p. 56, em que Kenneth L. Woodward escreve: "Muitos clérigos, em seu esforço para se tornarem convenientes, simplesmente excluíram o pecado de sua linguagem. [...] Os céus, por intermédio desse credo, jamais dirá não a você".

[18] RYLE, J. C. *Five christians leaders of the eighteenth century. Banner of Truth*, 1960, p. 138.

Portanto, qual é o antídoto para o veneno do senso de justiça pessoal? Temos de nos ver como realmente somos. Precisamos permitir que a Palavra de Deus e seu Espírito façam a cirurgia espiritual em nosso coração. Precisamos reconhecer nossa tendência humana para encobrir nossos pecados, para escondê-los e para culpar os outros por eles, um trio diabólico de maldades que aperfeiçoamos no jardim do Éden. Para fazer isso, temos de resistir firmemente às enormes pressões culturais e eclesiásticas.

A melhor maneira de nos vermos como realmente somos não é por meio da comparação com os outros nem da introspecção mórbida, mas por intermédio do relacionamento de forma deliberada com Deus. E quando vemos a nós mesmos do modo verdadeiro, comparando-nos com o padrão de Jesus, não há lugar para o orgulho!

A honestidade com nós mesmos e com Deus deve levar à honestidade sobre nós mesmos com os outros. Não podemos projetar uma falsa imagem da espiritualidade. Contar apenas os sucessos de nossa vida, e não as lutas e as falhas, impede-nos de ter um meio relevante para nos comunicar com as pessoas e para alcançá-las de forma eficaz. Afinal, a maioria de nós aprende com os erros. Lembre-se, a Bíblia nos conta com toda honestidade histórias sobre o povo de Deus – as boas, as ruins e as feias!

ALGUNS FRUTOS POSITIVOS DO ENFRENTAR O SENSO DE JUSTIÇA PESSOAL

Sem dúvida, a depravação pessoal é um tópico negativo, algumas vezes deprimente. Será que algo positivo e edificante pode surgir disso tudo? Existe um lado positivo em estar consciente de minha depravação, de perceber meu senso de justiça pessoal? Existe sim! Enfrentar o senso de justiça pessoal produz pelo menos cinco bons frutos.

Fruto número 1: A justiça de Cristo. Compreender nossa falta de justiça é a porta de entrada para receber a justiça de Cristo. Jesus, quando falava com um fariseu, disse: "[...] o que a si mesmo se humilhar será exaltado" (Lc 18.14). Deus está próximo daqueles que conhecem sua necessidade de misericórdia e pedem a ajuda do Senhor. Aqueles que compreendem a profundidade de sua depravação também apreciam a altura do amor de Deus (Lc 7.47).

Fruto número 2: Benevolência. Experimentar a graça de Deus faz nascer o fruto da benevolência. Entender a graça de Deus nos motiva a ser graciosos para com os outros. Tornamo-nos pessoas compassivas – e não desdenhosas – que amam a graça que excede a lei. Deixamos de julgar os outros sem primeiro julgar a nós mesmos (Mt 7.1-5). E passamos a ser aptos a realizar, de maneira gentil, a tarefa espiritual de restaurar companheiros caídos (Gl 6.1).

Fruto número 3: Liberdade. A segurança do amor incondicional de Cristo nos liberta do medo das pessoas. Assim, você e eu podemos falar a verdade sobre nós mesmos e assumir riscos em nome de Jesus. Deus conhece tudo, e nós, mesmo assim, recebemos seu amor incondicional e caro. Portanto, podemos nos sentir confortáveis com a nossa humanidade e livres para admitir as nossas falhas, pois não temos nada a esconder, nada a provar e pretensão alguma para afirmar. É impressionante como a sabedoria de Deus funciona. Achamos que ao esconder a verdade somos libertados e, muitas vezes, estamos mais bem capacitados para ajudar os outros. Há grande liberdade em não ter de gastar energia para manter as aparências.

Fruto número 4: Confiança. Isso, em termos, pode soar como uma contradição: como alguém alquebrado pode ter confiança? Quebrantamento que nos leva a Deus resulta em um senso de confiança, não de autocondenação humilhante. O apóstolo Paulo parece descobrir esse espírito de confiança em Romanos 8 depois de lutar contra as profundezas de seu pecado em Romanos 7. De modo semelhante a um garanhão que corre solto sem qualquer controle, sabemos que há pouco propósito nisso e também não é benéfico para ninguém. No entanto, esse mesmo garanhão, quebrantado e mantido sob controle por um habilidoso treinador, corre com poder focado, confiança renovada e impacto maior. Da mesma forma, nós jamais alcançamos verdadeiramente nosso pleno potencial até nos submetermos ao nosso Criador.

Fruto número 5: Segurança. Quando enfrentamos o pior a respeito de nós mesmos e recebemos a aceitação de Deus, encontramos a fonte de nossa segurança. Deus não nos rejeita! Ele conhece tudo a nosso respeito: os pecados secretos, os motivos torpes, os pensamentos não revelados. Ele nos conhece por inteiro, sabe tudo a nosso respeito e, ainda assim, ele nos ama. Essa percepção

nos dá grande segurança. Aquele que nos conhece melhor nos ama mais. Um dos grandes temores nos relacionamentos humanos é que os outros, se ficarem sabendo realmente de tudo, acabarão por nos rejeitar. Isso não acontece com Deus. Conforme um pregador expressa isso: "Quando vemos o pior que existe em nós, experimentamos o melhor de Deus".[19]

Começamos este capítulo com a história de um líder que aprendeu a duras penas o caminho da verdade pessoal, conforme observamos na afirmação de Oswald Chambers: "Uma força desprotegida é uma fraqueza dupla". Esse líder, por achar que estava seguro e protegido, negligenciou o ser vigilante e caiu em uma área em que ele pensava ser invencível. Quando sabemos que somos fracos, tendemos a ficar em guarda. No entanto, nas áreas em que achamos que somos fortes, pressupomos nossa segurança como algo óbvio. Como protestantes evangélicos que se orgulham da doutrina da justificação pela fé e da justiça de Cristo que nos é imputada, será que não falhamos em guardar nossa maior força: ter a justiça de Cristo e não a nossa justiça pessoal? Caímos presa do pecado religioso sutil, embora muito difuso, do senso de justiça pessoal? Acho que sim. O senso de justiça pessoal, algumas vezes, mascara-se como justiça extrema.

[19] LAWRENCE, William. "Ihrough Pain to Glory", Berean Sunday School Class, Northwest Bibe Church, Dallas, Texas, p. 4, de junho de 1995 (fita de áudio).

Capítulo cinco

Quando o conhecimento bíblico cega e aprisiona

Alguns anos atrás, um grande grupo de ativistas pelos direitos dos homossexuais estava fazendo uma demonstração em Washington D.C., quando um punhado de cristãos sinceros confrontou muitos desses ativistas. Os cristãos começaram a gritar *slogans* enquanto o grupo marchava, e alguns manifestantes homossexuais, sob a bandeira da igreja Metropolitan Community (Comunidade Metropolitana), cantavam "Jesus me ama". O autor Philip Yancey observou esse encontro e, mais tarde, escreveu o seguinte na revista *Christianity Today* (*Cristianismo hoje*):

> As ironias inesperadas naquela cena da confrontação ficaram comigo até muito depois de deixar Washington. De um lado, tínhamos os cristãos "justos" defendendo a doutrina pura (nem mesmo o Conselho Nacional de Igrejas considerou a igreja Metropolitan Community, a MCC, digna para ser membro desse conselho). De outro lado, tínhamos os "pecadores", e muitos deles admitiam abertamente ser homossexuais. No entanto, um lado destilava ódio, e o outro cantava sobre o amor de Jesus.[20]

Como aqueles que conhecem e honram a Bíblia algumas vezes falham em demonstrar o caráter que ela recomenda ao longo de suas páginas? Isso é

---

[20] YANCEY, Philip. "We have no right to scorn", *Christianity Today*, 15 de janeiro de 1988, p. 72.

embaraçoso para nós e confuso para o mundo. Talvez parte do problema diga respeito ao papel da Bíblia na vida espiritual.

O CONHECIMENTO BÍBLICO TORNA ALGUÉM PIEDOSO?

As Escrituras e eu

Conforme observei no capítulo 1, estava imerso na Bíblia desde a época em que era muito jovem. Minha igreja dava grande ênfase ao recitar as doutrinas, memorizar os versículos certos e dominar o conteúdo bíblico. Li a Bíblia, memorizei-a, dissequei-a de forma sistemática, estudei-a e, algumas vezes, apliquei-a a minha vida.

Na verdade, aprecio o fundamento bíblico que recebi. As verdades da Palavra de Deus dominam minha perspectiva de vida, e sou eternamente grato por isso. Em minha vida, a Bíblia tem sido meu guia e uma âncora que dá estabilidade para a minha vida em meio a várias tempestades.

Contudo, durante os anos que estive na universidade, minha crença na natureza mágica da Bíblia para transformar vidas e na obrigação colocada em Deus para realizar isso começou a ficar abalada. Surgiram dúvidas que desafiaram minha certeza de que as pessoas com a teologia correta e com um bom conhecimento bíblico deviam inevitavelmente ser piedosas. Os primeiros sinais ocorreram enquanto observava as pessoas que estudavam, memorizavam, ensinavam e pregavam a Bíblia, mas cujas atitudes e ações não pareciam melhorar, mas, antes, ser cada vez mais amargas. Quando o povo da Bíblia não se assemelha ao Deus da Bíblia, começo a pensar se a "promessa de Deus" de que sua palavra "[...] não voltará [...] vazia" (Is 55.11) era realmente verdade. Despertei com pesar para a prevalência da hipocrisia em meio às pessoas voltadas para a Bíblia.

Também fiquei abalado quando comecei a ganhar familiaridade com a história da igreja. Aprendi que o conhecimento bíblico não fornece uma cerca contra o pecado à prova de tolos. Esse conhecimento pode e deve ajudar. Entretanto, aqueles que têm muita familiaridade com a Bíblia não captavam sua mensagem e compreendiam Deus de forma equivocada. Algumas vezes,

o "povo de Deus" era responsável por perpetrar o mal. O erro teológico, com frequência, brota do púlpito, não dos bancos; dos seminários, não dos pequenos grupos.

Além disso, sentia-me condenado à medida que examinava a minha alma. Reconhecia que a Bíblia não estava me transformando. Tinha muito conhecimento bíblico e mantinha a prática de estudar a Bíblia, mas, de alguma forma, não havia, em minha vida, uma correspondência em linha reta entre o estudo da Bíblia e a semelhança a Cristo.

Finalmente, encontrei passagens da Bíblia que desafiavam meu estereótipo simplista de "alimentar-se com as Escrituras resulta em espiritualidade". Ao contrário, percebi que "[...] a ciência incha, mas o amor edifica" (1Co 8.1-3) e receber a palavra sem responder a ela resulta em enganar a si mesmo (Tg 1.22). Jesus ensinou na parábola sobre os diferentes tipos de solo (Mt 13.1-23) que a chave para frutificar na vida é o solo do coração, não a semente da palavra. A germinação não depende tanto da qualidade da semente, sempre perfeita, mas da condição do coração, e esta pode variar muito. O Novo Testamento nos alerta que os professores de Bíblia podem estar fora da base.[21] E, assim, obviamente encontrei meus amigos fariseus.

As Escrituras e os fariseus

À medida que cada vez mais me familiarizei com elas, descobri que poucos conheciam a Palavra de Deus tão bem quanto os fariseus. Eles transformaram o estudo do Antigo Testamento em uma arte e ciência. Conheciam o versículo e a letra que encontravam na metade do texto, contaram todos os mandamentos e, sem dúvida, alguns deles memorizaram todos os 613 deles. (E, só para contrastar, algumas pessoas hoje conseguem recitar os Dez Mandamentos e as bem-aventuranças.) Os fariseus insistiam na interpretação correta das Escrituras. Além disso, os fariseus não ficavam satisfeitos, como nós com frequência ficamos, de apenas conhecer o conteúdo da Palavra de Deus. Eles também

[21] Veja Atos dos Apóstolos 15.1; 20.28-30; 1Timóteo 1.3-11; 2Timóteo 3.1–4.5; Tito 1.10-16; 2Pedro 2; Judas.

desejavam obedecer a ela. Porém, ajudavam sua aplicação ao desenvolver regras religiosas. No entanto, apesar de todo o conhecimento bíblico a respeito de Deus, muitos deles não conheciam a Deus e, portanto, não reconheciam o Deus encarnado. Por quê?

A doutrina correta deles produziu desventura em vez de justiça. A doutrina apropriada é essencial e, até mesmo hoje, ela pode dar um falso senso de segurança e superioridade espirituais sem uma verdadeira realidade espiritual. O conhecimento bíblico pode calcificar o coração, em vez de enternecê-lo. Ele pode cegar e amarrar.

Como isso é possível? A instrução bíblica pode facilmente ser desviada do propósito de Deus: amar a Deus e a nossos companheiros de jornada, os seres humanos. Em seu lugar podemos ter um propósito menor e estranho à intenção de Deus: a Bíblia como um objeto da curiosidade e do debate espiritual infrutífero (1Tm 1.3-11). A Bíblia pode se tornar um fim em si mesmo, em vez de um meio para um fim. Sutilmente, quase tudo de Deus pode ser e será falsificado pelo Maligno, resultando em uma combinação sinistra de uma aparência externa de bondade com um lado obscuro secreto. O maior perigo de ser o povo do Livro é que podemos ter o conhecimento sobre Deus sem realmente vir a conhecê-lo.

A DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DOS FARISEUS

Deus compreende bem essa propensão humana para substituir o conhecimento pela realidade espiritual. Assim, ele nos forneceu uma revelação detalhada sobre os fariseus. E, quando olhamos para a doutrina deles, aprendemos mais uma vez que os fariseus somos nós. Eles se mantiveram fiéis ao cerne ortodoxo do judaísmo, e muito de seu sistema de crença análogo ao nosso. Com exceção de algumas afirmações sobre Jesus, nuanças em relação à salvação e a omissão de qualquer menção do Espírito Santo, os fariseus assinariam nossa declaração doutrinária. A doutrina deles era correta, mas o coração de alguns deles estava totalmente errado. Obviamente, eles demonstram que a doutrina correta não garante o coração certo. A "doutrina certa" pode até mascarar as realidades mais profundas do coração.

Ninguém menos que Jesus afirmou a ortodoxia dos fariseus. Ele disse: "Na cadeira de Moisés se assentam os escribas e fariseus. Portanto, tudo o que vos disserem, isso fazei e observai" (Mt 23.2,3a). Embora Jesus reconheça que os fariseus são usurpadores do lugar dos mestres autorizados de Israel, ele, de algum modo, afirma a teologia deles. Na época de Moisés, os sacerdotes e os levitas foram autorizados por Deus a ser os que se ocupavam com a Palavra de Deus. Entretanto, muitos deles, a grande maioria, eram saduceus em sua crença, tendo rejeitado a maior parte do Antigo Testamento como fonte de doutrina, e sendo influenciados mais pela cultura que pelas Escrituras. Os fariseus, em contrapartida, ensinavam fielmente a Palavra de Deus por intermédio das sinagogas locais.

Os fariseus descreviam e defendiam a doutrina compartilhada pela maioria dos judeus piedosos. E as declarações doutrinárias dos fariseus, de forma recorrente, são similares à teologia cristã. E. P. Sanders resume aquilo em que acreditavam:

> Os fariseus acreditavam que Deus era bom, que ele criou o mundo, que ele o governava e que tudo aconteceria conforme o desejo do Senhor. Deus escolheu Israel: ele chamou Abraão, fez uma aliança com ele e impôs sobre ele algumas obrigações. Ele remiu Israel do Egito; e, após salvar seu povo, deu a ele a lei e ordenou que todos eles a guardassem. Deus é perfeitamente confiável e cumpre suas promessas. Dentre elas, pode-se mencionar a que ele agirá no futuro como agiu no passado. [...] Podemos confiar que ele punirá a desobediência e recompensará a obediência. Ele é justo; portanto, ele nunca faz o inverso. Quando se trata da punição, entretanto, sua justiça é moderada pela misericórdia e por suas promessas. Ele não pune como poderia fazer, ou quem viveria? Ele não volta atrás em seu compromisso com seu povo. Ele estende seus braços para o desobediente, instando-o a retornar.[22]

Não seria difícil o resumo mencionado passar no teste da ortodoxia evangélica.

---

[22] SANDERS, E. P. *Judaism: Practice and belief 63 bce–66ce*. Philadelphia: Trinity, 1992, p. 415-816.

O QUE ESTÁ CORRETO COM A DOUTRINA CORRETA?

Os perigos existem até mesmo com a doutrina correta, conforme veremos. No entanto, é preciso, antes de tudo, reconhecer que um fundamento doutrinário sólido ajuda o crescimento e a maturidade espirituais de diversas maneiras. Eis aqui três delas.

A primeira, *a fé é apenas tão boa quanto seu objeto.* Muitos adultos acreditam no seguinte: "Não interessa em que você acredita desde que seja sincero". Essa conclusão é falsa. Algumas pessoas apreciam sinceramente crenças equivocadas e sofrem, ou sofrerão, as consequências desse equívoco. A confiabilidade daquilo em que acreditamos importa mais que acreditarmos. A doutrina é uma afirmação das *verdades* que fortalecem a nossa fé. A doutrina define nossa autoridade, o caráter e as obras de Deus, a natureza e o destino dos seres humanos e como devemos nos relacionar com Deus e com nossos companheiros de jornada, os seres humanos. Nós, os que seguimos a Cristo, precisamos estar com nossos conceitos alinhados e certos (1Tm 4.16). Se não fizermos isso, podemos nos tornar clones religiosos de nossa cultura, adorar falsos deuses feitos por nós e apreciar noções falsas a respeito de nós mesmos.

Os fariseus sabiam – como também devemos saber – que a verdade é essencial e deve ser protegida. Quando sentimos Deus de modo intenso, mas conhecemos pouquíssimo sobre ele, ficamos à mercê das areias movediças de nossa cultura e do nosso estado emocional momentâneo.

A segunda, *a compreensão correta da doutrina nos ajuda a distinguir a verdade do erro.* As falsificações são melhores identificadas por aqueles que estão mais familiarizados com o artigo genuíno. Sem o padrão da verdade, uma firme compreensão da doutrina da Bíblia nos ajuda a separar a verdade do erro.

Os fariseus eram capazes de se mover através do labirinto de teologias conflitantes porque eles insistiam que doutrina ortodoxa fundamentada nas Escrituras deveria ser protegida.[23] Esse discernimento é extremamente necessário

[23] Veja 1Reis 3.9; Filipenses 1.9; 1João 4.1-6.

em nossa cultura relativista, complexa e sutilmente ilusória. Precisamos saber de que forma e quando nos posicionar (Gl 1.8,9). Os cristãos sem uma firme compreensão dos "fundamentos" da fé são presas fáceis de seitas e ficam indefesos contra os lobos espertos e carismáticos em roupa de cordeiro.

A terceira, *a doutrina correta serve para nos ancorar em momentos difíceis.* Uma âncora segura o navio em terreno firme, firmando-o durante a temporada e protegendo-o dos mares bravios. A doutrina correta fornece uma âncora espiritual que nos conecta a verdade, ajuda-nos a manter nosso equilíbrio espiritual e nos capacita a resistir às tempestades. Enquanto a cultura estava se voltando para o helenismo, os fariseus consideravam a Palavra de Deus como sua âncora. Quando muitos dos sacerdotes e dos levitas "passaram a ser liberais", seguindo as tendências da cultura, os fariseus se apegaram às Escrituras.

A ignorância teológica não é motivo de alegria! Sem uma clara compreensão do que é essencial, tendemos a nos mover na direção dos extremos ou a fazer concessões em relação aos aspectos essenciais. Uma das tarefas mais difíceis em nossa cultura é encontrar o equilíbrio bíblico correto, evitando extremismos e concessões. A verdade doutrinária nunca é segura; ela é sempre atacada por noções levemente distorcidas. E ela tem de ser constantemente reafirmada na linguagem da cultura. A doutrina pode ser uma âncora inestimável que nos conecta com o caráter e as promessas de Deus. Ela permite que construamos nossa vida sobre a rocha, e não na areia.

O QUE ESTÁ ERRADO COM A DOUTRINA CORRETA?

Obviamente, a doutrina apropriada pode nos dar um fundamento sólido, a habilidade para discernir a verdade, o erro e a estabilidade em tempos turbulentos. A doutrina correta, entretanto, tem, em potencial, um lado obscuro. Podemos usar a doutrina de forma equivocada e destituí-la de seu poder para nos ajudar a servir a Deus e a seu Filho e a amar nosso próximo. Há perigos associados com a compreensão correta da doutrina, perigos esses que a maioria de nós não leva em consideração. Deixe-me citar vários resultados da doutrina utilizada de forma equivocada.

1. Doutrina como uma grade por intermédio da qual filtramos nossa verdade

Os fariseus rejeitaram Jesus em grande parte em virtude de ele não se ajustar ao esquema teológico deles. Eles tinham um crivo messiânico bem desenvolvido que entrava em choque com a pessoa de Jesus e sua obra. Eles esperavam um rei, mas Jesus veio como servo. Eles antecipavam a liberdade de Roma, mas Jesus comprou a liberdade do pecado. Eles buscavam uma coroa, mas Jesus olhou na direção da cruz. Eles presumiram que o Messias se ajustaria perfeitamente ao sistema religioso deles, mas Jesus violava esse sistema de forma sistemática. Portanto, em vez de reexaminar as Escrituras do Antigo Testamento à luz da vida e do ensinamento de Jesus, os fariseus apegaram-se a seus crivos e não compreenderam as verdades que o Mestre ensinava.

Em inúmeras ocasiões, Jesus desafiou o crivo teológico dos fariseus. Quando ele afirmou que perdoava os pecados, a definição de deidade, de acordo com os escribas, foi desafiada (Mt 9.1-6). Quando Jesus restaurou a visão de dois cegos e a fala para o homem possesso por demônio em Mateus 9.27-34, a lógica falha dos fariseus os fez concluir que Jesus empregava o poder de Satanás para expulsar demônios (veja também Mt 12.22-37). Quando Jesus recebeu a aclamação do povo durante sua entrada triunfal, o rígido crivo doutrinário dos fariseus sobre o Messias os forçou a rejeitar a realeza dele (Lc 19.37-40). Em João 8, quando Jesus declarou sua divindade em termos que os fariseus não poderiam rejeitar, então eles começaram a insultá-lo – nascido "de prostituição", "samaritano" e "demônio" (v. 41,48) – e pegaram pedras para matá-lo. Agir de forma distinta representaria estilhaçar o sistema teológico que eles apreciavam profundamente.

E quando Jesus alcançou a vitória teológica derradeira – sua morte e sua ressurreição – os líderes religiosos do judaísmo escolheram fabricar mentiras e pagar uma quantia para silenciar as pessoas, em vez de repensar sua teologia sistemática (Mt 28.11-15).

Um excelente estudo sobre a distorção da verdade para apoiar a "doutrina correta" encontra-se em João 9. A narrativa começa com um homem cego e uma pergunta teológica. "Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que

nascesse cego?" (v. 2). O crivo teológico da época apregoava que havia uma conexão direta entre o pecado e a doença. Jesus afirmou que essa conexão exclusiva era equivocada, porque não apresentava as peças essenciais para o enigma. Pois, nesse caso, a cegueira do homem era parte do plano de Deus para demonstrar a glória de Jesus.

Quando pediram aos fariseus para que explicassem o fenômeno, eles observaram que a cura fora feita em um sábado e concluíram, de forma consistente com o crivo teológico deles, que aquele milagre deveria ser uma fraude (v. 13-16). Se Deus realizasse um milagre, ele o faria de acordo com as demarcações dos fariseus.

Quando o homem cego de nascença foi chamado novamente pelos fariseus para testificar sobre o milagre, eles tentaram intimidá-lo para que chamasse Jesus de pecador (v. 24,25). Quando ele, de forma calma e bem-humorada, resistiu à sugestão dos fariseus, eles "o injuriaram" (v. 28,29), o censuraram e o expulsaram da sinagoga (v. 34).

A "doutrina correta", algumas vezes, transforma-se em sistema teológico fortificado que nos cega para a verdade. Quando as ideias não se ajustam a nosso crivo, geralmente as descartamos e as repudiamos. No mundo cristão, os sistemas teológicos abundam e exercem considerável influência na forma que vemos a verdade. Calvinismo, arminianismo, dispensacionalismo, teologia do pacto, catolicismo e pentecostalismo são alguns sistemas teológicos que adotamos, muitas vezes como o padrão. Talvez não estejamos tão imersos em nossa teologia a ponto de matar por ela, como os fariseus fizeram, mas parecemos imparciais enquanto temos a intenção de nos apegar a nosso sistema mesmo diante da verdade. Dependendo do local que escolhemos nesse *continuum* calvinista-arminianista, podemos selecionar nossas passagens favoritas das Escrituras e ignorar outras. Algumas pessoas temem tanto o "evangelho social" que elas extirpam qualquer referência à ação social na Bíblia e focam o evangelismo (e outras fazem exatamente o oposto). Muitos cristãos não querem encarar os problemas que a exposição ao outro lado pode causar em nossa certeza teológica. Na verdade, algumas pessoas recorrem aos insultos, rotulando aqueles que diferem de seu ponto de vista de *heréticos, heterodoxos*

ou neo-ortodoxos e, até mesmo, *liberais*. Alguns comentaristas escrevem sobre oponentes teológicos, mas não conversam com eles. Como responderíamos se Jesus estivesse entre nós, Deus em forma humana, e ele não se ajustasse a nosso refinado crivo doutrinário? Também, como os fariseus fizeram, não seríamos forçados a colocar Deus em uma caixa?

2. A doutrina obtida por intermédio de mestres e não pelo estudo pessoal da Palavra de Deus

Muitas vezes aceitamos doutrinas específicas por causa de nossa associação com mestres confiáveis. Essa confiança em especialistas é comum e necessária nos círculos religiosos; ignorar as percepções dos mestres talentosos é tolice, além de ser uma atitude arrogante. Entretanto, confiar cegamente nos outros para que pensem por nós não é espiritualmente sábio. Aceitação irrefletida é perigosa. Devemos estudar pessoalmente as Escrituras e nos aplicar com diligência nelas.,

Os fariseus e seus seguidores aparentemente seguiam seus especialistas em questões doutrinárias. Autoridade era a questão essencial para os fariseus que buscavam "acertar".[24] Para os fariseus, era simplesmente inaceitável que alguém quisesse ser um "pensador independente", como Jesus o era. Assim, os judeus estavam perguntando a si mesmos: "Como sabe este [Jesus] letras, sem ter estudado?" (Jo 7.15). Todo princípio teológico tinha de ser traçado até algum renomado teólogo. Talvez, as pessoas fossem ensinadas a ter medo de pensar por si mesmas.

E quanto a nós? A maioria de nós tende a confiar que outros pensem por nós. Gravitamos ao redor daqueles que parecem ter as respostas que não temos e em torno de sistemas que fazem tudo se ajustar de forma clara para nós. Em outras palavras, dependemos de crivos e de gurus que nos ajudem a ter lógica nesse mundo confuso. Contudo, o que acontece quando os crivos por intermédio dos quais vemos a vida estão distorcidos? O que acontece quando os gurus a quem nos ligamos estão errados? O que acontece para a nossa fé quando nossos mestres confiáveis nos enganam ou caem? Conheci

[24] Cf. Mateus 7.28,29; 21.23-27; Marcos 1.21-28; Lucas 5.17-26; João 7.14-24.

pessoalmente vários pastores que tinham ministérios "bem-sucedidos", mas ainda assim pecavam moralmente. Apenas um livro é nossa autoridade e apenas um Mestre merece o pedestal.

3. Presunção espiritual e falso senso de segurança

A presunção espiritual é exatamente o oposto do que Deus busca. Sem dúvida, os fariseus, como os mestres de Éfeso que Timóteo teve de confrontar, demonstravam confiança em toda afirmação e pareciam muito certos a respeito de si mesmos (1Tm 1.7). Eles aspiravam ensinar as Escrituras e sabiam que tinham uma excelente compreensão do material que se dedicavam a estudar. Entretanto, Paulo nos relata que o ensino deles era infrutífero; e a motivação, egoísta. Algumas vezes, aqueles de nós que valorizam a doutrina correta acham que têm uma posição privilegiada em relação à verdade de Deus. O Senhor nos informa, entretanto, que o suposto conhecimento, sem o amor puro de Deus, é a rota segura para a arrogância espiritual (1Co 8.1-3). Há algo sobre a confiança excessiva de ter a verdade que acaba por dar fruto à arrogância espiritual. Algumas vezes, a boa teologia alimenta sutilmente a prepotência, o maior câncer da saúde espiritual.

4. Um discípulo fraco

A doutrina correta não faz necessariamente bons discípulos (embora, obviamente, a má doutrina seja desastrosa para o discipulado). Na verdade, é possível professar de forma acurada a fé sem realmente processá-la. Johnny e Julie podem dar as respostas "corretas" para as perguntas sobre o batismo ou a confirmação, mas sem ter um comprometimento de coração com Cristo. É possível apegar-se à teologia ortodoxa, como os fariseus fizeram (Mt 23.2,3a), enquanto não se pratica o que se prega (v. 3b,4). Podemos memorizar todas as "respostas corretas" e, até mesmo, impressionar nossos iguais sem jamais batalhar para que essa fé seja a nossa. Os bons discípulos combinam a verdade com a graça, com a fé e com a obediência. A marca essencial de um discípulo de Cristo não é tanto a doutrina correta quanto o amor motivado da forma correta.

Desenvolver uma visão equilibrada de doutrina

Apesar de todas essas armadilhas, sabemos que a doutrina correta é essencial. Como podemos desenvolver um equilíbrio de maneira que possamos afirmar com confiança algumas verdades doutrinais, defendendo-as com vigor e, ainda assim, sem perder de vista a humildade e o amor? Precisamos começar com um cerne de crenças que não são negociáveis o qual é ensinado de forma explícita na Bíblia, algo que o povo de Deus usualmente tem sustentado ao longo da história da igreja e que seja igualmente válido em todas as culturas do mundo. Precisamos ter certeza de que nossas doutrinas básicas são verdadeiramente bíblicas e biblicamente equilibradas. Então, deveríamos nos apegar à doutrina básica, lutar por ela e estar disposto a morrer por ela.

Não é fácil manter a integridade, o equilíbrio e a tolerância doutrinária. Algumas sugestões são discutidas em "A doutrina correta e equilibrada" (veja o "O caminho correto"). Em suma, elas são as seguintes:

1. Precisamos ser capazes de discernir entre o que não é negociável e o que é negociável. (Uma pessoa sábia e piedosa é capaz de estabelecer a diferença entres esses dois aspectos.)
2. Precisamos ser aprendizes constantes, demonstrando humildade sobre o que conhecemos e sabendo que temos muito mais para aprender como servos de Deus. Não devemos recorrer aos métodos impiedosos para promover nossa teologia, como ridicularizar, depreciar por meio de insultos, coagir ou manipular. (E, ainda assim, como os fariseus, com muita freqüência, é o que fazemos.)
3. Precisamos ter convicção bem estabelecida de que a verdade é poderosa e de que não devemos temer as questões. Estas e os desafios nos fazem pensar, e pensar é algo que nos faz crescer.

ESTUDANTES EXTRAORDINÁRIOS DA BÍBLIA

Quando o apóstolo Paulo escreveu "[...] quanto à lei fui fariseu" (Fp 3.5), ele estava afirmando seu vasto conhecimento das Escrituras, uma marca dos fariseus. Estes eram doutrinariamente ortodoxos, principalmente porque amavam a Palavra de Deus e a estudavam seriamente. Jesus afirmou sua dedicação

O CAMINHO CORRETO

A doutrina correta e equilibrada

Os fariseus eram exemplares em sua busca da verdade doutrinal. Nós também deveríamos ser sábios a ponto de desenvolver um cerne de crenças pelos quais morreríamos. Como determinamos a doutrina correta e demonstramos o equilíbrio de que maneira tratar essa doutrina diante de Deus e de nossos companheiros de jornada, os seres humanos?

Primeiro, desenvolvemos as doutrinas básicas que são verdadeiras em relação às Escrituras. A doutrina fundamentada na Bíblia é a doutrina pela qual temos de lutar e até morrer.

Segundo, temos de discernir entre os aspectos negociáveis e os inegociáveis. "Quanto ao essencial, unidade; quanto ao não essencial, liberdade; em todas as coisas, amor", esse é um bom conselho muito citado. Aqueles que querem evitar o farisaísmo precisam desenvolver um discernimento piedoso.

Terceiro, precisamos ser aprendizes constantes, em vez de sermos teólogos que sabem tudo. Humildade, flexibilidade e disposição para mudar são virtudes teológicas.

Quarto, não deveríamos recorrer a métodos não piedosos para promover nossa teologia, como os fariseus o faziam. Ridicularização, ofensas, estereótipos, difamações, razões para contestação e jogo de poder, essas reações são sinais reveladores de que algo está errado. E é possível dizer o mesmo a respeito do sarcasmo, da decepção, da coerção, da manipulação e do uso da força. Descobrir falhas é simples e não é preciso muita percepção espiritual. Os fariseus tinham a intenção de trazer à tona as falhas usando qualquer meio disponível para fazer Jesus cair em descrédito. Algumas vezes, também descobrimos falhas e queremos que pessoas e movimentos caiam em descrédito. Não seria melhor para o discipulado encorajar a liberdade e também ensinar o discernimento?

> Quinto, precisamos estabelecer a convicção de que a verdade é poderosa e questões não devem ser temidas. Lembro-me de liderar um pequeno grupo de estudo bíblico sobre a carta aos Romanos bem no início de meu ministério como pastor. Quando uma das mulheres no grupo convidou o marido para se unir a nós, a dinâmica mudou rapidamente. Ele era médico clínico, estudara em escolas católicas e era brilhante, franco e cheio de perguntas difíceis. Antes de ele se juntar ao grupo, costumávamos dar alegremente as respostas corretas às questões do livro de exercício. No entanto, quando ele chegou, poucas de nossas respostas anteriores eram aceitáveis para ele. Ele nos incitava até que tivéssemos de pensar em direção a uma mudança de posição. Quando abandonamos nosso crivo e as respostas dadas por um guru, começamos a pensar por nós mesmos e crescemos muito com isso; e esse médico, não por mero acaso, passou a ficar convencido da identidade de Cristo.

à Palavra de Deus quando disse aos fariseus: "Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim" (Jo 5.39). O historiador Josefo, a Mishnah e o Novo Testamento afirmam essa excelência do conhecimento que os fariseus tinham das Escrituras.

Conforme John Stott observa, os fariseus e os escribas levavam o estudo da Bíblia muito a sério:

> Os escribas, por exemplo, cuja tarefa era copiar e ensinar o texto sagrado, faziam um estudo minucioso e detalhado. Eles consideravam cada sílaba do texto. Foram tão longe a ponto de contar o número de palavras e, até mesmo, letras de cada livro. E eles empreenderam todo esse trabalho, não só para o benefício de apresentar cópias acuradas, mas também porque, tolamente, imaginavam que a vida eterna consistia desse conhecimento acurado.[25]

[25] STOTT, John R. W. *Christ the controversialist.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1976, p. 97.

Os fariseus argumentavam sobre a relativa prioridade dos mandamentos de Deus e a respeito de qual seria a melhor forma para resumi-los (Mt 22.34-36). Toda palavra do Antigo Testamento era importante e digna de ser estudada.[26] Em consonância com o salmo 19.10, os fariseus valorizavam as Escrituras mais do que ouro.

Embora os fariseus conhecessem as palavras da Bíblia, muitos não compreendiam sua mensagem nem reconheceram o Messias que ela anunciava. Eles conheciam a letra da Palavra; entretanto, alguns não entendiam o espírito da Palavra nem o encarnavam. A testa deles ficava coberta com as Escrituras (literalmente), ainda assim não conseguiam perceber o processo de calcificação que estava tomando conta do coração. Eles perderam de vista o fato de que a Palavra de Deus é um meio, não um fim em si mesmo. As Escrituras se tornaram um estudo acadêmico, não prático. Os fariseus nos ensinam que o estudo da Bíblia pode ser uma profissão perigosa. Esse estudo pode cegar nossos olhos, inflar nossa cabeça e endurecer nosso coração!

Os fariseus, conforme exploraremos em maiores detalhes nos capítulos seguintes, viam a si mesmos como guardiões da tradição (capítulo 7) e construtores de cercas (capítulo 8). O objetivo deles nessas áreas não era preservar a situação reinante, mas se certificar de que a lei de Deus estava protegida e de que a vontade de Deus era transmitida a todos. Eles eram pessoas práticas que buscavam o equilíbrio entre os mandamentos imutáveis de Deus e as realidades culturais em processo de mudança do povo judeu. Portanto, eles reverenciavam algumas práticas, oriundas das Escrituras, é claro, e definiam em termos concretos a que se assemelhava à obediência.[27]

---

[26] FERGUSON, Everett. *Backgrounds of early christianity*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993, p. 505.

[27] Por exemplo, a piedade era medida pelo jejum, portanto eles devem ter imaginado, com os discípulos de João, por que Jesus era tão indisciplinado (Mt 9.14). Eles estenderam os ensinamentos do Antigo Testamento sobre a lavagem cerimonial dos sacerdotes para todo o povo de Deus desenvolvendo inúmeras tradições sobre os rituais de limpeza (Mc 7.1-23; Mt 15.1-20). Em razão de os discípulos de Jesus não lavarem a mão antes de fazer a refeição, os fariseus ponderaram por que uma implicação tão "clara" do texto das Escrituras seria violada de forma tão arrogante (Mt 15.1-20).

"ACASO, NÃO LESTES?"

É irônico o fato de Jesus comumente corrigir os fariseus, tão astutos biblicamente, ao salientar o conhecimento insuficiente deles em relação à Bíblia. Ele perguntou muitas vezes: "Acaso não lestes...?" (veja Mt 12.3,5; 19.4; 21.16,42; 22.31). Isso equivaleria a um pregador itinerante do interior perguntar a um erudito e respeitado professor de seminário: "Você quer dizer que nunca leu isso na Bíblia?"

Ao examinar os textos em que Jesus critica os fariseus por não conhecer as Escrituras, podemos descobrir, por nós mesmos, uma lista útil dos perigos que enfrentamos à medida que nosso conhecimento bíblico aumenta.

Um encontro de ensino em Mateus 12

Jesus, por três vezes em Mateus 12.1-14, abriu fissuras no sistema hermético dos fariseus. O sábado e o que era permitido fazer nesse dia estavam em questão. Jesus e seus discípulos foram criticados por colher espigas, uma clara violação das tradições do sábado farisaico. Jesus respondeu ao salientar algumas lacunas no Antigo Testamento de acordo com a compreensão dos fariseus (v. 3,4,5,7).

Jesus reagiu às acusações dos fariseus apelando para as Escrituras. Nos versículos 3 e 4, Jesus respondeu aos fariseus com as seguintes palavras: "Acaso não lestes o que fez Davi, quando teve fome, ele e seus companheiros?" Ele citou um exemplo em que Davi "quebrou a lei" (1Sm 21.1-6) para suprir uma necessidade física ao comer o pão sagrado apesar da proibição em Levítico 24.5-9. Mais uma vez, no versículo 5, Jesus perguntou: "Ou não lestes...?", quando observou a prática semanal dos sacerdotes de violar o sábado a fim de realizar as funções ordenadas por Deus (Nm 28.9,10). Os sacerdotes, obviamente, eram isentos da lei do sábado, pois tinham de trabalhar para que outros pudessem adorar. Depois, no versículo 7, Jesus mais uma vez repreendeu aos fariseus com estas palavras: "Mas, se vós soubésseis o que significa", e, a seguir, citou Oséias 6.6.

Que princípios das Escrituras Jesus procurou ensinar nessa passagem? Primeiro, *os fariseus não distinguiam entre a Palavra de Deus (a Torá escrita) e as*

tradições humanas (a Torá oral). Eles davam o mesmo peso para a tradição e para a verdade, como nós, por ignorância, também fazemos. Segundo, *os fariseus, com obstinação, interpretavam a Palavra de Deus* de tal forma que não percebiam as distinções, as nuanças e os equilíbrios sutis que Deus tinha a intenção de nos mostrar. Talvez, eles, como nós, focassem as prescrições e as regras da Bíblia, mas negligenciavam as descrições. Embora seja correto dar maior peso às obrigações que aos exemplos, estes, no entanto, servem para refinar a Palavra de Deus. Terceiro, em sua tentativa de aplicar vigorosamente a lei, *os fariseus não percebiam as prioridades de Deus*, pois Deus coloca a compaixão acima do ritual (Os 6.6; Mt 9.13; 12.7; 23.23).

Um encontro de ensino em Mateus 19

Com as palavras: "Acaso, não lestes...?", Jesus evitou a pergunta capciosa dos fariseus em relação ao divórcio e reapresentou a intenção original de Deus para o casamento (Mt 19.4). Os fariseus, na verdade, queriam que, na questão do divórcio, Jesus escolhesse entre os dois grandes rabis fariseus: Hillel (o moderado) e Shammai (o radical). Hillel ensinava que o divórcio era permitido por causa de uma variedade de "indecências", inclusive uma refeição mal preparada. Shammai limitava o divórcio apenas a um grande pecado sexual. Os fariseus, no entanto, conheciam as Escrituras muito bem para rebater a menção de Jesus a Gênesis com as instruções de Deuteronômio. "Responderam-lhe: Então por que mandou Moisés em Deuteronômio 24.1-4 dar-lhe carta de divórcio?" Dessa vez, Jesus foi além das palavras das Escrituras para chegar ao âmago do problema.

O que Jesus estava ensinando sobre as Escrituras nesse confronto? Primeiro, *os fariseus avaliavam a verdade por sua interpretação atual favorita, em vez de voltar à fonte original.* Segundo, os fariseus eram rápidos para selecionar os detalhes das Escrituras, mas *deixavam de lado os princípios fundamentais* (veja também Mt 23.23). Terceiro, *os fariseus procuravam brechas na lei para justificar seus pecados*, em vez de examinar o âmago da Lei a fim de que se aproximassem mais de Deus – exatamente como, algumas vezes, fazemos.

Um encontro de ensino em Mateus 21

Em Mateus 21, Jesus, por duas vezes, confrontou e corrigiu os fariseus. A primeira vez que Jesus mencionou a leitura das Escrituras, "Está escrito", foi depois de limpar o templo uma segunda vez (Mt 21.12-17). As pessoas, em particular as crianças, haviam começado a louvá-lo. Os líderes religiosos, indignados, perguntaram a Jesus se ele ouvira o louvor messiânico que as crianças entoavam, presumindo que ele as interromperia. Jesus, no entanto, encorajou as crianças a louvá-lo e assegurou que o que elas faziam era totalmente consistente com o que lemos no livro de Salmos 8.2. Esse salmo, obviamente, refere-se a Deus, e Jesus o aplicou a si mesmo.

Os fariseus, com todo o conhecimento bíblico que tinham, deixavam algumas vezes de perceber o óbvio. Os que têm muito conhecimento bíblico podem se tornar tão fechados em um sistema que podem não enxergar o que as crianças veem. Os estudiosos da Bíblia, algumas vezes, tropeçam nas verdades que são aparentes às pessoas simples. (O oposto, é claro, também ocorre. As pessoas simples, por causa de seus preconceitos, recusam-se a aceitar a verdade que pode ser claramente demonstrada pelos estudiosos.)

Em Kimberley, na África do Sul, visitei por duas vezes o maior buraco do mundo feito pelo homem, agora abandonado pelos caçadores de diamantes. Nessa cidade, Cecil Rhodes, que financiou as bolsas de estudo Rhodes, começou a fazer sua fortuna. À medida que os mineiros escavavam, eles encontravam diamante e não demorou muito para que a área ficasse infestada de exploradores cavando para chegar cada vez mais nas entranhas da terra. Entretanto, fiquei sabendo que o maior diamante foi encontrado no solo próximo à superfície. Comparo a Bíblia às minas de Kimberley. Quanto mais profundo cavarmos na Palavra de Deus mais chances teremos de encontrar um tesouro espiritual. A fonte é inesgotável. Entretanto, os "diamantes" mais valiosos da Palavra de Deus, apesar do que alguns pregadores induzem as pessoas a acreditar, estão na superfície e, portanto, não precisam ser escavados nas profundezas. Os tesouros mais importantes das Escrituras podem ser compreendidos por crianças. Os pequenos tesouros podem exigir ferramentas mais vastas a fim de que possam ser extraídos.

Em Mateus 21, a segunda vez que Jesus pergunta àqueles que se orgulham de seu conhecimento bíblico, "Nunca lestes nas Escrituras...?", (v. 42), é depois que ele conta a parábola sobre os lavradores maus (v. 33-46). Os fariseus, aparentemente, compreenderam a parábola e afirmaram que os lavradores maus mereciam ser punidos de forma severa. Entretanto, eles não captaram o fato de que eles mesmos eram os lavradores maus. Portanto, Jesus deixou isso muito claro para eles. *Vocês* são aqueles que rejeitam a "pedra angular". O reino será tirado de *vocês.* Os fariseus pegaram o sentido daquilo que Jesus lhes dissera e, por causa disso, quiseram prendê-lo. O que quero realmente dizer? Mesmo quando os fariseus compreenderam claramente as advertências da Palavra, eles se recusaram a ver a si mesmos. Eles, em teoria, compreenderam, mas, pessoalmente, não foram capazes de compreender e *negligenciaram a aplicação das Escrituras a si mesmos.* Nós também fazemos isso.

MANTENDO AS PRIORIDADES DE DEUS NO CENTRO

Jesus, no relato de Mateus, repreendeu os fariseus por seu conhecimento insuficiente de conhecimento bíblico também em outra ocasião (9.13), depois de que eles reclamaram do fato de Jesus desfrutar da companhia de pecadores à mesa (v. 9-11). Jesus, defendendo suas ações, disse: "Ide, pois, e aprendei o que significa", uma fala que era uma fórmula rabínica muito comum e que servia para instruir os alunos a voltar aos fundamentos básicos. A seguir, ele cita Oséias 6.6 e diz aos fariseus que eles ignoraram um princípio que era precioso para o coração de Deus: "Misericórdia quero, e não sacrifício". Quando estudamos a Bíblia, é importante *manter as prioridades de Deus no centro.*

O conhecimento bíblico deve nos levar em direção a fazer o que Deus deseja, em vez de nos desviar da vontade do Senhor. Em Mateus 23.23, Jesus também salientou um problema, e, mais uma vez, mostrou que os fariseus não compreendiam as prioridades de Deus. Eles dizimavam com zelo (um mandamento bíblico), mas negligenciavam a justiça, a misericórdia e a fé (a missão daquele que crê). Portanto, eles tinham um sentido distorcido do equilíbrio bíblico. Eles davam peso extremado a assuntos menores. Eles eram especialistas em minúcias.

PERDENDO O FOCO BÍBLICO

Por fim, os que estudam a Bíblia podem deixar de perceber, em seus estudos, o foco da Bíblia, Jesus Cristo. Jesus declarou aos fariseus: "Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim" (Jo 5.39). Eles não entenderam as exigências e o foco centrais das Escrituras, Jesus! John Stott comenta:

> A discussão que Jesus tinha com os judeus não dizia respeito à *visão* que eles tinham das Escrituras, mas ao *uso* que faziam delas. Eles, também, aceitavam a *proveniência* divina das Escrituras (embora a Palavra de Deus não permanecesse neles, v. 38). Eles, no entanto, compreendiam de forma equivocada o propósito da Palavra de Deus.[28]

A Bíblia foi concebida para nos trazer para Cristo.

OS ASPECTOS BONS E OS RUINS DO CONHECIMENTO BÍBLICO

O amor insuperável dos fariseus pela Bíblia e o excelente conhecimento que tinham das Escrituras era útil para eles, pois os capacitava a detectar as falsificações e a defender-se contra elas, além de possibilitar que pudessem comunicar sua fé a outras pessoas. Os fariseus, verdadeiramente, desejavam honrar a aliança com Deus e guardar seus mandamentos. Todavia, abaixo da superfície de seu conhecimento bíblico havia alguns perigos relevantes.

Os fariseus, com seu conhecimento minucioso do Antigo Testamento, iludiram a si mesmos, pois começaram a achar que conheciam mais a respeito de Deus do que realmente conheciam. Embora conhecessem a Bíblia, muitos não conheciam seu Autor. E eles, por ter confiança no domínio que tinham da Palavra de Deus, passaram a ser pessoas que não eram passíveis de ser ensinadas, e isso, no aspecto espiritual, é um grande perigo. No ambiente de conhecimento extensivo de Deus, eles perderam contato com os elementos do caráter de Deus.

---

[28] STOTT, John R. W. *Christ the controversialist*, p. 96.

O conhecimento bíblico dos fariseus tornou-se fonte de orgulho, e não de humildade. Charles Swindoll afirma:

> O conhecimento pode ser perigoso quando não é equilibrado pelo amor e pela graça. Tal conhecimento resulta em arrogância, e isso leva a um espírito intolerante [...] uma disposição exclusivista.[29]

O orgulho incitava os fariseus a olhar com desconfiança aqueles que, como Jesus, ganhavam rapidamente espaço, a classificar outros e, em geral, a associar-se só com as pessoas que pensavam de forma semelhante à deles.

Além disso, os fariseus focavam a letra da Lei, mas não compreendiam o espírito da Lei; eles conheciam as palavras de Deus, mas não o Deus da Palavra. Eles selecionavam as porções da Bíblia que mais gostavam e pulavam outras. Eles se envolviam com *eisegesis* (a interpretação pessoal do texto das Escrituras, em que leio minha opinião no texto), não com a exegese (ler a verdade de Deus no texto das Escrituras). E Jesus nos diz que eles não praticavam o que pregavam (Mt 23.3). O conhecimento deles, algumas vezes, era teórico, nada pessoal nem prático. Eles, com frequência, enredavam-se com as minúcias e não percebiam o quadro maior. John White em *The fight* (*A luta*) escreveu:

> Conhecimento, especialmente o conhecimento bíblico, tem o mesmo efeito que o vinho quando sobe para a cabeça. Você fica tão exaltado que chega a ficar inebriado. No entanto, o estudo bíblico não deve ter como objetivo *saber sobre* Cristo, mas *conhecer a ele* pessoalmente.[30]

MANEIRAS DE APLICAR DE FORMA EQUIVOCADA AS ESCRITURAS

Alunos bem-intencionados da Bíblia podem até mesmo permitir de maneira errada a aplicação das Escrituras, como os fariseus ilustram. Primeiro, se

---

[29] SWINDOLL, Charles. *Growing deep in the christian life*. Portland, Ore.: Multnomah, 1986, p. 31.

[30] WHITE, John. *The fight*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1978, p. 55.

a aplicação proceder de uma teologia distorcida, o resultado pode ser corações distorcidos. Foi assim que a teologia dos fariseus sobre a profanação (que brotou de visões equivocadas de santidade e de pureza) resultou em separatismo, algo em desacordo com a Bíblia. Segundo, se as Escrituras são aplicadas de forma seletiva, nossa seleção pode muito bem deixar de perceber as prioridades de Deus. Por exemplo, os fariseus escolheram aplicar passagens que se referiam aos atos religiosos enquanto negligenciavam as obrigações sociais (Mt 9.13; 12.7; 15.3-6; 23.23,24). Eles gravitavam em torno da permissão de Moisés para escrever uma carta de divórcio (Dt 24.1-4), mas ignoravam a intenção original de Deus para o casamento (Gn 1.27; 2.24; Mt 19.3-12). E eles também ignoravam vários furos bíblicos em suas cercas a respeito do sábado, e Jesus, rapidamente, salientou isso (Mt 12.1-14). Terceiro, a profissão da verdade nem sempre coincide com a prática da verdade (como Jesus salientou em Mt 23.3,4). Quarto, se a aplicação zelosa da verdade for motivada pelas razões erradas, o resultado será a injustiça. É possível aplicar as Escrituras à vida pelo poder da autodisciplina, da personalidade ou do reforço positivo, e tudo isso destituído do Espírito de Deus. É possível viver uma vida cristã pelo poder do Espírito Santo ou pelo poder do espírito humano. Esses dois tipos de vida se parecem de muitas maneiras. Finalmente, o processo de aplicar a verdade pode facilmente produzir legalismo.

Assim, o que aconteceu de errado com os fariseus? Por que o estudo disciplinado das Escrituras não produziu a bondade que poderíamos esperar? Como eles conseguiram definir Deus de modo tão acurado mesmo sem encontrá-lo? Exatamente da maneira que o fazemos, distorcendo e aplicando de forma equivocada as Escrituras.

Nem nós nem os fariseus intentamos chegar a essas distorções. Na verdade, nós, como os fariseus, temos caracteristicamente um alto compromisso com a Bíblia como a Palavra de Deus. Infelizmente, pequenas distorções no uso da Bíblia nos preparam para considerável prejuízo e decepções espirituais. Ser extremamente justo pode transformar-se em estar extremamente errado!

Capítulo seis

Quando o relacionamento particular se torna um espetáculo público

Os irmãos Ringling, Barnum e Bailey anunciavam seu espetáculo como "O maior espetáculo da terra". O circo deles apresentava muitos números perigosos que desafiavam a morte, um espetáculo de esplendor e beleza magníficos, entretenimento e talento extraordinário. Entretanto, é muito duvidoso que realmente mereça verdadeiramente o elogio de "O maior espetáculo". Ao contrário, podemos defender um argumento convincente de que a religião merece mais apropriadamente o título de "O maior espetáculo". A religião tem muitos mais fãs, e estes pagam muito mais dinheiro e são muito mais sérios do que os organizadores de circo poderiam esperar. Nada – nenhuma competição atlética, nenhum espetáculo para nosso entretenimento, nenhuma reunião política – nada mesmo se compara ao espetáculo que a religião exibe regularmente.

O espetáculo religioso é praticado o tempo todo em todas as partes do mundo, diariamente. As grandes produções acontecem às sextas-feiras, para os muçulmanos; aos sábados, para os judeus; e aos domingos, para os cristãos.

Os seres humanos são inevitavelmente religiosos. Temos um senso profundo do espiritual, um anseio pelo sobrenatural e um profundo desejo para nos conectar com o divino. A fé e as ações religiosas são universais, existem em todas as culturas. Até mesmo em nosso mundo moderno, o mundo pós-Deus, as pessoas sentem-se compelidas a reconhecer sua devoção a Deus por intermédio de ações de piedade religiosa. Infelizmente, entretanto, a piedade pode facilmente degenerar em um espetáculo público.

A maioria das religiões prescreve comportamentos similares por meio dos quais as pessoas podem demonstrar sua fé. Essas ações, de forma característica, incluem doações, oração e alguma forma de autorrenúncia, em geral o jejum. Talvez, essas três ações sejam comuns nas religiões do mundo, porque elas cobrem as três direções da verdadeira piedade: exteriorização do amor em relação aos outros companheiros de jornada, os seres humanos, particularmente os necessitados; elevação nas orações a Deus; e interiorização em alguma forma de autonegação tanto para estimular a devoção das pessoas quanto para provar a existência dela.[31] Tais atos de piedade podem ser bons, mas eles, em razão de poderem ser observados, também podem se tornar um espetáculo público que falsifica a verdadeira espiritualidade. Nos fariseus, podemos ver a verdadeira e a falsa piedade em ação.

PIEDADE FARISAICA

A verdadeira e a falsa piedade

Nossos amigos, os fariseus, eram especialistas em piedade e levavam muito a sério a devoção deles a Deus. A piedade era regular, real e sacrificial.

Infelizmente, o farisaísmo se tornou quase sinônimo de falsa piedade. Embora ninguém pudesse negar a presença da hipocrisia nas fileiras dos fariseus, a falsa piedade deles, provavelmente, não era mais acentuada do que a nossa. Eles, em geral, não eram mais hipócritas que nós. Os fariseus reconheciam abertamente a mesma hipocrisia entre eles e a condenavam de forma cabal. O Talmude, por exemplo, descreve sete tipos distintos de fariseus: "(1) o fariseu 'ombro' usava suas boas ações em seu ombro para que todos pudessem vê-lo; (2) o fariseu 'espere um pouquinho' sempre achava uma desculpa para adiar uma boa ação; (3) o fariseu 'contundido' fechava os olhos para não ver uma mulher e trombava com as paredes, contundindo-se; (4) o fariseu 'corcunda'

[31] Por exemplo, três dos cinco pilares do islamismo são os atos de caridade, a oração cinco vezes ao dia e o jejum durante o Ramadã; o hinduísmo foca o caminho das obras, o caminho do conhecimento e o caminho da devoção.

sempre andava encurvado, um sinal de falsa humildade; (5) o fariseu 'cálculo contínuo' sempre contava o número de suas boas ações; (6) o fariseu 'receoso' sempre tremia de medo por causa da ira de Deus; (7) o fariseu 'amoroso para com Deus' era uma cópia de Abraão que vivia pela fé e com amor".[32] A piedade dos fariseus, como a nossa, era uma mistura de atitudes falsas e verdadeiras.

Reconhecer a falsa piedade

Aninhado no meio do "Sermão do Monte", temos uma exposição dura da falsa piedade, feita por Jesus (Mt 6.1-18). Embora os fariseus não sejam mencionados pelo nome nesse capítulo da Bíblia, é certo de que a menção a eles está implícita ali. Ao não mencionar especificamente os fariseus, talvez Jesus estivesse sugerindo que eles não fossem os únicos que eram vítimas da falsa piedade. Os avisos aqui são para todos que são sérios em relação a sua devoção a Deus.

Devemos estabelecer o contexto do ensinamento de Jesus sobre a piedade ao examinar primeiro Mateus 5. Os fariseus, por suspeitarem que Jesus negligenciou suas tradições, questionaram o compromisso dele para com a lei mosaica. Jesus lhes assegurou seu compromisso total e inabalável com a Lei e disse que o problema residia na interpretação de justiça dos fariseus. Os escribas e os fariseus haviam adicionado à Lei interpretações humanas equivocadas; eles tornaram a Lei superficial, algo que poderia ser alcançado sem a capacitação divina.

Jesus corrigiu de forma firme a teologia equivocada e superficial deles com as seguintes palavras: "Eu, porém, vos digo..." (v. 22,28,32,34,39,44). Ele aprofundou a interpretação da Lei e corrigiu algumas tradições equivocadas dos fariseus. Ele concluiu o capítulo com as seguintes palavras: "Sede, vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial" (5.48).

Nesse ponto, qualquer pessoa honesta, consciente de sua natureza, deveria afirmar imediatamente a impossibilidade de ser perfeita como o Pai. Se a

---

[32] VARNER, William C. "Jesus and the pharisees: A jewish perspective", *The Newsletter Publication of Personal Freedom Outreach* 16, nº 3, julho-setembro 1996, p. 12.

perfeição humana fosse a exigência de Deus, então ninguém jamais alcançaria esse patamar. E é esse exatamente o ponto! Se os fariseus estivessem dispostos a ver sua inadequação espiritual, eles estariam bem avançados no caminho da verdadeira justiça. Pois, desse modo, eles se lançariam na misericórdia de Deus e apelariam para a graça do Senhor. De qualquer maneira, Jesus demoliu o conceito de que a justiça humana pudesse ser alcançada por intermédio da Lei e indicou que outro meio para isso era necessário.

Mateus 5 acaba com estas palavras: "Sede, vós, pois, perfeitos...", e o capítulo 6 começa com o seguinte alerta: "Guardai-vos...". O perigo, para o religioso, fica à espreita. Aparentemente, a compulsão humana para agradar a Deus pode facilmente desvirtuar. A piedade pode facilmente deteriorar. Aqueles que são sérios em relação a sua religião correm o risco de contrair perigosas doenças espirituais. As práticas religiosas são particularmente propensas a se tornarem fraudulentas. Para as pessoas religiosas, há a grande tentação de demonstrar sua piedade. Jesus salientou três atos específicos de justiça – atos de caridade, oração e jejum – e perguntou o que os motivava a realizar cada um deles.

Também deveríamos perguntar o que motiva nossos atos. Quem é a principal audiência para a nossa prática de justiça? As nossas ações de devoção são feitas para outras pessoas ou para Deus? A resposta a essas perguntas faz uma diferença eterna. Se Deus Pai é nossa audiência, então ele recompensará devidamente nossa piedade. Entretanto, se o elogio humano e o enaltecimento de si mesmo forem nossos motivos íntimos, então se deve esperar outro tipo de recompensa, a temporária e inconsequente.

A PRÁTICA DA PIEDADE

A justiça deve ser praticada. Jesus não encarou os religiosos como pessoas que agiam de acordo com sua fé. Pressupõe-se tal piedade (observe a palavra *quando* em Mt 6.2,5-7,16). A verdadeira religião resulta em dar, orar e negar a si mesmo. Aqueles que desejam evitar a falsa piedade não devem hesitar em razão do medo da busca por piedade. No entanto, a piedade é perigosa.

A piedade é pervertida quando o motivo da busca é agradar o público, não a Deus. Quando nos transformamos em exibicionistas religiosos, ficamos

viciados no elogio das pessoas. Ou podemos adotar a atitude que Deus precisa ser manipulado a fim de conseguirmos o que queremos. Em qualquer um desses casos, usamos Deus para conseguir nosso objetivo. E isso funciona, pois toda piedade, tanto a falsa quanto a verdadeira, conforme Jesus nos disse, é recompensada. Essa é uma boa notícia para as pessoas religiosas, mas não tão boa quanto poderíamos esperar. A recompensa da piedade pode não passar do elogio vazio das pessoas, sem qualquer recompensa divina ou eterna.

A triste verdade sobre a religião é que a falsa piedade funciona! A piedade pode, de forma fácil, sutil e gradual, transformar-se em um meio para o ganho pessoal na esfera social, na econômica e na pessoal. A piedade faz que tenhamos a aparência de pessoas espirituais. Se alguém doa com generosidade, fala sem restrições sobre sua vida de oração, como alguns fazem, ou sacrifica de forma conspícua, ele, com frequência recebe as recompensas das pessoas. Ficamos devidamente impressionados, além de honrar e elogiar, as pessoas "fiéis". Além disso, temos mais probabilidade de ouvir as pessoas que têm uma aura de espiritualidade e de nos submetermos a elas. Isso, muitas vezes, abre as oportunidades e confere privilégios, algo a que as pessoas "menos espirituais" têm acesso. A aparência de piedade pode pôr alguém seguramente em um pedestal.

John Stott, em *Christ, the controversialist* (*Cristo, o controversista*), ressalta:

> Hoje, o mesmo espírito farisaico ainda assombra todo filho de Adão. É fácil criticar os contemporâneos de Cristo e não perceber a repetição de sua vanglória em nós mesmos. Ainda assim, profundamente enraizada em nossa natureza caída está a sede pelo elogio de outras pessoas. Parece que essa é uma perversão demoníaca de nossa necessidade psicológica basal de ser querido e amado. Temos fome de aplausos, buscamos elogios, vicejamos na bajulação. Queremos o aplauso dos homens. Não nos contentamos com a aprovação de Deus agora nem com seu elogio no último dia: "Muito bem, servo bom e fiel". Ainda, conforme Calvino expressa essa ideia: "O que é mais tolo, não, o que

> é mais bestial do que preferir a desprezível aprovação dos homens do que o julgamento de Deus?"[33]

PIEDADE AO DOAR

Quando Jesus falou aos fariseus sobre dinheiro, ele conhecia a intenção deles. Acreditavam que deviam doar a Deus e ao pobre. Eles tinham a intenção de cumprir a letra da Lei e de, até mesmo, excedê-la. Os fariseus apoiavam o templo e as sinagogas. A comunidade religiosa também fornece alívio aos desprivilegiados. R. T. France comenta:

> No judaísmo, os atos de caridade eram uma obrigação religiosa, não uma opção filantrópica e, no século primeiro d.C., a ajuda aos pobres fundamentada nos atos de caridade foi impressionantemente bem-organizada.[34]

Os fariseus eram zelosos quanto ao dízimo. Eles não só dizimavam a quantia ordenada de todas suas posses e propriedades, mas também as porções não ordenadas, como as das ervas (Mt 23.23; Lc 11.42). O fariseu na parábola de Jesus sobre o fariseu e o publicano afirma corretamente: "[...] dou o dízimo de tudo quanto ganho" (Lc 18.12). Nenhum fariseu temente a Deus e que respeitasse a si mesmo teria se retraído no doar, como é comum acontecer hoje em dia. Além disso, alguns fariseus honravam o ato de doar secretamente, e não de forma ostensiva.[35]

Portanto, quando Jesus tratou dos atos de caridade dos fariseus em Mateus 6.1-4, ele falou sobre pessoas que acreditavam nesses atos de doação e o praticavam. Desse modo, Jesus não estava tratando da seguinte questão: se

---

[33] STOTT, John R. W. *Christ the controversialist.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1976, p. 205.

[34] FRANCE, R. T. *Matthew: Evangelist and teacher.* Grand Rapids: *Acedmie*, 1989, p. 131. Os atos de caridade estavam especificados na Lei; veja Êxodo 23.10,11; 30.15; Levítico 19.10; Deuteronômio 15.7-11.

[35] DAVIES, William David e ALLISON, Dale C. *A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Matthew.* Edinburgh: T & T Clark, 1988, p. 579.

eles deveriam doar aos pobres ou não; mas tratava da forma que isso era feito e da motivação por trás dessa atitude. Ele, de imediato, alertou contra o soar da trombeta para anunciar que alguém estava doando algo. Alguns fariseus deviam chamar a atenção para seus atos de caridade.[36] A afirmação: "[...] não faças tocar trombeta diante de ti" (v. 2), é provavelmente metafórica, algo semelhante a nossa expressão: "Não alardeie aos quatro ventos suas boas obras". A motivação deles era ganhar benefícios terrenos com suas contribuições de caridade, sabendo, como nós também, que a reputação de um doador é uma forma eficaz de ganhar o elogio das pessoas.

Jesus, imediatamente, rotulou as pessoas que servem os outros com motivos interesseiros de "hipócritas". Esse termo forte era comumente usado por Jesus quando se referia aos fariseus. Ele quer dizer "aquele que dissimula" ou "aquele que é falso".[37] Os fariseus não agiam como se estivessem doando dinheiro e, depois, retiravam a doação. Eles realmente doavam; eles eram dedicados a Deus e levavam a sério a vontade do Senhor. A hipocrisia deles brotava do fato de que eles achavam que, por estar agindo no interesse de Deus, era justo que anunciassem isso um pouco. William Hendriksen resume a hipocrisia deles:

> Eles eram hipócritas porque enquanto *alegavam doar*, eles realmente *tinham a intenção de receber*, ou seja, desejavam receber a honra dos homens.[38]

Os ensinamentos de Jesus revelaram que aqueles que buscam o orgulho humano para a sua doação serão plenamente recompensados. Eles conseguirão precisamente aquilo pelo que trabalharam (mas não pelo que esperavam).

---

[36] CARSON, D. A. *The expositor's Bible commentary*, vol. 8. Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 164.

[37] KERN, Kathleen. *We are the pharisees*. Scottsdale, Pa.: Herald, 1995, p. 61. Jesus usa a palavra *hipócritas* em Mateus 6.2,5,16; 23.13-15,23,25,27,29.

[38] HENDRIKSEN, William. *New Testament commentary: Exposition of the gospel according to Matthew*. Grand Rapids: Baker, 1982, p. 320.

Jesus era sábio o suficiente para perceber como os relacionamentos humanos funcionam. As pessoas são regularmente reconhecidas por sua filantropia. Aqueles que buscam a aclamação humana por intermédio do dinheiro que doam para as obras de caridade, provavelmente, serão aplaudidos. Quando eles são elogiados, certamente devem se sentir satisfeitos, conforme Jesus explicou, pois cumpriram sua missão; eles receberam o pagamento completo.

Jesus, a seguir, recomendou um caminho alternativo para a piedade apropriada. Ele apresentou seu melhor caminho com a palavra *mas* (v. 3). Quando doar aos pobres, "[...] não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita". Com essa figura de linguagem, ele "não deixa implícito que não precisamos manter em dia a doação, que devemos ser irresponsáveis na administração das finanças ou nos recusar a revelar como gastamos nosso dinheiro por causa da prestação de contas de nossas finanças".[39] O ponto de Jesus é que não devemos anunciar publicamente nossa doação, nem devemos ficar ocupados com nossa doação.

Dois grandes motivos estão em vista. Um deles é a intenção de impressionar as pessoas. O outro é a intenção de impressionar a nós mesmos ("como sou uma pessoa boa!"). O antídoto para essas duas motivações equivocadas é doar de forma tão sincera e liberal a ponto de esquecer-se de si mesmo e buscar agradar somente a Deus por intermédio do serviço ao próximo. Aqueles que aceitam essa maneira de ser serão recompensados por Deus. Nada escapa a seu olhar e nada que seja motivado pelo amor a Deus será esquecido.[40]

Ao olharmos os alertas de Jesus, devemos avaliar a nossa motivação com estas três perguntas:

1. Há caminhos em que faço "tocar trombeta" ou em que "alardeio aos quatro ventos" minhas boas obras para anunciar minha doação?
2. Corremos o risco de tirar conclusões inadequadas sobre nós mesmos e os outros pela forma que doamos?
3. Doamos para receber o elogio das pessoas?

---

[39] BLOMBERG, Craig L. *Matthew*, vol. 22 de *The new american commentary*. Nashville, Broadman: 1992, p. 117.

[40] Veja Gênesis 16.13; Salmos 139; Marcos 10.40-42; João 21.17; Hebreus 4.13.

A resposta, de muitas maneiras sutis, é afirmativa. Deixe-me dar algumas ilustrações.

A tradição, em algumas igrejas, é fazer muito barulho sobre a doação. O dinheiro é extraído da congregação de forma intencional e pública. Tenho vívidas memórias de minha juventude quando, na hora da coleta, apresentavam aquela cesta grudada em uma vara. Temia que a pessoa que recolhia as ofertas segurasse a cesta em frente de minha face até eu ceder e doar. Em algumas igrejas, o dinheiro é levado até o altar. Recolhem-se múltiplas ofertas. Na maioria das igrejas, existe até mesmo uma forma de anunciar a quantia publicamente. Graças a Deus, na maioria das igrejas a doação é muito mais particular, em que se usa envelopes, pratos para ofertas e caixas onde é possível depositar o dinheiro.

Ainda assim, podemos praticar métodos mais sutis e culturalmente corretos de anunciar nossa doação. Muitas igrejas usam cartões de compromisso para estabelecer a arrecadação anual, fazendo campanhas monumentais e organizando grandes campanhas com "a promessa de fé" para aumentar a doação para missões. Embora essa doação possa honrar a Deus quando for prometida pela fé, a motivação também pode ser mista. Algumas pessoas, por razões óbvias, doam mais quando assinam seu nome nas linhas pontilhadas. Entrementes, muitos são motivados para doar no final do ano para economizar no pagamento de impostos. Alguns doam porque sabem que o tesoureiro da igreja e outras pessoas verão a quantia doada. Nossa doação não deve ser motivada pela dedução no imposto de renda, pelas reações humanas ou, até mesmo, pela autoestima pessoal, mas pela paixão por Deus e por compaixão por outras pessoas.

Inquestionavelmente, doação representa uma grande questão da igreja. O dinheiro não só é necessário para manter a instituição, mas também pode ser um meio de se conseguir poder e elogio de indivíduos da igreja e da paraigreja. A igreja, ao longo dos anos, desenvolveu formas de identificar e recompensar aqueles que contribuem mais para a instituição. As igrejas e as instituições religiosas, com frequência, nomeiam prédios, alas, cadeiras, bancos e assim por diante com o nome daqueles que contribuem com somas consideráveis.

Além disso, os programas de levantamento de fundos muitas vezes têm um componente por intermédio do qual eles identificam os maiores doadores da congregação e fazem um apelo especial para eles. Entretanto, para que eu não abandone o assunto de doação com um mal-entendido, deixe-me acrescentar que algumas dessas pessoas cuja espiritualidade mais me impressiona são aquelas poucas a quem Deus deu muito, mas que vivem de forma simples e, sem alardes, distribuem sua riqueza entre os necessitados. O materialismo não é uma questão de dinheiro, mas de atitude.

Talvez a prática financeira mais sinistra de todas seja a avaliação de nossa piedade pelo volume de nossas contribuições financeiras. A afirmação de Jesus de que não devemos deixar nossa mão esquerda saber o que nossa mão direita faz lida primariamente com esse perigo da autoavaliação. Pois a ostentação não só é errada, como também é presunção, e esta pode crescer rapidamente se avaliarmos a nós mesmos pela porcentagem de nossa doação. Podemos nos orgulhar de dar, dizendo a nós mesmos: "Afinal, em grande parte de minha vida cristã, contribuí com o dízimo" (e lá estou eu alardeando aos quatro ventos minha doação). Quando faço a doação antes do tempo previsto para ela, posso, algumas vezes, sentir-me satisfeito comigo mesmo. De modo inverso, quando me atraso para fazer a doação, sinto que não estou em boa posição diante de Deus.

Deus, sem sombra de dúvida, quer que doemos. Esse doar precisa primeiro ser expressão de nosso amor por ele, aquele que possui tudo e, graciosamente, nos deu tudo que temos. A administração de nossas finanças não deve ser autoconsciente nem deve buscar os nossos interesses. A presunção talvez seja o principal perigo que corremos se tivermos dinheiro para dar (1Tm 6.17). E o favoritismo pessoal era (e é) um problema bastante comum na igreja a ponto de Deus ter de nos alertar de forma severa a respeito dele (Tg 2.1-13). Para nós, deve bastar saber que Deus sabe que doamos.

PIEDADE AO ORAR

A atitude mais comum de piedade é a oração. Isso é universal, existe em todas as religiões. Talvez possamos dizer que a oração é a mais elevada atitude

de piedade, pois, quando oramos, ficamos em contato com Deus. O que um pai ou uma mãe mais gosta é de passar algum tempo conversando com seu filho querido. A oração nos capacita a fazer isso com nosso Pai celestial. A oração é nossa fonte de poder.

Os fariseus, como alguns podem esperar, eram devotados à oração. O primeiro capítulo da primeira divisão da Mishnah (Berakoth) trata da razão, lugar, momento, forma e assunto da oração. Os judeus fiéis deviam orar 18 ações de graça três vezes ao dia, recitar a *Shema* duas vezes e proferir bênçãos antes, durante e depois das refeições. Os judeus separavam um tempo para a oração, como nosso devocional pessoal e reuniões de oração. Hendriksen observa:

> Portanto, havia as orações matinais, vespertinas e noturnas (Sl 55.17; Dn 6.10; At 3.1). De acordo com Josefo [...] sacrifícios, inclusive as orações, eram oferecidos no templo "duas vezes por dia, de manhã bem cedinho e na nona hora". Havia também um culto na hora do pôr-do-sol.[41]

Muitos fariseus, ao contrário da caricatura comum dos cristãos, não honravam as demonstrações pretensiosas de piedade pública nem as orações mecânicas de repetições rotineiras.[42] Oração silenciosa em particular era encorajada entre os fariseus. Além disso, eles citavam avisos bíblicos e rabínicos contra as orações prolixas. E eles acreditavam, conforme Jesus ensinou, na inutilidade de pedir o perdão de Deus e, a seguir, recusar-se a estender esse perdão aos outros.[43]

O cerne do problema

Entretanto, Jesus, o único que chegou ao cerne do problema, descobriu falhas sérias com a vida de oração de alguns fariseus. Ele tratou do assunto referente à oração em Mateus 6.5-15. Nessa seção, com a imortal oração do

---

[41] HENDRIKSEN, *Gospel according to Matthew*, p. 322.

[42] COLEMAN, William L. *The pharisees' guide to total holiness*. Minneapolis: Bethany, 1977, p. 62,63.

[43] DAVIES, e ALLISON, *A critical and exegetical commentary*, p. 588, 610-11.

Pai Nosso (v. 9-13), ele, mais uma vez, pressupôs que as pessoas que são sérias a respeito de sua fé oram. Nosso Salvador disse três vezes: "Quando orardes" (v. 5-7) e, ao apresentar a oração do Pai Nosso, disse: "Portanto, orai vós deste modo" (v. 9).

Jesus criticou primeiro a oração de ostentação (v. 5). Seus ouvintes eram cuidadosos e procuravam evitar a prática dos hipócritas que oravam nos momentos e lugares mais oportunos, buscando o máximo de exposição pública. A prática condenada aqui não tem nada a ver com a postura da oração. Os judeus, de forma característica, oravam em pé.[44] O fato de que o cenário é um lugar público – a sinagoga ou uma esquina – não é o ponto crucial do problema aqui. Hendriksen comenta:

> As Escrituras, em nenhum trecho, condenam a oração pública (2Cr 6.14-42; Ne 9; At 4.24-31) nem a oração individual oferecida em lugar público.[45]

Na adoração semanal na sinagoga, podia-se pedir a alguém da congregação para orar publicamente, ficando na frente dos rolos. Jesus, provavelmente, participava dessa atividade, pois sabemos que ele frequentava a sinagoga e adorava ali (Mc 6.1,2). Portanto, não há nada de errado com a oração pública quando ela for oferecida de forma sincera a Deus e com a motivação correta.

A oração, quanto a seu impacto na audiência, é outro assunto totalmente distinto. Embora a maioria dos fariseus provavelmente não se posicionasse de forma deliberada em um lugar público para orar, alguns o faziam. Por que a publicidade? Talvez parte dela se devesse ao fato de que, naquela época, e hoje também, as pessoas eram requisitadas para orar sem que fossem requisitadas de antemão e tinham de dizer algo de imediato. Talvez, a pessoa que orava fosse um voluntário para realizar essa tarefa porque ele sabia usar bem as palavras piedosas. Alguns podiam orar publicamente porque, quer tivessem consciência disso quer não, buscavam ser admirados por sua oração. Entretanto, é mais

---

[44] Veja 1Samuel 1.26; Neemias 9.4; Jeremias 18.20; Marcos 11.25.

[45] HENDRIKSEN, *Gospel according to Matthew*, p. 322.

provável que os fariseus orassem publicamente porque pensavam agradar a Deus.

Acontecia o mesmo com os atos de piedade que acontecia com a oração. A motivação determinava a recompensa. Ore para ser ouvido, e as pessoas respondem favoravelmente. Elas apreciam suas orações e, talvez, as imitem. Se esse é o objetivo, a recompensa virá e será totalmente recompensadora. Deus, entretanto, ignora completamente esse tipo de "oração".

Jesus ofereceu uma alternativa. Em vez de buscar a publicidade, descubra um local solitário (essa não era uma tarefa fácil para as pessoas que viveram na época de Jesus, pois muitas delas viviam em casas de um só cômodo). Ore a Deus, não a seus iguais. Busque a comunhão com o Pai, não o aplauso humano. E os que fazem isso serão recompensados por Deus. A principal ênfase do conselho de Jesus não é o lugar, mas a motivação e a atitude. O segredo não é tão importante quanto a sinceridade. Jesus não proibiu a oração pública. Se ele fez isso, seus discípulos, certamente, não lhe obedeceram, pois lemos sobre muitas reuniões de oração no livro de Atos dos Apóstolos. Além disso, a ordem de Jesus não exige a construção de lugares de oração!

Motivação equivocada, métodos equivocados

A oração é pervertida não só pela motivação equivocada, mas também pelos métodos equivocados. Os gentios, os crentes nas falsas religiões, também oram, conforme Jesus bem observou (Mt 6.7). Eles são sinceros, algumas vezes extremamente sérios sobre sua conexão com o divino. (Considere os profetas de Baal que "[...] se retalhavam com facas e com lancetas" em um encontro em 1Rs 18.25-29.) No entanto, o método deles era amontoar palavras na esperança de atormentar Deus para que ele lhes desse o resultado desejado. O erro deles foi acreditar que a essência da oração está na arte. O foco deles está nas palavras e nas frases corretas, mas sem sentido, pronunciadas de forma quase inconsciente, repetidas muitas vezes, na esperança de que Deus ouviria e atenderia aos pedidos deles. A oração deles era similar a um balbuciar. Os judeus, a propósito, não estavam livres desse problema. Charles Swindoll escreve:

> Na verdade, acreditava-se que quem fizesse a oração mais longa era ouvido mais prontamente por Deus. E quanto mais rebuscada a oração, melhor. Uma oração muito conhecida não tinha menos de 16 adjetivos antes do nome de Deus!.[46]

Mais uma vez, devemos ser cuidadosos para não interpretar de forma equivocada a intenção de Jesus. A repetição, em si mesma, não é um equívoco. Jesus, conforme nos relatam, repetia as palavras nas orações (Mt 26.44). Tampouco, fazer uma oração bem estabelecida é um equívoco. Pois, em Mateus 6.9-13, a oração mais citada no cristianismo foi ensinada por ninguém menos que Jesus. Também não é errado usar muitas palavras quando oramos. Jesus orou a noite toda (Lc 6.12), e a Bíblia realmente registra muitas orações longas. Além disso, Jesus recomendou persistência na oração (veja Mt 7.7-11; Lc 18.1-8).

Condenam-se três coisas. Primeira, afirma-se que a oração irrefletida, mecânica e vã é inútil. Deus prefere a expressão espontânea de nosso coração ao acúmulo rotineiro de palavras piedosas. Segunda, a verborragia excessiva não é necessária para falar com Deus. Aparentemente, essa era uma característica dos escribas e dos fariseus (veja Mt 23.14; Mc 12.40; Lc 20.47). A oração que Jesus nos deu e também outros inúmeros exemplos na Bíblia demonstram que a oração não tem de ser prolixa para ser eficaz (observe as "orações rápidas" no livro de Rute e como, especificamente, elas são respondidas). Terceira, Deus não é aquele que exige que consigamos a fórmula certa. As palavras que escolhemos não são importantes, pois ele já está informado de nossas necessidades e só quer ouvir nosso pedido para que possa nos ajudar.

Mais uma vez, Jesus não condena sem oferecer correções. Portanto, ele ensinou uma oração modelo (v. 9-13). Essa oração é breve. Como o discurso feito por Abraão Lincoln sobre a Guerra Civil estadunidense, ela não parece muito impressionante de início. Obviamente, o excesso de palavras não é o que Deus quer, pois ele busca comunhão. O Pai Nosso é relacional, não

---

[46] SWINDOLL, Charles. *Strengthening your grip*. Waco, Tex.: Word, 1982, p. 152.

promocional. Essa oração é para Deus e feita para Deus, não por nossos iguais. O intuito dessa oração é encorajar a intimidade, não a notoriedade. E, quando falamos com nosso Papai (Aba), ninguém precisa torcer o braço dele para que nos ouça.

O Pai Nosso exalta de imediato a Deus para que alcance seu lugar de direito. Essa oração reconhece a supremacia e a soberania de Deus. Ela anseia por honrar seu nome, por esperar pela vinda de seu reino e por fazer sua vontade. Ela deposita a seus pés nossas necessidades físicas e espirituais, bastante simples, mas profundas. Essa perspectiva vertical se opõe radicalmente a nossa agenda e busca o aplauso das pessoas. Ela nos mostra que o perdão é o fundamento da oração.

Orações modernas

"Espelho, espelho meu, quem é o maior fariseu de todos?" Examinemos como nos comparamos aos fariseus da antiguidade. Os fariseus, sem dúvida, acreditavam na oração e a praticavam. Muitos de nós, embora digamos que acreditamos na oração, não praticamos o que professamos. Realmente duvido que a hipocrisia dos fariseus em relação à oração não era maior que a nossa hipocrisia hoje. Poucos cristãos atualmente poderiam dizer que eles praticam a oração de forma tão diligente quanto os fariseus o fizeram. E, pelo menos quanto a isso, seríamos sábios se tentássemos nos igualar aos fariseus.

Certamente, estamos propensos a cometer as mesmas faltas farisaicas em relação à oração, as mesmas que Jesus descreveu aqui. Ouça, algumas vezes, as orações públicas e faça-se a seguinte pergunta: "A quem essa oração foi realmente dirigida?" Algumas, sem sombra de dúvida, são para os ouvidos humanos, não para Deus. Nós, os pastores, somos alguns dos maiores culpados por isso. Usamos a oração para fazer sermão e resumir algum assunto; para apontar o dedo para algo ou alguém e salientar pontos; para anunciar e denunciar; para censurar e envolver; para apresentar a última estatística da igreja e "fazer um convite". Multiplicamos o jargão teológico, usamos algumas frases muito batidas e citamos as Escrituras para Deus. Isso é considerado particularmente piedoso. Nossas orações algumas vezes até mesmo pregam

minissermões para Deus! As pessoas, comumente, usam a terminologia, o tom, o volume e as inflexões na oração pública de uma forma que não usamos em nenhum momento. Deus não se impressiona com a nossa linguagem; ele observa o nosso coração.

Atualmente, há inúmeras formas distintas que usamos para tornar pública a nossa vida de oração. A oração antes das refeições, especialmente em lugares públicos, pode se tornar um emblema de nossa piedade, algo que usamos com orgulho. Nossa postura de oração, algumas vezes, chama a atenção para nós mesmos, seja ela com as mãos erguidas, igual os carismáticos, ou de joelhos, como os católicos, seja com a cabeça inclinada, como os evangélicos, ou a prostração física, como os superespirituais.

A oração pode, além disso, tornar-se uma alternativa para a piedade autêntica. Às vezes, há pouca correspondência entre o fervor de nossa oração e a fidelidade de nossa vida. Por quê? Talvez a oração seja um placebo, dando-nos a sensação de saúde espiritual sem qualquer benefício real. Algumas vezes, a oração é utilizada como uma fuga da realidade e da responsabilidade. Obviamente, o oposto também acontece, provavelmente com mais frequência. Uma pessoa devota-se ao ministério de tal forma que a oração fica negligenciada. Justificamos, de alguma forma, essa falta de comunhão com o Pai por nosso grau de tumulto a favor dele.

Em relação à repetição sem sentido, também ficamos corados, pois não temos uma tendência menor à repetição sem sentido e ao uso de muitas palavras do que os gentios e fariseus da época de Jesus. Veja "Oração repetitiva", na página seguinte, para ter consciência das muitas maneiras que repetimos a nós mesmos e para saber como é possível solucionar esse balbuciar que chamamos de oração.

Portanto, qual é o antídoto para a oração distorcida? Jesus nos ofereceu algumas pistas. A primeira, se realmente levamos a sério o chamado de Cristo para orar, precisamos experimentar menos problemas com as distorções da oração. Talvez, a oração se transforme em algo público para esconder a ausência de oração em particular. Sei que isso, algumas vezes, é verdade em minha vida. A primeira solução, portanto, é orar de modo frequente e regular para nos sentirmos confortáveis quando conversamos com Deus.

O CAMINHO CORRETO

Oração repetitiva

Nossas orações, como as dos gentios e dos fariseus da época de Jesus (Mt 6.7), incluem com frequência a repetição sem sentido. "Agora, é hora de dormir", é uma oração feita antes de se deitar. "Deus é grandioso e Deus é bom, agradecemos a ele por nossos alimentos", é a oração favorita na hora das refeições. O Pai Nosso é a oração preferida para nossas reuniões na igreja. E: "Abençoe fulano e beltrano", é nossa fórmula para qualquer hora.

Também temos as frases repetitivas que, embora não façam sentido, encaixamos em nossas orações. "Façamos uma oração", é nossa forma predileta de iniciar uma oração. "Pai querido", é o título que mais apreciamos. "Deus abençoe"; "Que o Senhor esteja com..."; "Proteja..."; "Ajude fulano e beltrano", são nossos pedidos favoritos. Como nós as inserimos em pontos essenciais da oração, vez após vez, esses pedidos perdem o sentido.

"Amarre Satanás", é uma expressão muito comum. "Seja feita a tua vontade", é nosso modo favorito para terminar uma oração. "Adoração, confissão, ação de graças e súplica (ou intercessão)", essa é nossa fórmula favorita de oração. "Sim, Senhor Jesus", e: "Louvado seja Jesus", essas são nossas formas prediletas de resposta. E: "Em nome de Jesus, amém", é a maneira solicitada de terminar uma oração.

Qual é a resposta às orações vagas e repetitivas? As orações breves fornecem uma maneira de coibir o balbuciar gentio. As orações breves nos ajudam a focar a mente e o coração, além de remover a aura de superespiritualidade. Obviamente, há momentos em que é preciso derramar a dor ou louvor que enche nosso coração. Isso pode levar horas ou dias. Ainda assim, as orações breves são com frequência muito poderosas.

A segunda, precisamos avaliar constantemente nossa motivação para orar, em especial quando, mas não só nessas ocasiões, oramos em público. Muitas vezes, precisamos fazer estas perguntas: "Para que ouvidos oro? Quem é minha audiência?" A oração sincera é singular por seu foco em Deus.

A terceira, a oração secreta é uma proteção contra a hipocrisia da oração pública. A vida de oração pública de um indivíduo jamais deve substituir o tempo passado a sós com Deus. Entretanto, posso citar as épocas de minha vida quando o tempo total devotado à participação em reuniões de oração suplantou o tempo que passava a sós com Deus. E duvido que eu seja uma exceção à regra.

As palavras mais diretas e libertadoras que já li sobre oração são de Charles Swindoll, em *Strengthening your grip* (*Fortalecendo seu apoio*). Ele observa que, na Bíblia, não existem pessoas que estejam insatisfeitas e, perpetuamente, culpadas sobre sua vida de oração. A seguir, ele faz uma pergunta profunda: por que nós, os cristãos, tanto os de épocas passadas quanto os da atualidade, nos sentimos profundamente insatisfeitos com nossa vida de oração? Por que nos sentimos tão culpados a respeito de nossa vida de oração? A resposta dele é que, talvez, tenhamos adotado um modelo de oração que se originou na tradição, não nas Escrituras. Swindoll escreve:

> Uma grande barreira nos impede de entrar na oração autêntica. Essa barreira não passa dos invólucros tradicionais que foram colocados em redor da oração.

Ele prossegue:

> Correndo o risco de soar herético, estou convencido de que os cristãos, por séculos, forçaram a oração a assumir um papel que ela nunca foi designada a ter. Acho que nós a tornamos difícil, dura e até dolorosa. A caricatura que emergiu ao longo dos anos de moldagem tradicional (não bíblica) a transformou agora em uma disciplina que nos faz sentir culpados, e não em uma prática que serve para aliviar a ansiedade. Ela é uma autoimposição. Não provém de Deus.[47]

---

[47] SWINDOLL, Charles, *Strengthening your grip*, p. 149.

A oração é um ato simples de comunicação sincera entre uma criança dependente e seu Pai celestial. Quando transformamos a oração em um espetáculo público ou em um meio para importunar Deus para conseguir o que queremos, em uma fala de contestação ou em um meio para conseguir de Deus o que não estamos dispostos a dar aos outros, corremos o risco de cair na mesma armadilha que os fariseus caíram dois mil anos atrás.

PIEDADE AO JEJUAR

As pessoas religiosas sentem que é importante, até mesmo necessário, demonstrar sua piedade por meio de várias formas de autonegação. Ao longo das eras, o modo mais comum de autonegação é a abstenção voluntária de alimentos e bebidas a fim de devotar-se totalmente a Deus, de aplacar a ira de Deus ou de obter o seu favor. O jejum é proeminente no hinduísmo, islamismo, judaísmo e cristianismo, dentre outras religiões, e serve a propósitos ritualísticos, ascéticos, religiosos, místicos e até políticos. Exige-se o jejum dos muçulmanos durante o ramadã; dos judeus durante o *Yom Kippur*; e dos católicos romanos durante a Quaresma e o Advento. Mahatma Gandhi é o indivíduo mais conhecido dentre aqueles que utilizaram o jejum para fins políticos.

Como o jejum é uma prática quase universal entre as pessoas religiosas, é possível supor que os fariseus, pessoas extremamente religiosas, deveriam estar entre os jejuadores mais fecundos do mundo. E eles realmente estavam nesse grupo. A devoção dos fariseus ao jejum estava fundamentada em ensinos do Antigo Testamento, das tradições orais e das numerosas regras planejadas por pessoas sinceras que queriam ajudar os judeus a andar com Deus. Entretanto, seria errado pressupor que os fariseus encorajavam a demonstração vazia de piedade. Israel Abrahams, um estudioso do Talmude, na Universidade de Cambridge, escreve: "Aquele que jejua e exibe a si mesmo aos outros se vangloriando de seu jejum é punido por isso".[48]

---

[48] ABRAHAMS, Israel. *Studies in pharisaism and the gospels*. Harry Orlinsky, ed., Nova York: Ktav Publishing, 1967, p. 125.

O Antigo Testamento recomenda o jejum tanto como um preceito quanto como um exemplo. Deus ordenou que os judeus jejuassem no Dia da Reconciliação. Esse jejum se deduz da proibição de fazer qualquer tipo de trabalho. O propósito desse jejum era expressar a humilhação à medida que as pessoas confessavam seus pecados. Essa conexão entre jejum e confissão dos pecados é comum no Antigo Testamento.[49] O jejum também pode ser praticado com a oração.[50] Ele era uma manifestação natural de privação e de tristeza. Quando o julgamento parecia inevitável, as pessoas, caracteristicamente, jejuavam em uma tentativa desesperada para ficar na mão de Deus (veja Jl 1.14,15; 2.12-15; e Jn 3.5-9).

Jejum dos fariseus

Entretanto, o jejum aumentava exponencialmente à medida que os fariseus passavam a ter mais intenção de se tornarem extremamente justos. William Hendriksen comenta:

> A lei de Deus sugere apenas um jejum durante o ano todo, a saber, no Dia da Expiação. [...] No decurso do tempo, entretanto, os jejuns começaram a se multiplicar, e, portanto, lemos sobre eles também em outras ocasiões: do nascer do sol ao pôr-do-sol (Jz 20.26; 1Sm 14.24; 2Sm 1.12; 3.35); por sete dias (1Sm 31.13); três semanas (Dn 10.3); quarenta dias (Êx 34.2,28; Dt 9.9,18; 1Rs 19.8); no quinto e no sétimo mês (Zc 7.3-5); e, até mesmo no quarto, quinto, sétimo e décimo mês (Zc 8.19). O ápice era a observância de um jejum "duas vezes por semana", o motivo de vanglória do fariseu (Lc 18.12).[51]

---

[49] Levítico 16.29-34; 23.26-32; Números 29.7-11; Deuteronômio 9.18; 1Reis 21.27; Neemias 9.1s.; Salmos 35.12; 69.10; Daniel 9.2-20; 10.2,3; Joel 2.12; Jonas 3.5.

[50] 1Samuel 7.5,6; 2Samuel 12.16,21-23; 2Crônicas 20.3,5s.; Esdras 8.21-23; Neemias 1.4; 9.1s.; Isaías 58.6,9; Jeremias 14.12; Daniel 9.3.

[51] HENDRIKSEN, *Gospel according to Matthew*, p. 341.

Os fariseus da época de Jesus, embora não fossem os únicos a se exceder em seus atos de piedade, jejuavam às segundas-feiras e quintas-feiras todas as semanas.

Portanto, as palavras de Jesus sobre o jejum (Mt 6.16-18) chamaria a atenção deles. Ele começou com a aprovação tácita da prática do jejum. Ele disse "quando" – e não "se" – vocês jejuarem. Ele pressupôs, conforme mencionado posteriormente nos evangelhos, que o jejum era uma atividade espiritual apropriada (Mt 9.15), uma que pudesse ser necessária quando encontramos certos tipos de situações (por exemplo, At 13.1-3; 14.23).

Uma razão falsa

Entretanto, o jejum dos fariseus assumiu um ar de representação, pois eles deixavam que todos soubessem que estavam jejuando ao ficar com a face desfigurada e ao negligenciar a aparência. Talvez, eles deixassem de se lavar e de se barbear. Talvez, colocassem cinzas e sujeira sobre a roupa da mesma forma que um ator usa maquiagem no rosto. Talvez, eles parecessem sombrios e gemessem por causa da fome. O que quer que fosse que eles fizessem, isso se tornava público. Ironicamente, ao se tornarem irreconhecíveis, buscavam o reconhecimento!

O motivo por trás desse jejum era causar impacto público em relação à piedade do jejuador. Jesus observa que aqueles que jejuavam para as pessoas seriam elogiados pelas pessoas. Estas sempre ficam devidamente impressionadas por aqueles que caminham longas distâncias para demonstrar sua devoção a Deus. E isso já é recompensa suficiente! Deus, entretanto, não se comove com esse tipo de piedade e, portanto, não faz nada para recompensá-la.

Jesus, portanto, ofereceu uma alternativa. O jejum deveria ser feito secretamente, sem qualquer mudança visível na aparência ou higiene pessoal habitual. O jejum genuíno, conforme Jesus explicou, deve ser entre aquele que jejua e o Senhor por quem ele jejua. A tentação de deixar vazar para o público o fato de você estar jejuando é tão grande que é preciso tomar cuidado especial para camuflar seu jejum (Mt 6.17,18). O jejum feito por causa de uma devoção sincera a Deus será visto e recompensado pelo Senhor.

Quando jejuamos

Jejuar tem seu lugar na vida do cristão. Quando o coração está quebrantado, o estômago geralmente não se interessa por comida. Quando alguém pecar gravemente, comer não é a coisa certa a ser feita. Quando alguém estiver muito atribulado por uma decisão pendente, o tempo passado a sós com Deus é mais importante do que se alimentar. Quando há necessidade de uma concentração mental extraordinária, o alimento, algumas vezes, parece embotar a mente. E quando alguém tem a tendência de ceder ao pecado da glutonaria, o jejum pode ser um bom antídoto.

Entretanto, embora o jejum seja recomendado, há alguns sérios requisitos bíblicos. Já mencionamos a tendência a jejuar pela publicidade resultante dele. Além disso, jejuar pode ser um artifício planejado para encobrir o mal (até o assassinato; veja 1Rs 21.9-12). Quando misturado com a injustiça e a opressão, o jejum é uma ofensa a Deus (Is 58; Zc 7). Ademais, jejuar, equivocadamente, pode ser visto como um meio superficial de expiar os pecados de alguém ou de merecer o favor de Deus (Jr 14.10-12).

Jejuar não trabalha de forma derradeira para refrear a influência da carne (Cl 2.18-23). Talvez, essa seja a razão pela qual o apóstolo Paulo, um homem que conhecia a privação, não falou sobre o jejum em suas cartas. Ironicamente, a história da igreja primitiva nos relata que o jejum logo passou a ser distorcido. Alguns ensinavam que se alguém jejuasse era porque pecara, enquanto outros especificavam os dias em que deveriam jejuar. De qualquer modo, o jejum não deve ser usado como um meio por intermédio do qual avaliamos a nossa espiritualidade e a dos outros.

No evangelicalismo estadunidense parece haver um crescente interesse no jejuar. Talvez Richard Foster tenha dado o impulso inicial quando escreveu *Celebração da disciplina*. Personalidades evangélicas deixaram vazar ou afirmaram de forma específica que jejuam (até por quarenta dias). Não tenho a menor dúvida quanto à sinceridade desses líderes. Entretanto, realmente fico imaginando a razão por que isso deveria se tornar público. Anúncios em nosso *e-mail* religioso tocam a trombeta para o jejum e a oração. Ocasionalmente, ainda ouço pessoas mencionarem: "Abrir mão para a Quaresma". É difícil

negar que o jejum é um emblema usado pelos extremamente justos em nossa cultura cristã.

PIEDADE VERDADEIRA, E NÃO UM ESPETÁCULO PÚBLICO

Como podemos alcançar essa piedade verdadeira que Jesus recomendou a seus discípulos, enquanto evitavam a piedade falsa que ele desmascarou? Mateus 6 oferece várias pistas muito claras.

A primeira, *a piedade verdadeira é difícil, e não natural.* A prática da piedade falsa é um perigo real para as pessoas religiosas. Jesus, de forma intencional, apresentou o tópico com o termo: "Guardai-vos". Há um atrativo sutil, sinistro e sedutor em relação à piedade. Se não formos cuidadosos, naturalmente escorregaremos para a piedade superficial ou falsa. A Bíblia ilustra bem que os atos de piedade podem facilmente se tornar um substituto para a piedade autêntica (veja, por exemplo, 1Sm 15.22; Sl 51.16,17; Pv 15.8; Is 1.11-17.)

A segunda, *a piedade verdadeira é prática, e não mística.* Não temos de deixar o medo da hipocrisia e da publicidade nos impedir de praticar nossa piedade. Piedade é ser ativo, e não passivo. Em Mateus 5.16, Jesus disse a seus discípulos para permitir que as pessoas vissem as boas ações que praticavam, mas de tal maneira que a glória fosse direcionada para o alto. Não devemos temer que a oração em público nos afaste de Deus. As Escrituras regularmente recomendam a oração em público e em grupo. É provavelmente imprudente recusar-se a manter um registro financeiro a fim de evitar a tendência de anunciar a doação de alguém. É possível ter um registro sem regozijar-se nem tocar as trombetas por causa da doação de alguém. E o jejum e outros atos de autossacrifício para objetivos espirituais é algo bom, desde que sejam feitos para Deus, e não para seus iguais.

A terceira, *a piedade verdadeira passa muitas vezes despercebida, e não é anunciada publicamente.* A piedade funciona! Isso é precisamente por que ela é tão perigosa. As práticas religiosas resultam em substanciais recompensas terrenas e temporais. A piedade pública traz a "honra" ao piedoso (v. 2) e tem suas recompensas (v. 2,5,16). Ser conhecido por seu serviço e por vida de oração e de devoção em que há autonegação para Deus são as rotas certas para o sucesso

eclesiástico. Há poucas arenas em que é mais fácil enganar as pessoas e até você mesmo que a religião. A piedade verdadeira preocupa-se com o que realmente acontece no íntimo e com o Senhor que tudo vê (Hb 4.13).

A quarta, *a piedade verdadeira é vertical, e não horizontal.* No cerne da piedade está nossa motivação. Por que e por quem devemos praticá-la? Se for para sermos honestos, temos de admitir que, algumas vezes, doamos por obrigação ou para agradar o tesoureiro; que, muitas vezes, oramos para os ouvidos daqueles que nos ouvem e é difícil não deixar escapar algumas pistas sobre nossa devoção a Deus. O Senhor, sinceramente, deseja um relacionamento puro conosco, mais nada. Devemos, com sinceridade, desejar o favor de Deus, não o elogio humano.

A quinta, *a piedade verdadeira é simples e secreta, e não exibicionista.* Jesus disse que uma das melhores formas de verificar nossa tendência natural de tornar nossa piedade pública é praticá-la de maneira secreta e simples. Nosso serviço precisa ser conscientemente abnegado e sem publicidade. Nossa vida de oração deve ser muito superior na vida particular do que na pública. E nossos atos de autodisciplina por causa de Cristo devem ficar cuidadosamente escondidos, até mesmo encobertos. Na verdade, o que somos em secreto é quem realmente somos.

A sexta, *a piedade verdadeira é social como também espiritual.* Não podemos nos esquecer que existe uma conexão entre nossa piedade particular e nossa vida pública, mas não a conexão que realmente fazemos. O perdão de Deus para nós, de alguma forma, está relacionado com nosso perdão pelos outros. Nossa incapacidade de perdoar aos outros é um indício de que não internalizamos o perdão de Deus para nós.

Acima de tudo, devemos nos lembrar que a piedade verdadeira é um relacionamento com o nosso Pai celestial. Um relacionamento mais forte com Deus deve ser o objetivo e o motivo para tudo que fazemos. Não devemos buscar preencher um conjunto de exigências religiosas nem, o que é ainda pior, buscar agradar as pessoas. O Pai celestial nos chamou para termos um relacionamento com ele. Ele anseia para que esse relacionamento seja fundamentado em sua graça, não em nossas atitudes piedosas.

Deus quer que nós o vejamos como ele realmente é, infinitamente superior a qualquer pessoa ou grupo. Deus não está em meus atos de piedade cuidadosamente prescritos. Ele me quer. Ele quer você. E ele busca um relacionamento de amor e de serviço radicais com ele.

Capítulo sete

Quando a tradição distorce a verdade

No musical *Um violonista no telhado*, o judeu russo Tevye está vigilante enquanto a mudança a sua volta parece ameaçar sua vida. Em seu vilarejo, em Anatevka, a tradição dá estabilidade. "E como mantemos nosso equilíbrio?", pergunta ele à audiência. "Isso posso lhes dizer em uma só palavra – *tradição!*"

Na igreja, quase *tudo* que fazemos se fundamenta nas tradições concebidas pelos homens. Os dias, as horas e os lugares em que nos reunimos para a adoração não passam de tradições. As reuniões que temos e os ministérios que oferecemos são, em grande parte, fundamentados na tradição, não nas Escrituras. O modo de nos vestir, a estrutura de nosso culto, nosso estilo de música e os instrumentos usados são ditados em grande parte pela tradição. Temos tradições teológicas, tradições denominacionais, tradições psicológicas, tradições sociológicas, tradições étnicas, tradições nacionais e, até mesmo, tradições geográficas. Tevye, em *Um violonista no telhado*, estava correto quando disse: "Sem nossas tradições, nossa vida seria instável como um violonista no telhado".

As tradições estão em toda a parte e influenciam quase tudo que fazemos. Elas têm seus benefícios, mas não devem ser confundidas com os mandamentos dados por Deus. A tradição jamais deve ter a mesma autoridade que as Escrituras. Ainda assim, nós falhamos em reconhecer nossas tradições como padrões confortáveis, não instruções ordenadas por Deus. Portanto, nós as elevamos ao patamar de verdades inabaláveis, exatamente como os fariseus fizeram.

Se você duvidar do poder da tradição, tente mudar uma delas em algum momento. Provavelmente, você provocará considerável emoção e encontrará

firme oposição. Jesus certamente se deparou com essa atitude! Uma porção relevante da antipatia que ele despertou foi em razão de sua violação das tradições.

O termo tradição foi definido no dicionário Houaiss como:

> Ato ou efeito de transmitir ou entregar; comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração; tudo o que se pratica por hábito ou costume adquirido.[52]

As tradições são padrões habituais e familiares de fazer as coisas conforme nos passaram aqueles que vieram antes de nós, padrões que praticamos naturalmente e cuja fonte, em geral, foi esquecida. Muitas tradições são úteis. Entretanto, a tradição apresenta uma das ameaças mais sérias à maturidade e ao ministério autênticos. Conforme Pelikan explica: "A tradição é a fé viva dos mortos; o tradicionalismo, a fé morta dos vivos".[53]

O QUE É O RITUAL NA TRADIÇÃO?

Antes de examinarmos os perigos da tradição, devemos elaborar sobre seus benefícios. Precisamos reconhecer que as tradições, acima de tudo, fazem parte da trama de nossa vida. Sem as tradições, não saberíamos quem somos (nossa identidade), de onde viemos (nossas raízes), em que acreditamos (nossa estrutura mental) nem como deveríamos nos comportar (nosso estilo de vida). Por intermédio das tradições, conseguimos ordenar nossa vida. As tradições tornam a vida mais fácil ao retirar as suposições e a ansiedade de muitas de nossas decisões na vida. Simplesmente não podemos viver em um estado de constantes alterações e ambiguidade. Em razão de nossas tradições, não temos de "reinventar a roda" continuamente nem tentar consertar o que "não está

---

[52] *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, versão 1.0, Editora Objetiva Ltda., dezembro de 2001.

[53] Jaroslav Pelikan em uma entrevista para o *U.S. News and World Report*, 26 de junho de 1989, p. 57.

quebrado". Ao contrário, podemos nos beneficiar do passado e de tudo que "foi tentado e comprovado verdadeiro".

As tradições nos ajudam de três maneiras específicas. A primeira, *as tradições exercem uma grande influência em nossas emoções.* Em razão de elas nos conectarem de formas profundas com nosso passado, as tradições favorecem a identidade, a segurança e a estabilidade de nosso presente. O motivo pelo qual tendemos a reagir de imediato e de modo firme contra aqueles que violam nossas tradições é que estas se ligam mais a nossas emoções que ao nosso intelecto. As tradições nos fazem "sentir que tudo está certo". Tente planejar uma cerimônia de casamento sem a tradição e veja o que acontece!

A segunda, *as tradições nos capacitam a funcionar de forma eficaz na comunidade.* Elas definem nossa zona de conforto e nos transmitem a sensação de pertencer. As tradições nos fornecem memórias comuns, ajudam a estreitar os laços entre os seres humanos e nos possibilitam a perpetuar coletivamente tudo que é positivo de nosso passado.

A terceira, *as tradições podem ser úteis em nosso ministério.* No musical *Um violonista no telhado*, Tevye afirma: "Por causa de nossas tradições, cada um de nós sabe quem é e o que Deus espera de nós". A maioria de nossas atitudes e de nossos atos religiosos fundamenta-se em tradições muito bem estabelecidas, originadas por pessoas que, de forma muito zelosa, tentavam viver seu caminhar com Deus. Ademais, são as tradições que, em grande parte, nos definem como pertencentes a determinado grupo denominacional. Não é por mero acidente que os cultos de adoração seguem um esquema familiar em vários grupos religiosos em todos os lugares do mundo. As tradições ministeriais nos ajudam a lembrar das coisas passadas que são verdadeiras, nobres, belas e úteis e reproduzi-las.

O Novo Testamento recomenda a tradição quando utilizada e compreendida de forma apropriada. (Veja "O caminho correto", página 126.) E os fariseus compreendiam certas tradições dadas por Deus e úteis para a sua fé.

AS TRADIÇÕES JUDIAS

O termo *fariseus*, de forma correta, é muitas vezes associado à tradição. A maioria dos judeus sente-se orgulhosa dessa associação, pois eles

acreditam que suas tradições foram dadas por Deus. Os fariseus acreditavam que Deus dera a Moisés, no monte Sinai, tanto a Torá escrita (de Gênesis a Deuteronômio) quanto a Torá oral (as "tradições dos anciãos"). A Torá escrita foi preservada nas Escrituras. A Torá oral, de acordo com os judeus, foi diligentemente passada oralmente por muitos séculos até que ela foi compilada e codificada pelo rabino Judá, o Príncipe, por volta de 200 d.C. na Mishnah.

A Torá oral está dividida em seis seções contendo leis e tradições sobre a agricultura, os festivais, as mulheres, a lei civil e a criminal, as coisas sagradas e o ritual de pureza. A Mishnah afirma: "A tradição é uma cerca para a Torá". Os judeus, de modo geral, concordam: "Quando um homem dá as costas para a tradição, ele realmente se separa do judaísmo e de sua essência nacional". Os fariseus da época de Jesus e grande parte do judaísmo da atualidade reverenciam suas tradições. As tradições dos anciãos eram tão estimadas quanto as Escrituras, e alguns diriam que se reverenciavam as tradições ainda mais. Além disso, em virtude de a Torá oral tratar de comportamentos específicos, ela possuía a tendência de ser observada com maior severidade que a Torá escrita, já que esta era mais abstrata.

Como as tradições eram muitíssimo estimadas, não é de surpreender que os fariseus da época de Jesus insistissem na submissão a elas. Donald Hagner escreve: "Para os fariseus *a* medida de justiça e, portanto, de lealdade à Torá era a obediência a essa tradição sagrada".[54] Os saduceus, entretanto, rejeitavam a Torá oral e consideravam apenas os cinco livros de Moisés autorizados para a doutrina divina. Essa relevante diferença de opinião estava na raiz da antipatia que esses dois grupos nutriam um pelo outro. Jesus, embora não fosse amigo dos saduceus, fez sérias objeções à forma que os fariseus encaravam a tradição. Enquanto ele obedecia a algumas tradições farisaicas, como comparecer à sinagoga e fazer a leitura das Escrituras, ele se recusava a dar igual peso às tradições dos anciãos e à Palavra de Deus.

---

[54] HAGNER, Donald A. *Word biblical commentary: Matthew 14–28.* Dallas: Word, 1995, p. 430.

UM ESTUDO DE CASO: A LAVAGEM DAS MÃOS

Todas as tradições devem ser periodicamente examinadas. Embora não possamos viver sem tradições, precisamos ter cuidado para que nossas tradições não ditem a forma como vivemos. A prática de lavagem de mãos dos fariseus fornece um exemplo clássico no Novo Testamento quanto ao impacto negativo das tradições. Como essa prática é estranha para nós, é fundamental que entendamos suas origens e como ela funcionava na época de Jesus. Focaremos nossa atenção em Marcos 7.1-23 (e um pouco menos em Mt 15.1-20) para obter uma compreensão mais clara dos efeitos das tradições.

Uma delegação formal dos fariseus e dos escribas fez uma jornada investigativa para questionar Jesus sobre sua violação da tradição farisaica. Conforme esperavam, pegaram os discípulos de Jesus comendo pão sem que tivessem antes lavado as mãos. A lavagem das mãos era uma das três principais marcas da identidade judia: circuncisão, o guardar o sábado e as leis da regularidade diária dos alimentos, inclusive a lavagem das mãos. Conforme o apóstolo Marcos explica:

> Pois os fariseus, e todos os judeus, guardando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar as mãos cuidadosamente; e quando voltam do mercado, se não se purificarem, não comem. E muitas outras coisas há que receberam para observar, como a lavagem de copos, de jarros e de vasos de bronze (7.3,4).

Os rituais de lavagem eram questões de grande relevância religiosa. J. Neusner relata que "aproximadamente 67% de toda [a lei], direta ou indiretamente, diz respeito à comunhão à mesa".[55] Jesus já havia enfrentado os fariseus nas questões extremamente importantes referentes ao sábado; agora, uma segunda marca do judaísmo era ignorada por Jesus. Os fariseus, agora, acusavam o Mestre e seus discípulos de ter mãos "impuras" (que não foram lavadas).

---

[55] NEUSNER, Jacob. *From politics to piety*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1973, p. 86.

O CAMINHO CORRETO

Boas tradições

Embora Jesus tenha alertado nos evangelhos sobre os perigos da tradição dos anciãos, e o apóstolo Paulo também tenha feito o mesmo em Colossenses 2.8, o Novo Testamento recomenda a tradição. Jesus foi o produto de grande amplitude da tradição judia, inclusive sua circuncisão, nome e dedicação (Lc 2.21-35). Ele observava as festas (Lc 2.41; Mc 14.12) e adorava no templo e na sinagoga (Lc 2.46-50; 4.15-30; Mc 6.1-6).

O apóstolo Paulo elogiou os cristãos coríntios por eles guardarem "os preceitos" da forma que ele lhes entregou (1Co 11.2), enquanto admoestou os hesitantes tessalonicenses a ficar "firmes" e a conservar "as tradições" que lhes foram ensinadas (2Ts 2.15; observe também 3.6). O grande apóstolo passou várias tradições doutrinárias e práticas às igrejas para as quais ministrou (1Co 11.23; 15.2,3). Ele não sugere que exista algo errado com essas práticas. Na realidade, as tradições, muitas vezes, ajudam a nos manter teologicamente no rumo certo. A chave, entretanto, é que as tradições que Paulo passou adiante tinham suas raízes firmemente plantadas na verdade de Deus, não em opiniões de seres humanos, por mais úteis que elas fossem.

Desse modo, devemos ter um respeito saudável pelas tradições. O termo *tradição* não é uma palavra teológica depreciativa, como muitos protestantes suspeitam. "A questão, portanto, não é se temos tradições, mas se nossas tradições conflitam com o único padrão absoluto nessas questões: as Sagradas Escrituras", conforme escreve J. I. Packer em *Comfort of conservativism (Conforto do conservadorismo)*. Não podemos nos esquecer das origens das tradições humanas e resistir ao anseio arraigado de lhes conferir condição divina. As Escrituras, não a tradição, é o teste final da verdade.

A lavagem das máos não era feita primeiramente por razões de higiene. Ao contrário, ela era um meio para se alcançar a pureza religiosa. A contaminação acontecia quando um judeu observante, de forma proposital ou acidental, entrava em contato com alguém ou algo considerado impuro (Lv 11–15; Nm 19). Quando isso ocorria, exigia-se o ritual de limpeza. As exigências de consagração eram ainda mais severas para sacerdotes, particularmente enquanto desempenhavam suas funções religiosas (Êx 29–30). Os sacerdotes tinham de estudar esses rituais de lavagem, e os fariseus os aplicavam a todos os judeus fiéis.

As tradições dos fariseus sobre a lavagem das mãos eram muitas e específicas.[56] O procedimento real de lavagem incluía até mesmo a posição das pontas dos dedos. Como podemos bem imaginar, os rabis discordavam sobre o procedimento exato. Hillel e Shammai sustentavam posições distintas em relação aos detalhes. No entanto, eles concordavam que o ritual de limpeza era essencial. Se alguém deixasse de lavar as mãos da forma prescrita, conforme observa Barclay, os líderes judeus o consideravam "impuros diante de Deus" e, até mesmo, "sujeitos aos ataques de um demônio chamado Shibta". Além disso, "deixar de lavar as mãos era tornar-se vulnerável à pobreza e destruição. [...] Um rabino que, certa vez, omitiu essa cerimônia foi enterrado como excomungado, alguém que fora excluído do grupo".[57]

O QUE ESTÁ ERRADO COM A TRADIÇÃO?

As tradições dos fariseus se desenvolveram naturalmente. Elas começaram de forma inocente, comumente com pessoas sinceras que tentavam agradar a

---

[56] Na seção referente à limpeza (*Tohoroth*), uma porção da Mishnah é devotada à questão da lavagem das "máos" (*Yadaim*). As tradições farisaicas determinavam as ocasiões em que as máos deveriam ser lavadas: antes de qualquer refeição e entre uma parte e outra da refeição. Elas decretavam que tipo de água eles deveriam usar para o procedimento de limpeza: água guardada em jarras especiais de pedra, protegidas da contaminação; e essa água não poderia ser utilizada para outro propósito. Como o recipiente que guardava a água para a lavagem das mãos também podia ficar impuro, procedimentos especiais para a lavagem das xícaras, dos cântaros, e dos potes também eram planejados (Mc 7.4).

[57] BARCLAY, William. *The gospel of Mark*. Philadelphia: Westminster, 1975, p. 164-65.

Deus. Em geral, a prova bíblica textual era procurada para justificar alguma prática religiosa. Assim que se tornava uma prática em voga em um grupo em particular, ela era rotulada de tradição, e as pessoas eram doutrinadas em relação a elas. O desvio da tradução, depois, transformou-se em campo para o julgamento, a censura e, até mesmo, a exclusão do grupo.

Nós, como os fariseus, temos muitas vezes nossa vida governada pelas tradições. E, do mesmo modo que os fariseus, devemos ter cuidado com as tradições, pois elas têm inúmeros perigos em potencial, especialmente para nossa vida espiritual. Jesus foi rápido e direto em apontar esses perigos, salientando cinco grandes perigos das tradições em Marcos 7.6-23 (compare com Mt 15.3-20). Embora ele estivesse falando com os fariseus, suas palavras nos alertam para os perigos que também temos de confrontar.

1. A tradição pode fomentar a falsa religião

Jesus, com uma fala direta e sem concessões, atacou as tradições dos fariseus (Mc 7.6-8). "Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas", disse ele. Esse início de conversa, em geral, não se considera uma boa maneira para se ganhar amigos e influenciar as pessoas. A forma direta dessa abordagem de Jesus, portanto, sinaliza que a questão de que tratavam era de grande relevância espiritual. Sua linguagem forte era necessária.

As tradições dos fariseus, na realidade, eram impiedades mascaradas pela beleza e aparente correção da religião. Jesus utilizou as palavras de Isaías para a nação quando se referiu à prática dos fariseus. O texto do Antigo Testamento afirma o seguinte:

> Pois que este povo se aproxima de mim, e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas tem afastado para longe de mim o seu coração, e o seu temor para comigo consiste em mandamentos de homens, aprendidos de cor (Is 29.13).

Por volta de 700 a.C., quando Isaías profetizou, a religião em Judá era vigorosa, mas também o eram a injustiça, a imoralidade e a idolatria. Os judeus

da época de Isaías combinavam, sem qualquer desconforto, a religião externa com a injustiça interna. Isaías 1.10-23 fornece um instantâneo de diversos sacrifícios, ofertas, incensos, assembleias, festas e orações que eram combinadas com a injustiça, a impiedade, a iniquidade e o orgulho.

Jesus usou uma única palavra para descrever esse fenômeno, *hipocrisia* ao chamar os fariseus de *hipócritas* (v. 6). Esse é o primeiro registro de Jesus usando a palavra "Hipócrita", termo que ele usou repetidas vezes para descrever os fariseus. Hipocrisia denota uma discrepância entre a profissão de fé das pessoas e o fato de elas realmente terem essa fé; da diferença entre a boca e o coração. Para fazer uma demonstração de devoção a Deus ao dar a preferência às tradições preparadas pelos homens as quais, por não promoverem de forma perceptível os caminhos de Deus, são inúteis.

As tradições desenvolvidas pelos homens, independentemente de quão sagradas pareçam, contêm as sementes da hipocrisia. As tradições parecem boas, pois controlam as emoções, governam nosso comportamento e tendem a adquirir posição doutrinal divina. Entretanto, as tradições, em geral, têm um lado negativo que não podemos ver. As tradições permanecem porque funcionam e porque as pessoas *conseguem* vê-las. Segue-se muitas vezes as tradições de forma mecânica e descuidada. Com o tempo, a distinção entre a verdade de Deus e nossas tradições fica obscurecida, e temos a tendência de nos apegar com mais tenacidade às tradições humanas que às Sagradas Escrituras.

É mais fácil obedecer às tradições que à verdade de Deus. As tradições, com frequência, focam as ações, enquanto Deus foca as atitudes que motivam as ações. As tradições podem ser realizadas pelo poder da força interior da pessoa, enquanto a verdade de Deus exige o poder do Espírito. A verdade do Deus vivo exige um relacionamento com ele. Quando as tradições se tornam automáticas, é fácil perder a intimidade.

As nossas tradições fomentam a falsa religião e contribuem para a hipocrisia? De muitas maneiras, contribuem sim. Certamente, a adoração de domingo de manhã pode incluir música elevada, celebrantes com mãos levantadas e sinais visíveis de emoção, sem que isso esteja associado a um verdadeiro coração de devoção. As pessoas que frequentam fielmente a igreja podem prontamente

classificar a si mesmas de "evangelistas" ou "pessoas voltadas para missões", mas jamais falam sobre Jesus Cristo com ninguém de fora da igreja. Algumas delas fazem doações generosas para missões, mas negligenciam a prática de missões onde moram. Promovemos o alcançar outras pessoas em palavras, mas não em ações. É pura hipocrisia as pessoas criticarem os métodos evangelísticos da igreja, quando não fazem o evangelismo pessoal. Isso é falsa religião.

A oração é outra área em que as tradições podem fomentar a falsa religião. Imagine que eu, seu pastor, o convide para jantar. Minha esposa prepara um suntuoso banquete. Todos os convidados se sentam à mesa em seus respectivos lugares. E, a seguir, digo: "A comida está esfriando, por isso é melhor atacarmos", e começo a engolir os alimentos. Todas as pessoas religiosas não deixariam de perceber que não oramos. De imediato, você, provavelmente de forma intencional, começa a pensar o que há de errado comigo. Sou esquecido ou nada espiritual? Talvez você comente comigo sobre o fato de eu não ter respeitado a tradição, fato que chamou sua atenção, e é bem provável que você comente o assunto com outras pessoas e, sem sombra de dúvida, ficará um pouco preocupado com minha espiritualidade.

Orar antes das refeições é uma tradição, não um mandamento de Deus. Ainda assim, se ousarmos não orar, nossa espiritualidade será questionada. Por favor, não me entenda mal. Obviamente, é correto reconhecer com regularidade a bondade e a provisão de Deus. Certamente, Cristo estabeleceu o exemplo quando abençoou o alimento antes de fazer a multiplicação dos pães e dos peixes (Mc 6.41). Contudo, Deus nos diz em algum lugar das Escrituras que temos de orar antes de fazer as refeições? Existe algum mandamento que estamos violando se não fizermos isso? Acho que não. (A propósito, pessoalmente acredito que é aconselhável orar antes de fazer as refeições. Essa é uma boa tradição que pode e deve ser estimulada a ser feita com sentido.) A oração antes das refeições é apenas uma tradição, uma que nós, muitas vezes, praticamos piedosamente sem qualquer sentido, e isso nos dá a sensação de espiritualidade.

Como evitamos fomentar a falsa religião com nossas tradições? Devemos trazer as tradições para o nível consciente. Precisamos nomeá-las e afirmá-las como tradições, e não verdades, recusando-nos a dar um valor doutrinal para

a tradição. Não precisamos institucionalizar as formas sem sentido. É essencial que nos lembremos a quem estamos adorando e como ele quer ser adorado, "[...] em espírito e em verdade" (Jo 4.24).

2. A tradição pode suplantar as Escrituras

O segundo ponto de Jesus quando confrontava os fariseus quanto às tradições era que, algumas vezes, elas suplantavam as Escrituras (Mc 7.9-13). Dessa vez, em vez de citar as Escrituras, ele chamou atenção para uma tradição farisaica muito em voga na época. Os fariseus acreditavam que os votos eram sagrados, particularmente aqueles que envolviam Deus e o templo. A Mishnah devota uma seção à questão dos votos (*Nedarim*). Uma das palavras-chave para os que faziam voto de acordo com os rabinos era *Corban*, uma garantia verbal de uma oferta futura a Deus. Esse tipo de oferta, uma vez que se fizesse o compromisso com Deus, não poderia ser passado a outros (embora pudesse ser usado para os propósitos pessoais da pessoa que dava essa garantia, algo bastante conveniente). Na época de Jesus, os judeus faziam essa garantia (ou a declaravam "Corban") para o templo e, depois da morte, esses bens eram devidamente transferidos para lá. Esses votos permitiam que eles usassem todos os bens para o uso pessoal, mas negavam o acesso a esses fundos para cuidar das necessidades presentes de pais idosos.

Aparentemente, os poderes religiosos da época viam isso como um meio efetivo de fortalecer o guardar a lei (e, talvez, de levantar dinheiro), de forma que eles transformaram isso em uma tradição obrigatória. As famílias daqueles que faziam uma declaração *Corban* eram as mais desfavoravelmente afetadas por essa tradição.

Jesus, entretanto, considerava essa tradição uma violação direta das Escrituras. O quinto mandamento (Êx 20.12; Dt 5.16) exigia que os filhos honrassem seus pais. Essa honra envolvia o cuidar financeiramente dos pais na velhice (1Tm 5.3-8). As Escrituras determinam penas severas para os que desonram os pais.[58] Entretanto, essa tradição *Corban* contrariava diretamente o

[58] Compare com Êxodo 21.15,17; Levítico 20.9; Deuteronômio 27.16; Provérbios 20.20; 30.17.

que a Palavra de Deus afirmava sobre honrar os pais. Portanto, as Escrituras foram sutilmente suplantadas pelas tradições humanas.

Algumas tradições, até mesmo as que começaram por boas razões, distorcem a verdade de Deus. A tradição sempre tem de ser reconhecida como tradição e não se pode permitir que ela suplante as Escrituras, pois estas são e têm de ser supremas; e a tradição deve subordinar-se a elas. No entanto, na prática, essa distinção muitas vezes fica obscura. Como isso acontece? Em geral, isso acontece com o passar do tempo, geralmente fundamentado em outros textos "conflitantes" das Escrituras que servem como comprovação da tradição e, muitas vezes, por causa de algum propósito prático (ou lucrativo). O que está errado com essa tendência? Ela confunde o divino com o humano. A tradição tende a se tornar sacrossanta, roubando a prioridade das Escrituras. Ela inverte as prioridades de Deus. A tradição pode tornar sagrado aquilo que, em seu cerne, é centrado no ser humano, em vez de ser centrado em Deus.

Será que é possível que algumas de nossas tradições, da mesma forma, contradigam os mandamentos de Deus? Considere a venerável instituição da Escola Dominical. Robert Raikes popularizou essa instituição que começou em 1769, com Hannah Ball. O propósito original da Escola Dominical era tanto espiritual quanto social. Ela ajudava as crianças pobres a aprender a ler, além de alcançá-las com o evangelho de Jesus Cristo. Agora, mais de 225 anos depois, a Escola Dominical, na maioria das igrejas, ainda é muito forte, apesar de seu propósito ter mudado com o passar do tempo. Atualmente, muitas pessoas consideram a Escola Dominical como a principal agência para alimentar espiritualmente as crianças. Pergunte aos pais o que eles esperam da igreja, e eles dirão: "Uma Escola Dominical bem estruturada".

Mas espere aí. Deus nos forneceu algum mandamento sobre o alimento espiritual das crianças? Ele forneceu sim. Em Deuteronômio 6, o texto mais bem conhecido da Bíblia sobre transmitir a fé para a geração seguinte, o Senhor determinou que a tarefa da educação teológica era primeiramente uma tarefa dos pais, e não da comunidade de fé. A razão do Senhor para essa escolha é óbvia. A transmissão da fé não pode ser alcançada em apenas uma hora por semana, em uma sala de aula; nem mesmo com os professores mais

talentosos e mais amorosos do mundo. Certamente, a igreja pode fornecer uma assistência valiosa, e a Escola Dominical, no que diz respeito ao evangelismo e à edificação, tem sido usada de forma poderosa por Deus. Entretanto, Deus planejou a família – não a igreja – para que carregasse a maior parte da responsabilidade da educação cristã das crianças.

No entanto, muitas famílias cristãs hoje fazem pouco, se é que fazem algo, para passar adiante, de forma intencional, a fé cristã aos filhos, pois ficam confusas, talvez pela tradição, achando que essa é uma responsabilidade da igreja. Não é possível que essa nossa magnífica tradição da Escola Dominical sutilmente contradiga a verdade de Deus, uma vez que sua presença e seu impacto abrem espaço para que os pais descartem essas responsabilidades dadas por Deus?

Outra tradição, por meio da qual a igreja confunde os cristãos e talvez os faça ignorar as Escrituras, é o "chamado do altar". Essa tradição relativamente recente (do século 19) está arraigada na psique espiritual de tantas pessoas que ficam perturbadas quando um convite não é feito; e confortadas quando ele é feito. Não vejo nenhum erro inerente no apelo feito do altar. Esse é um método que Deus usou para chamar muitas pessoas para ele a fim de que elas fossem salvas e santificadas. Entretanto, fico pensando se essa forma de evangelismo público não apazigua nossa consciência por termos negligenciado o evangelismo pessoal? Deus não planejou o evangelismo público para ser um substituto do evangelismo pessoal. Tampouco, a edificação coletiva deve ser substituída pelos cultos de adoração planejados basicamente para salvar almas perdidas. De modo geral, supõe-se que o evangelismo deva acontecer "lá", em vez de "aqui"; mas ele deve acontecer de segunda a sábado, e não só aos domingos; e deve ser feito por todos, não só pelo pastor.

Como podemos evitar cair nessa armadilha de permitir que nossas tradições sutilmente suplantem as Escrituras? Mais uma vez, precisamos estar bastante alerta para identificar as tradições como tradições. A maioria de nós, sem qualquer crítica, aceita a tradição como um guia. Temos de recusar firmemente deixar que a tradição passe a ficar revestida de autoridade divina. Embora nos denominemos de protestantes, algumas vezes agimos como se tivéssemos nos esquecido do chamado da Reforma, *sola Scriptura* – só as Escrituras.

Todas as tradições, portanto, têm de passar pelo crivo das Escrituras, e não o contrário. Nossas tradições têm de ser consideradas como negociáveis, sempre subordinadas à verdade de Deus.

3. A tradição pode distorcer a verdade teológica

Jesus, em dado momento, reuniu as multidões para falar sobre uma das fontes mais comuns e sinistras da tradição: uma visão distorcida de contaminação (Mc 7.14-16,21-23). O Mestre, com palavras veementes, implorou a sua audiência: "Ouvi-me"! A seguir, ele fez um pronunciamento verdadeiramente revolucionário de que nada fora da pessoa a pode contaminar. A contaminação acontece de dentro para fora, não de fora para dentro. A contaminação reside no coração humano.

Isso contradizia a visão de contaminação dos fariseus. Eles (e nós também, em pontos-chave) acreditavam que o mal era externo e ambiental. Uma pessoa poderia ser e era contaminada por certas pessoas, lugares ou coisas. Portanto, os "bons" judeus evitavam contato com os gentios, com os samaritanos (meio judeus), com coletores de impostos e com os pecadores. Eles também evitavam, pelos mesmos motivos, atravessar Samaria, pois consideravam a região impura por ser a casa dos samaritanos, pessoas de raça mista. A lista de lugares e atividades impuros era extensa.

No entanto, não é possível evitar a contaminação tentando evitar pessoas más, lugares nocivos e coisas maléficas, conforme Jesus explicou. O único caminho para lidar com a contaminação é tratar das questões do coração.

A tradição para os fariseus contribuíra para uma definição equivocada de impureza diante de Deus. Na verdade, as tradições podem ter contribuído para a contaminação, porque elas obscureceram a verdadeira fonte de sujeira espiritual, a saber, a depravação do coração humano. De forma similar, as tradições modernas que tentam limpar nossos atos externos podem nos cegar para a depravação de nosso coração e resultar na necessidade de limpeza interna. As tradições podem nos dar uma falsa sensação de justiça. Elas podem nos enganar ao procurarmos a fonte errada tanto para o nosso pecado quanto para a solução dele, e fornecer racionalizações para a nossa depravação

e alternativas para a dependência. A contaminação verdadeira daquele tipo descrito em Marcos 7.21,22 vem de dentro, não de fora.[59]

Isso não quer dizer que a contaminação não é importante para o cristão. O Novo Testamento também recomenda a pureza e condena a contaminação.[60] No entanto, aqueles que desejam ter uma vida pura precisam reconhecer que a fonte do pecado está no interior deles, não na presença dos outros nem nas atividades.

Algumas vezes, nossas tradições comprometem nossa teologia; elas, até mesmo, nos encorajam a buscar soluções erradas para o problema do pecado. Às vezes, nós, os cristãos, produzimos listas de regras que nos protegem da contaminação. A contaminação, embora não seja apresentada dessa maneira, é vista como algo que "está lá fora no mundo". Certas pessoas são designadas como passíveis de nos contaminar. Portanto, nos ensinam (sabiamente) a selecionar bons amigos e a evitar as más companhias. Certos lugares são inerentemente comprometedores: os lugares onde se consomem bebidas alcoólicas e onde se fuma maconha, os lugares em que se toca *rock* e os corpos acompanham a batida da música – enfim qualquer lugar onde atividades seculares ocorram. E certos objetos, como cartas com figuras e uma variedade de revistas, são sujos. Embora haja sabedoria em muitas dessas regras, elas, sutilmente, transmitem o contrário do fundamento da teologia bíblica que afirma que a contaminação é interna, e não externa.

Hoje, muitos cristãos estão cada vez mais amedrontados com o secularismo que se insinua na igreja e fazem de tudo para proteger a si mesmos e a suas famílias. Escolas em casa e escolas cristãs são consideradas refúgios seguros e lugares que valorizam a educação que as escolas públicas já não fornecem mais. Como pai de cinco filhos, também procuro proteger meus filhos do mal; essa é minha tarefa como pai e, até certo ponto, isso é necessário para

---

[59] STOTT, John R. W. *Christ the controversialist.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1976, p. 138.

[60] Compare 1Coríntios 8.7; 2Coríntios 11.2; Tiago 1.27; 2Pedro 3.14; Apocalipse 14.4; 21.27.

o amadurecimento deles. Entretanto, jamais quero me apaziguar com o pensamento de que posso, ao limitar o acesso de meus filhos a certas pessoas, lugares e coisas, diminuir a contaminação deles, pois eles carregam essa contaminação onde quer que estejam. O coração caído deles os acompanha.

Como pais, queremos que nossos filhos saibam que o temor a Deus – não o temor da cultura – é o princípio da sabedoria (Pv 1.7). Precisamos ser cuidadosos com a mensagem sobre a contaminação em que realmente acreditamos. Algumas vezes, nossas tradições nos incutem uma mentira diabólica.

Como podemos evitar cair nessa armadilha de permitir que nossas tradições distorçam nossa teologia? Mais uma vez, a Bíblia é nosso guia e nosso crivo, e não a tradição. Embora a tradição possa ter a aparência de sabedoria, temos de ter o cuidado para que ela não viole a veemência da verdade de Deus. Não se deve colocar a culpa do mal em fontes externas. Nossas numerosas tradições planejadas para nos manter puros, algumas vezes, deixam de captar o cerne da questão – o coração do homem.

4. A tradição pode contribuir para a cegueira espiritual

Mateus relata que a afirmação sobre a contaminação suscitou a ira dos fariseus (Mt 15.12-14). Isso confirma como a tradição cativa e enraivece nossas emoções. Os fariseus sentiam como se Jesus tivesse dado um golpe desnecessário e estavam devidamente ofendidos. Talvez, os fariseus tenham ficado tão contrariados com as palavras de Jesus que abandonaram a cena, pois não são novamente mencionados nessa passagem. Certamente, os discípulos de Jesus não compreenderam as implicações das afirmações de Jesus relacionadas com a contaminação. De qualquer modo, eles o confrontaram.

Jesus, a seguir, duplicou a ofensa quando chamou os fariseus de plantas que não foram plantadas e de guias cegos. Os fariseus achavam que eles eram trigo, mas Jesus os via como joio (Mt 13.40-42). Eles estavam convencidos de que eram guias para os cegos (Rm 2.19); Jesus os via como cegos. Como Deus não plantou os fariseus, eles seriam "arrancados" do jardim do Senhor, conforme afirmou Jesus. E como eles eram cegos, as pessoas que os seguiam corriam grande perigo.

Essas palavras náo poderiam ser mais incisivas. Os fariseus tinham muito orgulho de suas raízes. Eram filhos de Abraão. Foram plantados por Deus. Além disso, viam a si mesmos como guias espirituais de Israel cuja função era levar as pessoas para a luz. Jesus, no entanto, os comparou ao joio e a guias cegos. Ai!

Jesus deixou claro que as tradições farisaicas representavam um problema muito mais sério que os discípulos imaginavam. Ficar com os que equiparavam a tradição à verdade era perigoso para a saúde espiritual deles. Essas foram palavras duras de um Mestre preocupado com eles. É mais perigoso do que imaginamos seguir os fariseus, tantos os antigos quanto os modernos. As tradições, em geral, representam uma grande parte do pacote do legalismo e têm de ser firmemente confrontadas.

Aquilo em que verdadeiramente acreditamos é revelado pela forma que reagimos emocionalmente às várias situações, e esse é um teste infalível. As reações emocionais expõem as obras internas da alma. Quais de nossas tradições nos deixam irados? Algumas de nossas tradições têm o efeito de nos cegar?

Muitos anos atrás, na igreja onde hoje sou pastor, houve uma controvérsia acirrada quanto ao culto de domingo à noite. A proposta de alguns membros da igreja era substituir os pequenos grupos pelo culto de domingo à noite, pois achavam que isso aumentaria a participação e fortaleceria a vida espiritual. A sugestão dessa tradição contemporânea entrou em choque com uma tradição mais antiga, e as emoções foram despertadas. O culto de domingo à noite era, na mente de alguns, sacrossanto; uma âncora em mares bravios; uma ligação com o conservadorismo e uma proteção contra o liberalismo. Era uma das reuniões em que era possível medir a popularidade de Deus e nossa espiritualidade. Outros insistiam que os pequenos grupos eram a onda do futuro, um meio necessário para a alimentação espiritual.

Suspeito que poucas pessoas envolvidas no debate conheciam as origens do culto de domingo à noite. Ele começou na fronteira, como um meio para alcançar os não salvos com o evangelho. Era, portanto, chamado de "Culto evangelístico de domingo à noite". O gancho usado para atrair os "pecadores" ao culto era composto de lâmpadas a gás, instaladas logo que apareceram

nas igrejas. Essas lâmpadas eram a novidade e, portanto, atraíam os curiosos. Assim que as lâmpadas levavam as pessoas a entrar no recinto, a pregação do evangelho as levava para Cristo. Portanto, o culto de domingo à noite começou como um experimento inovador planejado para promover o evangelismo.[61] Agora, muitos anos depois, raramente há descrentes presentes no domingo à noite. Estes estão confortavelmente aconchegados em seus "bancos" vendo uma partida de futebol ou algum programa de televisão.

Em algum momento, o culto de domingo à noite mudou o foco de evangelização para edificação. Obviamente, a edificação dos cristãos é um objetivo que vale a pena. E não há nada de errado com os cultos de domingo à noite. E também não há nada de errado com os pequenos grupos. No entanto, os cultos de domingo à noite e os pequenos grupos são apenas tradições, métodos humanos para fortalecer o ministério. Se esquecermos disso, tornamo-nos cegos e podemos desperdiçar muita energia emocional.[62]

Como podemos evitar cair nessa armadilha da ofensa moral e da cegueira espiritual que as tradições podem produzir? Primeiro, quando nossas emoções se elevam acima das questões religiosas que sabemos que não são mandamentos bíblicos, é hora de dar um tempo. Temos a obrigação de ouvir o outro

---

[61] TILLAPAUGH, Frank R. *Your ministry can break the 20/80 barrier*. Denver: Shared Vision Network, 1994, p. 37; OLBRICHT, T. H. in *Dictionary of Christianity in America*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity 1990, p. 922.

[62] De modo similar, podemos achar que alguns cultos e programas são cruciais para o ministério. Alguns cristãos ainda consideram as reuniões de oração às quartas-feiras à noite um barômetro da espiritualidade. A frequência é um sinal de espiritualidade, e a não frequência uma demonstração de complacência. Entretanto, a frequência aos cultos, se isso gerar presunção, é uma rota certa para a cegueira espiritual. Além disso, alguns gostam de algumas tradições em particular, como a igreja das crianças e o coral de crianças, clube de jovens, como o AWANA, a Brigada de Serviço Cristão, Clube dos Pioneiros; e esses indivíduos podem acreditar que essas tradições são essenciais para o crescimento espiritual da criança. Nem esses programas nem quaisquer programas específicos para adultos – como "body life" [vida do corpo], reuniões de pequenos grupos e "cultos para os que estão buscando" – são inerentemente mais espirituais ou bíblicos que qualquer outro.

lado. Depois, temos de perguntar a nós mesmos se nossa ofensa é justificada ou se Deus está tentando nos dar uma cutucada. A seguir, precisamos ter certeza de que nossa vida é guiada pela Palavra de Deus, não por tradições humanas. Pois liderar as pessoas para que abracem a tradição como se ela fosse a essência do cristianismo não é muito diferente de um homem cego liderar uma visita pelo Grand Canyon.

Em algum momento, precisamos estar preparados para causar ofensa se buscamos verdadeiramente seguir a Jesus. Realmente não acredito que devemos tentar ser agressivos; ao contrário, devemos procurar ser tão graciosos e pacientes quanto possível. E, certamente, jamais devemos confrontar as tradições com um espírito arrogante. Poucas coisas são mais ofensivas quanto um jovem arrogante tentando substituir as tradições incrustadas com tradições contemporâneas. Isso é hipocrisia de primeira linha (e muito comum hoje em dia).

Por fim, precisamos ter cuidado para não nos prendermos àqueles que querem nos liderar com tradições. Creio que há muitos cujas maiores ênfases recaem nas tradições, e não na verdade. Multidões tendem a segui-las simplesmente porque as tradições nos ligam a eventos relevantes e importantes do passado. Cuidado!

5. A tradição pode sufocar o ministério eficaz

De acordo com Jesus, a tradição de lavar as mãos dos judeus não só contradizia a verdade das Escrituras em relação à contaminação, mas também não era necessária (Mc 7.17-20). Jesus declarou que as leis para o alimento do Antigo Testamento seriam, daquele momento em diante, substituídas. A implicação lógica da lição de biologia de Jesus é que nada é inerentemente passível de contaminar o ser humano – nem alimento, nem a falha em lavar as mãos, nem os jarros, nem as panelas. Pode-se comer de tudo: porco, camarão ou avestruz!

As leis para o alimento dos judeus tinham um propósito teológico positivo: separar os judeus como o povo escolhido de Deus (Lv 11.44,45). Assim, por que a mudança estabelecida por Jesus? Se essas leis tivessem permissão de continuar enquanto Deus estava levantando uma família global liderada pelo

Senhor Jesus Cristo – família essa formada por judeus, samaritanos e gentios – ele sabia que haveria divisões e desuniões insuperáveis. Essas leis sempre seriam um lembrete daquilo que caracterizava os judeus (e talvez os tornasse superior). As leis para o alimento e as tradições que emanam delas tornariam inviável o ministério em meio às pessoas perdidas.

Isso Jesus não toleraria. Portanto, Marcos, com um traço de pena, chega à conclusão de que as leis para o alimento foram canceladas, exatamente o que as palavras de Jesus deixam claro (v. 19). Isso serviu para remover um dos grandes impedimentos para o ministério eficaz que qualquer judeu evangelista, fundador de igreja ou pastor, teria de enfrentar. A propósito, não é por acidente que o evento seguinte registrado no evangelho de Marcos foi Jesus alcançando uma mulher cananeia (Mc 7.24-30). Se Jesus estivesse preso às leis dos alimentos, ele a teria evitado.

Um dos maiores perigos da tradição é que ela pode realmente bloquear novos ministérios liderados pelo Espírito. Na verdade, a tradição, em potencial, pode ser um grande exterminador de ministérios, pois as tradições tendem a ser mantidas muito depois de terem perdido sua utilidade. Ironicamente, algumas de nossas mais celebradas tradições tiveram início como ministérios de vanguarda que alguém teve a coragem e a convicção de iniciar.

Deixe-me citar alguns exemplos de nossas tradições que, potencialmente, podem sufocar ministérios eficazes. O estilo de música considerado santo causa grandes impactos em nosso ministério. Se acreditarmos que o mal reside no ritmo, no estilo, na instrumentação, no tempo ou na altura da música, provavelmente não poderemos alcançar uma subcultura singular (ou seja, a menos que eles abandonem seu estilo "impiedoso" e abracem nossas tradições). Considere o órgão. Esse instrumento foi primeiramente usado nas igrejas estadunidenses, em 1703, e não antes porque aqueles com raízes puritanas se opunham a ele. Por fim, em 1770, a primeira igreja puritana, provavelmente os que realmente assumiram riscos, comprou um órgão![63] Podemos estreitar

[63] WESTERMEYER, P. "Music, christian", Daniel G. Reid et al., ed. *Dictionary of Christianity in America.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1990, p. 786-87.

nosso ministério com as escolhas de música e de instrumentos que consideramos aceitáveis. E aqueles a quem podemos ferir não apenas os que são excluídos, mas também os que são confortados. Ensinar que um tipo particular de música é santo pode impedir a nossa compreensão de espiritualidade.

Considere como nossas tradições referentes ao horário dos cultos matutinos afetam o ministério daqueles que estão nos bancos. A maioria das igrejas tem cultos de adoração aos domingos, no horário matinal, às 10h30 ou às 11 horas. Leith Anderson escreve:

> Jamais ordenhei uma vaca. [...] A maioria dos estadunidenses jamais ordenhou uma vaca. Ainda assim, muitas igrejas realizam seu culto matinal às 11 horas, uma hora escolhida originalmente para que os fazendeiros de gado leiteiro pudessem chegar depois de sua tarefa matinal.[64]

Talvez o ministério fosse mais bem servido se os cultos da igreja fossem sábado à noite às 20 horas ou domingo de manhã às 8 horas. A tradição estabeleceu o horário de nossos cultos, e não Deus. Quando a sociedade trabalha nos horários e propõe mudanças neles, talvez os horários de cultos de adoração também devessem mudar.

Como podemos evitar a tendência de permitir que a tradição abafe o ministério eficaz? Mais uma vez, precisamos manter separadas em nossa mente a tradição e a verdade. Ajudamos tanto o crescimento espiritual quanto o ministério quando estabelecemos a diferença entre tradições e verdade. É sábio distinguir uma da outra. A seguir, precisamos manter a metodologia fluida e maleável a mudanças. A mensagem das Escrituras é o fundamento e não deve ser alterada. Os métodos, entretanto, são negociáveis e devem ser mudados para que o ministério seja eficaz em culturas em transformação. Algumas vezes, fazemos exatamente o oposto, comprometendo a mensagem para que ela se ajuste a nossos meios. Temos de desenvolver a virtude espiritual de assumir riscos para manter a prioridade do ministério acima dos métodos.

---

[64] ANDERSON, Leith. *Dying for change*. Minneapolis: Bethany, 1990, p. 43.

Isso não é algo fácil para a maioria de nós quando consideramos que as tradições definem nossa zona de conforto.

EQUILIBRANDO A TRADIÇÃO E A VERDADE

Nossa missão como seguidores de Jesus Cristo é equilibrar com sabedoria a verdade de Deus e a tradição humana. Como podemos equilibrá-las? Primeiro, temos de reconhecer que as tradições estão a nossa volta. Elas governam (geralmente sem que o percebamos) uma parte considerável de nossas vidas e determinam, em grande medida, como avaliamos os outros. Portanto, precisamos trazer para o nível consciente o efeito que as tradições têm em nossa mente e em nossa vida. Segundo, jamais podemos nos esquecer de que, por definição, a tradição é algo que o homem produz. Entretanto, temos a tendência de confundir a tradição com a verdade porque muitas vezes conseguimos traçar as tradições religiosas até a comprovação com textos bíblicos. Contudo, as tradições tendem a se tornar sacrossantas com o passar do tempo. Precisamos nos lembrar, com frequência, das raízes de nossas tradições e considerá-las como aspectos negociáveis.

Terceiro, as tradições tendem a reforçar a religião externa, focando as atitudes externas, e não as do coração. Portanto, precisamos tomar cuidado com a falsa religião e a hipocrisia que o tradicionalismo pode gerar. As tradições têm a aparência de sabedoria e, por elas nos transmitirem a "sensação de que são corretas", parecem justas. Entretanto, elas podem distorcer sutilmente a verdade e nos transmitir uma falsa sensação de justiça. A tradição pode contribuir para a cegueira espiritual e resultar em grande mal espiritual. Portanto, quando lidamos com as tradições em nossa vida, precisamos ter discernimento.

Por fim, a tradição pode ser um dos grandes inimigos do que Deus está procurando fazer. Ele é infinitamente criativo e se move de modo contínuo de maneiras inesperadas e encantadoras. Entretanto, dizem que as últimas seis palavras da igreja são estas: "Jamais fizemos isso dessa forma antes". Quando nos apegamos de maneira obstinada à tradição, tendemos a sufocar nosso ministério. É preciso coragem para confrontar as tradições e enfrentar a oposição

quase certa. Ainda assim, a alternativa – ou seja, reprimir o ministério eterno – pode privar a igreja da iniciativa e da bênção de Deus.

Deus nos chamou para sermos comprometidos, e não necessariamente de uma forma confortável para nós. Quando as tradições fundamentadas na verdade de Deus fortalecem o nosso ministério, elas devem ser defendidas. No entanto, quando elas inibem o ministério, elas têm de ser reavaliadas e revistas, com o exame, feito por todos os envolvidos, do coração que busca.

Capítulo oito

Quando a cerca se torna o foco

O filme *Carruagens de fogo* conta a cativante história de Eric Liddell, o "escocês voador". Ganhou o Oscar de melhor filme em 1981. Um tremendo sucesso em Hollywood, e também cativou uma audiência entusiasta em meio aos cristãos, pois o filme *Carruagens de fogo* defendia firmes valores cristãos. No filme, Liddell ganha a medalha de ouro nas Olimpíadas de 1924 na corrida de 400 metros, embora não se esperasse que ele competisse nessa modalidade. Ele se recusou a participar em seu evento de destaque, a corrida de 100 metros, porque algumas das competições preliminares foram aos domingos, "o dia do Senhor", e ele guardava esse dia de forma muito rigorosa. Muitas pessoas, seculares ou religiosas, aplaudiram o caráter, as convicções, a coragem e, é claro, o sucesso de Liddell!

Sem dúvida, Liddell agiu de acordo com sua consciência, e as coisas funcionaram bem. No entanto, seu posicionamento era normativo para todos os cristãos sinceros? Se Jesus fosse o treinador de Eric Liddell, o que ele teria lhe dito sobre correr aos "sábados"? A guarda do sábado provoca as mais profundas convicções religiosas há milhares de anos. E essa prática representa o cerne e a alma de uma prática muito relevante dos fariseus, chamada de "cercar a Lei".

Os fariseus acreditavam ardentemente que Deus lhes dissera para proteger a Lei. A Mishnah declara o mandato dos fariseus: "Moisés recebeu a Lei do Sinai e a confiou a Josué; e Josué, aos anciãos, e os anciãos, aos profetas; e os profetas, aos homens da grande sinagoga. Eles diziam três coisas: seja prudente no julgamento; faça muitos discípulos; *e faça uma cerca em volta da Lei*".[65]

---

[65] LIPMAN, Eugene J., tradutor. *The Mishnah*. Nova York: Viking, 1973, p. 446.

Deus revelou sua vontade para que, por confiar nele e lhe obedecer, as pessoas passassem a ser santas. Na verdade, a Lei, a maior expressão de sua vontade, não só era essencial para a vida espiritual do indivíduo, mas também para a sobrevivência da nação. Ela afirmava a vontade irrevogável de Deus para seu povo. Ela deveria ser protegida, transmitida e guardada. Entretanto, a Lei imutável de Deus é, por natureza, um tanto ambígua. Ela exige ser interpretada e aplicada em cenários culturais em constante mudança. Portanto, os grandes mestres dos judeus assumiram a tarefa de explicar em termos específicos o sentido da Lei e a aplicação dela à vida. Eles se sentiam comprometidos a proteger o sagrado e a impedir que as pessoas transgredissem os mandamentos de Deus por causa da ignorância, da indiferença ou da insolência. Esse processo altamente valorizado era conhecido como "cercar a Lei".

A construção de cercas não era um processo aleatório e independente. Ao contrário, as cercas eram cuidadosamente construídas, de acordo com o mandato de Deuteronômio 17.8-11, por renomados estudiosos das Escrituras, devidamente reconhecidos pelas pessoas. Essas cercas não visavam a se tornar um sistema rígido de dogmas estéreis. Elas tinham a intenção de pegar os absolutos da Lei de Deus e torná-los aplicáveis à vida contemporânea.

A PRIMEIRA CERCA

A construção de cercas data desde os primórdios da raça humana. Eva construiu a primeira cerca em volta dos mandamentos de Deus quando disse à serpente as palavras: "[...] nem nele tocareis", em Gênesis 3.2,3. Talvez ela tenha pensado (de forma equivocada) que a melhor maneira de evitar o fruto proibido era por intermédio da construção de barreiras de proteção em volta dos mandamentos de Deus. Aparentemente, ela sentiu que a obediência seria realçada se fosse mais radical que Deus. O processo de criar cercas começou com uma simples adição à Lei de Deus.

Em razão de nossa natureza humana, as cercas teriam proliferado se outros estivessem envolvidos: "Não cheire a árvore; não olhe para ela; não chegue perto; isole aquela parte do jardim; construa um muro em volta da árvore proibida". Talvez alguém, por fim, decretasse que a árvore devesse ser cortada

e arrancada com raiz e tudo! Como a liberdade de Deus é amedrontadora, as cercas passaram a ser o foco.

Eva, com sua construção de cerca, ignorou a proteção do coração oferecida por Deus e acessível por intermédio de um relacionamento com ele. Fazemos o mesmo hoje. Sempre que Deus oferece um mandamento e pessoas sinceras, como nós, buscam obedecer a ele, cercas são construídas, muitas vezes substituindo o relacionamento do coração com Deus. As cercas passaram a ocupar grande parte de nosso cenário religioso, e mal podemos vê-las.

A NATUREZA DAS CERCAS

A cerca, obviamente, representa uma fronteira. De acordo com o dicionário, cerca é uma obra feita de madeira, ferro e outros materiais, que protege ou delimita uma porção de terra plantação etc. Na agricultura, as cercas servem para impedir que os animais se desgarrem. As cercas nos dão uma sensação de segurança, de posse e de controle. Em termos religiosos, as cercas são humanamente planejadas para interpretar, explicar e aplicar os mandamentos bíblicos. O propósito delas era 1) proteger os mandamentos de Deus e 2) impedir que as pessoas transgredissem esses mandamentos. Quando vivemos dentro dessas cercas, acreditamos que podemos viver seguramente diante de Deus. Aqueles que fazem cercas são mestres de Bíblia bem-intencionados. E as pessoas religiosas, em geral, exigem que seus instrutores definam as cercas a fim de padronizar o comportamento religioso e de simplificar a obediência.

A construção de cercas difere de maneira relevante das tradições, o tópico do capítulo anterior. A tabela seguinte pode ajudar a salientar algumas das diferenças:

Tradições *versus* cercas

Tradições	Cercas
Escrituras-chave: Mateus 15.1-20; Marcos 7.1-23	**Escrituras-chave:** Mateus 12.1-14; Marcos 2.23–3.6
Teste de caso: tradições referentes à lavagem das mãos	**Teste de caso:** cercas do sábado
Propósito das tradições: promover e fortalecer o ministério	**Propósito das cercas:** proteger a Lei e impedir a desobediência

Fonte das tradições: ministérios (em geral fundamentados em textos de comprovação das Escrituras) que funcionaram no passado	**Fonte das cercas:** mandamentos bíblicos que têm de ser interpretados e realmente aplicados na vida da pessoa
Contribuições positivas das tradições: preservar o ministério eficaz; fornecer estabilidade e segurança; associar-nos ao passado	**Contribuições positivas das cercas:** protegem-nos contra o pecado; fornecem os padrões e as estruturas; impedem a pessoa de flertar com o mal
Perigos das tradições: podem contribuir para a religião tediosa; podem sutilmente contradizer a verdade de Deus; podem contribuir para a cegueira espiritual; tendem a perder de vista sua origem humana; resistem com frequência à mudança e perpetuam as coisas da forma que estão; grande inimigo em potencial do ministério	**Perigos das cercas:** podem não ser consistentes com o conselho total da Palavra de Deus; podem perverter as prioridades de Deus; podem contrariar o bom senso e a prática sensata; podem desviar a atenção da verdadeira intenção da Lei; grande inimigo em potencial da maturidade

Em nenhuma área, as atividades de construção de pontes dos fariseus foram mais marcantes e prolíficas do que nas regulamentações do sábado. A observância do sábado estava no cerne do sistema farisaico. As leis que cresceram em volta do sábado eram volumosas. A julgar pela quantidade de espaço dedicado a ele na Mishnah, esse é o único assunto mais relevante para os rabinos.[66] Entretanto, Jesus considerava a Lei de Deus e as cercas desenvolvidas pelos homens de forma muito distinta da cerca dos fariseus. Sete confrontos entre Jesus e os fariseus a respeito do sábado estão registrados nos evangelhos.[67] Esses confrontos, como é fácil de imaginar, eriçaram os pelos religiosos dos fariseus. Eles não conseguiam entender a razão por que um homem com reputação de "santo" não cumprisse as cercas "santas" que eles haviam estabelecido. O conflito em relação ao sábado precipita um dos maiores pontos de virada no ministério de Jesus. Antes dos eventos registrados em Mateus 12, Jesus era uma novidade um tanto irritante. Daí em diante, ele seria o objeto de intenso escrutínio, resultando, por fim, em seu assassinato.

A FORMA QUE AS CERCAS DO SÁBADO FORAM DESENVOLVIDAS

O conflito em relação ao sábado começou em um sábado de primavera em Israel, enquanto Jesus e seus discípulos saíram para caminhar. Jesus

---

[66] LIPMAN, Eugene J., tradutor. *The Mishnah*, p. 79-80.

[67] Compare Mateus 12.1-8,9-14; Lucas 13.10-17; 14.1-6; João 5.1-9; 7.21-24; 9.1-41.

estava discutindo o descanso, um assunto apropriado para o sábado, com seu grupo de amigos. Eles ficaram com fome e começaram a colher alguns grãos dos campos onde caminhavam. Essa era uma atividade normal para as pessoas pobres. Mas não aos sábados! As cercas judias bem estabelecidas proibiam tais atividades. E os fariseus viram o que eles fizeram, mas não disseram nada.

Guardar o sábado era uma das três marcas do judaísmo com a circuncisão e as leis dos alimentos. Portanto, os fariseus viam a atividade de Jesus aos sábados como uma grande ofensa. A Palavra de Deus deixava isso muito claro: o sábado foi estabelecido por Deus na criação (Gn 2.1-3); "Lembra-te do dia do sábado...", era o quarto mandamento e o mais longo (Êx 20.8-11; Dt 5.12-15). O descanso sabático foi um sinal dado por Deus a Israel, de sua aliança com seu povo, que o distingue entre as nações ao seu redor. Além disso, Deus decretou, por intermédio de Moisés, que a violação do sábado fosse ofensa capital (Nm 15.32-36).

Entretanto, não ficou claro como deveriam aplicar o sábado na sociedade contemporânea. O que "lembra-te" quer dizer? Quando o "sábado" começa e quando acaba? Como é possível tornar um dia "santo"? E a mais ardilosa de todas, o que quer dizer "trabalho"? As Escrituras não fornecem instrução detalhada sobre particularidades da guarda do sábado, e, para tornar as coisas ainda mais difíceis, as duas principais escolas de farisaísmo discordavam a respeito de muitos pontos específicos. Os mandamentos do sábado, como a maioria dos 613 mandamentos do Antigo Testamento, pareciam exigir uma explicação e pedir uma aplicação prática. Afinal, os fiéis queriam saber qual a posição deles diante de Deus. Portanto, os fariseus e seus rabinos iniciariam um grande esforço para definir o sábado e explicar ao povo de Deus o que era considerado conduta apropriada e inapropriada para o sábado.

Embora essa questão não apareça no texto, talvez Jesus e seus discípulos tivessem andado longe demais naquele dia. Os rabinos haviam decretado que uma caminhada aos sábados deveria se resumir em pouco mais de meia milha (cerca de 800 metros) da residência da pessoa. Eles não chegaram a esse número de forma arbitrária. Ao contrário, ao examinar de forma meticulosa as

Escrituras e combinar os textos de forma engenhosa, eles chegaram a distância segura que poderiam viajar sem "quebrar a Lei de Deus".[68]

Entretanto, o que constitui a residência de alguém? Essa questão é ainda mais ardilosa. Há exceções, algumas fendas? É claro! E essas foram decretadas com a precisão característica dos fariseus. Era possível redefinir os limites da residência de alguém e, portanto, aumentar a jornada permitida no sábado. Ou alguém poderia colocar vários objetos, como uma corda, atravessada na rua e, desse modo, aumentar o tamanho de sua "casa". Além disso, os rabinos decretavam que fazer algumas atividades, como cozinhar um ovo, tornava aquele local o "lugar de habitação" da pessoa. E era possível fazer a ligação de muitas casas, criando um tipo de casa comunal que era realmente muito grande, aumentando de forma conveniente a distância aceitável para as jornadas aos sábados.

No entanto, a ofensa específica pela qual os fariseus interrogaram Jesus e seus discípulos não dizia respeito a distância percorrida no sábado, mas ao "trabalho" que fizeram. Os rabinos determinaram que 39 atividades ficavam fora das fronteiras estabelecidas para o sábado. Os discípulos realizaram pelo menos quatro, e talvez mais, dessas atividades explicitamente proibidas para os sábados.[69] E quando os fariseus viram os discípulos de Jesus "colher espigas" no sábado, eles manifestaram sua preocupação. Para eles, a atividade dos discípulos de Jesus não era lícita. Eles haviam transgredido a "Lei".

CONTRIBUIÇÕES POSITIVAS DAS CERCAS

As cercas podem ser úteis. Acima de tudo, *elas podem proteger e instruir os inocentes e imaturos.* Um pai não pensaria em permitir livre acesso de seu

---

[68] Em Êxodo 16.29 e Jeremias 17.22, a casa de alguém é citada como a base aceitável das atividades no sábado. E em Números 35.4 utilizou-se a distância de mil cúbitos [um cúbito tem cerca de 50 cm, portanto cerca de 500 metros] do muro da cidade como a extensão apropriada dos limites da cidade. Ao combinar os textos, é possível chegar à distância de mil cúbitos da casa das pessoas como uma jornada aceitável aos sábados.

[69] MacArthur, John. *The MacArthur New Testament Bible commentary: Matthew 8–15.* Chicago: Moody, 1987, p. 283.

filhinho ao forno quente, a uma rua movimentada ou a um objeto frágil feito de vidro. Neste momento em que escrevo este livro, tenho um bebê em casa. Construímos cercas em lugares estratégicos para impedir que ele caia escada abaixo, que se aproxime em demasia de itens perigosos e caros e que entre em lugares aos quais não deve ter acesso. Essas cercas são de grande ajuda para nós. Elas minimizam nossos medos e aumentam a nossa liberdade, isso para não mencionar o fato de que protegem a vida e os membros de Seth. As cercas são boas e necessárias para a proteção das crianças. As cercas religiosas protegem os imaturos. Os jovens, por não terem conhecimento nem experiência, precisam das coisas explicadas de forma minuciosa e concreta a fim de que possam compreender e obedecer.

Além disso, *cercas podem ter uma função psicológica positiva.* As pessoas não lidam bem com a ambiguidade e a liberdade contínuas. Saber o que fazer e o que não fazer proporciona segurança; saber qual é o nosso lugar nos dá uma sensação de satisfação, até mesmo de controle, em um mundo complexo. As cercas pessoais feitas com Deus e fundamentadas na consciência e nas convicções pessoais são encorajadas nas Escrituras (Rm 14–15). As cercas podem fornecer as fronteiras que nós, individualmente, precisamos para termos uma vida equilibrada e para dizer não às tentações convincentes, embora insensatas.

As cercas, muitas vezes, também se prestam a instilar reverência pela Lei. O medo pode ser uma proteção que nos foi dada por Deus. As cercas da lei ajudam a nos manter longe do mal e promovem a ordem social. Elas fazem parte da graça comum de Deus. Muitas de nossas cercas servem-nos, de forma silenciosa, ao limitar nossa propensão ao pecado. Elas protegem minhas áreas de fragilidade. Salientam os perigos em potencial de atividades aparentemente inofensivas. As numerosas cercas de minha infância, as quais eu, de modo geral, não violava por causa do medo, pouparam-me de muito trabalho e diminuíram as cicatrizes de minha vida. Durante o tempo em que estava na escola de ensino médio, por exemplo, evitei as substâncias que alteram o estado de consciência. Meu medo da punição e da perda do autocontrole protegeu-me de vícios que poderiam me ferir e a outros.

As cercas, além do mais, ajudam a moldar hábitos que reforçam o estilo de vida piedoso. Muitos hábitos, como conversar regularmente com Deus, tanto individual como coletivamente, podem ser úteis. Jesus mesmo, embora tenha violado algumas das cercas dos fariseus, cumpriu com outras delas. Nas Escrituras está implícito que ele frequentava a sinagoga, presumivelmente de forma regular, embora a Lei não exigisse especificamente isso. Hábitos positivos, entretanto, sempre podem ser pervertidos. A devoção pode degenerar em obrigação. A frequência à igreja pode se tornar a rota para o legalismo.

Assim, as cercas podem desempenhar uma função inestimável em nossa vida e comunidade religiosas. Elas, talvez, sejam um ajuste necessário por causa da queda da carne. Entretanto, as cercas, muitas vezes, representam perigos espirituais relevantes, e Jesus salientou esses perigos rápida e cuidadosamente.

OS PERIGOS DAS CERCAS

Ao longo da História, ninguém na face da terra teve mais preocupação com a justiça que Jesus. Ele, como os fariseus, queria proteger as pessoas da dor do pecado. No entanto, Jesus tinha alguns problemas, bastante relevantes, com as cercas deles. A interação de Jesus com os fariseus em Mateus 12.1-14 salienta seis perigos das cercas construídas por homens.

1. Pode ser inconsistente com a Palavra de Deus

Nossas cercas podem não ser consistentes com a inteireza da Palavra de Deus. Em Mateus 12, Jesus confrontou primeiro os fariseus, que amavam as Escrituras, em relação às cercas do sábado que tinham furos bíblicos. Embora essas cercas tenham sido construídas fundamentadas em textos das Escrituras, elas, algumas vezes, não se alinhavam com o conselho completo da Palavra de Deus.

Jesus, o pregador camponês itinerante, deve ter impressionado os estudiosos das Escrituras daquela época quando disse: "Acaso não lestes o que fez Davi, quando teve fome, ele e seus companheiros? Como entrou na casa de Deus, e como eles comeram os pães da proposição, que não lhe era lícito comer, nem a seus companheiros, mas somente aos sacerdotes?" (v. 3,4). Jesus se referia a um acontecimento na história de Israel registrado em 1Samuel 21.1-6. Davi, o rei ungido

de Israel, enquanto ele e seus companheiros estavam fugindo do rei Saul, entraram no tabernáculo em Nobe e mentiram a respeito de sua missão, e Aimeleque, o sumo sacerdote, deu-lhes o "pão sagrado" para comer. Esse pão foi entregue a eles apesar da restrição de Levítico 24.5-9. Presumivelmente, o pão sagrado foi consumido porque não havia nenhum pão comum disponível. É provável que esse evento tenha acontecido em um sábado, pois o pão sagrado acabara de ser substituído. (Todos os sábados, doze pães frescos substituíam os antigos.)

Davi, claramente, violou a Lei escrita, mas não foi acusado de ser alguém que quebrava a Lei. As regras e as regulamentações, algumas vezes, permitem exceções fundamentadas em necessidades humanas legítimas e na posição da pessoa que "quebrou a lei". Jesus chamou a atenção dos fariseus para que fossem cuidadosos ao apresentar um caso e chamá-lo de bíblico quando fundamentados em dados incompletos. Além disso, aquele que violara a cerca do sábado dos fariseus não era ninguém menos que o grande filho de Davi!

Nessa área, algumas de nossas cercas não estavam menos crivadas de buracos que as cercas dos fariseus. O que apresentamos como fundamento bíblico não o é se examinarmos toda a evidência. No entanto, muitas vezes não reconhecemos isso. Consideramos nossas cercas como dadas por Deus e dotadas de autoridade divina; salientamos e exageramos certos textos, mas omitimos outros. Uma das grandes ironias da construção de cercas é que aqueles mais prolíficos nessa arte são os que têm mais convicção de que realmente são o povo do Livro.

Por exemplo, catalogamos e comunicamos textos bíblicos que condenam o uso de consumo de bebidas alcoólicas, e eles são numerosos, mas, curiosamente, deixamos de mencionar os versículos, e eles não são escassos, de que a Bíblia permite e, até mesmo, recomenda o consumo de bebidas.[70] Somos totalmente

---

[70] Os textos das Escrituras condenando o consumo de bebidas alcoólicas incluem Isaías 28.1-8; Romanos 13.13; 1Coríntios 5.11; 6.10; Gálatas 5.21; Efésios 5.18; 1Tessalonicenses 5.6-8; 1Timóteo 3.3,8; e 1Pedro 4.3. Alguns dos textos das Escrituras que permitem ou recomendam o consumo de bebidas alcoólicas são Números 28.7; Deuteronômio 14.22-27; Salmos 104.14,15; Eclesiastes 9.7; Mateus 26.27-29; João 2.1-10; 1Timóteo 5.23.

justificados ao apontar os perigos e os enganos do álcool, como também das potenciais consequências devastadoras dele.[71] Entretanto, temos de ser cuidadosos com a construção de defesas bem elaboradas da abstinência, utilizando as cercas humanas como nosso método. Apesar de os alertas contra o perigo do álcool serem úteis e totalmente fundamentados nas Escrituras, algumas de nossas cercas degeneram em distorção, desvirtuamento e omissão de textos relevantes das Escrituras. O que isso ensina para as pessoas que confiaram em nós quando elas encontrarem evidências nas Escrituras que contradizem nossa exegese bíblica "hermética"? A liberdade sempre oferece o potencial para o abuso, mas também fornece a oportunidade para que as convicções e o caráter verdadeiros se desenvolvam.

Várias cercas envolvendo a adoração também estão em solo precário, se considerarmos todo o conselho da Palavra de Deus. Dançar, por exemplo, era uma atividade proibida no ambiente em que fui criado. As tentações da excitação sexual motivaram a construção dessas cercas, e aprendi a apreciar a proteção que elas fornecem. Parte da dança apresentada nas Escrituras está associada com o mal (veja Êx 32.19; Mt 14.6).[72] Entretanto, o banimento da dança em todas as circunstâncias não é apoiado pelas Escrituras. Deus certamente acredita que o corpo pode ser usado corretamente na celebração e adoração. Além disso, citamos textos sobre a reverência na adoração, mas silenciamos sobre aqueles que falam de uma celebração barulhenta, "[...] cantando e tocando harpas, alaúdes, tamborins, címbalos e trombetas" (veja 1Cr 13.8; Sl 150.5). A construção de cercas rígidas pode nos transformar em pensadores judiciosos, e não em pessoas que se submetem às Escrituras, lideradas pelo Espírito. Jesus, provavelmente, tiraria seu cortador de arame para destruir algumas de nossas cercas, exatamente como fez com os fariseus, dois mil anos atrás.

---

[71] Provérbios 20.1; 23.29-35; e Isaías 5.11,12 descrevem os enganos; as consequências são descritas em Gênesis 9.20-27; 19.30-38; Provérbios 4.17; 20.1; 21.17; 23.19-35; Isaías 5.22,23; Oséias 4.11; e 1Coríntios 11.27-30.

[72] Compare 1Samuel 18.6,7; 2Samuel 6.14-16; Salmos 30.11; 149.3; 150.4; Lucas 15.23-25.

2. Podemos ignorar alguns ministérios especiais e algumas exceções

Cercas construídas por homens podem deixar de reconhecer alguns ministérios divinamente ordenados e algumas exceções. Às vezes, as circunstâncias exigem que as cercas, feitas para a proteção do homem, sejam destruídas. Jesus salientou para os fariseus que alguns ministérios ordenados por Deus podem anular as cercas construídas por homens. Assim, os policiais de hoje "quebram a lei" quando atravessam algum cruzamento enquanto o semáforo está vermelho a fim de executar sua tarefa e proteger pessoas para que não se machuquem.

Mais uma vez, Jesus recorre às Escrituras e, dessa vez, utiliza um texto do Pentateuco (Nm 28.9,10). Ele disse: "Ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado, e ficam sem culpa? Digo-vos, porém, que aqui está o que é maior do que o templo" (Mt 12.5,6). Tecnicamente, os sacerdotes quebram a lei todos os sábados para executar suas tarefas, mas ninguém os considera pessoas que não guardam o sábado. A natureza de sua obra, como líderes da adoração a Deus, exigia que eles violassem as cercas do sábado. Portanto, há razões válidas para "violar" as cercas do sábado. Além disso, Deus – que fez o sábado – tem todo o direito de trocar as cercas do sábado.

Algumas de nossas cercas, como as dos fariseus, restringem de forma ilegítima o culto a Deus e a ministração às pessoas. Elas fazem isso ao colocar cercas naquilo que Deus permite ou encoraja. Considere a adoração coletiva e o que pedimos ao nosso coral ou ministro de música. Definimos subjetivamente o que é música "sagrada" e "secular". A seguir, construímos cercas de acordo com nossa idade, subcultura, criação, gosto musical, teologia e visão de Deus, herança denominacional e assim por diante. Aprendemos a associar certos ritmos e instrumentos com certas pessoas e movimentos; assim, consideramos esse tipo de música com valor espiritual ou totalmente desprovido dele. Dizemos a nosso ministro que tipo de música deve ficar fora dos limites da cerca de nosso repertório de adoração.

Devemos permitir que Deus nos diga qual é seu gosto musical sem impingir nossas cercas a ele. No supremo hinário inspirado por Deus, em Salmos, aprendemos sobre os tipos de instrumentos que ele prefere (Sl 150)

e sua tolerância à repetição (Sl 136). Esse hinário deixa claro que Deus não é parcial quanto ao conteúdo teológico nem que é avesso às emoções, como alguns sugerem. O salmo 95, um texto clássico de adoração, direciona-nos a regozijarmos com sua grandeza, a reverenciá-lo por sua bondade para conosco e a respondermos a sua Palavra. Não somos sábios nem bíblicos se escolhermos uma faceta da adoração e a divinizarmos. Pergunto-me: quantas oportunidades para o ministério foram perdidas porque as cercas construídas pelos homens nos impediram de chegar a certos tipos de pessoas?

3. Esquecemos as prioridades de Deus

Jesus admoestou os fariseus sobre o dia do Senhor (v. 7,8), pois eles construíram cercas humanas que podem interpretar de forma equivocada as prioridades de Deus. Eles, algumas vezes, substituíam os rituais pelo relacionamento; os programas por ministério; e os sacrifícios por compaixão. Às vezes, preocupações sociais relevantes naufragam no mar das trivialidades religiosas. As cercas, algumas vezes, afrontam as prioridades de Deus. Elas podem subordinar a compaixão, uma alta prioridade divina, aos rituais que regulam o comportamento externo.

Mais uma vez, Jesus, fundamentado nas Escrituras, repreendeu os fariseus. Aqui, ele citou Oséias 6.6 (dos profetas) e salientou as prioridades de Deus:

> Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifícios, não condenaríeis os inocentes. Porque o Filho do homem até do sábado é Senhor (Mt 12.7,8).

As cercas do sábado, conforme construídas pelos fariseus, evoluíram de tal forma que elas impediam os atos de misericórdia e, até mesmo, condenavam aqueles que realizavam esses atos. Deus sempre colocou a compaixão acima do ritual, mas os fariseus inverteram as prioridades de Deus, pondo-as de cabeça para baixo.

Algumas vezes, nossas cercas, da mesma forma, afrontam as prioridades de Deus. Por exemplo, considere o "tempo de quietude diária", também conhecido como "devocional". Essa prática tornou-se uma exigência na rotina

de um bom cristão. Quando ainda era muito jovem, conclui que se algum dia deixasse de fazer a devocional, Deus se ofenderia. (Por favor, observe que sou totalmente a favor de passarmos um tempo a sós com Deus. Na verdade, acredito que uma das grandes perdas da igreja nos Estados Unidos hoje é a ausência da devoção a Deus.) As cercas determinam quando essas devocionais devem ocorrer ("a primeira coisa a ser feita de manhã") e quanto tempo ela deveria durar (pelo menos, "sete minutos com Deus"). A memorização da Bíblia era uma necessidade, assim como a "Bíblia de estudo indutivo", quando fui apresentado para ela. A fórmula de oração (que tinha de passar pelos seguintes estágios: adoração, confissão, ação de graças e súplicas) fornece uma cerca útil para organizar minha vida de oração e para que me certifique de que não me esqueci de nenhum aspecto essencial.

O resultado dessas cercas para mim, alguém que trabalhou de modo árduo para agir da forma certa, foi seguir de maneira mecânica um conjunto de devocionais quase com um cronômetro e uma lista em mãos para ter certeza do que "tinha incluído em minha devocional". Quando fazia isso, sentia-me bem. Quando não fazia, sentia-me culpado. De alguma forma, não compreendia o objetivo de meu período de quietude, ou seja, não precisava ser um fim em si mesmo, mas um meio para um fim. Por fim, aprendi que Deus quer minha devoção, e não minhas devocionais; ele quer meu coração, e não só meu tempo. Se nossas cercas nos ajudam a alcançar os objetivos de Deus, então elas são úteis. Mas se não nos ajudam, elas podem ser prejudiciais.

Até mesmo as cercas que colocamos em volta de nosso casamento cristão podem, às vezes, inverter as prioridades de Deus. Desenvolvemos fórmulas para um casamento o mais bem-sucedido possível e, com isso, as expectativas passam a ser tão altas que isso, muitas vezes, leva à frustração. O que se perde nesse mar de insatisfação é o compromisso, o serviço ao outro, o perdão e a graça, virtudes extremamente altas na escala de prioridades de Deus. "Intimidade" tornou-se o Santo Graal, e "fidelidade e amor" não são mais necessários. Os cônjuges estão mais preocupados com "relacionamentos profundos" que apenas servir um ao outro. E as pessoas estão tão preocupadas sobre o estado de sua psique que vivem infelizes em si mesmas, em vez de viverem para Cristo e os outros.

4. Esquecer quem está no controle

Um golpe que coroou o ataque às cercas dos fariseus foi Jesus declarar que era dono do sábado. Ele deixou implícito que era o grande Filho de Davi (v. 3,4) e um sacerdote maior que o templo (v. 6). Agora, ele, de forma abrupta, faz uma afirmação messiânica "[...] o Filho do homem até do sábado é Senhor" (v. 8). O Messias tem a prerrogativa de determinar como deve ser usado o dia do qual ele participou do planejamento. O máximo da presunção humana é dizer a Deus como manter as cercas nos devidos lugares. O contrário deveria acontecer. Deus deveria nos dizer o que ele queria dizer por guardar o sábado e como deveríamos fazer isso.

Deus tem a prerrogativa de interpretar seus mandamentos e, até mesmo, mudá-los se assim desejar. Ele faz isso, é claro, de forma consistente com sua natureza, promessas e plano. Entretanto, as cercas religiosas construídas pelo homem, algumas vezes, falham em considerar as mudanças divinas. É errado instruir Deus sobre o que ele pode fazer e o que não pode, particularmente quando ele falou algo muito claro a respeito de algum assunto. No entanto, é exatamente isso que fazemos com algumas de nossas cercas. Por exemplo, Deus decretou as leis para os alimentos, que deveriam ser seguidas por algum período (Dt 14.1-21) e, depois, cancelou essa necessidade (Mc 7.14-23; At 10; 1Tm 4.1-5). Mas algumas pessoas ainda insistem em seguir essas leis que Deus aboliu. Além disso, os cristãos, muitas vezes, estão na vanguarda da ação política para passar a lei conhecida como "leis azuis" que proíbem as lojas de abrir aos domingos. O descanso faz parte do ritmo do universo que Deus criou. Entretanto, o Novo Testamento diz que a guarda do sábado não está ligada a nenhuma regra legalista (Rm 14.1-12; Cl 2.8-17). A norma do Novo Testamento é o exercício responsável da liberdade em Cristo, não uma volta à Lei de Moisés.

5. Nem sempre é aplicada de forma lógica e consistente

As cercas, às vezes, não seguem o bom senso nem são aplicadas de forma consistente. Elas podem até expor nossa desumanidade basal. Em Mateus 13.9-13, os fariseus testam Jesus ao lhe apresentarem um homem deficiente físico,

presente à sinagoga. De acordo com as regras rabínicas, era possível curar aos sábados, mas só quando a pessoa corria risco de morte.[73] Entretanto, se a cura pudesse esperar, atrasar o atendimento seria o procedimento apropriado para manter a integridade do sábado. Um homem com a mão atrofiada náo era obviamente uma situação que ameaçasse a vida. A cerca era clara. Jesus respeitaria a cerca deles ou a afrontaria?

Jesus, raciocinando agora a partir de uma prática habitual e do bom senso, fez uma pergunta simples aos fariseus: "Qual dentre vós será o homem que, tendo uma só ovelha, se num sábado ela cair numa cova, não há de lançar mão dela, e tirá-la" (Mt 12.11). A pergunta foi estruturada com a expectativa de que eles admitissem que realmente permitiam "trabalho" para tirar um animal de um buraco. Jesus, por dedução, salienta que os fariseus valorizam mais os animais que as preocupações sociais. Algumas cercas farisaicas náo só contradizem as Escrituras, mas também confrontam o bom senso e a prática habitual.

Algumas de nossas cercas, da mesma maneira, são extremamente inconsistentes e tolas. Nas décadas de 1960 e 1970, o comprimento do cabelo era uma questão fundamental, um símbolo indiscutível de rebelião. O texto de 1Coríntios 11.14 era mencionado do púlpito. ("Não vos ensina a própria natureza que se o homem tiver cabelo comprido, é para ele uma desonra?") Entretanto, não me recordo de jamais ver um artista retratar Jesus, ou qualquer de seus contemporâneos, com cabelo bem cortado e curto. As pinturas sempre mostram Jesus com cabelos longos. E, mesmo assim, aqueles que se pareciam com essas pinturas de Jesus eram chamados de *hippies*. Ninguém jamais procurou explicar essa esquisitice para mim. Além disso, quando os teatros eram os únicos lugares em que os filmes de Hollywood eram exibidos, era possível banir a indústria por intermédio dessas cercas. Entretanto, à medida que os videocassetes surgiram no cenário, e agora a internet, ficou mais difícil aplicar a construção de cercas. Ainda assim, tentamos isso com o estabelecimento do sistema de classificação por idade.

---

[73] CARSON, D. A. *From sabbath to Lord's Day*. Grand Rapids: Zondervan, 1982, p. 70.

O CAMINHO CORRETO

Manter as cercas em pé

Muitas regras e códigos de vida podem ser obedecidos pelo esforço humano. Nós, cristãos, devemos, sem qualquer motivo preciso, ter cuidado com as cercas que nos ajustamos. No entanto, alguns dos mandamentos de Deus não são fáceis de ser obedecidos. Eles, muitas vezes, requerem capacitação divina. Em vez de esforço humano, eles exigem dependência de Deus.

As cercas podem nos direcionar para Deus, mas elas não nos tornam santos. Precisamos tomar cuidado para que as cercas não se tornem um substituto para nosso relacionamento com Deus. Manter as cercas em pé não necessariamente nos deixa mais próximos a Deus. As Escrituras ensinam que os cristãos maduros confiam em Deus e obedecem a ele com a ajuda do Espírito de Cristo (Jo 15.4,5; 16.7,8,14).

Romanos 14–15 e 1Coríntios 8–10 chamam a nossa atenção para alguns princípios que somos aconselhados a seguir e para as distinções que devemos fazer enquanto caminhamos nessa estrada com Cristo e por ele. A vida cristã, claramente, foi planejada para ser correta, não tensa. As cercas, de forma sutil, ensinam-nos que Deus quer que "evitemos riscos", em vez de andar pela fé. Manter as cercas, como manter as aparências, só funciona por algum tempo. Mas viver no poder de Deus por intermédio de seu Espírito pode nos sustentar e nos capacitar dia após dia.

6. Obter um resultado oposto: prisão

Jesus fez o sábado voltar a ser conforme a intenção original de Deus e ofereceu uma interpretação divina quando declarou: "Portanto, é lícito fazer bem nos sábados" (Mt 12.12b). E a passagem paralela em Marcos 2.27 registra: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado". As cercas dos fariseus deram uma volta completa. O que Deus, originariamente, teve a intenção de dar como dádiva para os seres humanos transformou-se, por intermédio da arte de construção de cercas, em uma prisão. O sábado, cuja intenção era fornecer um tempo para ajudar as pessoas a ver melhor a Deus, transformou-se naquilo que obstruiu a visão delas.

As cercas muitas vezes não captam o coração e a intenção de Deus; assim, elas podem se afastar daquilo que foram planejadas para proteger. As cercas do sábado, construídas pelos fariseus, transformaram o dia que Deus planejou para o descanso, a reflexão, a rememoração, o júbilo e a renovação em um dia de regras e de regulamentos mesquinhos e minuciosos. Uma bênção que se transformou em fardo (veja Is 58.13,14). Deus planejou o sábado para promover o ministério, não para restringi-lo.

Jesus, conforme afirma Marcos 3.5, ficou irado com a dureza do coração, e as cercas dos fariseus contribuíram para isso. A acusação, não a compaixão, era o que os motivava. Um desejo para condenar, não o desejo de aprender, estava por trás dessa questão. Jesus se recusou a ficar preso por essas cercas impiedosas e irracionais. Ele poderia ter esperado até domingo, mas se recusou a fazer isso! Portanto, ele curou a mão do homem na frente dos fariseus, na sinagoga e no sábado!

É comum perceber que nossas cercas humanas, da mesma forma, não captam a intenção originária de Deus nem o espírito dos mandamentos do Senhor, chegando mesmo a contradizê-los. Por exemplo, as cercas sexuais são o assunto de muitos livros cristãos populares para adolescentes. Elas são chamadas de padrão divino e, algumas vezes, propõem os mais variados comprimentos de roupas, distâncias que devem ser respeitadas, tipos de contatos corporais apropriados, horários e lugares apropriados para os encontros do casal, variedades de tipos de comportamentos apropriados para

o namoro (agora paquera) e assim por diante. O desejo de Deus para a pureza do corpo e da mente fica muitas vezes perdido em um labirinto de restrições e de exigências. As cercas podem ser "obedecidas" com o comportamento, ao passo que a pureza é confrontada com a atitude. As cercas que segui me protegeram do mau comportamento e de suas consequências, e sou grato por isso. Entretanto, as cercas não conseguiram refrear minha curiosidade nem desenvolver meu discernimento. O pensamento e a prática cheios de subterfúgios, muitas vezes, passam a ser os aspectos mais importantes na mente dos "fiéis", e não a verdadeira justiça.

Além disso, temos um excesso de cercas separatistas escoradas por uma variedade de textos bíblicos, inclusive: "Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos" (2Co 6.14-18), e: "As más companhias corrompem os bons costumes" (1Co 15.33). Essas precauções não foram planejadas por Deus para eliminar os relacionamentos redentores com pecadores (Jo 17.14-19; 1Co 5.9-13). Além disso, as cercas da frequência à igreja, como "[...] não abandonando a nossa congregação" (Hb 10.25) tendem a nos deixar mais satisfeitos com a mera frequência, não com a verdadeira prestação de contas; com corpos calorosos no banco, em vez de palavras calorosas que estimulam o amor e as boas ações (Hb 10.24). E, em geral, julgamos as pessoas por não obedecerem às cercas dos cultos de domingo à noite e das quartas-feiras à noite.

Algumas vezes, nossas cercas se transformam em prisões que militam contra fazer o bem. Podemos ser chamados por Deus para violar de forma intencional as cercas a fim de fazer o bem. Talvez tenhamos de transpor as cercas que nos impedem de fazer evangelismo onde os "pecadores" estão. Talvez tenhamos de nos posicionar contra as cercas ideológicas que restringem nosso acesso aos necessitados e aos pobres.

EQUILIBRANDO AS CERCAS COM A LIBERDADE

Uma das mais estranhas ironias sobre os seres humanos é que nós tanto nos deleitamos com as cercas quanto as desprezamos. Por um lado, cantamos: "Não me deixe dentro das cercas", enquanto, por outro lado, não conseguimos

construir cercas tão rapidamente quanto gostaríamos. Gritamos: "Liberdade!", mas construímos cercas. Não ter fronteiras é algo amedrontador tanto para as sociedades quanto para os indivíduos. No entanto, a ausência delas parece fazer as pessoas religiosas ficarem paranoicas. Talvez nós, as pessoas religiosas, sejamos, dentre todas as outras do mundo, as que mais apreciemos as cercas. Elas nos fazem sentir seguros, definem para nós o que é aceitável e o que não é, motivam-nos e nos protegem, e também ajudam a estabelecer padrões para nós e para os outros. Entretanto, as ovelhas são mais bem cuidadas por intermédio do relacionamento com um bom pastor, não com as cercas. Uma das marcas da maturidade cristã é a habilidade de encontrar liberdade em Cristo e viver uma vida de amor. Todavia, como podemos fazer isso? Talvez Jesus possa nos oferecer algumas pistas.

A necessidade – e desafio – de descobrir a liberdade

As interações de Jesus com os fariseus demonstraram que se libertar das cercas não era uma tarefa fácil. Quando as cercas eram violadas, faíscas voavam dos dois lados (Mt 12.2,10-14). Quebrar as cercas é algo que deixa as pessoas religiosas profundamente iradas. No caso de Jesus, a ira transformou-se em homicídio. Embora Jesus tivesse encontrado oposição anteriormente,[74] os fariseus, aqui, pela primeira vez, começaram a planejar seu assassinato! Acho curioso, embora verdadeiro, que a quebra das cercas tenha provocado tal reação radical por parte dos fariseus. Precisamos reconhecer que, às vezes, um discípulo de Cristo tem de transpor as cercas humanas a fim de seguir o Senhor e fazer o bem; e, ao fazer isso, arrisca ser mal compreendido, suscitar a ira de algumas pessoas.

À parte desses perigos específicos das cercas que Jesus salientou em sua interação com os fariseus, as cercas tinham a tendência de substituir a liberdade em Cristo com rigidez e legalismo. Eles podem ter substituído sutilmente a capacitação divina pelo esforço humano. As cercas podem se tornar uma tentativa humana de evitar a desobediência sem a fé genuína. Em geral, as cercas

---

[74] Compare Mateus 9.3,11,14,34; 10.25; 11.19.

podem ser obedecidas apenas com o esforço pessoal. Elas são planejadas de forma que possam ser preservadas e que as pessoas possam sentir que obedecem a elas. No entanto, muitos dos mandamentos de Deus exigem ajuda sobrenatural. Eles não podem ser obedecidos apenas com o esforço pessoal (veja "O caminho correto", p. 160).

Embora as cercas possam ajudar o imaturo a encontrar estabilidade na vida cristã, elas são de pouco valor para estimular a verdadeira maturidade. Durante a longa jornada, as cercas não funcionam. Se elas se tornam o foco de nossa vida, talvez sejam mais prováveis de nos levar ao legalismo, em vez de à verdadeira submissão a Jesus. E quando as cercas "funcionam", elas podem falsificar, de forma superficial, o trabalho do Espírito Santo, tornando-o desnecessário. Além disso, as cercas, embora nos forneçam uma sensação de segurança, não nos ajudam a desenvolver o discernimento. Robert C. Roberts comenta:

> Há algo confortável sobre reduzir o cristianismo a uma lista de coisas que devemos fazer e as que devemos evitar, quer sua lista seja proveniente do fundamentalismo ou do liberalismo insensível: você sempre sabe onde você está, e isso ajuda a reduzir a ansiedade. Essa ideia do que podemos fazer e do que devemos evitar tem a vantagem de que não é preciso sabedoria. Não é preciso pensar sutilmente nem fazer escolhas difíceis. Você não tem de se relacionar pessoalmente com um Deus exigente e amoroso.[75]

Encontrando o equilíbrio

Como podemos viver na prática o equilíbrio entre a liberdade e as cercas em nossa vida? Primeiro, devemos reconhecer o valor das cercas, particularmente para os jovens e os imaturos. Nenhum de nós consegue viver sem fronteiras, nem devemos fazer isso. As fronteiras são boas para nós, elas nos ajudam e nos protegem. Fornecem a estrutura e a orientação necessária para

---

[75] ROBERT, C. Roberts. "The fruits of the Spirit", *Reformed Journal*, 10 de fevereiro de 1987, p. 10.

aqueles que ainda não são capazes de fazer escolhas responsáveis (isso mesmo, até jovens discípulos de Cristo). Elas também fornecem fronteiras úteis para verificar nossa propensão para pecar. Segundo, precisamos aprender a distinguir entre cercas humanas e mandamentos divinos. Precisamos resistir ao anseio de dar às cercas a mesma autoridade que às Escrituras. As duas, contrariando a opinião popular, não são a mesma coisa e não devem ser confundidas. Precisamos ser constantemente vigilantes para não acrescentarmos preferências pessoais à Palavra de Deus e afiançá-las como bíblica. Terceiro, precisamos buscar discernir o coração de Deus em cada mandamento que encontramos em sua Palavra. As cercas, muitas vezes, levam-nos para longe do coração de Deus, e não em direção a ele. Uma boa maneira para chegar ao âmago dos mandamentos de Deus é buscar afirmá-los, particularmente os negativos, em termos positivos. Qual bem Deus está tentando proteger? Se os fariseus tivessem feito isso com os mandamentos do sábado, talvez eles não tivessem construído algumas daquelas cercas.

Quarto, precisamos resistir à forte tentação de universalizar nossas cercas pessoais. O que é um comportamento sábio que me protege de algo não é normativo para os outros. Não temos de buscar impingir nossas cercas pessoais aos outros. Quinto, as cercas sempre apresentam o perigo de transferir nossa confiança de Deus para artifícios humanos. As cercas funcionam! Elas podem ajudar, e realmente ajudam, as pessoas a ter um estilo de vida piedoso. Refreiam nossa rebeldia e nos ajudam a estabilizar os hábitos espirituais. Se as cercas servem para aumentar nossa dependência de Deus e nossa intimidade com ele, elas são úteis. Entretanto, as cercas podem facilmente se tornar um substituto cosmético para a verdadeira justiça. Temos de ser cuidadosos com a aparência de piedade sem um olhar para o nosso íntimo.

Por fim, temos de buscar superar o medo da liberdade à medida que crescemos em Cristo. Uma das características daqueles que vivem pelo Espírito é que a necessidade da lei (e das cercas) diminui (Gl 5.22-25). Precisamos ser corajosos o suficiente para confrontar a Palavra de Deus por nós mesmos. Temos de buscar um relacionamento com o Senhor Jesus Cristo, e não buscar a "[...] justiça a que vem da lei" (Fp 3.9,10). Provavelmente, teremos de passar a

nos sentir mais confortáveis com a ambiguidade. Não podemos substituir um sistema pela submissão sincera a Deus. Quando Deus, não as cercas, torna-se o foco de nossa vida, descobrimos a liberdade e o caminho para a maturidade da semelhança a Cristo.

Capítulo nove

Quando o separatismo nos faz desviar

Uma das palavras mais sujas em nosso vocabulário religioso é *mundanidade*, com sua forma adjetiva *mundano*. Mundanidade, de acordo com a definição eclesiástica, é a antítese de piedade. O termo mundanidade evoca imagens de pessoas pecadoras e de lugares doentios por causa do envolvimento com atividades proibidas, do abandono da fé, das cercas e das tradições. Aqueles que nomeamos de mundanos negaram a fé, fizeram concessões em relação aos princípios e estão sob o encanto do Maligno. Se alguém for chamado de mundano, é passível de censura e de disciplina na igreja.

Os indivíduos e as instituições religiosos localizam instintivamente a mundanidade e a rotulam após fazer algumas perguntas: "*Com quem* você se associa? *Onde* costuma ir? *O que* você faz ou não faz?" Para a grande maioria, a pergunta: "Por quê?", é irrelevante. Assume-se simplesmente que os que se associam com pessoas mundanas, em lugares mundanos, fazendo coisas mundanas devem ser mundanos. O objetivo para uma pessoa piedosa é ser separada, e não fazer parte do mundo secular. Os fariseus, os antigos e os modernos, são firmes em relação a essa questão.

Infelizmente, a vida separada, assim como as tradições e cercas bem-intencionadas, pode nos fazer desviar do serviço e do culto piedoso. Na verdade, o separatismo pode estimular o pecado! Ele também pode inibir o ministério. Observamos isso na vida dos fariseus e em nossa vida também.

De modo interessante, o termo *fariseu* deriva de uma palavra aramaica que quer dizer "os separados".[76] Os fariseus, em sua vida individual, faziam

---

[76] Brown, Colin. *Dictionary of New Testament Theology*, vol. 2. Grand Rapids: Zondervan, 1979, p. 810.

grandes esforços e, publicamente, eram considerados como os que tinham se separado do mal para servir a Deus. Eles, primeiro, separaram-se dos helenistas (defensores da cultura grega) e dos romanos. Eles se distanciaram da contaminação resultante do contato com os gentios e os samaritanos. Separaram-se ainda mais dos cidadãos de Israel que não guardavam a lei da maneira que eles faziam. O coração e a alma do farisaísmo eram o desejo sincero de separar-se do pecado por causa de Deus.

O CHAMADO PARA A SEPARAÇÃO

Hoje, nós também desprezamos a mundanidade e desejamos ser separados por razões relacionadas à piedade (e à Bíblia também). A maioria das pessoas estudiosas da Bíblia pode defender a causa do separatismo e ficar contra a mundanidade. Deus escolheu Israel para ser seu povo especial, uma nação santa, separada das sociedades ímpias que a cercavam (Êx 5–6). Quando a mão do julgamento de Deus estava prestes a cair, Deus disse a Moisés e a Arão: "Apartai-vos do meio desta congregação" (Nm 16.21). Depois de séculos de vida de compromisso, o povo de Israel, sob o comando de Esdras prometeu separar-se da impureza dos gentios (Ed 6.21; 9.1,2; Ne 10.28-31). Jesus disse que seriam bem-aventurados os que fossem rejeitados pela sociedade por causa de Cristo (Lc 6.22). E Jesus, em sua oração sumo sacerdotal (Jo 17), afirma que desejava que seus discípulos não fossem do mundo, embora estivessem no mundo.

As epístolas, da mesma forma, parecem condenar o separatismo. "Não vos enganeis. As más companhias corrompem os bons costumes" (1Co 15.33), e: "Pelo que, Saí vós do meio deles e separai-vos, diz o Senhor; e não toqueis coisa imunda, e eu vos receberei" (2Co 6.17), são dois textos, muito citados, que servem de base para o separatismo. Segunda Coríntios 6.14–7.1, que apresenta a proibição do "jugo desigual", talvez seja o texto sobre separação mais preeminente da Bíblia. E dois apóstolos fizeram estes alertas, muitas vezes citados: "Não ameis o mundo, nem o que há no mundo" (1Jo 2.15), e: "Abstende-vos de toda espécie [aparência] de mal" (1Ts 5.22).

Entretanto, toda essa fala sobre separação santa tem algumas falhas bíblicas bastante relevantes. Primeiro, a separação contradiz o espírito do Antigo

Testamento. O plano de Deus para Israel não era retrair-se de todo contato com os pagãos, mas servir a Deus como "[...] luz das nações" (Is 42.6,7; 49.6; Lc 2.32). Além disso, cada uma das passagens citadas como comprovação da necessidade de separatismo, conforme explicarei posteriormente, não quer dizer o que se pensa comumente quando se leva em consideração o contexto. E ainda mais revelador, o falso separatismo dos fariseus entrou em conflito considerável com o Deus-homem, Jesus. As palavras e as ações de Jesus desafiaram de forma contundente as noções prevalentes de mundanidade. Na realidade, Jesus, o padrão supremo de justiça, modelou e ensinou como ser *mais* mundano, não menos.

UMA DEFINIÇÃO APROPRIADA

A chave para entender Jesus e os fariseus está na definição de mundanidade. A Bíblia define mundanidade para nós em 1João 2.15,16: "Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não vem do Pai, mas sim do mundo". Mundanidade, portanto, é a vida que busca prazer, posses e orgulho. É viver para satisfazer os impulsos da carne, saciar a cobiça por coisas materiais e alimentar meu ego. A inclinação para o mundano diz respeito às cobiças impiedosas (Jd 18-19). Mundanidade, portanto, é mais uma questão do que buscamos em nossa vida que de pessoas, lugares e desempenho.

Mundanidade *não é* mais bem definida a partir das pessoas com quem andamos, dos lugares que frequentamos e o que fazemos ou deixamos de fazer. Infelizmente, essa definição equivocada de mundanidade tem sido aceita inadvertidamente pela maioria das pessoas religiosas que verdadeiramente zelam por seguir a Deus. (Lembre-se, a premissa deste livro é que os fariseus representam as pessoas religiosas que são sérias em relação a sua fé, não aqueles que são levianos em seu compromisso com Deus.) Às vezes, por causa de nossa falsa definição de mundanidade, o pecado, de formas sutis e despercebidas, é estimulado; e o ministério, minado. Em vez de nos aproximar do objetivo piedoso de estar no mundo, mas não ser do mundo (veja Jo 17.14-18), essa

tendência leva-nos, por um lado, ao separatismo ou, por outro lado, ao antinomianismo – a indiferença aos mandamentos de Deus. Algumas vezes, nosso estilo de vida e nossa estrutura mental não são apreciavelmente distintos de nossa contraparte secular (somos "do mundo"). E, ainda assim, não nos relacionamos bem com os descrentes (não estamos "no mundo").

A MUNDANIDADE DE JESUS

Jesus, sempre o modelo correto a ser seguido, praticava o tipo correto de mundanidade. A verdadeira mundanidade quer dizer que nos associamos livremente com pessoas deste mundo sem comprometer nossa integridade. Jesus é o perfeito exemplo de tal mundanidade. Mateus 9.9-13 oferece um belo instantâneo da mundanidade de Jesus. A partir desse texto, responderemos a cinco perguntas:

1. Com quem Jesus se associava?
2. Que lugares ele costumava frequentar?
3. O que fez Jesus ser tão cativante e eficaz com as pessoas mundanas?
4. Como Jesus foi recebido pelos religiosos?
5. Por que Jesus agiu daquela forma?

Outros textos (Lc 7.36-50; 15.1-32; 19.1-10) que apoiam essa ideia refinarão nossa compreensão da mundanidade similar à de Cristo. Examinaremos a lógica para ações mundanas de Jesus e os resultados dessas atitudes. E procuraremos fazer uma aplicação apropriada para os dias de hoje, para nós que buscamos seguir os passos de nosso Senhor sem cair nas armadilhas dos fariseus. Pois a grande necessidade de nosso mundo é ter pessoas que sejam mundanas exatamente como Jesus o foi!

Encontrando-se com pessoas pecadoras

Uma estatística comumente citada em círculos evangélicos hoje é que, dois anos depois da pessoa se converter, todos seus amigos são cristãos.[77]

---

[77] *Today in the Word*, folheto devocional. Chicago: Moody Bible Institute, 8 de março de 1996, p. 15.

Há boas novas para essa estatística: os novos convertidos se separam de antigas ligações com o pecado e se unem de forma relevante com seus irmãos em Cristo. No entanto, há também as más novas: os cristãos batem em retirada exatamente da vida das pessoas que eles querem alcançar. Cristo não fez isso, mas, aparentemente, os fariseus se comportaram dessa forma, e eles esperavam que o Mestre fizesse a mesma coisa.

Jesus confraternizava com um amplo espectro de pessoas. Ele estruturava relacionamentos com os "piedosos" e os párias, com os ricos e os pobres, com os cultos e os indivíduos comuns, com os que "frequentavam a igreja" e aqueles que não chegavam perto de suas portas. Ele passava a maior parte de seu tempo com multidões, e apenas parte de seu tempo com indivíduos. Ele se devotava com seus conterrâneos judeus, tantos os amigos quanto os inimigos, mas também interagia com os samaritanos e os gentios. Jesus passou a maior parte de seu tempo com seguidores comprometidos, parte do tempo com os religiosos e muito tempo com os pecadores. O tempo despendido com pecadores eriçou os pelos dos separatistas.

A associação de Jesus com pessoas de má reputação era algo bem conhecido. Ele foi chamado de "[...] comilão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores" (Mt 11.19). Mateus 9 descreve Jesus indo à casa de Mateus, provavelmente um agente aduaneiro, onde ele janta com outros publicanos, ou coletores de impostos, e pecadores. Da perspectiva dos fariseus, esse grupo de personagens era desprezível, considerado da mesma laia que ladrões.[78] O trabalho de agente aduaneiro e de coletor de impostos envolvia conluio com os odiados romanos, enriquecimento à custa dos conterrâneos judeus e desprezo à Lei, o que resultava no banimento da sinagoga. Assim, Mateus e seus amigos eram considerados traidores antipatrióticos, ricos extorsionários, pecadores imorais e espiritualmente intocáveis.

Jesus também foi chamado de "amigo de [...] pecadores". *Pecadores* era um termo geral para os indivíduos inúteis, os que não guardavam a Lei ou

---

[78] COLEMAN, William L. *The pharisees' guide to total holiness*. Minneapolis: Bethany, 1977, p. 46-48.

as tradições dos anciãos. Essa categoria incluía os imorais, os irreligiosos e os irresponsáveis. Essas pessoas náo frequentavam a sinagoga, nem seriam admitidas ali se tentassem frequentá-la. Os "pecadores", como os coletores de impostos, eram os proscritos culturais. Talvez pudessem ser comparados, em um extremo, aos modernos exploradores de mulheres e prostitutas, traficantes, membros de alguma máfia ou grupos de jovens delinquentes. E, no extremo "menos pecaminoso" do espectro, podem ser comparados a festeiros entusiasmados, viciados em sexo, usuários de substâncias químicas e homens e mulheres de negócios desonestos.

A mundanidade de Jesus envolvia um contato relevante e intencional com pessoas pecadoras e irreligiosas. No evangelho, a combinação de "publicanos e pecadores [ou prostitutas]" representa uma expressão idiomática para referir-se ao "tipo errado de pessoas" (Mt 11.19; 21.31,32; Lc 15.1). Jesus, muitas vezes, andava com as pessoas erradas – agentes aduaneiros locais, como Mateus; ou coletores de impostos importantes, como Zaqueu; a mulher pecadora que derramou alabastro e bálsamo sobre os pés de Jesus, em Lucas 7.36-50; a samaritana que havia sido casada muitas vezes, em João 4.1-42; e a mulher adúltera, em João 8.1-11. A missão de Jesus era "[...] buscar e salvar o que se havia perdido" (Lc 19.10). Portanto, trabalhar para construir relacionamentos redentores era o centro de seu plano de ação.

Obviamente, existem perigos em ter contato relevante com pessoas irreligiosas. É muito mais seguro ficar na companhia dos santos e chamar os pecadores para limpar seus atos que arriscar a rejeição e o mal-entendido ou ter de se sujeitar às tentações. Contudo, será que os discípulos devem abandonar o perdido e ignorar o "ide" da Grande Comissão (Mt 28.19)? Não. Os cristãos, para seguir o exemplo de Cristo, por causa de Cristo, não podem abandonar os "pecadores" da sociedade. Náo podemos nos separar deles, nem fugir apavorados deles, nem devemos encará-los como se fôssemos sem pecado. Ao contrário, os discípulos, como Jesus, têm de buscar construir relacionamentos redentores com essas pessoas. A mundanidade semelhante à de Cristo inclui ter contato relevante com as pessoas pecadoras.

INDO ONDE OS PECADORES ESTÃO

Nos esportes, uma das grandes qualidades é chamada de "mando de campo". O time da casa desfruta dos aplausos dos fãs e se sente confortável no próprio campo ou arena. Eles também ficam mais tranquilos, por poderem dormir em casa, na própria cama, e deliciar a comidinha caseira. Não é de admirar que muitos times obtenham resultados melhores quando jogam em casa. Da mesma forma, nós que estamos na igreja preferimos – realmente esperamos isso muitas vezes – que os pecadores venham até nós. Queremos encontrá-los em nosso campo, onde nos sentimos confortáveis e podemos manter a vantagem de jogar em casa.

E quanto a Jesus? Ele alcançou pessoas onde elas moravam, onde elas se sentiam confortáveis. Ele invadiu o campo dessas pessoas, dando-lhes a vantagem do "mando de jogo". Ele foi ao perdido em vez de chamá-lo a si. Poderíamos seguir seu exemplo?

Em Mateus 9.9,10 vemos Jesus em movimento, encontrando pessoas. Primeiro, Jesus caminha na periferia de Cafarnaum. A seguir, ele para na barraca do agente aduaneiro. Por fim, Jesus vai até a casa de Mateus. No curso da vida cotidiana, Jesus está na estrada, um local de negócios. Ele vai onde as pessoas que ele quer alcançar estão, no local que elas se sentem mais confortáveis.

Quando Jesus parou no local onde Mateus trabalhava, não a negócios, apenas a passeio, as sobrancelhas de todos devem ter arqueado. No entanto, quando ele entra na casa de Mateus – com os amigos de Mateus – deve ter causado uma sensação de escândalo. Entrar na casa de alguém, na época de Jesus, não representava o mesmo que representa para nós hoje em dia. A oferta de hospitalidade implicava aceitação, amizade e boa vontade. As pessoas, naquela época, escolhiam com muito zelo a "lista de convidados". A reputação das pessoas estava em risco. As pessoas e os lugares podiam ser contaminados. A atitude de oferecer e aceitar hospitalidade enviava claras mensagens culturais. Quando Jesus aceitou o convite para a festa de Mateus, ele, sem qualquer sombra de dúvida, estava dizendo: "Aceito essas pessoas". Essa ofensa era algo que os fariseus não conseguiam engolir silenciosamente.

No entanto, há um método por trás da "loucura" do Mestre. Dar a vantagem de "mando de campo" era algo que contribuía para quebrar mais rapidamente as barreiras e para estabelecer laços emocionais mais profundos, além de transmitir a sensação de aceitação. Se vamos até as pessoas perdidas, elas se sentem muito mais livres e percebem que nos importamos com elas. A cortesia do encontro no campo delas pode confundir os preconceitos, quebrar as barreiras e tocar profundamente essas pessoas.

Obviamente, algum cuidado é necessário a fim de visitar os que estão espiritualmente perdidos. É preciso sabedoria. O exercício de liberdade em Cristo, realizado de forma descuidada, pode influenciar negativamente a outros (Rm 15; 1Co 8–10). E é verdade que podemos ser facilmente impactados pela pressão de iguais e pela pressão dos lugares. Desse modo, não obstante, o impulso da mundanidade de Jesus de levar o evangelho aos pecadores, onde eles trabalham, se divertem e passam o tempo, alguns cuidados são necessários com essa abordagem. A pessoa jamais deveria ir a lugares onde a consciência tenha de fazer concessões, onde a tentação é muito grande para ser suportada ou onde a pessoa pensa que está imune ao pecado (1Co 10.12). A consciência pode ser educada, mas jamais deve ser violada. Aqueles que lutam contra a dependência de substâncias químicas, por exemplo, não devem frequentar bares nem passar muito tempo com usuários e adeptos de uso de drogas.

Há momentos para convidar os descrentes para vir à igreja, é claro. Infelizmente, para muitos "pecadores", no entanto, a igreja é o último lugar a que recorreriam se precisassem de ajuda. O autor e jornalista Philip Yancey conta como um amigo que trabalha com os necessitados em Chicago aprendeu essa verdade.

> Uma prostituta o procurou, desesperada – sem casa, saúde frágil, sem condições de comprar comida para o filho de dois anos. Enquanto a mulher descrevia sua situação, meu amigo perguntou-lhe se ela já havia pensado em procurar a igreja para obter ajuda. Um ar de perplexidade e de sincera incredulidade estampou-se em seu semblante. "Igreja!", berrou a mulher.

"Por que eu procuraria uma? Eles fariam eu me sentir pior do que já me sinto!"[79]

Infelizmente, a igreja, com frequência, não é conhecida como o lugar da graça. Os pecadores, em geral, não nos procuram.

O mandamento de Cristo, "Ide", não foi abolido. Talvez, nós, como igreja, precisemos menos de programas da igreja e mais provimento e encorajamento para entrar no ramo de construir relacionamentos redentores fora dos muros da igreja. Também podemos oferecer cortesia para aqueles com quem queremos falar sobre Jesus. As pessoas parecem perplexas e ficam mais suaves quando demonstramos a simples gentileza de nos interessar por elas em seu reduto.

TER ATITUDES E AÇÕES ATRAENTES

Quando, um dia no céu, encontrar Jesus, uma pergunta que penso em lhe fazer é a seguinte: "O que no Senhor era tão atraente para as pessoas mundanas?" Por que Jesus sempre estava na lista de convidados quando festas seculares eram planejadas? Eu não estou nessas listas. Ao contrário, as pessoas se esmeram, com todos os tipos de gestuais, para mostrar seu lado "espiritual" quando descobrem (às vezes, tarde demais) que sou pastor. O que Jesus fazia para que os pecadores locais buscassem a companhia dele? Philip Yancey pergunta: "Como ele, a única pessoa perfeita na História, conseguiu atrair os que eram notoriamente imperfeitos?"[80]

As Escrituras não respondem a essa pergunta. Mas sabemos o seguinte: quando Jesus pediu a Mateus que viesse e o seguisse, ele o fez; e quando Jesus foi convidado para ir à casa de Mateus, o Mestre foi "a alegria da festa". Algo sobre Jesus o tornou uma pessoa agradável para os pecadores de sua época. O quê? O que tornava Jesus, a personificação da santidade, tão atraente para os

---

[79] YANCEY, Philip. "Where the high and mighty meet the down and dirty", *Christianity Today*, 11 de janeiro de 1993, p. 80.

[80] YANCEY, Philip. "Where the high and mighty meet the down and dirty", *Christianity Today*.

ímpios? As ações e as atitudes dele representavam um apelo para muitas pessoas do público em geral.

Primeiro, Jesus, muitas vezes, tomava a iniciativa. Ele se convidava para as festas; pelo menos, foi isso que aconteceu no caso de Mateus e de Zaqueu (Lc 19.5). Ele fazia isso. O fato de Jesus os procurar os desarmava. Segundo, por causa de sua disposição para interagir com pecadores no reduto deles, ele quebrava as barreiras e fomentava a boa vontade em meio àqueles considerados proscritos espirituais. Terceiro, Jesus era totalmente autêntico e natural, características que apreciamos. Ele era genuíno, sem qualquer agenda obscura ou intenção de iludir. Não tinha nada para vender e não estava tentando provar nada para os pecadores (nem conseguir nada deles). Jesus compartilhou livremente sua humanidade e descobriu algo em comum com uma variedade de pessoas. Tenho certeza de que ele ouviu com atenção e cuidado, amou de forma genuína e foi um verdadeiro amigo. Essas atitudes são sempre cativantes. Ele não era marcado pela desconfiança, preconceito, partidarismo, condenação ou inacessibilidade.

Jesus demonstrou outras atitudes positivas que seriam especialmente atraentes para pecadores. Ele via as pessoas como preciosidades, não números para registrar. Por ser médico da alma, ele gravitava em volta das pessoas cuja alma estava doente. Gostava genuinamente daquelas pessoas que a maioria das pessoas religiosas detestava. Ele ofereceu a elas amor, misericórdia, perdão, graça e esperança.

Por ser alguém que desafiava as fronteiras, as tradições e as leis, Jesus dava-se bem com aqueles que eram desprezados pela sociedade. Ele se dava bem com os proscritos da sociedade. Oferecia graça sem jamais fazer concessões para a verdade (Jo 1.14). Aceitava os pecadores sem sacrificar sua integridade. Ele conseguia manter o delicado equilíbrio entre julgar os de fora e os de dentro (1Co 5.9-13). E em vez de ser arrastado pela multidão festeira (um medo comum entre os evangélicos), ele fez discípulos.

O que Jesus tinha, a maioria de nós não tem. O coração dele era motivado pelo amor abnegado, enquanto nós, muitas vezes, somos dominados pelo medo que nos protege. Temos medo de dizer a coisa errada, ficar embaraçado,

não conseguir responder a algumas perguntas que possam fazer que pareçamos tolos. E quando nào temos nem palavras nem fórmulas perfeitas, podemos não ter a autenticidade que ajuda a levar a mensagem. Becky Pippert, em seu clássico, *Out of the salt-shaker* (*Fora do saleiro*), expressa isso muito bem:

> No evangelismo, nosso problema não é que não tenhamos informação suficiente – é que não sabemos ser nós mesmos. Esquecemos que fomos chamados para ser testemunhas do que vimos e conhecemos, não do que não conhecemos. A chave é a autenticidade e a obediência, não um doutorado em teologia.[81]

A vida e o amor genuínos impressionantes de Jesus funcionavam como um ímã para aqueles que ele sabia que precisavam de ajuda. Que modelo para nós!

IR ALÉM DAS APARÊNCIAS

Nós, as pessoas religiosas, temos a tendência de fazer julgamentos rápidos fundamentados nas aparências (veja 1Sm 16.7). Os vigilantes fariseus faziam a mesma coisa. Eles fizeram a seguinte pergunta aos discípulos: "Por que come o vosso Mestre com publicanos e pecadores?" (Mt 9.11). Essa pergunta refletia uma série de tradições e preconceitos que os fariseus haviam adquirido. Consideremos alguns deles.

Por trás dessa pergunta não havia apenas preconceito, mas aparentemente uma razão teológica bem fundamentada para se oporem às ações de Jesus. Os fariseus, no âmago de sua fé, buscavam santidade e queriam evitar a contaminação. Eles se entregaram à busca da justiça (Lc 18.11,12). Eles prestaram atenção cuidadosa à pureza e à contaminação, seguindo uma seção inteira da Mishnah devotada ao tópico (a sexta divisão de *Tohoroth* era intitulada "Purificações"). A contaminação exigia um ritual de purificação e impedia que os judeus participassem de algumas atividades religiosas. Evita-se a

---

[81] PIPPERT, Rebecca Manley. *Out of the salt-shaker*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1979, p. 24.

contaminação a todo custo. (Talvez o medo da contaminação tenha impedido o sacerdote e o levita de ajudar o homem à beira da estrada na parábola do bom samaritano [Lc 10.25-37].) Mateus 15.1-20, o principal texto do evangelho sobre contaminação, deixa implícito que a visão dos fariseus sobre esse assunto era ambiental e externa. Ou seja, a contaminação era essencialmente um produto do que entrava na boca de alguém, os lugares que alguém frequentava e com quem alguém entrava em contato. A contaminação acontecia mediante o contato com pessoas pecadoras. Ela poderia ser removida. Portanto, a presença de Jesus na festa de Mateus necessariamente implicava contaminação.

Os fariseus buscavam evitar não só o mal, mas também a aparência do mal. Eles cuidavam muitíssimo não só para ser justos, mas também para aparentar ser justos (Mt 6.1-18). Embora pudessem mostrar indignação diante da sugestão de que "a imagem é tudo", viviam como se a imagem fosse importante. Além disso, os fariseus se esforçavam para manter suas atividades sociais puras não só ao evitar algumas pessoas e lugares, mas também ao se associar com pessoas que pensavam de forma semelhante. Uma boa forma de evitar a contaminação por contato é preencher a vida social com "bons" amigos. Um "aglomerado santo" é uma maneira eficaz de evitar a mundanidade, pensavam eles.

Como os fariseus devotaram muito tempo ao prazer da doce companhia de camaradas que pensavam da mesma forma, eles provavelmente não tinham nem o tempo nem a inclinação para sair por aí buscando os perdidos. John R. W. Stott sugere que os fariseus, e nós também, somos apenas preguiçosos e egoístas. Sentimos indiferença pelo mundo porque "não queremos nos envolver em sua dor ou sujeira".[82] Ao contrário, uma abordagem comum das pessoas religiosas às pessoas irreligiosas é chamá-las para limpar a vida que levam e, depois, para que se juntem a nós. Muitas pessoas compreendem Deus de forma equivocada, acreditando que ele, fundamentalmente, despreza os

[82] STOTT, John R. W. *Christ the controversialist*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1976, p. 189.

pecadores e prefere vê-los sofrer por causa de seus pecados. Jesus, no entanto, aceitou os pecadores exatamente como eram, foi a eles e mostrou graça e verdade em suas palavras e ações.

Acredito que a pergunta dos fariseus para Jesus também reflete um pouco de justiça própria. Eles, em sua maioria, eram cegos para a própria pecaminosidade, convencendo a si mesmos que eram obedientes à Lei e, portanto, agradavam a Deus. Eles esperavam recompensas, enquanto os pecadores mereciam a condenação de Deus e as consequências dolorosas dessa condenação.

Algumas vezes, temos a mesma atitude que os fariseus. Tememos que os ambientes comprometedores nos contaminem e também nos preocupamos, de forma vital, com o que os outros pensarão de nós. Mascaramos essas preocupações sob o manto do evitar "a aparência do mal" e o da preocupação com "nossos irmãos mais fracos". No entanto, construímos de maneira equivocada os ensinamentos de Deus e perdemos o equilíbrio que o Senhor pede que tenhamos. Além disso, compramos a seguinte filosofia de ministério: "Limpe suas atitudes e venha".

CUIDANDO DO ESPIRITUALMENTE DOENTE

Ninguém foi tão claro ao seu chamado quanto Jesus. Ele fez o que fez, tolerou a censura com a qual se defrontou, violou as tradições da forma que agiu só porque tinha razões claras e divinas para as suas ações. Dois breves versículos em Mateus 9 apresentam poderosamente três razões para a mundanidade de Jesus.

Primeira, *ele se preocupava com os feridos espiritualmente.* Jesus empregou uma afirmação proverbial, derivada da cultura em que estava inserido, para explicar suas ações: "Não necessitam de médico os sãos, mas sim os enfermos" (v. 12). Esse é um simples truísmo, afirmar que os médicos estão na atividade de ajudar os doentes e frequentam lugares onde pessoas doentes se congregam. E Jesus era o cirurgião magistral da alma! As necessidades das pessoas espiritualmente doentes impeliram Jesus a cuidar delas, mesmo correndo o risco de contaminação.

Segunda, *ele declarou que a compaixão pelas pessoas era a prioridade de Deus.* Jesus cita Oséias 6.6 (também citado em Mt 12.7), para explicar sua associação com os publicanos, ou coletores de impostos, e pecadores: "Misericórdia quero, e não sacrifício" (13a). Novamente uma aresta afiada é detectada à medida que o pregador itinerante sem treinamento diz aos estudiosos da época que tinham doutorado em teologia para que voltassem à Bíblia. O livro de Oséias é um poderoso tratado do amor e do perdão incondicionais de Deus para seu povo de Israel que se desviara, demonstrado na vida de Oséias e Gomer. Na época de Oséias, no século 8 a.C., Israel estava praticando os rituais e as práticas prescritos. Entretanto, a injustiça, a imoralidade e a indiferença à necessidade das pessoas caracterizavam a prática deles. Embora eles continuassem no abrigo da religião, haviam perdido o foco. Jesus deixou claro que Deus está mais interessado em ações compassivas que em atos religiosos.

Finalmente, *ele se envolveu com as pessoas do mundo para cumprir sua missão* (Lc 19.10). "Porque eu não vim chamar justos, mas pecadores" (v. 13b). Portanto, é lógico que não focaria os "justos" em seu ministério. Talvez, mais uma vez Jesus, de forma irônica, deixou implícito que os fariseus eram justos. Certamente, essa era a maneira que eles viam a si mesmos por causa de sua busca zelosa por uma vida religiosamente disciplinada. No entanto, Jesus, pela própria natureza de seu chamado, não devotaria e não poderia dedicar seu ministério àqueles que não sentiam que precisavam do que ele tinha a oferecer.

Para mim, parece que devemos ter exatamente esses mesmos três motivos para alcançar os perdidos, até mesmo pagando o preço de quebrar tradições e de fazer novas ondas. A necessidade de nossa cultura obviamente é enorme. Deus dá mais valor a nossa tentativa compassiva de alcançar os outros que a nossa atividade religiosa compulsiva. E nós, como Jesus, somos chamados para os perdidos. Os que estão doentes por causa do pecado são inúmeros, mas os médicos são poucos (Mt 9.37). Muitas vezes, nós nos afastamos dos pecadores e praticamos o evangelismo do: "Venha", em vez daquele do: "Ide". Antes, devemos encarnar as atitudes encantadoras de Jesus. Precisamos entender o coração de Deus e seu chamado.

Bill Hybels, pastor da grande igreja Willow Creek Community, no subúrbio de Chicago, lembra a sua audiência: "Vocês jamais colocaram os olhos em alguém que não seja importante para Deus". A igreja, algumas vezes, recebe críticas por seus programas e suas abordagens que são agradáveis para os que buscam, mas poucos negam que a liderança e as pessoas amam os perdidos. Esse motivo está no coração do pastor e é demonstrado em todas as facetas do ministério. Se soubermos *por que* fazemos algo, o *que* geralmente vem a seguir e os *por que não* são respondidos.

COMO DESENVOLVER A MUNDANIDADE SEMELHANTE À DE CRISTO

Alguns podem estar imaginando como podemos crescer em nossa mundanidade semelhante à mundanidade de Cristo sem cairmos na armadilha da mundanidade cheia de concessões, a mundanidade de nossa cultura. Como podemos nos aproximar do ideal de estar no mundo, sem ser dele, em vez de estar no mundo, mas não nele? A resposta é desenvolver a sensibilidade espiritual e o equilíbrio bíblico. Fazer isso promoverá mundanidade em nossa vida.

Primeiro, precisamos ter certeza de que entendemos o que é mundanidade. A mundanidade *saudável* quer dizer desenvolver relacionamentos com as pessoas de nosso mundo motivadas pela compaixão de Cristo. A mundanidade *prejudicial* quer dizer ter relacionamentos motivados pelas cobiças da sociedade pecaminosa, inclusive o materialismo, o hedonismo e o egoísmo (Lc 16.14; Mt 23.2-12). Depois, temos de reconhecer e rejeitar a mundanidade doentia – a participação nas atividades da sociedade pecaminosa abraçando-as como boas atividades.

Ao desenvolver o equilíbrio bíblico, precisamos reconhecer que a mundanidade prejudicial se encontra em nossas atitudes muito mais que em nossas ações. Devemos tomar cuidado para não definir superficialmente a mundanidade fundamentado com quem estamos e nos lugares que frequentamos. Ao contrário, nosso guia deve ser a definição de mundanidade, dividida em três partes, que encontramos em 1João 2.16: "[...] a *concupiscência* da carne, a *concupiscência* dos olhos e a *soberba* da vida" (grifos do autor). Esses desejos são uma constante tentação.

Existem outras formas por meio das quais podemos alcançar o equilíbrio bíblico e, portanto, praticar a mundanidade semelhante à de Cristo. Primeiro, nós, os que confiamos na Bíblia, precisamos revisitar os textos-chave das Escrituras sobre separatismo. Vários deles foram, de maneira conveniente, mal interpretados. Quando Paulo nos alerta: "Não vos enganeis. As más companhias corrompem os bons costumes" (1Co 15.33), ele, de modo claro, refere-se à ressurreição e suas implicações. As más companhias que corrompem, mencionadas por ele, não são as pessoas pagãs, mas, antes, aquelas (provavelmente no seio da igreja primitiva) que negavam a ressurreição.[83] Somos alertados a ficar distantes daqueles cuja doutrina rejeita a ressurreição corporal. Pois a negação da ressurreição, provavelmente, impactará de forma negativa a moralidade. Esse texto não é uma afirmação abrangente sobre manter-nos afastados dos pecadores.

De modo similar, examinando o contexto de 2Coríntios 6.14–7.1, podemos observar que essa passagem sobre separação nos proíbe o *jugo desigual* com os descrentes; ela não proíbe a *associação* com eles. Há uma enorme diferença entre relacionamentos de jugo desigual e relacionamentos redentores. Jesus modelou essa distinção. Ele se uniu aos discípulos (Judas foi uma exceção a essa regra, e Jesus tinha plena consciência desse fato). Ele não se uniu com descrentes, embora tenha se associado livremente a eles. Ligar-nos com descrentes realmente contradiz os mandamentos de Deus e compromete o caráter cristão. Há atributos espirituais comuns que não podemos compartilhar com descrentes.

Entretanto, isso não nega o abrangente e extenso campo comum que compartilhamos com pessoas que não são cristãs. Realmente, não somos semelhantes; fraldas e pratos; redução de pessoal e terceirização; pais idosos e adolescentes agressivos; mês muito longo para o salário. Todos nós temos dores de cabeça e angústias, impostos e morte. Tudo isso que temos em comum deve ser tocado por causa de Cristo.

---

[83] BLOMBERG, Craig L. *I Corinthians: The NIV Application commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1994, p. 300.

A interpretação bíblica apropriada também pode nos ajudar a entender um terceiro texto sobre a separação, conforme escreve Paulo em 1Tessalonicenses 5.22: "Abstende-vos de toda espécie [ou aparência] de mal". Se esse é um princípio geral aplicado a toda situação, então ele não foi obedecido pelo Senhor. Ele se envolveu em situações consideradas altamente comprometedoras e com aparência de mal. Portanto, Deus, com esse mandamento, deve ter dito algo distinto. Mais uma vez, o contexto fornece os parâmetros que Deus tinha em mente quando escreveu essa proibição.

O contexto imediato é o uso apropriado das falas proféticas. É algo sério quando alguém diz: "Assim diz o Senhor". As palavras proféticas têm de ser examinadas, presumivelmente tendo as Escrituras como parâmetro. Aquilo que é bom deve ser aceito, e o que não é bom deve ser rejeitado.[84] O mal – ou seja, maquinações humanas apresentadas como a verdade de Deus – deve ser evitado. Mais uma vez, esse texto em contexto não trata do separatismo, conforme é comumente compreendido.

Essas passagens e outras deixaram a maioria de nós com a impressão de que Deus nos ordena a evitar os pecadores e nos encoraja a andar com os "justos". Ao contrário, Deus nos chamou para que nos associemos com os descrentes pecadores e que nos separemos de cristãos que estão envolvidos em pecados grosseiros, sem qualquer arrependimento (1Co 5.9-13; 2Ts 3.14). Embora o separatismo de cristãos pecadores seja apoiado nas Escrituras, o separatismo de descrentes pecadores não o é. Paulo disse na epístola aos Coríntios:

> Já por carta vos escrevi que não vos comunicásseis com os que se prostituem; com isto não me referia à comunicação em geral com os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras; porque então vos seria necessário sair do mundo (1Co 5.9,10).

Segundo, precisamos levar a sério nosso chamado dado por Cristo de alcançar os pecadores no lugar onde estão. Lembre-se, somos assistentes do

---

[84] BLOMBERG, Craig L, *I Corinthians: The NIV application commentary*, p. 114.

médico, fomos chamados para curar. Jamais devemos nos ocupar tanto com nosso padrão de vida e com os ministérios de nossa igreja a ponto de ter pouco tempo para o perdido. Se não assumirmos a responsabilidade de estruturar relacionamentos redentores com o perdido, quem fará isso? Buscar esse tipo de relacionamento deve certamente figurar de forma proeminente em nossa filosofia de ministério da igreja e no pessoal.

Terceiro, precisamos resistir com coragem e com sabedoria aos muitos impedimentos farisaicos para que tenhamos a mundanidade semelhante à de Cristo. Precisamos rejeitar a noção de que a contaminação é ambiental e declarar corajosamente que ela é uma questão que diz respeito ao coração humano. Portanto, ninguém, e nenhum lugar é inerentemente passível de me contaminar. Entretanto, a sabedoria exige que tomemos cuidado, pois carregamos o potencial da contaminação onde quer que seja que levemos nosso coração. Desse modo, não somos descuidados nem iludidos e, tampouco, violamos nossa consciência. Não brincamos com a tentação. Por causa de Cristo, estamos dispostos a sair de nossa "zona de conforto", mas não de nossa "zona de consciência". Aceitamos a injunção da Bíblia para evitar a mundanidade. Esforçamo-nos para perseguir a pureza.

Entretanto, equilibramos a "aparência de mal" com o mandamento para sermos embaixadores de Cristo (2Co 5.20). Em vez de meramente dizer ao mundo que venha, temos de ir aos outros, como Cristo o fez. Espero que ansiemos por construir pontes.

Quarto, precisamos constantemente perseguir a maturidade espiritual que motivou o relacionamento de Jesus com os "pecadores". Jesus era direcionado por um propósito. Ele não se detinha por causa da crítica que recebia dos "justos". Ao contrário, ele era motivado por seu amor pelos filhos e filhas perdidos, e há alegria no céu para cada alma arrependida que se arrepende (Lc 15). Como seria poderoso para nós se fossemos motivados de forma semelhante! Um propósito nobre protegia Jesus: ele queria servir aos outros. Quando também somos protegidos por um propósito, sentimo-nos menos atraídos pelas tentações egoístas. Quanto mais conhecemos Jesus e quanto mais temos sua motivação de amor, mais nossa vida exala sua graça e sua verdade.

Quinto, precisamos perceber que, algumas vezes, os mais pecadores são os candidatos mais prováveis para o reino que os "bons" ou os religiosos. Podemos elogiar, nos outros, a "bondade" e a religião, mas aqueles que sabem que estão doentes espiritualmente muitas vezes reconhecem sua necessidade de médico. Não devemos evitar alguns pecadores como candidatos improváveis para o reino. A população do reino pode nos encerrar várias surpresas.

Muito do Novo Testamento nos ensina a evitar as cobiças mundanas à medida que tentamos alcançar as pessoas de nosso mundo da forma que Jesus o fez. Renunciemos ao separatismo como um objetivo para que possamos nos tornar ativos no ministério para as preciosas ovelhas perdidas de Deus.

Capítulo dez

Quando o doente parece estar em boa forma

Em 1988, aos 40 anos, "Pistol Pete" Maravich, detentor de inúmeros recordes imbatíveis no basquete universitário e, posteriormente, uma estrela na NBA (Liga Profissional Norte-americana de Basquete), morreu enquanto jogava uma partida com amigos em Pasadena, Califórnia. Um entusiasta da saúde, suas últimas palavras foram: "Estou me sentindo muito bem". Maravich morreu de uma má formação do coração, que ele desconhecia. O mesmo aconteceu com Flora (Flo) Hyman, uma cortadora alta e poderosa do time de voleibol dos Estados Unidos que liderou o time feminino na conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1984. Apesar desse grande feito, ela morreu alguns anos mais tarde, aos 31 anos, de um ataque do coração. E, em novembro de 1995, aos 28 anos, Sergei Grinkov, patinador, ganhador de duas medalhas olímpicas de ouro, caiu durante um ensaio e morreu. Ele também sofreu um ataque fulminante do coração.

Todos os três eram atletas de renome mundial; todos tinham a aparência de excepcional saúde física. Entretanto, cada um deles tinha problemas invisíveis e fatais do coração. Eles pareciam modelos da boa forma, mas o corpo bem condicionado deles mascarou, por algum tempo, a doença séria. Atletas e fãs ficaram chocados.

Esse fenômeno também acontece na esfera espiritual. O mundo religioso, ocasionalmente, fica perplexo quando se descobre que alguém considerado espiritualmente saudável é espiritualmente doente. Na verdade, a doença espiritual aparenta boa forma para o observador casual porque somos treinados

para avaliar a boa forma por um conjunto de padrões superficiais e falhos. Portanto, os sintomas sutis da doença espiritual, mascarada pelo comportamento religioso recomendável, não são muitas vezes detectados.

Considere o caso de "Jim". Ele tem um sólido fundamento doutrinário, conhece e ama a Palavra de Deus e distingue prontamente a verdade teológica do erro. Seu discernimento é particularmente útil para "guardar a porta" do reino, como ele costuma falar. Ele afirma: "Em nossa cultura, muitas pessoas professam ser cristãs, mas não deixam que Cristo assuma o controle. Parte do problema é a ausência de ensinamento sobre o arrependimento e o senhorio de Cristo. Precisamos ensinar o evangelho puro, o evangelho de acordo com Jesus Cristo".

Isso mesmo, Jim *é* cristão dedicado, e o "guardar da porta" não impede que tenha "amor pelo perdido". Ele é zeloso em relação ao evangelismo e altamente orientado para missões. Ele participa, com regularidade e com entusiasmo, de jornadas evangelísticas para alcançar o perdido, chegando a ir de porta em porta. E Jim e a esposa, todos os anos, reservam tempo de férias para dedicar a alguma tarefa missionária de curto prazo. Eles amam ver as pessoas se tornarem parte de sua igreja e denominação.

Quando você ouve Jim falar, fica impressionado. A linguagem é temperada com frases religiosas e nunca é salgada. Ele ora sinceramente e, na vida pessoal, nunca usa palavras de baixo calão. Suas súplicas parecem abrir as portas dos céus. Além disso, ele exerceu, com louvor, o cargo de tesoureiro. Ele é escrupuloso com o dízimo, e uma de suas grandes preocupações é guardar o dinheiro da igreja. Ele lamenta profundamente o fato de as pessoas doarem tão pouco apenas porque "estão sob a graça, não sob a lei".

Todos que conhecem Jim dão testemunho de seu comportamento piedoso. Nenhum sinal de impropriedade macula sua reputação. Seu estilo de vida não só é bom, como também brilha. Ele evita o pecado e se envolve com as boas ações. E para complementar tudo isso, Jim, em seu tempo livre, dedica-se a uma ampla variedade de clubes e de ministérios da igreja nomeados em homenagem a vários antepassados espirituais. Sua oração mais fervorosa é que "aqueles que vieram antes de nós nos considerem fiéis".

Jim parece um membro modelo da igreja. Poucos de nós podem se equiparar a ele em maturidade e em ministério. Por todos os padrões externos, Jim seria classificado como alguém que está em boa forma espiritual. No entanto, Jim tem uma "doença do coração" – ele é espiritualmente doente. Ele é um representante contemporâneo dos fariseus, as pessoas que Jesus ataca com as palavras mais severas que proferiu (Mt 23). Cada uma das aparentemente boas características que descrevi tem um aspecto adverso invisível, e perigoso.

Ais para os fariseus

Jesus, por sete vezes, fala: "Ai", para os fariseus. Os ais também podem expor *nossa* doença, nós que, às vezes, somos tão parecidos com os fariseus. Mas os ais não precisam nos levar à tristeza e à melancolia. Ao contrário, eles podem nos levar à humildade e ao arrependimento, à medida que reconhecemos a necessidade que temos de ser liderados por Jesus. Jesus chorou pelos fariseus, homens equivocados (Mt 23.37,38), da mesma forma que chora por nós, a fim de que descubramos nossa força apenas nele, não na justiça superficial.

O que, na superfície da vida dos fariseus, parecia aptidão, na realidade, mascarava a doença espiritual. E, fundamentado nas Escrituras e em minha experiência, tenho todos os motivos para suspeitar de que esse mesmo paradoxo permeia nossa subcultura evangélica de hoje.

Jesus, o cirurgião magistral da alma, sonda o que está por baixo da pele espiritual de líderes aparentemente religiosos e diagnostica alguns problemas escondidos em nosso íntimo. Como os três atletas de renome mundial que encontramos na introdução, os "pacientes" não demonstravam nenhum sintoma claro da doença que tinham – eles, até mesmo, pareciam espiritualmente robustos para todos, exceto para os olhos capazes de discernir. Jesus, porém, reconheceu e diagnosticou o problema. Em seu último discurso público, registrado em Mateus 23, Jesus fez seu último apelo para que os fariseus se submetessem à cirurgia do coração que tanto necessitavam.

Jesus, de forma direta, apontou os sete defeitos fatais do coração dos fariseus. Examinaremos os primeiros três neste capítulo, e os outros quatro no próximo. Jesus, ao declarar esses "ais", expressou um misto de raiva,

preocupação e angústia. Os ais representam uma mensagem de alerta e um chamado para nós hoje.

AI NÚMERO 1: O PORTEIRO DO LADO ERRADO DA PORTA

> Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque fechais aos homens o reino dos céus; pois nem vós entrais, nem aos que entrariam permitis entrar (Mt 23.13).

Pergunte a qualquer evangélico fundamentalista que acredita na Bíblia o que é necessário para entrar no reino dos céus, e garanto que você receberá uma boa resposta.[85] Podemos nos levantar e deixar a sala por causa de sinceras diferenças de opinião quando se trata de eclesiologia e escatologia. No entanto, estamos certos do que é necessário para entrar no reino dos céus. Contudo, algumas vezes, em nosso zelo para entregar o evangelho puro e integral, comportamo-nos como os fariseus e obstruímos a entrada para o reino de Deus.

Jesus retrata o porteiro no primeiro "ai". Em nossa cultura, esse porteiro equivaleria ao agente da polícia federal que verifica os passaportes. A porta em vista é a entrada para o reino de Deus, e os fariseus se ofereceram para serem os porteiros. Eles têm certeza de sua teologia. Eles sabem o que é preciso para ser salvo e continuar salvo. Eles acham que podem determinar se uma pessoa é sincera ou não. Eles certamente conhecem os tipos de pessoas que não precisam se inscrever para entrar no céu. Aparentemente, os fariseus achavam que eram responsáveis pela tarefa de tomar conta da porta dos céus antes de Pedro assumir o posto!

Na superfície, "guardar a porta" para o reino parece uma tarefa para o que está em boa forma espiritual. Aqueles que assumem essa tarefa devem estar

---

[85] Os cristãos evangélicos escolhem sua resposta em vários tratados que apresentam uma fórmula em linguagem simples e transferível: "As quatro leis espirituais"; "A ilustração da ponte"; "Passos para a paz com Deus"; "Como compartilhar sua fé sem discussão"; estes são alguns dos muitos guias para a salvação disponíveis e amplamente distribuídos. Provavelmente, uma das perguntas evangelísticas mais populares é a seguinte: "Se você morresse hoje e fosse levado à presença de Deus, por que ele o deixaria entrar no céu?" Uso essa pergunta inúmeras vezes e sei exatamente as respostas que busco.

preocupados com a vida eterna, conhecer o caminho para a vida eterna e desejar que outros encontrem a vida eterna. Além disso, eles, da mesma maneira, deveriam cuidar para impedir que os que não estão em boa forma espiritual entrem nos céus. É uma brincadeira cruel dar a impressão para as pessoas que elas estão a caminho do céu quando, na realidade, não estão. Os fariseus acreditavam sinceramente que eram os guias espirituais (Rm 2.17-20).

No entanto, Jesus não cooperou com a autoavaliação dos fariseus. Na verdade, ele considerou uma doença o ar de boa forma espiritual que aparentavam. Primeiro, Jesus deixou implícito que Deus não solicitou nenhum preenchimento de ficha para o trabalho de porteiro do céu; os fariseus estavam errados ao assumir um trabalho que Deus não lhes dera. Segundo, nenhum ser humano pode se qualificar para assumir essa responsabilidade de porteiro do reino. A Bíblia deixa claro que nosso julgamento espiritual não é muito preciso. Não temos a percepção de como é o nosso coração, e muito menos o coração dos outros (Jr 17.9). Os fariseus eram culpados de permitir a entrada de pessoas a quem Deus não permitiria entrar e a exclusão daqueles a quem Deus incluiria.[86] Terceiro, os fariseus, em essência, obstruíam a porta, como os leões-de-chácara que barram a porta de alguns estabelecimentos, pois ficavam no caminho de Deus e de seus planos. Pois eles haviam criado os preconceitos e os falsos conceitos (lei, obras, mérito, circuncisão etc.) do evangelho.

Esse comportamento não é espiritualmente sadio, e Jesus diagnosticou isso ao chamar os fariseus de "hipócritas". A "bondade" era mais uma representação teatral que um fato real. Supostamente, os esforços piedosos deles para guardar a porta dos céus estavam, na realidade, desviando as pessoas dos céus! Na verdade, os fariseus recusaram reconhecer Jesus como o Messias fazendo tudo que estava ao alcance deles para dissuadir os outros de segui-lo.[87]

Esse ai retrata os indivíduos religiosos cujo coração é desprovido de graça, os que se consideram os porteiros dos céus. Também fazemos isso? Acho que sim. Na Bíblia, raramente os pecados dos religiosos não se assemelham

---

[86] Compare Mateus 9.9-13; 21.15-17; Mc 7.24-30; Lc 15; 19.1-10; Jo 4.1-45; 8.1-59.

[87] Compare Mateus 9.33,34; 11.19; 12.23,24; 21.15.

aos nossos. Primeiro, precisamos perguntar a nós mesmos se Deus nos deu a tarefa de guardar a porta do reino. É verdade, ele realmente ordenou que saíssemos mundo afora para pregar o evangelho (Mt 28.18-20; Mc 16.15; At 1.8). Fomos comissionados para ser embaixadores (2Co 5.14-21). Sem dúvida, o Senhor nos deu a oportunidade de chamar pessoas para vir para o reino de Cristo. Somos responsáveis por preservar a simplicidade e a integridade do evangelho. O apóstolo Paulo passou a maior parte de seu ministério definindo o evangelho (Rm) e opondo-se a várias tentativas para alterar o evangelho ou para acrescentar algo a ele (Gl).

E quanto a esse negócio de guardar a porta? Devemos deixar claro logo de início que guardar a porta e praticar a disciplina na igreja não são sinônimos. Precisamos proteger a pureza da igreja do pecado grosseiro, conforme 1Coríntios 5 nos informa. No entanto, não temos de nos envolver nesse negócio de ficar julgando as pessoas fora da igreja (1Co 5.9-12). Além disso, na parábola do trigo e do joio (Mt 13.24-30,34-43), Jesus disse a seus discípulos para que não tentassem separar o genuíno do falso por temor de que o bom pudesse ser ferido.

Nossa tarefa como "evangélicos" é proclamar o evangelho e fazer discípulos de Jesus Cristo. Não podemos saber se a profissão da pessoa é genuína, pois não podemos julgar o coração da pessoa; só Deus pode fazer isso.

Um dos maiores debates na comunidade cristã ao longo dos vários anos diz respeito à tentativa de diálogo entre os evangélicos e os católicos romanos. Ao buscar a luz, geraram calor. Uma questão fundamental no debate é a justificação, ou seja, quem passa pela porta. Alguns evangélicos proeminentes foram criticados por sua flacidez ou falta de determinação teológica, ao passo que outros insistem em uma definição reformada rígida. Alguns parâmetros são claramente necessários e bíblicos, mas, nesse debate, o que, muitas vezes, não se percebe é a inabilidade de seres humanos caídos julgarem o coração humano. A fé salvífica genuína tem sido expressada de forma tão simples quanto as seguintes palavras: "Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino" (Lc 23.42); ou: "Ó Deus, sê propício a mim, o pecador!" (Lc 18.13), ou ainda de forma tão completa quanto a que o apóstolo Paulo esboça em Romanos.

Temo que nossas disputas teológicas sobre os que podem passar pela porta possam deixar nauseado aquele que proclamou: "Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá, e achará pastagens" (Jo 10.9). Ou talvez nem mesmo sejamos tão "bons" quanto os fariseus, pois muitos de nós nem mesmo parecem se importar se as pessoas passam pela porta ou não.

Nós, também como os fariseus, não desviamos algumas vezes as pessoas do evangelho? Gostamos de nos ver como arautos dos céus, enquanto o mundo está desligado de Deus por causa de nossa hipocrisia. Inúmeras pesquisas de opinião sobre a vida religiosa nos Estados Unidos, independentemente de quanto tentemos menosprezá-las, relatam a triste condição espiritual da igreja. Na maioria dos lugares, não ganhamos nossa reputação pela graça, bondade e verdade. Ao contrário, nossa reputação (e, portanto, indiretamente, a de Cristo) é de total falta de graça, carnalidade e hipocrisia. Será que nós, os que presumimos que somos os porteiros de Deus, estamos às portas dos céus com nossa vida, nossa falta de testemunho, nossas falhas pessoais e nossa hipocrisia? Algo está errado quando aqueles que afirmam para os homens que são os porteiros das portas dos céus repelem as pessoas.

O que Jesus diria para os fariseus modernos como você e eu? Acho que ele emitiria alguns avisos severos. Jesus aconselharia que, primeiro, nós nos olhássemos no espelho para examinar nosso relacionamento com ele antes de tomar a liberdade para avaliar os outros (Mt 7.1-5). Ele diria: "Julgue a você mesmo antes de julgar os outros. Passe mais tempo em seu aposento a favor dos perdidos que às portas 'defendendo' a si mesmo. Cuidado para não racionalizar e para não tornar superficiais as exigências para a salvação".

Precisamos nos lembrar do evangelho simples. Existe uma vasta diferença entre o evangelho simples e o superficial; e muitas vezes trocamos um pelo outro, invertendo o que realmente deveríamos fazer. Precisamos tomar cuidado para não erguermos nenhuma barreira impiedosa às portas do reino. William Barclay comenta:

> O perigo mais sério com o qual qualquer professor ou pregador se defronta é de ele determinar que os próprios preconceitos sejam princípios universais e

substituir as próprias ideias pela verdade de Deus. Quando ele faz isso, deixa de ser um guia para o reino e passa a ser uma barreira para que as pessoas entrem nela, pois, por estarem desencaminhados, também desencaminham os outros.[88]

AI NÚMERO 2: OS MASCATES DO EVANGELHO QUE AUMENTAM A POPULAÇÃO DO INFERNO

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o tornais duas vezes mais filho do inferno do que vós (Mt 23.15).[89]

No ambiente em que vivo, o ápice do sucesso é "trabalhar em tempo integral na obra cristã". Ninguém é tido em estima mais alta que os evangelistas zelosos e aqueles que vão para missões no estrangeiro (missões no país de origem ficam em um degrau mais baixo nessa escada). A maioria de nós é um evangelista lamentável, pois, muitas vezes, não estamos dispostos nem mesmo a atravessar a rua para falar sobre Cristo com um vizinho; e também supomos que os que estão dispostos a ir e falar sobre sua fé estão mais próximos de Deus. Eles só têm de estar espiritualmente em forma.

Entretanto, temos de ser cuidadosos para não chegar a conclusões precipitadas. Pois Jesus salienta em seu segundo "ai" que o evangelismo e as missões no estrangeiro não são necessariamente sinais de boa forma espiritual. As pes-

---

[88] BARCLAY, William. *The gospel of Matthew*, vol. 2. Edinburgh: Saint Andrews, 1956, p. 289.

[89] O versículo anterior, Mateus 23.14, sugere um "ai" adicional. Entretanto, esse ai se encontra nos manuscritos mais antigos da Bíblia. Essas palavras podem estar ou não entre as palavras proferidas por Jesus naquela ocasião. No entanto, sabemos, por intermédio dos outros evangelhos, que Jesus realmente disse estas palavras, condenando os fariseus "[...] que devoram as casas das viúvas (e outras pessoas necessitadas), fazendo, por pretexto, longas orações (Mc 12.40; Lc 20.47). Se é possível, mesmo provavelmente, apresentar uma excelente vida de oração e ser espiritualmente doente; podemos explorar outros particularmente, mas aparentar espiritualidade por intermédio de nossas amostras públicas, inclusive orações públicas.

soas podem ter zelo pelas coisas erradas, e muitas vezes o têm; e isso resulta em maior dano que bem.

O evangelismo era uma prioridade em meio aos fariseus do primeiro século, embora não seja possível confirmar que os judeus da época de Jesus eram "evangelistas" no sentido do termo no século 21, conforme D. A. Carson comenta:

> Um bom número de estudiosos argumenta de forma convincente que o período que se estende do século primeiro até a queda de Jerusalém marca o período mais notável do zelo missionário judeu e seu correspondente sucesso.[90]

Os judeus da época de Cristo tinham algum interesse e sucesso limitado na conversão de pagãos gentios ao judaísmo. Essa tarefa, entretanto, não era fácil por causa das exigências do judaísmo farisaico e do estilo de vida pagão dos gentios. Portanto, o principal "ministério para alcançar pessoas" envolvia encorajar os que eram "tementes a Deus" (os judeus nominais) a se converter plenamente ao judaísmo e assumir totalmente o jugo da Torá.[91] Os fariseus se preocupavam principalmente com as conversões para a compreensão da vida santa adotada por eles. Confundiam proselitismo (converter pessoas às opiniões e à cultura religiosas de uma pessoa em particular) com evangelismo (apresentar as pessoas ao Deus vivo).

Isso mesmo, temos a mesma inclinação dos fariseus para evangelizar as pessoas para que adotem nosso ponto de vista particular e nosso conjunto de tradições. Até mesmo no campo missionário, temos o "proselitismo bem-sucedido" sem um produto satisfatório, da mesma forma que acontecia na época de Jesus. (Veja "Roupas suazilandesas e a fé cristã", p. 198, para um exemplo desse fenômeno em ação.)

---

[90] CARSON, D. A. *Matthew,* vol. 8 in *Expositor's Bible commentary*, ed. F. E. Gaebelein. Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 478.

[91] MCKNIGHT, Scott. *A light among gentiles.* Minneapolis: Fortress, 1990, p. 107.

Observe que Jesus não desdenhava o proselitismo, o evangelismo ou as atividades missionárias dos fariseus. Tampouco ele criticava o zelo deles. Ele se preocupava com o produto e os resultados! Pois o produto do ministério dos fariseus não resultava em os filhos do reino, mas em filhos do inferno. E, para tudo ficar ainda pior, esses filhos do inferno eram zelosos agentes duplos para o Maligno. Pois é comum que os que se convertem para um sistema sejam mais militantes e menos equilibrados que seus mestres.[92]

O que deu errado? Primeiro, os fariseus apresentavam os convertidos a um sistema religioso mal direcionado, não ao Deus vivo. Esse sistema julgou de forma equivocada o Messias, chamando-o até de Belzebu (Mt 10.25; 12.24,27), oferecendo o caminho das obras para a salvação e exigindo obediência às tradições e às cercas inventadas por homens. Segundo, os fariseus perderam de vista o fato de que a comprovação evangelística está no produto, não no proselitismo. Além disso, quando os convertidos eram "disciplinados", eles conseguiam "ser mais farisaicos que os fariseus".[93] Os esforços mal direcionados dos fariseus realmente multiplicavam à medida que faziam seguidores que estavam a caminho do inferno e, até mesmo, em uma via mais rápida que os missionários evangelistas que os converteram!

Às vezes, fazemos o contrário. Primeiro, deve-se observar que, como os fariseus da antiguidade, a maioria de nós não é muito ativa no evangelismo e nas missões. Isso não quer dizer que não "apoiamos" o evangelismo e as missões. Apoiamos sim – desde apoio com doação de ofertas para missões e com missionários até servir em comitês de missões. Segundo, parece que estamos muito mais preocupados com os convertidos que com os discípulos; com os "números", e batismos, e estatísticas que com pessoas que verdadeiramente caminham com Deus. Em relação a isso, não somos tão "bons" quanto os fariseus, pois eles, pelo menos, buscavam compromisso total. Jamais podemos nos esquecer que Deus busca discípulos (Mt 28.19), verdadeiros adoradores

---

[92] BLOMBERG, Craig L. *Matthew*, vol. 22 do *The new american commentary*. Nashville: Broadman, 1992, p. 344.

[93] CARSON, D. A. *Matthew*, p. 479.

(Jo 4.21-24), pessoas cuja fé está profundamente enraizada em solo bom (Mt 13.1-23). Ser evangelístico e orientado para missões enquanto produzimos adeptos que vivem pela Lei ou sem a Lei, tendo um estilo de vida promíscuo, é uma doença espiritual, e não representa a boa forma espiritual.

Podemos chegar a algumas aplicações práticas? Primeiro, não devemos fazer julgamentos superficiais sobre a espiritualidade fundamentados em certas atividades religiosas, independentemente de quão difíceis elas sejam ou de quão zelosos sejamos em relação a elas. Personalidade, espírito aventureiro e autodisciplina sem o Espírito de Deus podem fortalecer muitas atividades aparentemente espirituais. Segundo, precisamos ser cuidadosos para não fazer como os fariseus da antiguidade, convertendo as pessoas para uma religião, uma denominação, uma seita, uma teologia, em vez de convertê-las para Cristo. Pois o que buscamos, conforme acredito, não são clones de nós mesmos, mas seres humanos semelhantes a Cristo. Terceiro, nós, como homens de negócios, temos de focar o produto. Não ajudamos a causa eterna de Cristo ao transformar nossa cultura pagã em uma cultura legalista. Embora o legalismo possa levantar o padrão de vida do povo (e isso é bom), ele também pode fazer diminuir a necessidade de Deus (e isso é indubitavelmente ruim). Talvez aplaudamos com muita rapidez as "conversões" e falhemos em cuidar da forma como o cristianismo é representado na vida das pessoas ou em nossa cultura.

AI NÚMERO 3: AS PESSOAS QUE FAZEM JURAMENTOS, MAS ODEIAM A VERDADE

> Ai de vós guias cegos! que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso nada é; mas quem jurar pelo ouro do santuário, esse fica obrigado ao que jurou. Insensatos e cegos! Pois qual é maior: o ouro, ou o santuário que santifica o ouro? E: Quem jurar pelo altar, isso nada é; mas quem jurar pela oferta que está sobre o altar que, esse fica obrigado ao que jurou. Cegos! Pois qual é maior: a oferta, ou o altar que santifica a oferta? Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo quanto sobre ele está; e quem jurar pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita; e quem jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está assentado (Mt 23.16-22).

O CAMINHO CORRETO

Roupas suazilandesas e a fé cristã

Nós, como os fariseus, podemos algumas vezes evangelizar com o evangelho que reflete o nosso conjunto de tradições. Há numerosas ilustrações de missionários de países colonizadores que entremearam a cultura europeia com o cristianismo. No entanto, vi esse fenômeno em primeira mão quando fui missionário por um breve período em Suazilândia.

Enquanto ensinava nesse país, alguns de meus colegas de trabalho africanos disseram-me que os primeiros missionários consideravam um dos sinais da conversão cristã genuína as pessoas abandonarem as vestimentas tradicionais suazilandesas, ou abrirem mão desse costume, para vestir roupas ocidentais, inclusive ternos de três peças. Por fim, o cristianismo, na mente das pessoas, passou a ser associado a um estilo de vestimenta, e não a um relacionamento com Cristo.

Além disso, observei que, em missões, as denominações, algumas vezes, passam a rivalizar em "território estrangeiro", em vez de cooperarem umas com as outras. Fico pensando se a maior motivação do trabalho desses missionários é promover o reino de Cristo ou a denominação (e as estatísticas). O objetivo sempre precisa ser apresentar o evangelho puro, sem qualquer adição cultural ou denominacional.

Quando eu era criança, buscava muitas vezes enfatizar minha honestidade, ou mais comumente encobrir minhas más ações, ou fazer juramentos. "Juro, que caia um raio em minha cabeça e que eu morra." "Juro sobre a Bíblia Sagrada." "Juro sobre uma pilha de Bíblias." Algumas vezes já ouvi algumas pessoas dizer: "Juro sobre o túmulo de minha mãe". Essas declarações solenes geralmente funcionavam com meu grupo de amigos (mas com os adultos não eram tão eficazes assim) e serviam para me tirar da cadeira elétrica. O pressuposto

comum era de que se alguém fosse tão longe a ponto de usar símbolos tão poderosos para defender sua honra, ele tinha de estar falando a verdade. Os juramentos funcionam! Aprendi muito cedo na vida que a "menção de Deus" tinha a habilidade de convencer as pessoas que eu estava dizendo a verdade.

Uma prática muito apreciada nos Estados Unidos é fazer juramentos com a mão sobre a Bíblia. No dia da posse, o presidente dos Estados Unidos ainda recita seu juramento presidencial dessa forma. A ação acrescenta credibilidade e solenidade ao juramento presidencial, da mesma forma que acontece com as testemunhas no tribunal, pois elas são consideradas verdadeiras quando terminam seu juramento com estas palavras: "E que Deus me ajude". Algumas vezes, achamos que precisamos proferir palavras especiais para ajudar a convencer as pessoas que estamos dizendo a verdade.

Outros costumes comuns permitem que mintamos ou nos livremos de algo. "Estava com os dedos cruzados", dizemos. Cruzar alguma parte do corpo legitima o contar mentiras. (Chamamos isso de contar lorotas.) Algumas vezes, até mentíamos e, se fossemos pegos, dizíamos: "Bem, não disse: 'Juro por Deus, que caia um raio em minha cabeça e que eu morra'". Mais uma vez, essa declaração pode tirar uma pessoa de uma situação difícil.

Podemos rir dessas práticas infantis. Entretanto, quando as pessoas que fazem juramentos são adultas, como nos sentimos? Certamente, não fazemos essas brincadeiras infantis, não é mesmo? Estou convencido, a partir de minha experiência com cinco crianças, que nós, os adultos fazemos o mesmo, só que de formas mais sutis e sofisticadas. As crianças demonstram a natureza pecaminosa crua; nós, os adultos, nossa natureza pecaminosa revisada. No entanto, se quiser ver a natureza pecaminosa religiosa, olhe para os fariseus, os antigos e os modernos!

Na época de Jesus, fazer juramentos era um tópico controverso. Aparentemente, as pessoas usavam os juramentos e os votos de forma equivocada. Portanto, os rabinos intervieram para tentar ajudar as pessoas a levar as promessas a sério.[94] A intenção dos rabinos e dos fariseus era boa, um desejo genuíno de

---

[94] GARLAND, David E. *The intention of Matthew 23*. Leiden, England: E. J. Brill, 1979, p. 133-134.

ajudar as pessoas a seguir a Lei de Deus. No entanto, eles, graças ao zelo de obedecer a Deus, inventaram esquemas que, contrariando a intenção original deles, resultaram na desobediência a Deus. D. A. Carson comenta:

> Os rabinos combateram os abusos em relação aos juramentos e aos votos em meio às massas sem instrução. Isso, sem sombra de dúvida, acontecia. Contudo, a forma como combateram essas práticas foi estabelecendo a diferenciação entre o que deixava a pessoa obrigada ao que jurou e o que não a deixava obrigada. Nesse sentido, eles, de maneira intencional ou não, encorajaram os juramentos ambíguos e, portanto, a mentira. Jesus acabou com essas complexidades ao insistir que os homens devem falar a verdade.[95]

Em vez de insistir na veracidade, na norma e na intenção das Escrituras, os fariseus invocaram vários juramentos que soavam piedosos quando faziam os próprios juramentos. Eles faziam a distinção entre juramentos válidos e inválidos, dependendo do objeto citado. Jurar pelo templo era negociável, mas jurar pelo ouro do templo deixava a pessoa obrigada ao que jurou. Juramentos no altar eram possíveis de ser quebrados, mas juramentos junto à oferta sobre o altar deixavam a pessoa obrigada ao que jurou.

Todavia, Jesus salientou as três falhas óbvias nesse sistema de fazer votos. Primeira, aqueles que deveriam levar as pessoas à verdade estavam contribuindo para a arte do subterfúgio. Portanto, eles mereciam o título de "cegos" (Mt 23.16,17,19). Segunda, Jesus salientou que as distinções aparentemente piedosas estavam com a ordem de prioridades invertidas. Não era tanto os objetos materiais – independentemente de quão custosos fossem – que tinham peso, mas os objetos espirituais – o templo e o altar. Terceira, Jesus salientou de forma sucinta que todos os juramentos, independentemente das palavras que fossem usadas, envolviam em última instância a Deus. Desse modo, todos deixavam a pessoa obrigada ao que jurou. Portanto, quebrar um juramento que tenha usado qualquer conjunto de palavras piedosas é odioso. Jesus

---

[95] CARSON, D. A. *Matthew*, p. 279.

está realmente preocupado com a honestidade em tudo que dizemos. Ele, em razão disso, fechou todas as brechas e condenou o padrão ambíguo. Em outra admoestação sobre a honestidade, dirigida aos fariseus, ele insistiu em respostas claras e diretas sem que a pessoa tenha de fazer nenhum juramento (Mt 5.33-37).

E quanto a nós? Vivemos em uma cultura em que as promessas e os compromissos, até mesmo os feitos solenemente, são rotineiramente quebrados. Juramentos piedosos, nos mais variados graus, são incluídos em nossas cerimônias de casamento, nos rituais de batismo, no oferecimento dos filhos e em alianças para se tornar membro de uma igreja, mas, com arrogância, quebramos esses juramentos. Todo divórcio é uma grande violação da seguinte promessa: "Até que a morte nos separe". Entretanto, gastamos a maior parte de nossa energia teológica debatendo sobre em que ocasiões é possível quebrar nossas promessas. Somos como os fariseus, buscamos brechas. Somos mestres na arte do subterfúgio.

Muitas reuniões religiosas encorajam as pessoas a fazer juramentos para as pessoas se tornarem cristãs, para seguirem Jesus, para confirmarem seu compromisso com Cristo, para se apresentarem como voluntárias no serviço de missões no estrangeiro, para se dedicarem "em tempo integral à obra de Deus" ou para cumprir certas promessas feitas em um ambiente bem carregado de emoções e de pressões de nossos iguais. O conteúdo é mínimo. O fator custo de tais juramentos, em geral, não é mencionado. O tempo necessário para se fazer um compromisso bem ponderado é ignorado. E o escopo do juramento, muitas vezes, é altamente relevante e de longo alcance. Depois, mostramos as estatísticas, damos tapinhas no próprio ombro e nos regozijamos com a "bondade" de Deus.

O fato de proferir promessas que soam piedosas não é evidência da verdadeira espiritualidade. As palavras jamais são um substituto aceitável para a verdade. Considero uma doença, não uma manifestação de boa forma espiritual, quando nós, os pastores, encorajamos as pessoas a fazer promessas superficiais e, depois, considerarmos a nós mesmos indivíduos bem-sucedidos ministerialmente quando elas fazem isso. Considero uma doença, não uma

manifestação de boa forma espiritual, permitir que qualquer conjunto de palavras espirituais substitua a honestidade e a integridade. Considero uma doença, não uma manifestação de boa forma espiritual, quando dizemos rotineiramente uma coisa e fazemos outra.

Não sabemos qual foi a resposta dos fariseus quando ouviram esses três ais dirigidos a eles. Provavelmente, a maioria deles ficou de punho cerrado por causa da raiva contida, mal acreditando naquele ataque direto do jovem rabino. No entanto, talvez alguns tenham começado a pensar se realmente eram tão sadios espiritualmente quanto supunham. De qualquer modo, ainda não tinham ouvido a última palavra de Jesus. Ele proferiria mais quatro ais, fornecendo a seus ouvintes uma percepção do coração de um Pai celestial que desejava a verdadeira obediência. E, ao longo do caminho, eles – e nós também – poderiam aprender o caminho para a verdadeira boa forma espiritual.

Capítulo onze

O caminho para a boa forma espiritual

Os estadunidenses continuam a sofrer de um sério problema. Um estudo recente realizado pelo National Center for Health Statistics (Centro Nacional de Estatísticas Médicas) mediu a obesidade ao calcular o índice de massa corporal que leva em consideração a altura e o peso da pessoa. O estudo do governo descobriu que mais de 50% dos adultos estão acima do peso, e excesso de peso foi definido como massa corporal acima de 25.[96] Embora nossos dados sobre a obesidade em Israel da antiguidade sejam diminutos, fica bastante claro, conforme Mateus 23.23,24, que Jesus pensou que os fariseus tinham um problema de peso. E, à medida que Jesus proferia o quarto ai, descobriu que esse era o problema que mais contribuía para a doença espiritual dos fariseus.

À medida que continuamos explorar os sete ais, aprenderemos mais sobre como os espiritualmente doentes podem aparentar estar em boa forma e, ainda mais importante, descobriremos o caminho da verdadeira boa forma espiritual.

AI NÚMERO 4: OS CATADORES DE MOSQUITOS QUE ENGOLEM CAMELOS

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes omitido o que há de mais importante na lei,

---

[96] LEROUX, Charles e ZIELINSKI, Graeme. "The big fact: Overweight's now the norm", *Chicago Tribune*, 16 de outubro de 1996, 1:5. Esse estudo descobriu que 59% dos homens e 49% das mulheres estavam acima do peso.

> a saber, a justiça, a misericórdia e a fé; estas coisas, porém, devíeis fazer, sem omitir aquelas. Guias cegos! que coais um mosquito, e engolis um camelo! (Mt 23.23,24).

Em nossa cultura, em geral, apresentamos o ponto principal em último lugar. Mas na cultura judia da época de Jesus, este empregou o *quiasma*, um artifício literário bastante comum, para chamar a atenção de seus ouvintes para esse ai do meio. Portanto, esse quarto ai é a peça central dos sete deles.[97] O ponto principal de Jesus era que os fariseus se especializaram nos aspectos menores. Eles haviam perdido todo sentido de grandeza, já não distinguiam o que era grande do que era pequeno, e, portanto, reverteram as prioridades de Deus. Eles haviam perdido o espírito da Lei em busca da letra da Lei. Gravitavam em torno das coisas mais fáceis e negligenciavam as mais importantes, coavam "um mosquito e engoliam um camelo", "devotavam-se às minúcias da Lei à custa do que era essencial".[98]

Um problema de peso

Basicamente, eles tinham um "problema de peso". Davam muito peso para as coisas pequenas, periféricas e superficiais e pouco peso para as questões mais importantes, centrais e decisivas. Os fariseus, apesar de todo o conhecimento bíblico que tinham, falharam em compreender o tema central e os pontos principais das Escrituras.

Jesus chamou atenção para as práticas de administração dos fariseus, pois elas certamente eram impressionantes. Os fariseus eram escrupulosos com o dízimo.[99] Eles tinham tanta intenção de cumprir a letra da Lei que chegavam

---

[97] Em um quiasma, o poema ou o argumento segue um padrão A B C B A. Planeja-se o poema para que o ponto central seja enfatizado.

[98] GARLAND, David E. *The intention of Matthew 23.* Leiden, England: E. J. Brill, 1979, p. 137.

[99] MACARTHUR, John. *The MacArthur New Testament Bible commentary: Matthew 1–7.* Chicago: Moody, 1985, p. 383-84.

até mesmo a contar as folhas das ervas do jardim e davam um décimo delas para Deus. Na época, havia alguma discussão entre os rabinos para determinar a extensão do dízimo. David Garland escreve:

> A interpretação mais rigorosa considerava todo crescimento natural como algo sujeito ao dízimo (cf. Lc 18.12b); ao passo que a interpretação mais humana interpretava Deuteronômio 14.22,23 de forma mais literal – exigia-se o dízimo apenas do grão, do vinho e do azeite.[100]

Os fariseus tinham a determinação de aderir à interpretação rigorosa, e não à interpretação mais humana. Por quê? Eles queriam ter certeza de que satisfariam os padrões de Deus e, até mesmo, queriam excedê-lo. Deus disse que eles deveriam dar um décimo. Eles davam mais.

Quanta dedicação! Que sinal de boa forma espiritual! Que sinagoga ou igreja não recepcionaria bem um rebanho como esse? O orçamento anual jamais seria um problema. O pastor dormiria melhor à noite sabendo que sempre haveria dinheiro suficiente nos cofres da igreja, porque as pessoas haviam compreendido a bênção de dar para o Senhor.

Mas espere um minuto! Jesus não foi tão rápido quanto nós em declarar que os que eram zelosos com seus dízimos estavam em boa forma espiritual. Ele observou que os fariseus, embora fiéis com seus dízimos, negligenciaram questões muito mais importantes, a saber, a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Essas coisas, afirmou Jesus, eram mais importantes que o dízimo. Essas três características, retiradas das páginas do Antigo Testamento, são provenientes diretamente do coração do Pai (Os 6.6; Mq 6.8; Zc 7.9,10). O Senhor está muito mais preocupado com o cuidar das pessoas do que com o realizar rituais legalistas; com a fidelidade do que com preocupações meticulosas sobre a contaminação; e com o coração do que com a arte da religião.

Acho isso exasperante. Esses três atributos, embora reconheça o valor deles, são tão abstratos, ambíguos, extensos e imensuráveis que nunca posso saber se

---

[100] GARLAND, *Intention*, p. 137

os "alcancei". Além disso, eles são muito difíceis. Como poderei saber se sou justo? Até que ponto preciso demonstrar compaixão ativa em relação àqueles que passam necessidades? O que quer dizer intimidade com Deus e como posso medir minha intimidade com o Senhor?

A propósito, Jesus não disse que dizimar é irrelevante. Essa é uma prática importante para os que seguem a Deus. No entanto, o dízimo não é nem de perto tão importante quanto a justiça, a misericórdia e a fidelidade.

Jesus, para tornar seu ponto claro, empregou um nome depreciativo e utilizou o humor. Mais uma vez, os fariseus mereciam o título de "guias cegos", pois eles presumiam que apontavam o caminho que levava a Deus para as pessoas, mas se esqueciam das prioridades do Senhor. No entanto, uma piada selou o caso que dizia respeito do absurdo referente ao zelo em relação ao dízimo sem a misericórdia verdadeira. Algumas vezes, o humor é mais eficaz em momentos em que a afirmação direta cai em ouvidos moucos. Jesus, nesse ai, refere-se a uma prática familiar dos fariseus. Eles estavam preocupados com a ingestão de coisas que pudessem ser impuras, o que os tornaria ritualmente impuros. Um dos animais impuros a que eles mais dedicavam sua atenção era o mosquito, pois estes se juntavam regularmente em torno do vinho em fermentação. Para ter certeza de que não engoliriam um mosquito, os judeus chegavam a extremos, a ponto de passar o suco através de um tecido fino e chegavam até a beber com os dentes cerrados. Contudo, o maior animal impuro que os judeus conheciam era o camelo. Portanto, Jesus retratou um judeu coando meticulosamente o vinho e cerrando os dentes para evitar engolir um mosquito, enquanto tinha um camelo pendurado em sua mandíbula!

Medindo nossa piedade

Mais uma vez, nosso comportamento se equipara ao dos fariseus de formas muito notáveis e convincentes. Nós, como os fariseus, gravitamos em torno de atos de piedade que são mensuráveis, visíveis e executáveis. Gostamos de ter uma noção de nossa posição diante de Deus, nossa posição em relação aos outros e um senso de satisfação pessoal. Amamos as "ajudas" como um conjunto de padrões de orações, o dízimo e os livros sobre como levar uma

vida espiritual – tudo que ajude a medir nossa piedade. No entanto, não nos sentimos nem um pouco confortáveis com padrões que sejam qualitativos, em vez de quantitativos. Ainda assim, muitos padrões de Deus não são mensuráveis. Como é possível quantificar um relacionamento?

Esse quarto ai é particularmente odioso para os estadunidenses que gostam de medir tudo e que se sentem desconfortáveis com a ambiguidade. Na escola, recebemos notas; no trabalho, avaliação de desempenho; nos esportes, registros e estatísticas. E em todos os lugares temos fórmulas que enumeram o que temos de fazer para sermos bem-sucedidos.

Nós, como os fariseus, também temos a tendência de reverter a ordem das prioridades de Deus. Especializamos em coisas menores e gravitamos em torno de atos religiosos que podemos realizar por meio de nosso esforço. Falamos alto quando se trata de defender nossos direitos religiosos, mas quantos de nós tomam uma posição a favor da justiça? Protegemos nossos interesses (particularmente os econômicos), mas defendemos os pobres e os oprimidos? Podemos ler livros sobre justiça social, mas temos a tendência de investir muito dinheiro em seminários que nos ensinam a lidar com nossas finanças. Damos destaque à política conservadora em detrimento da consciência social. E quantas vezes escutamos sermões sobre a misericórdia? Será que esquecemos que a misericórdia é um requisito para o seguidor de Jesus Cristo e, em especial, para os líderes da igreja?[101] Nós, como o Israel da antiguidade, nos apresentamos diante de Deus com sacrifícios, quando o Senhor quer lealdade (Os 6.6); queremos celebrar, quando ele deseja um coração contrito (Sl 51.6-10).

Nós, como os fariseus, temos a tendência de nos concentrar no coar mosquitos. A maioria das divisões na igreja resulta de prioridades inapropriadas. Dois pastores que conheço enfrentaram muito conflito na igreja sobre a escolha da bebida servida na ceia, do gosto e da cor dela. Isso é pegar mosquitos! Quantas vezes a atenção do ministro de uma igreja se desviou do principal para verificar a maquiagem e joias, debater o ritmo ou instrumentação da música, ou decidir a cor do carpete. Brigamos sobre questões eclesiásticas

[101] Compare Mateus 5.7; 9.13; 12.7; 18.33.

menores enquanto as questões maiores são ignoradas, a saber, ser discípulos de Jesus e fazer discípulos para ele.

Nossa verdadeira missão é refletir Cristo, ser parecido com ele e representá-lo; praticar "a justiça", e amar "a benevolência", e andar "[...] humildemente com [seu] Deus" (Mq 6.8); e "Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo" (Tg 1.27). Um coração justo, misericordioso e fiel é a marca testada e verdadeira da maturidade. Entretanto, justiça, misericórdia e fidelidade são tremendamente difíceis de medir!

AI NÚMERO 5: AS MÃOS LIMPAS E O CORAÇÃO SUJO

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estão cheios de rapina e de intemperança. Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo, para que também o exterior se torne limpo (Mt 23.25,26).

Uma característica comum dos cristãos bem treinados, como eu, é a habilidade de parecer bom e agir de forma correta na maioria das situações. Não tive de trabalhar duro para dominar a arte das aparências. Essa arte é algo que acontece naturalmente com as pessoas religiosas sérias. Desse modo, uma discrepância entre nossa vida na esfera particular e na pública pode facilmente desenvolver. Posso parecer bom em meu exterior, mas, no íntimo, estar podre; parece que eu consigo ter um comportamento justo enquanto sou bem-sucedido em esconder meu coração rebelde. As pessoas religiosas podem facilmente esconder os pecados do coração dos outros e, até mesmo, os próprios, mas não conseguem esconder nada de Deus. O bom comportamento externo tem muitas recompensas e vários reforços positivos inerentes.

Um coração limpo

O coração é outra questão a ser considerada. É impossível limpar nosso íntimo sem a ajuda divina. Embora as intenções do coração possam escapar de tempos em tempos (especialmente em casa), os pecados do coração podem ser efetivamente escondidos da visão pública. Judas, o discípulo traidor, ilustra

uma pessoa religiosa aparentemente honesta que escondeu um coração doente de todos, exceto de Jesus. Ele tinha reuniões clandestinas com os inimigos de Jesus, e ninguém sabia disso. Certamente, era muito respeitado pelos outros apóstolos, ou eles não lhe teriam incumbido de tomar conta da bolsa de dinheiro (Jo 13.29). Ele, de forma habilidosa, escondeu seus pecados obscuros e profundos das pessoas que conviveram com ele por três anos sob as condições extremamente extenuantes. É possível pensar que ele estouraria, escorregaria ou revelaria alguma faceta de "roubo e tolerância com os desejos" de seu coração. Ninguém via o íntimo de Judas, apenas Jesus. Até mesmo quando Jesus indicou de forma específica que Judas era o traidor, os outros discípulos ficaram intrigados quando ele deixou o cenáculo (Jo 13.28).

Judas nos mostra a verdade: um coração sujo pode, de forma eficaz, ficar escondido das pessoas! É possível enganar as pessoas. No entanto, é impossível enganar a Deus.

Uma das questões que os fariseus da época de Jesus debatiam era a contaminação dos copos e pratos. Havia duas escolas de pensamento sobre a questão. A escola de Hillel sustentava que a limpeza interior do recipiente o tornava "limpo". A escola de Shammai argumentava que tanto o interior quanto o exterior do objeto deveria ser lavado a fim de ser declarado "limpo". Jesus utilizou o debate como uma metáfora do caráter e da conduta humana, não apenas a limpeza do copo.

Essencialmente, Jesus declarou que Hillel estava certo. Limpe o interior, o local em que o alimento é colocado, e todo o recipiente passa a ser útil. Limpe apenas o exterior do recipiente, a parte mais visível, e é possível que alguma sujeira ainda esteja escondida no interior. A tendência dos fariseus, como a de muitas pessoas religiosas, era limpar as ações externas sem tocar nas atitudes internas. O comportamento piedoso externo dos fariseus mascarava o materialismo e o hedonismo. Eles pareciam pessoas justas, mas eram ladrões. Pareciam pessoas espirituais, mas eram indulgentes consigo mesmos. O exterior e o interior da vida deles não se encaixavam!

Jesus também disse aos fariseus como corrigir essa discrepância. Limpe o interior – o coração – de sua vida e (conforme Hillel disse) o exterior cuidará

de si mesmo. Cuide primeiro de seu relacionamento particular com Deus, e seu mundo público virá a seguir, e haverá correspondência genuína entre eles.

O que Jesus diria para nós hoje? Uma vida limpa no exterior não é suficiente! Podemos saber como nos comportar dentro de alguns limites, mas o que motiva nossa justiça? Podemos evitar quebrar os Dez Mandamentos, dado por Deus, e os Doze Sujos, propostos pelos homens, mas será que não tornamos a Lei de Deus um tanto superficial? Uma vida moral limpa é recomendável. Essa vida é ordenada nas Escrituras, reforçada pela sociedade e é boa para a reputação de Cristo e de sua igreja. Além disso, comportar-se bem é algo que funciona. Entretanto, as aparências podem ser enganadoras e, até mesmo, autoenganadoras.[102] Um estilo de vida moral evita muitas das armadilhas em que os rebeldes caem e economiza muitas cicatrizes, mas não nos impede de pecar.

Dois pecados escondidos

Jesus salientou dois pecados escondidos dos fariseus: o roubo e a indulgência consigo mesmos. Esses pecados, ainda hoje, continuam a ser uma dupla diabólica. O roubo descarado não é comum em nosso meio (nem o era em meio aos fariseus), mas, em essência, o roubo é materialismo, uma falha comum dos estadunidenses. Ele se manifesta na cobiça, na avareza, no desejo de ter o mesmo padrão que nossos iguais na sociedade e na gratificação imediata. Na verdade, nosso sistema econômico é estruturado no estímulo da cobiça e da avareza. Os marqueteiros e a mídia institucionalizaram e aumentaram essa busca por mais coisas. E se o materialismo é nosso deus número um, o hedonismo é o segundo. Estamos entre os povos mais indulgentes consigo mesmos na face do planeta (e, ironicamente, entre os mais infelizes).

Existem outros pecados escondidos que as pessoas religiosas, como eu, continuam a lutar contra eles. A cobiça, a hipocrisia, os ciúmes, a inveja, a

---

[102] Compare 1Samuel 16.7; Jeremias 17.9; João 7.24; 2Coríntios 5.12; 10.7; Colossenses 2.23.

amargura e o sentir-se extremamente justo estão na lista. E a falta de perdão e o orgulho também. No entanto, conseguimos esconder de todos – e, até certo ponto, de nós mesmos – nossas lutas contra esses pecados. Conseguimos, com muita facilidade, mantê-los em nossa privacidade.

A solução de Jesus para esse ai dos pecados secretos é que examinemos nosso coração e que foquemos a limpeza dele. Jesus diz que a contaminação é uma questão do coração, não do ambiente. Os fariseus viram de forma incorreta a fonte da contaminação como algo que estava fora da pessoa – as companhias que a pessoa andava, os lugares que frequentava e os objetos que ela tocava. A contaminação era ambiental. No entanto, Jesus diz que a contaminação acontece de dentro para fora, não de fora para dentro.

Portanto, a transformação do coração é a chave para a verdadeira justiça, e não projetos de limpeza do ambiente e do comportamento. Estabelecer limites para ajudar a manter a pureza é algo sábio e necessário, mas não é a resposta derradeira e suprema. A resposta derradeira e suprema está em nosso íntimo. Ela vem de dentro, onde o Espírito Santo habita para nos fortalecer; e vem de cima, onde o sangue de Jesus nos limpa à medida que confessamos nossos pecados (1Jo 1.9).

AI NÚMERO 6: O MINISTÉRIO COMO DISFARCE

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade (Mt 23.27,28).

Uma confissão sensata foi feita por Howard Hendricks, professor de seminário e líder do Center for Christian Leadership (Centro para a Liderança Cristã):

> Minha experiência espiritual foi recentemente revolucionada. Tenho de confessar, como muitos cooperadores cristãos também deveriam fazê-lo, que

> é muito fácil tornar-se compulsivamente ativo. É difícil aprender as lições da aridez do estar sempre ocupado. A atividade simplesmente se torna o anestésico para a dor mortal de uma vida vazia. E se interrompermos isso por um longo tempo, descobriremos que temos atividade sem realização.[103]

Há poucas formas melhores para esconder a morte espiritual do que com a atividade na igreja. Infelizmente, nós, os cristãos, muitas vezes ministramos a partir do vazio, não da plenitude. Toda igreja tem seu exército de "santos fiéis" que se dedicam à causa de Cristo. Muitos realmente servem Jesus a partir da plenitude de Cristo neles, motivados pelo amor do Senhor. No entanto, outros servem para embotar a dor, para encher o vazio, para disfarçar a morte que sentem (ou pior, que não sentem) em seu íntimo. O povo de Deus pode parecer belo, mas pode estar espiritualmente morto.

O ministério dos hipócritas

O sexto ai se refere a outra prática bastante comum dos judeus daquela época. Nesse caso, os sepulcros caiados se transformam na metáfora que Jesus usa para descrever o comportamento hipócrita dos fariseus.

Os judeus sabiam que um cadáver era impuro, e o contato com ele exigiria a purificação (Nm 19.13-22). Os rabinos levaram esse ensinamento de Deus a sério e procuravam tornar isso mais prático para as pessoas em geral. Tocar um cadáver ou, inadvertidamente, ter contato com um sepulcro se tornou uma das formas mais temidas e inevitáveis de contaminação, de acordo com os judeus. Assim, para avisar o fiel sobre a presença de um sepulcro, estabeleceu-se a prática de marcá-los (em que Ez 39.15 serve de fundamento bíblico para essa prática).

Evitar a contaminação era uma preocupação constante para o justo. No entanto, manter a pureza cerimonial era particularmente importante antes da Páscoa. Para um judeu que guardava a Lei, não ser admitido na celebração do

---

[103] HENDRICKS, Howard. "Leadership, evaluation and development (LEAD) 1, Leadership Center Conference, fita de áudio, Dallas Seminary, 17-21 de outubro de 1988.

grande ato de libertação de Deus, em que o Senhor libertou Israel do Egito, representava uma grande perda. D. A. Carson comenta:

> Durante o mês de Adar, logo antes da Páscoa, era comum caiarem os sepulcros ou locais com sepulcros que poderiam não ser identificados instantaneamente como tais a fim de avisar os peregrinos para que se desviassem da área e evitassem a impureza ritual por causa do contato com os cadáveres.[104]

Talvez, Jesus estivesse usando essa metáfora da caiação dos túmulos para aludir à aparência caiada dos fariseus. Estes, aparentemente, gostavam de usar roupas brancas. Naquela época, como agora, o branco tem a conotação de pureza e de justiça.[105] Assim, as roupas belas e com aparência de puras dos fariseus davam a impressão de piedade quando, na verdade, o coração deles abrigava impureza. A beleza aparente dos fariseus e a dos sepulcros caiados eram semelhantes, isso foi o que Jesus quis dizer. Essas duas belezas gritavam sinais de alerta: "Cuidado, a contaminação está próxima!"

Aparência versus realidade

Enquanto o quinto ai expunha os meios falhos de limpeza espiritual empregado pelos fariseus (limpeza do exterior e não do interior), o sexto ai expõe as diferenças entre a aparência e a realidade. A essência da hipocrisia é a contradição entre o que parece verdade e o que realmente é, e Jesus mencionou duas vezes a hipocrisia dos fariseus. A beleza exterior pode esconder a feiura interior. Embora parecesse que eles serviam a Deus, o ministério deles estava contaminado por causa de motivos egoístas. Os mestres da Lei podem ser pessoas que desrespeitam a Lei. Os que querem passar por modelos de piedade podem, de fato, ser impuros. As pessoas religiosas podem realmente disfarçar a decadência espiritual.

---

[104] CARSON, D. A. *Matthew*, vol. 8 in *Expositor's Bible commentary*, ed. F. E. Gaebelein. Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 482.

[105] GARLAND, *Intention*, p. 157.

As pessoas religiosas são comumente criticadas pela diferença entre o interior e o exterior, entre o comportamento de domingo *versus* o de segunda-feira. As igrejas, algumas vezes, superam a Broadway na habilidade de criar excelentes atores e atrizes. Nos redutos da igreja, espera-se e se reforça determinado conjunto de comportamento. A aparência caiada não é tão difícil de ser removida. E, em geral, não temos consciência de que estamos representando!

O ministério feito sem a vitalidade espiritual é hipocrisia. Tal hipocrisia nos ilude. Ela nos transmite um senso de justiça sem qualquer justiça. Embota a dor do vazio de forma que não precisamos nos defrontar com ele. E, por fim, torna-se normal para nós agir de uma maneira enquanto nossas atitudes internas não acompanham o movimento externo. Depois de algum tempo, é fácil ignorar a hipocrisia e prosseguir em frente.

AI NÚMERO 7: OS QUE MATAM OS JUSTOS

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no derramar o sangue dos profetas. Assim, vós testemunhais contra vós mesmos que sois filhos daqueles que mataram os profetas (Mt 23.29-31).

O ai final de Mateus 23 denuncia os fariseus por construir monumentos para os profetas da antiguidade enquanto se preparam para matar o Filho de Deus que estava diante deles. Mais uma vez, o que aparenta boa forma espiritual é, na realidade, doença espiritual.

A construção de monumentos para os profetas representava uma indústria próspera em meio aos fariseus da época de Jesus.[106] Talvez eles fizessem isso apenas para homenagear aqueles com quem, conforme achavam, se pareciam. Talvez construíssem monumentos buscando expiar os pecados de seus pais que perseguiram os profetas ao honrar esses profetas postumamente. Essa

[106] GARLAND, *Intention*, p. 163.

construção de monumentos certamente ajudava os fariseus a se divorciarem de seus ancestrais maus e a apresentar uma imagem de piedade.

Os fariseus combinavam a construção de monumentos com críticas severas às ações de seus antepassados (v. 30). Eles eram rápidos em protestar inocência em relação às ações realizadas por seus ancestrais. Insistiam que as coisas seriam diferentes se estivessem vivos na época. Tinham certeza que teriam protegidos os profetas, em vez de persegui-los. Portanto, afirmavam ter certa distância de seu passado e reconheciam que tinham iluminação superior. Jesus, entretanto, reverteu a situação ao dizer que as atividades deles demonstravam o parentesco que tinham com aqueles que mataram os profetas da antiguidade. Eles foram talhados com o mesmo tecido espiritual.

Quando Jesus concluiu sua crítica violenta contra os fariseus, a paixão manifestou-se em sua fala (v. 32-36). Ele passou dos pecados passados e dos presentes para o julgamento futuro. O versículo 32 é um versículo de transição, uma ponte para a ameaça do julgamento que vem a seguir. Jesus, de forma irônica, convidou os fariseus a prosseguir com suas ações covardes para encher a taça da ira de Deus. Uma crença comum entre os judeus, apoiada pelas Escrituras, era de que Deus poderia apenas aceitar determinada quantia de maldade antes que sua paciência acabasse e o julgamento tivesse início.[107] Essa crença foi aplicada aos gentios. Jesus, entretanto, informou os fariseus que eles haviam exaurido a misericórdia de Deus.

O julgamento por vir era bem merecido (v. 34,35). Os fariseus representavam apenas o último capítulo em uma longa história de perseguições dos mensageiros de Deus. Jesus salientou que os fariseus, embora se considerassem moralmente superiores a seus ancestrais, eram, na realidade, muito piores. Os fariseus eram culpados de todo o sangue derramado desde o primeiro mártir, Abel (Gn 4.8), até o último, Zacarias, o filho de Baraquias.

Será que somos diferentes? Não, de forma alguma! Nós, sem demora, pegamos os nomes dos grandes líderes espirituais e "os honramos" ao construir monumentos para eles e criar instituições com o nome desses grandes

[107] Compare Gênesis 15.16; Daniel 5.25-28; 8.23; Romanos 2.5; 1Tessalonicenses 2.15,16.

homens. Entretanto, a verdade é que nós, provavelmente, os rejeitaríamos se estivessem em nosso meio hoje. (Veja "Aprendendo com os líderes da igreja", p. 217.) Além disso, embora honremos a memória deles, não somos nem de perto semelhantes a eles em caráter ou ministério. Muitos desses grandes nomes do passado ficariam perplexos com o que é feito hoje sob o nome deles.

Se Jesus vestisse roupas modernas e nos visitasse, tenho certeza que nós o maltrataríamos de formas muito semelhantes às dos fariseus e pelas mesmas razões que eles fizeram isso dois mil anos atrás. Achar que não agiríamos hoje como os fariseus agiram demonstra extraordinária amnésia histórica e cegueira espiritual, algo profundamente censurável.

Imagino como Deus vê o registro de nossos comportamentos hoje em relação aos "profetas" que enviou para nós. Quando alguém expõe nosso materialismo, demonstra nossa ingenuidade política, salienta nossa duplicidade bíblica, ataca nossas sacrossantas tradições, sugere que muito de nossa piedade é falsa ou oferece outra forma de encarar as Escrituras, como respondemos? Podemos responder de uma maneira levemente mais sofisticada que a dos fariseus. Entretanto, talvez nossa resposta "sofisticada" represente, na verdade, falta de zelo. Como é fácil para nós ignorar o princípio ensinado de modo consistente nas Escrituras de que o maior inimigo do justo é o religioso.

DOS AIS PARA O CHORO

A forma que Mateus 23 encerra o capítulo é muito apropriada, pois conclui com lágrimas, não escárnio; com choro, não com açoitamento. As denúncias feitas por Jesus partiram o coração sensível de nosso Salvador. Ele, como a galinha, queria juntar esses queridos fariseus debaixo de suas asas e cobri-los com seu amor. Ele só queria que eles fossem honestos consigo mesmos e vissem a depravação de seu ser e a necessidade que tinham, para que buscassem a boa forma espiritual autêntica, em vez da religião doentia; e para que eles abraçassem a mensagem da graça e da verdade que apresentava a eles.

Nós, também, precisamos chorar sobre nossa autoilusão e impiedade. Infelizmente, os ais que Jesus proferiu caíram não só em ouvidos moucos, mas

O CAMINHO CORRETO

Aprendendo com os líderes da igreja

Não é errado estimar os grandes gigantes da fé. Na verdade, algumas igrejas são inspiradas por seus antepassados. Os luteranos, justificadamente, admiram Martinho Lutero, por exemplo. No entanto, podemos nos surpreender com o que eles pensariam de nossas modificações.

Imagino, por exemplo, se Martinho Lutero se uniria à Igreja Luterana, ou se João Wesley se tornaria metodista. Será que Francisco de Assis seria bem-vindo na ordem franciscana, e Agostinho seria um agostiniano? Será que Calvino ensinaria na Calvin College?

Amamos ler sobre a vida dos grandes santos do passado e refletir sobre ela. Os nomes deles emprestam credibilidade para a nossa causa. Eles, porém, gostariam de nós? Será que aqueles cujos nomes ligamos tão livremente a nossas instituições aprovariam a forma que ministramos? Talvez não. Nós, convenientemente, temos a tendência de esquecer que muitos dos santos famosos do passado eram indivíduos com convicções extraordinárias e com coragem, pessoas que iniciaram mudanças custosas (e, em geral, controversas). A maioria deles era dissidente. Se eles reaparecessem hoje e fizessem uma visita em nossas instituições que trazem o nome deles, acho que eles derrubariam algumas cadeiras, apagariam algumas placas e emitiriam alguns chamados para a renovação.

Estou certo de que os acharíamos irritantes ou de que eles nos constrangeriam. Talvez até mesmo nos alegraríamos se deixassem nossa terra, como muitos fariseus se alegraram com a morte de Jesus. Em nossos esforços para promover a igreja, muitas vezes honramos nossos antepassados, mesmo quando temos ações e atitudes bem distintas da deles. Precisamos ter paixão e compromisso como eles tinham, e abraçar aqueles de nós cujo zelo é semelhante ao dos santos de antigamente.

também em corações diabólicos, conforme Mateus nos relata. Em vez de se arrepender, os fariseus reagiram com raiva e mataram o Messias.

Como podemos evitar esses "ais" e, em vez deles, aconchegar-nos sob as "asas" do Senhor Jesus? Como evitamos a falsa boa forma religiosa para encontrar a verdadeira saúde espiritual? Como desenvolvemos um estilo de vida que recebe o elogio de Jesus: "Muito bem, servo bom", em vez de seus ais? Acredito que tudo começa com a disposição de ser honesto com Deus e com nós mesmos. Isso exige que vejamos porções de nossa alma que preferiríamos ignorar. Temos de reconhecer nossa hipocrisia, duplicidade, nossos métodos religiosos eticamente duvidosos, prioridades distorcidas, foco nos aspectos externos em detrimento de nossa alma, amnésia histórica e miopia espiritual. Temos de nos arrepender, com confissão humilde (e talvez com lágrimas). Acima de tudo, temos de procurar não nos enganar na busca da falsa boa forma espiritual que mascara a doença espiritual.

O CAMINHO PARA A SAÚDE ESPIRITUAL

Como podemos evitar a doença espiritual e buscar a boa forma espiritual? Primeiro, devemos nos especializar mais em cardiologia espiritual que em dermatologia espiritual. Não devemos nos contentar com as respostas corretas sem o coração correto. Devemos examinar nossas razões tanto quanto buscamos ter comportamento externo apropriado. Os pregadores devem se dirigir ao coração dos ouvintes se quiserem alterar os padrões de comportamento.

Segundo, devemos parar de fazer avaliações de espiritualidade fundamentadas em critérios superficiais. Procure saber não só sobre zelo evangelístico e propensão para missões, mas também a respeito da saúde espiritual do produto. Não temos de nos impressionar com a verborragia religiosa, mas com a graça e a verdade encarnada.

Terceiro, não temos de nos contentar com a conformidade aos padrões superficiais. Quantos de nós obtemos satisfação de nossos talões de cheque e de nossa agenda. Eu, como muitos outros pastores, já dissemos a nossa congregação que o método "infalível" de avaliar a espiritualidade de alguém é por meio da avaliação de como você utiliza seu tempo e seu dinheiro. No entanto,

por esse padrão, os fariseus receberiam notas altas. Tempo e dinheiro não são os únicos testes, nem os mais verdadeiros, para verificar o coração. Justiça, misericórdia e fidelidade o são.

Quarto, temos de impedir que nossa propensão para escorregar para o farisaísmo nos impeça de retornar para os braços abertos de Jesus. Estou certo de que se Jesus tivesse falado comigo, provavelmente teria sido espiritualmente desnudado e ficaria com medo. Pois, em alguma medida, posso me relacionar com cada um dos ais. No entanto, depois de ser apropriadamente despido, espero que tenha o bom senso para correr para os braços de Jesus para chorar. Espero que eu enxergue além de sua testa franzida e que veja sua face e as lágrimas em seus olhos. Espero que não me fixe muito em seu dedo em riste e que veja seus braços convidativos. Espero que consiga separar sua indignação justa de sua aceitação incondicional.

Espero que eu corra para Jesus, em vez de transpassá-lo. Pois, em última análise, é só por intermédio de seu poder que podemos ter a verdadeira saúde espiritual. Os atos reais de justiça se originam nele. Esse relacionamento com Jesus é crucial, e é o assunto de nosso último capítulo.

Capítulo doze

O relacionamento correto

A religião, de qualquer ângulo que você a observe, não trabalha com Deus. Dê-lhe o nome que desejar – islamismo, hinduísmo, judaísmo e, até mesmo, cristianismo – o esforço humano para criar seu caminho para Deus é inútil. Nenhuma quantidade de esforço pessoal pode reformar o coração. Nenhuma busca por piedade ou compreensão da filosofia pode ligar alguém a Deus. Nenhuma tradição tem o poder de produzir a espiritualidade verdadeira, e nenhuma cerca pode nos proteger da transgressão. Nenhum grau de separatismo pode proteger alguém do pecado. Por essa razão, nenhuma quantidade de retidão moral pode produzir justiça.

Entretanto, bilhões de pessoas têm uma religião e se entregam a ela em sua busca por Deus. As pessoas em todos os lugares estão tentando encontrar a Deus ou estão buscando um "poder maior"; elas buscam preencher o que Pascal chamou de um "vácuo em forma de Deus" na alma. A religião parece responder a muitas almas que buscam. Pois, na religião, é possível encontrar um senso de justiça, um reservatório de conhecimento, um caminho de piedade. A religião também oferece tradições relevantes, cercas protetoras e diretrizes sobre como levar uma vida separada de tudo que possa contaminá-lo.

Nossa natureza humana é inescapavelmente religiosa. Desejamos desesperadamente encontrar um caminho para nos relacionar com Deus. Entretanto, buscamos nos relacionar com ele à medida que o modelamos em conformidade com nossa direção e com nossas condições. Isso não é o que Deus busca!

Os fariseus estão na vanguarda desse movimento para nos relacionar com Deus de acordo com nossa direção. Como vimos, os fariseus buscavam ser extremamente justos. Eles modelavam muitas características boas e, de muitas

maneiras, obedeciam aos mandamentos de Deus. No entanto, as falhas deles eram sérias, segundo Jesus expôs claramente. E, conforme os capítulos anteriores deixaram claro, nós que levamos nossa fé em Jesus Cristo a sério estamos com frequência sujeitos aos mesmos pecados que os fariseus. Se toda essa exposição aos fariseus deixou você espiritualmente cambaleante, compreendo isso muito bem, pois passei as últimas duas décadas de minha vida lutando contra minhas suscetibilidades em relação ao farisaísmo.

No entanto, eis aqui as boas novas: ainda existe esperança! As Escrituras fornecem respostas convincentes para esse farisaísmo que tende a agarrar nossa alma religiosa. O antídoto para o farisaísmo é apresentado de forma clara e poderosa em Filipenses 3. O remédio para a religião é o relacionamento. Nossa aproximação cada vez mais de Jesus possibilita a liberdade de levar uma vida justa.

TODO O MATERIAL CERTO, MAS, AINDA ASSIM, ISSO NÃO É SUFICIENTE

Ninguém menos que o apóstolo Paulo, "[...] hebreu de hebreus" (Fp 3.5), aprendeu essa verdade depois de procurar levar uma vida justa por intermédio da religião. As credenciais dele são impecáveis e representam um monumento de futilidades, impossível de ser escalado por qualquer pessoa que ouse tentar abrir seu caminho para a justiça.

Nosso guia através e além do farisaísmo é ninguém menos que o melhor fariseu de todos. (Sei que os judeus discordariam dessa declaração. Entretanto, talvez, vejam Paulo da mesma forma que vemos os fariseus, com uma predisposição extremamente negativa.) Em Filipenses 3.4-6, Paulo resume seu *pedigree* e suas realizações. Ele esboçou sete características que mostram a que se assemelharia a perfeita justiça humana para um judeu. O apóstolo desafia os judaizantes (a versão cristianizada do farisaísmo) – sobre quem ele falava nesse trecho – a um confronto. Os antecedentes e as realizações de Paulo eram os melhores possíveis.

O apóstolo Paulo citou quatro características que, aparentemente, teriam agradado a Deus, se a religião fosse capaz de fazer isso. Primeiro, ele foi circuncidado no oitavo dia. Em estrita conformidade com a Lei, ele era

totalmente judeu desde o berço. Segundo, Paulo era "da linhagem de Israel", um judeu puro-sangue de origem; um membro, por nascimento, do povo escolhido de Deus. Ele conseguia traçar a linhagem de sua família até Abraão (2Co 11.22). Terceiro, ele era "da tribo de Benjamim". Essa tribo, embora pequena (SI 68.27), era renomada em Israel. Benjamim era o filho favorito de Jacó (Israel), filho de Raquel, a esposa favorita de Jacó (Gn 30.23,24; 35.16-18). Benjamim era o único filho de Jacó que nasceu na terra prometida (Gn 35.9-19). É importante observar que – um fato relevante – Jerusalém, a Cidade Santa, ficava dentro do território designado a Benjamim (Jz 1.21).[108] Quarto, Paulo era "hebreu de hebreus". Ele era judeu de origem, por parte do pai e da mãe, pura, piedosa e zelosa. Falava, hebraico e aramaico, como línguas maternas, uma marca da fidelidade (At 22.2,3). Isso o colocava, na hierarquia social dos judeus etnicamente inferiores, em uma posição superior à dos judeus que eram gregos e romanos no aspecto cultural e cuja língua nativa era o grego (os chamados helenistas, em At 6.1).

Paulo também citou três realizações religiosas pessoais que impressionariam os judeus (e, aparentemente, a Deus). Ele começou com as palavras: "[...] quanto à lei fui fariseu". Chamar alguém de fariseu era marca de distinção, não uma ofensa (At 23.6; 26.5). Paulo, pelo menos, era a segunda geração de fariseus (At 23.6). Isso queria dizer que ele alcançara o pináculo da glória da ortodoxia e experiência religiosa no judaísmo. Além disso, Paulo estudara a lei mosaica com Gamaliel, o mestre dos fariseus mais celebrado da época (At 5.34; 22.3).

Além disso, Paulo praticava sua fé fervorosamente. "[...] quanto ao zelo, persegui a igreja", escreveu ele. Era apaixonado e intenso em relação ao seu compromisso religioso. Ele acreditava firmemente nas verdades que esposou como

---

[108] Além disso, a tribo de Benjamim liderou os exércitos de Israel (Jz 5.14; Os 5.8) e deu a Israel seu primeiro rei legítimo, e Paulo (Saulo) foi chamado assim em homenagem a esse rei (1Sm 9.1,2). Um benjamita, Mardoqueu, trouxe a libertação nacional com a ajuda de Ester; e essa tribo, com a de Judá, formava o novo centro de Israel depois do cativeiro babilônio (veja Ed 4.1; Ne 11.7-9,31-36).

fariseu e estava disposto a protegê-las a qualquer custo, até mesmo com sua vida. Assim, ele caçava os cristãos e dava autorização para matá-los. Seu zelo era lendário e, quando esse zelo se desvirtuava, as ações de Paulo eram diabólicas.[109]

Talvez, a realização maior de Paulo antes de sua conversão tenha sido a seguinte: "[...] quanto à justiça que há na lei, [...] [foi] irrepreensível". Paulo dedicava atenção meticulosa às exigências rituais da Lei (lembre-se que isso inclui todos os 613 mandamentos do Antigo Testamento como também milhares de tradições e cercas) a ponto de ninguém conseguir encontrar nenhuma falta nele. Essa é uma afirmação extraordinária. Não havia fendas em sua armadura religiosa; ninguém poderia fazer uma crítica objetivamente verificável de sua justiça legal. Isso não quer dizer que Paulo achava que não tinha pecados. A ideia de não ter pecado era estranha para a forma de pensar judia. Peter O'Brien afirma: "Eis aqui um homem satisfeito, reminiscente do jovem rico da história do evangelho (Lc 18.21) que afirmava que guardava todos os mandamentos desde a juventude".[110]

O apóstolo Paulo tinha todo o material religioso certo. Ele possuía motivos para se vangloriar. Ele tinha antecedentes judeus puros, irrepreensíveis e ortodoxos. Ele evidenciava religiosidade impecável, zelo sem paralelos e comportamento impecável. Desse modo, quando se aventurou no reino de criticar a religião, ele não fez isso como um novato ou um crítico de cátedra. A crítica veio de alguém que sabia sobre o que estava falando; alguém que modelara o judaísmo da forma mais ortodoxa e que tinha todo o fundamento teórico e experimental para avaliá-lo. Ninguém, escreveu ele, poderia se equiparar a ele. No entanto, a religião – mesmo quando praticada da maneira mais pura e apaixonada – não é suficiente.

O CAMINHO DO FARISAÍSMO

O apóstolo Paulo fundara a igreja de Filipos durante sua segunda viagem missionária (At 16) e a visitou novamente em sua terceira viagem missionária

---

[109] Compare 1Coríntios 15.9; Gálatas 1.13,14; 1Timóteo 1.13.

[110] O'BRIEN, Peter. *The Epistle to the Philippians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1991, p. 379.

(At 20.1,6). Ele era próximo desses cristãos, e eles enviaram presentes para o apóstolo mais de uma vez (Fp 4.16,18). Sua epístola dirigida a essa igreja espiritualmente forte contém o constante tema do regozijo. No entanto, a igreja não estava livre do farisaísmo. Os cristãos de Filipos, como os cristãos atuais, estavam ouvindo a mensagem que acrescentava exigências legais a sua fé. Os judaizantes, um grupo de pessoas quase cristãs, diziam que aqueles que vieram para Cristo tinham de guardar a lei mosaica e que, sem algumas práticas religiosas, os cristãos não poderiam ser salvos nem santificados.

O apóstolo Paulo analisou corretamente esse ensinamento como uma forma de minar a essência do evangelho. Portanto, seu tom em Filipenses 3 mudou rapidamente da afeição para a advertência severa. E, sem qualquer demonstração de afeto, chamou aqueles que minavam o evangelho de "cães". Paulo, obviamente atormentado, teve o pesado fardo de transmitir essas verdades aos seus amados. Ao fazer isso, ele nos deu, sob a inspiração do Espírito Santo, "uma pedra fundamental para a estruturação da teologia e um verdadeiro clássico para a espiritualidade cristã".[111] Filipenses 3 oferece seis chaves para combater o farisaísmo. À medida que as estudamos, mais uma vez nos é apontado o caminho para nutrir nosso relacionamento com o Senhor Jesus Cristo.

CUIDADO COM A FALSA RELIGIÃO

A primeira chave é a constante vigilância para evitar o engodo da falsa religião. As alternativas religiosas para o cristianismo autêntico estão sempre disponíveis. Estamos, muitas vezes sem nos dar conta disso, cercados por versões falsas da vida cristã. O apóstolo Paulo, por ser profundamente sensível às perversões do evangelho, alertou seus amados filipenses sobre as falsificações espirituais. Depois de lembrá-los que a alegria no Senhor deve estar sempre com eles e que o regozijo sempre pode dar "segurança", ele faz um alerta: "Acautelai-vos dos cães; acautelai-vos da falsa circuncisão" (Fp 3.2).

---

[111] SILVA, Moise. *Philippians*. Chicago: Moody, 1988, p. 165.

Paulo, com uma sucessão rápida de alertas, diz: "Acautelai-vos [...]; acautelai-vos [...]; acautelai-vos [...]". Gerald Hawthorne expressa o sentido desse alerta: "'Cuidado com'; 'preste atenção a' ou 'aprenda sua lição com'. O objetivo de Paulo, portanto, não é tanto alertar os filipenses para se protegerem de seus oponentes quanto pedir-lhes que prestem cuidadosa atenção a eles e que os estudem a fim de compreendê-los e de evitar a adoção de crenças e práticas destrutivas".[112] Quando algo perigoso ameaça nosso bem-estar espiritual, precisamos prestar atenção a isso.

Paulo, com três caracterizações surpreendentes, definiu aqueles a quem os filipenses deveriam prestar atenção. Primeiro, deveriam acautelar-se "dos cães". Na época da Bíblia, os cães eram sujos, animais que rondavam as cidades, que comiam de tudo, alimentando-se de carniça e refugo, e que atacavam as pessoas. Portanto, "cães" é um termo pejorativo.[113] Na verdade, os judeus, regularmente, referiam-se aos gentios como cães. Agora, o apóstolo reverte os papéis, dizendo que os judaizantes, com sua falsa religião, têm de agora ser vistos como os gentios.

Segundo, eles tinham de se acautelar "dos maus obreiros". Os judeus se orgulhavam de ser pessoas da Lei de Deus. Eles pregavam, praticavam e protegiam a Lei. Paulo, mais uma vez, inverteu drasticamente a situação dos judaizantes.[114] Ele disse que eram maus obreiros, e não faziam boas ações. Pois a ações da Lei, quando realizadas pelo esforço humano em uma tentativa de aplacar a Deus, são contraproducentes.

Terceiro, os filipenses tinham de acautelar-se "da falsa circuncisão". Poucas coisas eram mais preciosas para os judeus que a circuncisão, o sinal da aliança que Deus fez com Abraão. No entanto, Paulo inverteu esse ritual judeu, dessa vez com um jogo de palavras. "Falsa circuncisão" ou "mutilação" é, na

---

[112] HAWTHORNE, Gerald. *Philippians*, vol. 43 da *Word biblical commentary*. Waco, Tex.: Word, 1983, p. 124-25.

[113] Usado de forma figurativa, *cão* é sempre um termo de opróbrio; compare com Deuteronômio 23.18; 1Samuel 17.43; 24.14; Provérbios 26.11; Isaías 56.10,11; Mateus 7.6.

[114] SILVA, Moise, *Philippians*, p. 69.

realidade, sacrifício pagão.[115] Não só mutilava o corpo, mas também o espírito. Pois o que Deus sempre buscou foi a circuncisão do coração, e a circuncisão física deveria ser apenas um sinal dessa outra circuncisão.

Em contraste, a verdadeira circuncisão – os genuínos herdeiros de Abraão – "[...] somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne" (Fp 3.3). Paulo, com esse versículo, definiu os cristãos autênticos. Nossa adoração é fortalecida pelo Espírito, e não tramada por nossos esforços (Jo 4.19-24). Ela é motivada internamente, e não mantida por tradições e ritos aprendidos mecanicamente. Ela quer dizer agradar a Deus, e não provocar um mau cheiro que chega até a narina do Senhor (Is 1.11; Jr 6.20). Nossa glória está em Jesus Cristo, no que ele fez por nós e está fazendo por nosso intermédio, e não em nós mesmos. Nossa confiança, decididamente, não está em nós mesmos, mas em Cristo. Confiamos só em Cristo, em vez de confiar na religião, nos rituais, no *pedigree*, nas experiências ou nas realizações.

Não é por mero acidente que as Escrituras estão cheias de alertas sobre a falsa religião (farisaísmo, judaizantes, gnósticos etc.). Os profetas do Antigo Testamento, Jesus e Paulo não achavam que o legalismo era benigno. Os porta-vozes de Deus sempre vociferavam contra os que acrescentavam algo ao evangelho ou tornavam a religião um ritual externo. Eles se recusaram a acrescentar ao evangelho a circuncisão, o batismo ou as regras e regulamentos. Eles alertavam contra a prática de abraçar a graça para a salvação e rejeitá-la para a santificação.

Talvez, o legalismo seja muito mais perigoso do que imaginamos. Paulo se referia a essas pessoas cheias de "boas obras" como carniceiros espirituais, "maus obreiros" e açougueiros. Os cristãos da atualidade têm de ter a consciência afiada para perceber as roupas religiosas que os fariseus da época moderna vestem. Precisamos sempre nos acautelar do perigo. É necessário ter vigilância constante para escapar da sutil influência do farisaísmo.

---

[115] O'Brien, Peter, *The Epistle to the Philippians*, p. 357.

UM VOTO DE DESCONFIANÇA

A segunda chave para fugir do farisaísmo e das obras religiosas é abandonar a confiança "na carne". O apóstolo Paulo, antes de sua conversão, estruturara sua vida religiosa em volta da confiança na carne (v. 3-6), mas concluiu que tais vantagens e esforços superiores eram vãos. Ele aprendera a confiar em sua carne altamente sofisticada, culta e autodisciplinada.

Os fariseus, basicamente, desenvolveram um sistema por intermédio do qual as pessoas não poderiam trabalhar seu caminho para Deus. Esse sistema era fundamentado na Bíblia, com numerosas adições humanas planejadas para "ajudar" as pessoas a seguir as leis de Deus. Entretanto, conforme já observamos, os sistemas religiosos não funcionam para desenvolver a verdadeira justiça. A religião, na antiguidade, não deu bons resultados em Israel. Ao contrário, ela era regularmente distorcida levando à hipocrisia, ao formalismo e, até mesmo, à idolatria. E, embora os fariseus estivessem entre os mais zelosos em relação à justiça, a fé deles não deu em nada. Eles, em sua tentativa de cobrir os próprios pecados, acabaram por crucificar o Messias. A religião jamais deu bons frutos desde esse acontecimento.

A "confiança na carne" é a essência da religião (inclusive o farisaísmo, os judaizantes e quaisquer milhares de formas de legalismo que infestam o cenário cristão). É natural confiar nos atos religiosos, no *pedigree* espiritual, no conhecimento bíblico, no zelo em testemunhar, na vida de oração e na obediência externa aos padrões de Deus. É fácil abraçar a mentalidade do desempenho na vida espiritual de alguém. Tudo isso é reforçado ao nosso redor, por pessoas; e em nosso íntimo, pelo Maligno. No entanto, a carne não nos leva para Deus. O Senhor tem de viver em nós e por nosso intermédio![116]

A saída do farisaísmo tem de incluir um bom exame de nossa alma. Temos de reconhecer honestamente que colocamos todo tipo de confiança em nossas

---

[116] Romanos 7 é um texto que acompanha Filipenses 3. Paulo, no mesmo estado de espírito, declara na Epístola aos Romanos o seguinte: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum" (v. 18). Paulo, alguém com tamanha capacidade espiritual, declarou, de forma relevante, que todo o sistema estava falido.

habilidades, intelecto, aprendizado, capacidade espiritual e esforço pessoal para agradar a Deus. E mais ainda, cairemos presas do farisaísmo se colocarmos nossa confiança, para o sucesso espiritual, em qualquer coisa à parte de Cristo.

CONTABILIDADE ESPIRITUAL

A terceira chave para abandonar o farisaísmo é reconhecer nossa verdadeira saúde espiritual. Em Filipenses 3.7-9, o apóstolo soa mais como perito contador que como teólogo. Nesses versículos, ele usou três vezes o termo "perda" para descrever a atividade espiritual que ele recomenda aos filipenses e a nós. O grande apóstolo acabara de descrever a lista perfeita de credenciais espirituais, a substância de que muitos se sentiriam enormemente orgulhosos. Ele deduziu que, em determinada época, esse *pedigree* espiritual e essas realizações religiosas eram colocadas de forma proeminente nos ativos de sua conta espiritual bancária. Entretanto, quando ele veio a Cristo, passou a usar um novo sistema de contabilidade – um que traz riqueza inestimável ao espírito.

O apóstolo Paulo utilizou vários procedimentos de contabilidade à medida que o Messias reorientou sua vida espiritual. Primeiro, ele pegou todas as heranças e realizações espirituais (antecedentes religiosos, realizações religiosas, moralidade, estudos, reputação) que, anteriormente, estavam na coluna dos ativos de sua vida e os mudou para a dos passivos no livro (v. 7). Esses "ganhos" anteriores, agora, eram perdas. Segundo, Paulo colocou a fórmula em sua planilha espiritual na qual ficava proibido que quaisquer realizações espirituais aparecessem na coluna dos ativos. Ele nos diz que contou todas as coisas como perdas.

Terceiro e ainda mais importante, o apóstolo considerou "a excelência do conhecimento de Cristo" como o único ativo em sua planilha espiritual. Esse ativo é tão enorme que todos os outros ativos se tornam pálidos em comparação a ele e, praticamente, sem valor. Talvez, ele tivesse a intenção de deixar implícito que, se procurássemos acrescentar alguma coisa que não Cristo, na coluna de ativos, perderíamos, em vez de ganhar.[117] Por fim, sobre os itens que

[117] HAWTHORNE, *Philippians*, p. 135-36.

ocupavam lugar proeminente em sua conta bancária espiritual, ele escreveu em negrito: "Refugo". Ele considerava aquilo que, certa vez, ele trabalhara tão duro para conquistar como algo repulsivo.[118]

A riqueza recém-descoberta do apóstolo Paulo lhe foi dada livremente por Cristo. Entretanto, tinha etiqueta de preço. Quando ele disse que seus outros ativos não passavam de "refugo", ele suscitou a ira daqueles que não compreendiam sua herança espiritual. Isso resultou em sofrimento, a "[...] perda de todas as coisas" (v. 8). Paulo, tanto teológica quanto experimentalmente, sabia que a oposição ao sistema de riqueza espiritual era algo que teria consequências dolorosas na vida pessoal e social. Seu orgulho teria de morrer, e o orgulho de outras pessoas seria aguilhoado. Ele pagou um grande preço para seguir a Cristo. Talvez suas propriedades tenham sido confiscadas; talvez tenha sido deserdado pela família. Certamente, ele perdeu toda a sua estatura no judaísmo. Ele até mesmo sofreu muitíssimo nas mãos da igreja. No entanto, conforme Gerald Hawthorne observa: "Paulo não lamentou sua perda. Para ele, essa perda era um alívio muito bem-vindo".[119] Jesus disse que todos que seguissem verdadeiramente só a ele pagariam um preço tanto em sua vida pessoal quanto na social (Jo 12.24,25; Lc 9.24-26).

O ganho de Paulo sobrepujou suas perdas. Imagine que você fosse um homem de negócios perspicaz que tivesse construído um patrimônio de 100 mil dólares. Bill Gates, o multimilionário fundador da Microsoft, age como seu amigo e decide lhe dar como herança parte de sua considerável riqueza. O que você faria? Provavelmente, você veria todo o dinheiro que você trabalhou tão arduamente para ganhar indigno de sua atenção. Pode até eliminá-lo de sua contabilidade, pois é refugo comparado aos bilhões de

---

[118] "Refugo" traduz a palavra grega, bastante vulgar, *skuballa*. Ela é interpretada de várias maneiras, como restos de comida, lixo, estrume, esterco ("A porção de comida rejeitada pelo corpo, a que não possui qualidades nutritivas" [Lightfoot]; "O refugo ou restos de festas, a comida que cai da mesa" [Lightfoot]; "Cadáver que já começou a ser devorado ou montes de esterco" [Hawthorne]).

[119] HAWTHORNE, *Philippians*, p. 139.

dólares recém-adquiridos. Na coluna dos ativos, teria grande dificuldade em escrever alguma quantia porque os números são elevadíssimos. Então, em vez de números, você pode muito bem escrever apenas "Herança de Bill Gates". Além disso, qualquer ativo futuro que venha a ganhar com seu trabalho pareceria comparativamente sem nexo.

E, do mesmo modo, o apóstolo Paulo recebeu uma infinita herança espiritual do Senhor do universo! E o mesmo acontece com todos nós que entregamos a vida para Cristo.

O apóstolo Paulo, em um dado momento, comprou o esquema de investimento espiritual dos fariseus. Como eles, ele era contador espiritual meticuloso. Ele conseguiu chegar ao topo espiritual multiplicando os ativos que recebera e trabalhando arduamente para isso. Entretanto, ele, por fim, veio a perceber que estava espiritualmente falido. De forma similar, nossos esquemas de investimentos do trabalho árduo apenas nos levam à pobreza espiritual. Felizmente, Paulo e nós fomos encontrados pela pessoa mais rica espiritualmente e recebemos uma herança inestimável. Não temos mais de trabalhar para ganhar nosso valor nem temos de nos preocupar com nossa riqueza. Tudo que nos importa agora, como aconteceu com Paulo, é conhecer melhor aquele que nos deu tudo que temos, Jesus, o Filho de Deus.

Claramente, para nós, o método apropriado para a contabilidade espiritual é o mesmo método de Paulo. No topo da lista de ativos escrevemos "Herança de Jesus Cristo, o Senhor do universo". O que realmente importa é nosso relacionamento com Jesus Cristo. O que isso quer dizer? Primeiro, em nossa planilha espiritual, jamais devemos colocar nossas insignificantes obras espirituais na mesma coluna em que colocamos a herança que nos foi dada por Cristo. Muitas vezes, isso é muito difícil de fazer, uma vez que o orgulho nos motiva continuamente a pensar que estamos trabalhando com Deus para fazer nossa riqueza espiritual aumentar. No entanto, a riqueza cresce só pelo poder (e mistério) de "Cristo em vós [nós], a esperança da glória" (Cl 1.27).

Segundo, o foco de nossa riqueza espiritual torna-se verdadeiramente as riquezas que Cristo, por sua graça, nos deixou de herança. Ele jamais nos amará mais que nos ama exatamente neste minuto. Ele jamais nos dará mais que

O CAMINHO CORRETO

Fuga do calabouço

Paulo oferece seis chaves para nos tirar do calabouço do farisaísmo. Todas elas se encontram em Filipenses 3. As chaves foram oferecidas aos cristãos de Filipos para que escapassem dos ensinamentos falsos e legalistas do grupo conhecido como os judaizantes. Essas chaves se aplicam a todos os cristãos que desejam escapar da prisão do culto farisaico a Deus a fim de ter um relacionamento mais pleno com Cristo. As seis chaves são as seguintes:

1. *Acautelar-nos da falsa religião.* Os porta-vozes de Deus - os profetas, os apóstolos e Cristo - sempre se opuseram àqueles que acrescentavam coisas ao evangelho ou tornavam a religião uma prática exteriorizada (v. 2).

2. *Esquecer qualquer confiança que possamos ter na carne.* As ações religiosas não nos levam a Deus, nem antes nem depois de nossa salvação espiritual (v. 3-6).

3. *Reconhecer nossa riqueza espiritual.* Em Cristo, temos nosso único ativo eterno. Temos de guardar e estimar nosso relacionamento com o Senhor (v. 7-9).

4. *Desenvolver seu relacionamento de amor com Jesus.* Nós o conhecemos melhor se passamos tempo com ele e experimentamos a vida, exatamente como ele fez (v. 9-11).

5. *Buscar apaixonadamente Cristo para conhecê-lo profundamente.* Nós, como um atleta em uma corrida, temos de ser ativos em nossa busca para aprofundar nosso relacionamento com Jesus (v. 12-16).

6. *Evitar a influência do mundo para a libertinagem.* Temos de ser cuidadosos para não reagirmos de forma exagerada ao legalismo abraçando a licenciosidade, exatamente como o mundo o faz (v. 17-21).

aquilo que já deixou a nossa disposição. Minha missão é aproveitar as riquezas de Cristo em mim. Temos de viver à luz de nossa verdadeira riqueza espiritual. Nosso privilégio é vir a conhecer intimamente aquele que nos deu tanto.

Minhas contribuições, quando comparadas com as riquezas de Cristo, não passam de refugo. E ainda assim, Cristo se gloria com todas as maneiras que utilizo a riqueza que recebi para cantar seus louvores, fortalecer sua reputação, amar seu povo e representar seu nome. E, o que é inacreditável, ele multiplica os bilhões espirituais e nos recompensa ricamente por quaisquer atos genuínos de devoção a ele!

RELACIONAMENTO, NÃO RELIGIÃO

Há muito tempo, desde que eu me recordo, recito o seguinte pensamento: "Pedi para que Jesus entrasse em meu coração e, hoje, tenho um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador". Os evangélicos, corretamente, acreditam que a verdadeira fé cristã, em seu âmago, diz respeito a um "relacionamento pessoal" com Jesus. Entretanto, muitos de nós, dentre os quais me incluo, recitamos essas palavras sem compreendê-las nem realmente aplicá-las a nossa vida.

A quarta chave para fugir do farisaísmo é desenvolver nosso relacionamento de amor com Jesus. De fato, a teologia de Paulo pode ser resumida nas seguintes palavras: conhecer a Cristo (veja Fp 3.8,10). Ele abandonara todas as rotas humanas para a justiça e, agora, queria apenas conhecer Jesus. Esse conhecimento de Cristo tem vários componentes que o apóstolo apontou nos versículos de 9 a 11.

Em um único versículo (v. 9), Paulo definiu a diferença entre a justiça humana e a divina. O objetivo da justiça humana é encontrar a Deus. Por inferência, ela é motivada pela autoconfiança humana, pelo pressuposto que podemos fazer o que é necessário para agradar a Deus. Fundamenta-se na lei de Moisés e em nossa habilidade de manter os padrões dessa lei. Em contrapartida, aqueles que buscam a justiça divina buscam ser encontrados por Deus e estar no Senhor. Eles reconhecem a falência espiritual em suas vidas e

anseiam pela misericórdia de Deus. Essa justiça é recebida como uma dádiva, ela não pode ser conquistada. Ela se "encontra" na fé em Cristo.

O objetivo total da vida espiritual de Paulo fora alterado pela graça de Deus. A paixão de Paulo era agora conhecer Jesus Cristo. Ele desejava ter um relacionamento pessoal, íntimo e profundo com o Senhor Jesus Cristo ressurreto. Isso não é a mesma coisa que recitar fatos ou credos sobre ele ou concordar mentalmente com alguns eventos históricos ou, até mesmo, conhecer muito a respeito dele. O conhecimento íntimo de Cristo, como no casamento, exige confiança, amor, lealdade, conversas, vulnerabilidade, riscos, tempo, serviço e outros fatores. Paulo estava disposto a investir o que fosse necessário para conhecer aquele que tomara conta dele de forma amorosa e poderosa (At 9).

O apóstolo Paulo queria conhecer as três facetas da vida de Cristo a fim de desenvolver o relacionamento com Jesus: o poder da ressurreição, o sofrimento e a morte de Cristo. Nada caracteriza melhor o poder de Cristo que sua ressurreição. Paulo queria experimentar pessoalmente esse poder de Cristo. Ele também queria conhecer a Cristo ao experimentar sofrimentos por causa de Cristo. A paixão de Cristo incluía traição, negação, injustiça, rejeição, perseguição e muita dor. Paulo também estava disposto a aceitar tudo isso para conhecer a Cristo. Na realidade, Paulo experimentou muitos sofrimentos similares.[120] Terceiro, Paulo até mesmo aceitou conformar-se "[...] a ele na sua morte" (v. 10) como parte do pacote de conhecer a Cristo.

Podemos conhecer as pessoas melhor quando experimentamos com elas, até mesmo em pequena medida, o bem, o mal e as coisas feias que existem na vida delas. O mesmo acontece com o "[...] conhecimento de Cristo Jesus" (v. 8). Podemos conhecê-lo à medida que compartilhamos de seu poder de ressurreição e que experimentamos seus sofrimentos e morte. Claramente, parte disso diz respeito à teologia, pois temos de nos considerar mortos para o pecado e vivos para Cristo (Rm 6.11). Paulo nos disse que temos de ser "crucificado[s] com Cristo" (Gl 2.20). Somos chamados para nos lembrar regularmente de sua

[120] Compare Romanos 8.17,18; 2Coríntios 4.8-11; 11.16-33; Filipenses 1.29,30; 2Timóteo 3.12.

morte (Lc 22.19,20; 1Co 11.23-25). Entretanto, acredito que parte desse conhecimento também diz respeito à experiência. Passamos a conhecê-lo quando experimentamos seu poder que trabalha por nosso intermédio de formas que sabemos que não são nossas. Somos atraídos para perto de Cristo à medida que, por causa dele, experimentamos seu sofrimento. Passamos a conhecer Jesus melhor à proporção que lutamos contra o pecado em nossa vida e que, de maneira voluntária, entregamos nossa vida a ele. Peter O'Brien comenta:

> Não é a comunhão nos sofrimentos de Cristo como tal que faz que Paulo se conforme à morte de Cristo; antes, é por intermédio da participação naqueles sofrimentos (que ele experimenta no curso de seu trabalho apostólico) *e* pelo fortalecimento no poder de sua ressurreição que ele é continuamente conformado à morte de Cristo.[121]

A BUSCA ATIVA POR INTIMIDADE

O apóstolo Paulo usou duas metáforas até agora para descrever a forma que os cristãos podem escapar do farisaísmo. Temos de ser vigilantes, ficar atentos e ter cautela com a falsa religião. Somos contadores e temos de calcular apropriadamente nossa conta bancária espiritual. E Paulo também nos descreve como atletas que prosseguem para o alvo para ganhar o prêmio. Paulo reconhece prontamente que, espiritualmente, ainda não chegara a seu objetivo e não esperava chegar a ele até que fosse chamado para o alto (v. 14). Mas até que isso acontecesse, ele tinha intenção, como qualquer atleta de renome mundial, de buscar a medalha de ouro: ter Cristo Jesus ao procurar ativamente ter intimidade com ele.

O apóstolo – como atleta (talvez corredor de maratona) – dedicou-se a esse objetivo de conhecer Jesus e expressou essa atitude com as seguintes palavras: "[...] prossigo para o alvo" (v. 14; ver também v. 12). Paulo, como corredor que participa de uma corrida, tinha os olhos fixos na direção certa (v. 13b). Ele não olhava por cima dos ombros, apenas para a frente, à medida que se esforçava

---

[121] O'BRIEN, Peter, *Epistle to the Philippians*, p. 407.

para chegar à linha de chegada. Ele não estava imobilizado pelo passado, não habitava no passado, não vivia no passado nem ansiava pelos "bons tempos dourados". Isso não quer dizer que Paulo ignorou tudo do passado à proporção que buscava conhecer a Cristo. Sabemos que ele jamais se esqueceu da profundidade de seus pecados (1Tm 1.13). Entretanto, ele não habitava em suas realizações e falhas passadas. Ele não achava que seu futuro era predeterminado por seu passado. Ao contrário, ele deixou o passado para trás, procurou alcançar o presente e prosseguia em direção ao futuro quando ele "ganharia a medalha de ouro". Ele vivia para ser chamado ao pódio para receber o prêmio que, no final das contas, era a união com o Senhor que ele amava. E ele admoestou os filipenses, e nós também, para fazer o mesmo (v. 16,17).

A quinta chave para escapar do calabouço do farisaísmo é perseguir *ativamente* a intimidade com Jesus. A primeira metade de Filipenses 3 poderia nos deixar com a impressão de que a superação do legalismo, do judaísmo e do farisaísmo envolve apenas "relaxar e deixar Deus agir". Ou seja, desistir de todas as disciplinas espirituais, permitir que o relacionamento se desenvolva e ver o que acontece. Infelizmente, isso não funciona bem assim. Os casamentos, até mesmo os bons, tendem a ficar insossos, sem sal, se não forem continuamente alimentados. É preciso esforço para estruturar a intimidade tanto com outros seres humanos quanto com Deus. A maturidade, da mesma forma, não acontece sem mais nem menos; ela precisa ser cultivada.

Desenvolver um relacionamento com Cristo muitas vezes começa com uma insatisfação santa. Quando observamos os outros, podemos nos tornar convencidos; mas quando examinamos nosso íntimo e olhamos para cima, ficamos, o que é muito compreensível, horrorizados. Chegamos a uma posição em que não estamos satisfeitos com nosso estado presente e ansiamos por conhecer Cristo melhor. Ele sempre está desejoso de nos encontrar no local da necessidade e de nos conhecer mais intimamente. O local em que devemos começar, e jamais abandonar, é o amor do Senhor e o conhecimento de como ele nos escolheu e cativou.

Para sair do farisaísmo, é preciso praticar algumas das disciplinas dos atletas. O conhecimento de Cristo exige uma busca ativa de intimidade acoplada

com o conhecimento de nossa humanidade e a expectativa da glória futura. O processo é iniciado por Cristo, não por nós mesmos. O anseio do Senhor por relacionamento conosco é infinitamente maior que nosso anseio de conhecê-lo. No entanto, o conhecimento de Cristo requer algumas das mesmas disciplinas e esforços que são exigidos por qualquer atleta.

À medida que nos conectamos com o amor leal e pessoal de Cristo por nós, não quereremos nada mais além de agradar a ele. Nossas realizações e acidentes passados ficarão pálidos à luz dessa nova direção em nossa vida. E não desistiremos dessa busca até sermos chamados para viver na casa de nosso Pai celestial.

ESTE MUNDO NÃO É MINHA CASA

A chave final para sair da prisão do farisaísmo é tomar cuidado para não desenvolver uma atitude permissiva. Adotar um estilo de vida licencioso é tão perigoso quanto a vida de legalismo. O libertino, como o legalista, não pode viver uma vida justa. No entanto, para aqueles que foram liberados do farisaísmo, a libertinagem é tentadora. Livre das garras da lei, alguns caem prisioneiros da liberdade descuidada. O pêndulo da vida espiritual parece raramente parar no meio; antes, ele balança de um lado para o outro.

Aqueles que saem do farisaísmo têm a tendência de abusar de sua liberdade em Cristo. O apóstolo Paulo estava totalmente consciente disso (Rm 6; Gl 5). Portanto, ele concluiu seu ensinamento aos amados filipenses com um alerta sobre a libertinagem.

Paulo, armado com a correta compreensão de si mesmo e de seu Senhor, convidou seus irmãos filipenses a seguir seu exemplo e o de outros da congregação (v. 17). O bom exemplo de Paulo, entretanto, não era a única alternativa para os filipenses. Ele, com grande emoção, apontou os maus exemplos a ser evitados (v. 18,19). Aparentemente, Paulo, repetidamente, alertou os filipenses sobre certos "[...] inimigos da cruz de Cristo" (v. 18) e, até mesmo, chorava enquanto escrevia.

Quem eram esses inimigos? Não podemos dizer com certeza, pois os estudiosos da Bíblia identificaram uma variedade de grupos. Contudo, podemos

identificar algumas dessas características. A primeira, o ensinamento deles contradizia o sacrifício de sangue de Cristo. A cruz poderia ser aviltada, caso se acrescentassem rituais religiosos, regras e regulamentos à salvação, conforme os judaizantes fizeram, ou se desse liberdade para pecar, como os libertinos fizeram. Em qualquer um dos casos, o poder da cruz foi barateado. A segunda, esses inimigos, porque eles se opuseram à cruz de Cristo, estavam destinados à destruição eterna. Rejeite a cruz e não há nenhuma provisão para a salvação. A terceira, eles adoravam seus apetites carnais. Viviam para a concupiscência da carne e entregavam-se à autoindulgência (ou talvez, transformassem suas leis quanto aos alimentos em um deus). A quarta, eles se orgulhavam de algo que deveria ser vergonhoso para eles. Parece que os inimigos da cruz envolviam-se em comportamento imoral e apreciavam essa conduta, talvez como os coríntios (1Co 5). Por fim, esses inimigos da cruz viviam para este mundo, não o próximo. A filosofia de vida deles era materialista, não espiritual; terrena, não celestial.

O capítulo acaba com um apelo apaixonado, semelhante a um hino, para reconhecer nossa posição de forasteiros na terra e olhar com anseio adiante, para a nossa glorificação no céu. Nossa cidadania está no céu; as coisas terrenas têm de ser secundárias para nós. Esperamos por nosso Salvador, não para satisfazer nossos apetites sensuais. Ansiamos por libertar-nos da presença do pecado, o que Deus um dia nos concederá.

Em anos recentes, o impacto do legalismo diminuiu em muitas arenas da igreja. No entanto, essa atitude nem sempre foi substituída por um retorno autêntico ao cristianismo. Ao contrário, parece-me que a libertinagem floresceu como erva daninha na terra. As estatísticas de todas as fontes nos dizem que nós, os cristãos, somos, em certa medida, clones de nossa cultura secular, e, em alguns casos, até pior que ela.[122] Receio que temos ganhado percepções sobre

---

[122] De acordo com a pesquisa de George Barna, os cristãos que nasceram de novo agora têm um pouco mais de probabilidade de se divorciar que a população em geral (27% *versus* 23% para a população em geral); veja BECKSTROM, Maja. "Researcher takes religious pulse in U.S.", *Houston Chronicle*, 17 de agosto de 1996. E Os Guiness in *Dining with the devil* considera que a igreja é a principal fonte de secularização nos Estados Unidos de hoje.

o farisaísmo só para cair sutilmente no antinomianismo, a rejeição à lei. Se o apóstolo Paulo fosse nosso pastor, ele estaria chorando! Por favor, prestemos atenção, fugir do farisaísmo não deve nos levar para a total ausência da lei.

O CAMINHO PARA A VIDA JUSTA

Paulo apresentou a maneira que podemos abandonar o farisaísmo – também conhecido como legalismo e judaísmo (e, algumas vezes, evangelicalismo e fundamentalismo). O caminho de saída começa com um alerta. Temos de estar constantemente vigilantes quanto aos desvirtuamentos do caminho de Cristo. Depois, precisamos lidar de forma decisiva com a confiança carnal. Ou seja, não podemos depositar nenhum fundo nas tentativas humanas de agradar ou aplacar a Deus. A seguir, precisamos refazer nosso sistema de contabilidade espiritual. Nossos ativos humanos têm de ser vistos como passivos em potencial. E Cristo, nosso único ativo duradouro, deve transformar-se no objeto de nossa busca apaixonada. Nada deve nos motivar mais que o conhecimento daquele que tanto nos ama. Essa busca, como o casamento, é uma busca que dura a vida inteira e que só será completada no céu. Nesse meio tempo, devemos perseguir a intimidade como um atleta que busca sua medalha de ouro. Por fim, temos de evitar a tendência humana de substituir um erro (o legalismo) por outro (a libertinagem). Em vez disso, como peregrinos fiéis, vivemos neste mundo enquanto ansiamos por nossa futura morada.

"A CURA HAVIA COMEÇADO"

Em *A viagem do "peregrino da alvorada"* (o terceiro livro em *As crônicas de Nárnia*), C. S. Lewis retratou de forma vívida Eustáquio, um personagem ganancioso e arrogante. Essa é uma metáfora apropriada para escaparmos do farisaísmo do esforço pessoal a fim de vestirmos as roupas confortáveis do viver no Espírito.

Na história, Eustáquio transformou-se em dragão, um reflexo apropriado de seu caráter. Quando ele foi forçado a encarar em que havia se transformado, percebeu como fora tolo. Ele ansiava por deixar de ser dragão e voltar a ser menino. Ele chorou e trabalhou duro para se comportar de forma diferente,

mas, apesar de ser relativamente bem-sucedido, ele não perdeu sua pele de dragão. A seguir, ele tentou esfregar-se para que sua pele caísse. No entanto, cada vez que ele fazia isso, uma nova camada aparecia. Depois de várias tentativas de tentar tirar sua pele de dragão, Eustáquio desistiu de prosseguir com essa empreitada.

Nesse ponto, desiludido e desesperado, Eustáquio encontrou-se com Aslam, o leão, a figura de Cristo em *As crônicas de Nárnia*. Aslam disse a Eustáquio o seguinte: "Eu tiro a sua pele". O horrendo menino/dragão viu, com temor, o leão trabalhar:

> Tinha muito medo daquelas garras, mas, ao mesmo tempo, estava louco para ver-me livre daquilo. Por isso me deitei de costas e deixei que ele tirasse a minha pele. A primeira unhada que me deu foi tão funda que julguei ter me atingido o coração. E quando começou a tirar-me a pele senti a pior dor da minha vida.[123]

No entanto, Aslam tirou mais que só a pele e, por fim, atirou o corpo "macio e delicado como um frango depenado" do menino na água. Depois, o leão, como Cristo, vestiu Eustáquio com roupas novinhas em folha. Eustáquio, o rebelde, encontrara Aslam, seu senhor e salvador. C. S. Lewis conclui:

> Seria bonito e muito próximo da verdade dizer que, dali por diante, Eustáquio mudou completamente. Para ser rigorosamente exato, começou a mudar. Às vezes, tinha recaídas. Em certos dias era ainda um chato. Mas a cura havia começado.[124]

---

[123] LEWIS, C. S. *A viagem do "peregrino da alvorada"*, em *As crônicas de Nárnia*, volume único. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 451.

[124] LEWIS, C. S., *A viagem do peregrino da alvorada*, em *As crônicas de Nárnia*, p. 453.

Apêndices

Apêndice 1:

Como os fariseus surgiram

Para compreender os fariseus é preciso conhecer os movimentos políticos e culturais que deram origem a eles e os alimentaram. Os fariseus emergiram como um grupo reconhecido durante o período chamado de intertestamentário, o período entre o fim do Antigo Testamento e o começo do Novo Testamento. Durante esses mais de 400 "anos de silêncio", entre Malaquias e Cristo, Israel foi predominantemente governada por vários poderes estrangeiros, exatamente como Daniel profetizara (Dn 7). Embora muitos do povo judeu tenham sido assimilados pelas culturas que os rodeavam, alguns, como Daniel e outros jovens hebreus (Dn 1; 3), recusaram-se a comprometer sua identidade e estilo de vida. Esses "puristas" agarraram-se com tenacidade às Escrituras, ao passo que outros, inclusive membros do clero (sacerdotes e levitas), fizeram concessões à cultura.

O precursor religioso e filosófico dos fariseus é Esdras, cuja intensa devoção à Lei (Ed 7.10) estabeleceu o padrão para os escribas que vieram depois dele. Esdras, de linhagem sacerdotal (Ed 7.1-5), era um homem piedoso com um intenso desejo de transmitir e de aplicar a Palavra de Deus às pessoas comuns em cenários de mudança cultural. De acordo com a tradição, Esdras também foi o fundador da sinagoga. Portanto, ele definiu o trabalho, a devoção e o ambiente que, posteriormente, foi copiado pelos fariseus.

HELENISMO, O HUMANISMO DAQUELA ÉPOCA

Um dos principais expoentes no processo de "criar" a necessidade para o surgimento dos fariseus foi Alexandre, o Grande. Este construiu seu império, que incluía a Palestina, de 336 a 323 a.C. Embora Alexandre seja mais

bem conhecido por suas conquistas militares, seu legado mais duradouro em Israel foi cultural. Quando os gregos conquistaram os persas, que dominavam a Palestina, Alexandre aprovou políticas que eram aceitáveis em Israel, particularmente em meio à elite governante e à religiosa. Ele permitiu que os judeus tivessem alguma autonomia e estimulou a prosperidade econômica, o que os deixou propensos a aceitar outras inovações culturais. Alexandre e seus sucessores encorajaram a adoção de vários aspectos da cultura grega: a literatura, as instituições, o entretenimento, as ideias, os nomes, as normas, as moedas e a língua; e tudo isso ajudou a corroer ainda mais a identidade única dos judeus. O helenismo, o humanismo daquela época, era uma tentação tão forte quanto a idolatria o fora anteriormente na história do povo judeu. Alexandre promoveu a cultura grega, e isso estabeleceu o cenário para uma subsequente resistência realizada pelos piedosos.

Depois do reinado breve de Alexandre, seu império foi dividido. Israel foi governado primeiro pelos Ptolemeus (301-198 a.C.). Israel, sob o comando desses governantes egípcios, desfrutou de paz, prosperidade e relativa autonomia religiosa. O destino dos judeus, no entanto, sofreu um revés quando, em 203 a.C., Antíoco III (o Grande), um governante sírio, conquistou Jerusalém. Assim começou mais de um século de governo selêucida na Palestina. Os selêucidas tinham muito menos disposição de conceder autonomia aos judeus e muito mais intenção de promover a cultura grega, o helenismo. Foi durante esse período que os fariseus quase certamente foram organizados em um grupo identificável.

UM CONFLITO DE CULTURAS

Durante o reinado do notório Antíoco IV, chamado de Epífanes (175-164 a.C.), os eventos da Palestina pioraram, e novas forças estimularam a emergência dos fariseus. O resultado foi o surgimento de um conflito de culturas entre os judeus ortodoxos e os helenistas. A cultura de direita resistia ao helenismo; e a de esquerda defendia a aculturação. O conflito chegou a seu ápice com a seleção do sumo sacerdote. Os ortodoxos viam o sacerdócio como uma posição espiritual conseguida com o chamado divino. Outros

eram coniventes para tornar o sumo sacerdócio uma posição política oferecida para o concorrente que apresentasse a melhor proposta. Antíoco, que queria transformar Jerusalém em uma cidade grega modelo, concordou que o posto deveria ser político. Ele ofereceu a posição para aqueles que, conforme achava, melhor apoiavam seus objetivos. Alguns judeus rebelaram-se, e Antíoco, pressionado por Roma, decidiu tomar uma atitude mais decisiva e brutal contra os ortodoxos.

As ações que Antíoco inaugurou em 167 a.C. buscavam remover todos os traços da fé judia ortodoxa. Ele tentou ligar Júpiter, dos gregos, com Deus. Ofereceu um suíno em sacrifício no altar, ato comumente mencionado como "[...] abominação da desolação" (Mt 24.15; Mc 13.14). Ele proibiu os judeus,

> sob pena de morte, de praticar a circuncisão, de guardar o sábado ou de celebrar as festas do calendário judeu. Ordenou que cópias das Escrituras fossem destruídas. As leis eram impostas com extrema crueldade. Fleazar, um escriba idoso, foi açoitado até a morte porque se recusou a comer carne de suíno.[125]

O comportamento abominável de Antíoco IV, Epífanes, foi a gota d'água que resultou na revolta dos macabeus[126] contra o poder dos selêucidas na Palestina. Quando a revolta acabou, os macabeus, sob a liderança de Judas Macabeu, arrancaram o controle da Palestina das mãos dos sírios e o entregaram nas mãos de judeus, pela primeira vez, em 400 anos. Em dezembro de 164

---

[125] PFEIFFER, Charles F. "Between the Testaments", in *The open Bible*. Nashville: Nelson, 1985, p. 1337.

[126] A revolta começou quando Matatias, um sacerdote idoso, e seus cinco filhos, desafiaram as ordens do emissário sírio, matando-o; depois disso, fugiram para as montanhas. Eles reuniram outras pessoas que tinham zelo pela Lei de Deus – os chassidianos ou "os piedosos" – e iniciaram um movimento nacionalista contra os sírios e os judeus com mentalidade helenista. Após a morte de Matatias, Judas, o primogênito, conhecido como Macabeu ("o Martelo"), tornou-se o líder militar. Usando técnicas de guerrilha, os macabeus derrotaram os sírios. Os livros apócrifos 1 e 2Macabeus contam alguns dos eventos dessa revolta.

a.C., o templo de Jerusalém foi dedicado de novo a Deus, e deu-se início a uma celebração de oito dias, a festa da dedicação, também conhecida como *Hanuca* ou Festa das Luzes; essa celebração era uma recordação permanente em meio aos judeus. Assim, em Israel, embora o conflito externo diminuísse, o conflito interno entre ortodoxos/conservadores e helenistas/liberais continuava. Esse conflito ocasionalmente resultava em derramamento de sangue.

A ENTRADA EM CENA DOS FARISEUS E DOS SADUCEUS

Nesse cenário, os fariseus tornaram-se proeminentes. Os macabeus, por fim, fundaram uma dinastia política,[127] e durante o reinado de João Hircano I (134-104 a.C.), Josefo citou os fariseus como um partido oficial.[128] Ele observou que os fariseus conservadores tiveram um desacordo com Hircano porque resistiram à reivindicação do rei de também ser sacerdote. Portanto, Hircano aliou-se aos saduceus, pois eles eram mais liberais. Isso resultou no domínio dos saduceus na elite governamental e no domínio dos fariseus sobre as massas.

Portanto, cerca de 150 anos antes do ministério público de Jesus Cristo, surgiram os dois grandes partidos do judaísmo sobre os quais lemos no Novo Testamento, os fariseus e os saduceus. Os dois eram proeminentes na época de Cristo, e o farisaísmo continua até hoje.

Os fariseus representavam o partido que continuou com a ideologia do movimento patriótico dos macabeus, os primeiros a tomar uma posição em defesa da Lei e da integridade religiosa do judaísmo. Os saduceus tornaram-se o partido dos sacerdotes e levitas, e os levitas com inclinações helenistas gravitavam em volta deles. Os saduceus enfatizavam a centralidade do templo

---

[127] A dinastia deles foi chamada de asmoniana, recebendo esse nome por causa de um ancestral de Matatias. Veja SHANKS, Hershel. *Ancient Israel: A short history from Abraham to the roman destruction of the temple*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1988, p. 183.

[128] JOSEFO, Flávio. *Antiquities of jews*, no livro 13, capítulo 10, *The works of Josephus*, tradução de William Whitson. Lynn, Mass.: Hendrickson, 1982, p. 281.

e dos rituais. A base de operações dos fariseus era a sinagoga (as diferenças entre os dois foram detalhadas no capítulo 3).

O destino dos fariseus e dos saduceus no século anterior ao nascimento de Cristo mudou com a mudança dos ocupantes do poder político de Israel. Alexandre Janeu (103-76 a.C.), o rei guerreiro asmoniano, iniciou a política de expansão territorial (utilizando muitos mercenários estrangeiros) e demonstrou pouco respeito por suas responsabilidades sacerdotais. Portanto, ele alienou ainda mais os fariseus e começou a desprezá-los. Alexandre, abertamente, desafiou os escrúpulos dos fariseus e, até mesmo, chegou a crucificar 800 fariseus enquanto festejava com suas concubinas. Josefo, entretanto, relata que, de forma surpreendente, Alexandre Janeu, em seu leito de morte, instruiu sua esposa a distanciar-se dos saduceus e a reinar com a ajuda dos fariseus.[129] Salomé Alexandra (76-67 a.C.) seguiu o conselho de seu marido e aproximou-se dos fariseus, evitando mais disputas civis. Ela iniciou o que passou a ser conhecido como "A era de ouro do farisaísmo".

Durante esse período, os fariseus exerceram considerável poder político e influência social e causaram grande impacto religioso. Josefo deixou implícito que os fariseus possuíam a autoridade real, ao passo que Alexandra ficava apenas com os fardos.[130] Na esfera judicial, eles insistiram que aqueles que perpetraram as crucificações sob o domínio de Alexandre deveriam ser executados. Na esfera social, eles enfatizaram a educação, fundamentada nas Escrituras.[131] Na esfera religiosa, eles exerceram sua influência nas sinagogas espalhadas por toda a nação. Embora os fariseus fossem estudiosos leigos das Escrituras, eles, por fim, superaram os sacerdotes como intérpretes autorizados da Lei. Os fariseus, verdadeiramente, passaram a dominar a temperatura da vida religiosa da nação.

---

[129] JOSEFO, Flávio. *Antiquities of jews*, no livro 13, capítulo 15, seção 5, *The works of Josephus*, p. 287.

[130] JOSEFO, Flávio. *Antiquities of jews*, no livro 13, capítulo 16, *The works of Josephus*, p. 287.

[131] PFEIFFER, Charles F. "Between the Testaments", *The open Bible*, p. 1339.

TENSÕES ENTRE OS FARISEUS E OS SADUCEUS

As tensões entre os fariseus e os saduceus continuaram. Os fariseus fomentavam o ressentimento por aqueles que foram mortos por Alexandre Janeu, e os saduceus tinham muitas suspeitas quanto ao fato de os fariseus conseguirem ganhar o poder político. Ao longo desse período, os dois partidos competiam para ganhar o controle do sinédrio. A contínua "guerra cultural" entre os dois principais partidos comprometeram a nação e contribuíram para a tomada de poder pelos romanos, liderados por Pompeu, em 63 a.C.

As décadas finais antes do nascimento de Cristo testemunharam o surgimento dos dois maiores rabinos, Shammai e Hillel. Shammai era conservador. Suas regras eram estritas e, algumas vezes, severas. Quanto à questão do divórcio (Mt 19.9), Jesus parecia apoiar a interpretação sem adaptações de Shammai. Hillel era moderado. Era conhecido por sua compaixão e buscava reconciliar a lei das Escrituras com as situações reais da vida. Alguns estudiosos chegaram até mesmo a dizer que Jesus era discípulo de Hillel.

Apêndice 2:

Fontes para o estudo dos fariseus

Nosso conhecimento dos fariseus é proveniente de três fontes primárias, embora cada uma delas seja considerada imperfeita por alguns estudiosos. A primeira fonte é a dos escritos do historiador judeu Flávio Josefo,[132] que delineia muitas das crenças, comportamentos e contribuições dos fariseus, como também as mudanças em seu destino político. Josefo os caluniava. As credenciais farisaicas dele eram suspeitas, como também seu caráter e patriotismo. Ele aconselhou fazer concessões aos romanos invasores no final da década de 60 d.C. e, subsequentemente, foi recompensado pelos brutais conquistadores de Israel. Portanto, ele é considerado traidor, oportunista e egoísta. No entanto, ele registra numerosos instantâneos inestimáveis dos fariseus do século primeiro.

A segunda fonte de informação sobre os fariseus é a compilação do final do século dois feita pelo rabino Judá, o Patriarca (ou Príncipe), conhecida como a Mishnah ("repetir"). Essa monumental obra é a coletânea por tópicos das regras legais do judaísmo durante o período que se estendia entre aproximadamente 200 a.C. e 200 d.C. Para os judeus, a Mishnah pode ser comparada ao que o Novo Testamento representa para os cristãos. A Mishnah realça os debates entre os dois maiores rabinos, Hillel e Shammai, e suas respectivas escolas. Entretanto, por causa de sua data tardia, da tendência contra os saduceus e do favorecimento da escola de Hillel, alguns estudiosos aconselham

---

[132] JOSEFO, Flávio. *The works of Josephus*, tradução de William Whitson. Lynn, Mass.: Hendrickson, 1982.

cautela no uso da Mishnah para reconstruir as características dos fariseus por volta da época de Cristo.[133]

A terceira fonte fundamental de informação sobre os fariseus é, obviamente, o Novo Testamento. Os documentos do Novo Testamento, como a Mishnah e os relatos de Josefo, têm seus críticos. Os estudiosos judeus protestam contra as tendências antissemitas e antifarisaicas. Entretanto, poucos deles podem negar a datação antiga desses escritos, como também o fato de que descrevem a vida de Israel na época de Cristo e da perspectiva dos cristãos primitivos, e sabemos que estes, em sua grande maioria, eram judeus e entendiam o judaísmo. O escritor mais fecundo dos documentos do Novo Testamento, o apóstolo Paulo, afirma suas credencias farisaicas.[134] Ele é extremamente qualificado para avaliar os fariseus. Eu, como evangélico que afirma a confiabilidade dos documentos bíblicos, aceito plenamente os relatos do Novo Testamento como factuais. Entretanto, apresso-me em acrescentar que nossa tendência negativa contra os fariseus nos levou a ler de forma muito equivocada esses relatos. Argumento ainda que o retrato dos fariseus no Novo Testamento não é tão negativo quanto uma leitura superficial possa sugerir.

Todas essas três fontes primárias fornecem informações valiosas e confiáveis e, quando consideradas em conjunto, essas fontes apresentam um retrato consistente dos fariseus.

---

[133] WRIGHT, Nicholas Thomas. *The New Testament and the people of God.* Minneapolis: Fortress, 1992, p. 183; e SANDERS, E. P. *Judaism: Practice and belief.* Philadelphia: Trinity, 1992, p. 413.

[134] Atos dos Apóstolos 22.3; 26.5; Filipenses 3.5.

Apêndice 3:

O fruto espiritual deteriorado

A espiritualidade autêntica produz bom fruto.[135] Entretanto, a falsa espiritualidade resulta em nenhum fruto, em fruto ruim ou em fruto deteriorado. Os fariseus não produziam o fruto que Deus buscava.

Eis aqui uma breve descrição de cada um dos sete tipos de fruto ruim dos fariseus, com os textos relacionados das Escrituras. À medida que os examinamos de perto, podemos ver algumas das formas por meio das quais nossa espiritualidade pode se deteriorar.

BUSCA DE SINAIS

No passado, Deus deu sinais para fortalecer a fé do tímido. Ele fez isso com Moisés (Êx 3–4) e Gideão (Jz 6.17-24), por exemplo. No entanto, Jesus deixou claro que os sinais e milagres "não devem nunca ser realizados ou exigidos como uma forma de subornar a descrença", conforme Carson observa.[136] Quando pedimos a Deus para mostrar seu poder ou seu amor com manifestações externas, podemos ser considerados presunçosos ou exigentes, exatamente como os fariseus o eram. A fé verdadeira não precisa de sinais de Deus e a verdadeira espiritualidade não precisa de respostas milagrosas. A visão, muitas vezes, abafa a fé, em vez de estimulá-la – um fenômeno modelado pelos fariseus.

---

[135] Veja Mateus 7.15-20; João 4.36; 15.1-17; Romanos 7.4; Gálatas 5.22-25; Colossenses 1.10; Tiago 3.17.

[136] Carson, D. A. *Matthew*, vol. 8 de o *Expositor's Bible Commentary*, ed. F. E. Gaebelein. Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 294.

Passagens das Escrituras: Mateus 12.22-45; 15.39–16.4; João 2.18-22; 6.22-59.

INSULTOS

A espiritualidade fica deteriorada quando o religioso recorre aos insultos a fim de desacreditar seus oponentes. Quando insultamos nossos adversários, nós os transformamos em objetos de ridicularização, e não em pessoas que merecem respeito e uma avaliação honesta. Os insultos eram comumente empregados pelos fariseus à medida que tentavam desabonar Jesus. As Escrituras, em várias passagens (particularmente em Provérbios e em Tiago), admoestam-nos acerca de escolher nossas palavras cuidadosamente e sobre usar palavras gentis, em vez de palavras ásperas.

Passagens das Escrituras: insinuações sexuais, João 8.41; calúnias raciais, João 8.48; estereótipos sociais, Mateus 11.18,19; rótulos psicológicos, João 10.20; e comentários espirituais mordazes, Mateus 9.34; 12.24; João 7.20; 8.48,52; 10.20.

INTIMIDAÇÃO COM OLHAR OU COM PALAVRAS SEVERAS

De modo similar aos insultos, a intimidação envolve ameaças e táticas agressivas com o intuito de ganhar uma discussão ou controlar o oponente. Os fariseus fizeram isso, achando que estavam ajudando o Senhor a lidar com aqueles que, conforme eles acreditavam, não viam as coisas da forma de Deus. Quando nós os cristãos ignoramos, menosprezamos ou estereotipamos as perguntas dos descrentes, nosso "fruto" está podre. Quando ridicularizamos ou intimidamos nossos irmãos em Cristo que têm menos conhecimento bíblico ou pontos de vista distintos, não temos fruto espiritual.

Passagens das Escrituras: João 7.12,13,45-52; 9.1-41; 11.45-53,57; 12.42,43.

AMOR AO DINHEIRO

O materialismo dos fariseus, aludido em três parábolas de Lucas 15 e afirmado de forma direta em Lucas 16.14, afeta muitos estadunidenses, inclusive

os cristãos. Jesus disse que o dinheiro representa uma grande armadilha para as pessoas religiosas, dominando as emoções e as prioridades delas (Mt 6.19-34). Temos de nos lembrar que o dinheiro não garante nosso futuro. Nossa esperança tem de estar só em Deus, e nossa riqueza tem de ser vista como uma dádiva do Senhor para ser usada nas boas obras (1Tm 6.17,18).

Passagens das Escrituras: Mateus 6.1-4; 12.11,12; 19.16-26; 23.14,16-26; Lucas 8.14; 11.39-41; 16.14; 18.11,12; 20.47.

ARMADILHAS

Há espaço para fazer perguntas e pedir testes a fim de determinar as qualificações e as habilidades de alguém. Entretanto, os fariseus e alguns religiosos da modernidade fazem isso com a motivação errada: querem desabonar algum oponente ou humilhar alguém a fim de exaltar a si mesmos. Os cristãos podem fazer isso quando agem como inquisidores em uma reunião do conselho da igreja ou em fóruns de perguntas e respostas com um candidato ao posto de pastor. Em vez de conseguir informação, o motivo é controlar a pessoa ou preparar armadilhas para ela. Alguns preparam armadilhas só para demonstrar poder ou inteligência.

Passagens das Escrituras: Mateus 16.1-4; 19.1-12; 22.15-40 (testando Jesus em relação aos impostos, a ressurreição e o maior mandamento); Lucas 10.25-37; 11.53,54; João 8.1-11.

DISTORÇÃO DA VERDADE

Nessa forma avançada de fruto espiritual deteriorado, a verdade torna-se secundária à causa. O fim justifica os meios; portanto, a verdade pode ser distorcida para alcançarmos nosso objetivo. Esse claramente era o caso enquanto os líderes faziam manobras para a execução de Jesus. Eles, até mesmo, contavam mentiras para se livrarem dele. Quando aceitamos sem pestanejar os rumores sobre aqueles que achamos que estão desobedecendo a Deus ou espalhamos esses rumores, não somos nada diferentes. Se distorcermos as palavras dessas pessoas, desvirtuando o que elas dizem ao apresentar suas palavras sem o devido contexto, e quando as condenamos sem falar com elas

face a face, estamos distorcendo a verdade para realizar aquilo que consideramos o caminho de Deus.

Passagens das Escrituras: Mateus 26.57-68; 28.11-15.

CONSPIRAÇÃO PARA MATAR

As pessoas religiosas, algumas vezes, são levadas a atos de violência, pois acreditam que estão fazendo a vontade de Deus. O fruto espiritual deteriorado contém crueldade inimaginável e crimes terríveis. Portanto, temos a luta feroz entre protestantes e católicos na Irlanda do Norte e os massacres de "cristãos" hútus e tútsis em Ruanda e Burundi. Em meio aos cristãos estadunidenses mais sofisticados, as brigas físicas e verbais tornaram-se as armas escolhidas para atacar as pessoas na igreja.

Passagens das Escrituras: Mateus 12.14; 16.21; 17.22,23; 20.18,19; 21.33-46; 22.1-14; 23.33-39; 26.1-5,14-16,57-68.

Esta obra foi composta na fonte Adobe
Garamond corpo 12/16,5 e impressa em
SP Bright 70gr na Imprensa da Fé.
São Paulo, Brasil, verão de 2009.

Perdemos consistentemente o choque de valores provocado pelos ensinamentos de Jesus porque nos esquecemos de seu contexto original. Poucos judeus do primeiro século teriam considerado os fariseus hipócritas; eles eram o grupo mais popular dos líderes religiosos conservadores. O que Jesus percebia neles que os outros não viam? Hovestol fez sua lição de casa e explica isso de uma forma extremamente clara e agradável, mas convincente. Podemos ser os fariseus de hoje, e muito mais do que gostaríamos de admitir!

CRAIG BLOMBERG, *professor do Denver Seminary.*

Tom Hovestol é pastor da Calvary Church, em Longmont, Colorado. Graduou-se no Wheaton College e Trinity Evangelical Divinity School, foi professor por três anos em Suazilândia, na África. Ele e sua esposa, Carey têm cinco filhos.

Capa: Douglas Lucas



ZELOSOS em relação às Escrituras.

ESCRUPULOSOS em suas ofertas.

DEDICADOS a viver sem ser maculados pelo mal do mundo.

ARDOROSOS na antecipação da libertação de Deus.

CONSCIENCIOSOS na obediência aos mandamentos de Deus.

Essas afirmações descrevem os fariseus. E elas também retratam nossa comunidade evangélica. Ainda assim, a maioria de nós não consegue avaliar os ricos paralelos existentes conosco. Focamos os fariseus como personagens negativos. Ao proceder desse modo, perdemos o benefício prático da intenção de Deus ao nos revelar muito a respeito deles.

Neste livro, que abre nossos olhos, Tom Hovestol examina os fariseus. Ao explorar as raízes históricas e bíblicas desse grupo, ele descobre verdades profundas que servem para alertar, iluminar e proteger os cristãos, a fim de que evitem esse caminho desastroso.

ISBN 978-85-7742-049-0

9 788577 420490

Categoria: Comportamento